

200 dias sem você

(Diário de sobrevivência
sem o seu sorriso.)



Fernanda Campos



200 Dias Sem Você

**(Diário de Sobrevivência
Sem O Seu Sorriso)**

Fernanda Campos

*Para Jéssica Zambello,
Karine Rosa e
Larissa Vieira*

***“(...)Ouça amor, ao que o bar já cansou,
Aos lamentos que contei à minha hoste.
E responda ao que de mim sobrou,
Para onde fostes, amor? Para onde fostes?”
(A Procura, Douglas Albuquerque)***

Dia 0

Abri a porta do apartamento e parada, sem entrar, contemplei a quietude agonizante a minha volta. Estava tudo normal. A sensação que percorria meu corpo, no entanto, era estranha. Era diferente de tudo o que disseram que ia sentir. Queria colocar em palavras, mas estava vazia. Oca. Desconexa. Sem você. Por horas em pé ao lado do seu corpo frio e inerte me alertaram sobre esse momento. Disseram que ia doer muito. Que só agora cairia a ficha. Que não suportaria ficar sozinha. Que era melhor eu ir para a casa da minha mãe. Vim para casa mesmo com todos os protestos e, em nossa porta, o que sentia não era nada do que pensei que sentiria.

Não havia nenhum quadro fora da parede. Nenhum objeto quebrado. A estante não estava revirada. A televisão continuava desligada. O alarme não havia disparado. A janela estava trancada e intacta. A blusa de frio, que você desistiu de usar, ainda estava onde você deixou antes de sairmos: sobre o sofá. O escudo do seu time ainda ocupava o centro da estante. Tudo estava como você deixou, há vinte e quatro horas. Tudo estava como deveria estar. Ainda assim, a sensação que tinha era estranha. Como se eu estivesse no lugar errado. De um jeito errado. Muito longe de onde deveria estar.

Pisquei algumas vezes sem conseguir me mover. A organização atordoante me mostrava que, depois de tudo, eu era alguém que precisava aprender a conviver com isso: o silêncio onde antes havia euforia. A calma onde antes havia bagunça. A falta. A ausência. O escuro. O pedaço que se foi arrancado brutalmente de onde ainda deveria estar. Alguém que perdeu sem aviso prévio o seu sorriso, o seu amor, o seu carinho, o seu abraço, a sua companhia radiante. Alguém que viu a pessoa que mais ama, a quem dedicou todo seu amor, indo embora. Sem brigas. Sem discussões. Sem adeus. Sem despedidas. Sem querer ir. Que se foi, apenas. Sem explicação, motivo ou razão.

Tranquei a porta duas vezes como você sempre me mandou trancar e nunca fiz. Depois arrastei meus pés pela casa, me encostando pelas paredes, até chegar ao quarto. Era estranho. Estava vazia. Ainda assim, pesava mais do que um dia já pesei na vida. Tinha uma tonelada sobre meus ombros. Não tinha nada dentro do meu coração.

Abri a porta do quarto – do nosso quarto – e nosso cheiro me atravessou.

Respirei fundo. Uma. Duas. Três vezes. E acendi a luz. Precisava de um banho. Não tive um espaço entre hospital e cemitério e o cheiro disso tudo estava misturado com minhas lágrimas, minha dor, e um pouco de sangue na minha camisa. Do seu sangue. Mas apenas larguei minha bolsa no chão. Ela caiu como um estalo. E, sem sons, me arrastei mais um pouco até chegar à cama. Não me joguei como sempre. Apenas me deixei cair, sem planejar onde e como iria me deitar. E, então, fechei os olhos.

Vazio. Era isso que me enchia e não tudo o que me alertaram. Não havia em mim nenhuma dor dilaceradora. Nenhuma vontade de chorar. Meus olhos estavam secos. O peito não se apertava. Eu não perdia o ar. A dor parecia ter ficado do lado de fora, respeitando a felicidade impregnada em cada canto de nossa casa. Como se ainda fosse errado invadir esse espaço que um dia foi tão nosso, que só trazia boas lembranças.

Não havia ainda desespero absoluto. Solidão doentia. Nenhuma respiração difícil. Ou socos insuportáveis na barriga. A agonia não me alcançara. Era como se meu cérebro tivesse soltado uma anestesia muito forte e paralisado todo meu corpo. Não sentia porque não doía. Não doía porque estava oca. Cheia de nada. Perdida e sem saber o que fazer porque eu não sentia nada. Nada de nada do que todo mundo tentou dizer que eu sentiria.

Estranho, repito. Difícil de explicar. Mas era como se algo estivesse em suspenso, preso no ar. Como se a qualquer momento a cortina desceria, as pessoas aplaudiriam, o espetáculo teria seu fim. Você entraria pela porta e me abraçaria. Seria só mais uma pegadinha das milhares que já fez. E nós riríamos ainda felizes e juntos e apaixonados e comemorando nosso aniversário de namoro e.

Dentro de mim, a única coisa que sentia era que a qualquer momento eu seria arrancada daqui. Como você foi arrancado de mim.

Dia 01

Dormi. Acordei. Dormi de novo. Não cheguei a descansar. O sono parecia não ser o bastante para me fazer desligar de tudo. Como se meu corpo tivesse a noção de que algo me alcançaria a qualquer instante. Algo que estava por perto, rodeando com o cuidado de um animal caçador diante de sua caça. Algo de ruim, de *muito* ruim. Que eu não sabia o que era, mas que tinha

certeza de que, ao me agarrar, não me soltaria mais.

Me alcançou.

No meio da madrugada de uma cidade que também não dormia, sem pedir licença, sem limpar os pés no tapete da porta, sem se sentir intimidado com as duas voltas na fechadura. Perdi o fôlego e acordei respirando com dificuldade, assustada, perdida. Nocauteada com um soco no estômago e uma dor aguda no peito. Aquilo que parecia suspenso o tempo todo despencou de uma vez só, caindo sobre mim, me deixando zozza. A dor cruzou a porta, penetrou nossa felicidade e, sem cerimônia, me abraçou forte como se fossemos amigas íntimas.

A cortina não se fechara. Você não entrou rindo de minha cara assustada, dizendo que era apenas uma pegadinha e que estava tudo bem. Ao invés disso, o que caiu foi a ficha. A minha ficha. Você nunca mais entraria por aquela porta com aquele seu sorriso que eu mais amava. Eu havia te perdido para sempre.

Não estava tudo bem.

Nunca mais estaria.

Dia 02

Não sei por quanto tempo apenas chorei naquela cama que até então só conhecia risadas. Podia ter sido horas, dias, meses. Ou poucos minutos. A dor era tão forte que as horas marcadas no relógio verde-neon-brega, que você comprou numa de nossas muitas viagens, não faziam nenhum sentido. Não saberia dizer se era dia ou noite. Hoje ou amanhã. Perdi a noção do tempo, como se, de algum jeito, meu mundo tivesse perdido o eixo e parado de rodar.

Perdi você.

Ouvi as batidas com a vassoura no andar de baixo, de alguém que certamente não estava preocupado com a minha dor, que queria dormir para poder trabalhar amanhã. O mesmo alguém que batia no nosso chão quando a gente ria alto no meio da madrugada. Nosso querido e desconhecido vizinho debaixo. Um chato, você dizia, que era incapaz de suportar a felicidade dos outros. E, pelo jeito, também não suportava a dor.

Me abracei em posição fetal e chorei mais forte.

Não por causa dele, desse cara do andar de baixo que nunca conheci. Chorei porque me lembrei de você. Do jeito que ficava bravo quando isso acontecia. De como você se levantava e pulava no chão, me arrancando risadas e iras do andar de baixo. Doeu me lembrar de você. Doeu muito. Mais do que jamais seria capaz de expor em palavras. Então, sem forças, chorei. Porque eu também não suportava a dor.

Quando as lágrimas acabaram, achei que poderia me livrar da parte agonizante. Amargo engano. Aquela era a primeira parte da dor e estava longe de acabar. O choro vinha em gritos secos cortando a garganta como faca afiada, a ponto de me tirar o ar e roubar meu prumo.

Continuei sem me mexer, abraçada a mim mesma, tentando me proteger. Da dor. Do desespero. Da angústia. Do frio. E da sua falta. Como se, encolhida, eu fosse um pouco mais forte. Eu fosse um pouco mais capaz de lidar com isso: *a dor da perda*.

A dor não cega, essa era a primeira coisa que entendia. Ao contrário, aqueles primeiros momentos foram os que mais vi as coisas como eram. Ali, na cama que foi nossa, que dividimos tantas histórias, que vivemos nosso amor, eu tinha a clareza dolorosa de que nada havia parado. A vida continuava; o mundo ainda rodava; eu ainda respirava.

Sem você.

Dia 03

Houve um barulho ao fundo que deixou todo meu corpo em alerta. Atordoada de dor, de cansaço, de desistência, meus olhos fixaram na porta enquanto minha mente acelerava tentando compreender de onde via o sinal de vida num lugar tão esmaecido.

Era você, entrando em casa. Era você, voltando para minha vida. Era você, tinha certeza, com aquele sorriso – o meu sorriso – pronto para me xingar pelo estado deprimente de abandono que estava. Era você andando pela casa. Era você cantarolando uma música qualquer, assobiando onde não se lembrava da letra. Era você, tinha certeza. Tinha de ser você.

Não pisquei enquanto encarava a porta, te esperando. Não respirei. Fiquei

ali, a espera do momento que tudo voltaria ao eixo, que tudo teria um sentido outra vez. Esperei e esperei e esperei e esperei e.

O barulho estranho ficou mais alto. Tremi com mais um arrepio. Pisquei. E tudo desmoronou feito uma avalanche no pico da montanha, caindo bem em cima de mim.

Nada disso estava acontecendo.

Nada disso jamais voltaria a acontecer.

O choro irrompeu novamente do meu peito na mesma hora que o telefone de casa tocou. Compreendi. O estalo era apenas alguém ligando para ver se eu ainda estava viva. Meu peito doeu. Eu ainda não conseguia me mover.

Não que não quisesse. Mas a dor parecia ter roubado toda a minha força, embora não a minha compreensão de que havia alguém preocupado comigo, alguém que me amava. Mas tinha medo de me mexer e me quebrar inteira, como o meu coração estava. Me desmontaria em cacos e não haveria ninguém que me juntasse, pedaço por pedaço, até que voltasse a ficar de pé.

Me abracei mais apertado e fechei o olho com força. O meu silêncio parecia me isolar da minha nova realidade, tão insuportável. E, por mais egoísta que pudesse ser, era a única forma que tinha para conseguir continuar.

Dia 04

Minha garganta estava seca de tanto chorar. Meu rosto, no entanto, ainda estava molhado. Não sabia quanto tempo estava no nosso quarto, alheia ao mundo e tudo ao redor, tentando me proteger. Mas, pela primeira vez desde tudo, a necessidade de tomar um banho, comer e sair da cama venceu a dor e a solidão que morava em mim. Então, em câmera lenta, joguei meu corpo para fora da cama e fiquei em pé. Sabia que precisava ligar para a minha mãe e avisar que estava viva. Não bem. Mas viva. O que parecia ser o importante naquele momento: *continuar viva*.

O cheiro de morte impregnado na roupa que escolhi para passar nosso aniversário de namoro impregnou minhas narinas assim que me mexi. Fechei o olho e me encolhi, ainda parada ao pé da cama. Tirei a blusa manchada de sangue e a deixei cair no chão do quarto. Ela levou menos de um segundo para encontrar seu destino. Eu levei muito mais do que isso para deixar de

olhar aquela mancha vermelha.

Um suspiro escapou dos meus lábios e, arrastando meus pés pelo nosso quarto, tomei a direção do nosso banheiro. Tirei o resto da minha roupa sem arriscar a me olhar no espelho e enchi a banheira com água quente. Quando encheu, entrei e senti a água relaxar meu corpo em câimbras. Fechei os olhos. Dois segundos. Só queria que, ao abri-los, tudo já estivesse acabado, eu teria pulado todos esses dias e acordaria meses depois, já com uma dor, se não dispensada, suportável. Queria ter o poder sobre isso, sobre minha vida.

Eu não tinha.

Meu corpo deslizou pela banheira, como quem entrega os pontos e se rende à batalha. Debaixo d'água, permaneci imóvel e de olho aberto. Ali, submersa, tudo era tranquilo e silencioso. Eu encontrei a paz que sua partida me roubou. As minhas mãos que seguravam a borda começaram a perder a força, ao mesmo tempo em que meus pulmões começaram a doer pela falta de oxigênio. Eu ainda tentava ver a luz, eu ainda tentava sair da escuridão. Comecei a me debater de baixo da água com minhas pernas. Lutei contra mim mesma para continuar ali, submersa.

Perdi.

Retornei à superfície ofegante, de olhos arregalados e, com uma dor no peito diferente da dor de não ter você, deixei as lágrimas correrem em silêncio pelo meu rosto. Parada e sem forças, esperei que meu sangue voltasse a jorrar naturalmente em mim e a mente clareasse.

Havia tentado me matar. O vazio e o fracasso voltaram a me preencher enquanto me decidia se era por ter tentado me suicidar ou se era porque não havia conseguido. Não concluí. De algum jeito, sempre acreditei que na beira da morte a gente se lembraria de nossas vidas, das coisas boas ou ruins, feito filme em preto e branco. Vi esse filme passar nos seus olhos naqueles segundos em que acariciava meu rosto, seus últimos instantes nessa vida ainda consciente. Mas o que eu vi foi escuridão.

Se eu tivesse visto minha vida, teria continuado. Se eu tivesse visto seu rosto e seu sorriso, saberia que estava no caminho certo. Mas, você sabe, morro de medo de escuro. Mais, até, do que ficar longe de você.

Não sei dizer quantos minutos fiquei assim, olhando para um ponto cego

da parede do nosso banheiro, sem me mover. A minha noção de tempo havia se perdido no espaço, junto com você. Foi só quando tremi com a água fria que me dei conta de que precisava sair dali. Sem me secar com alguma toalha, apenas vesti a blusa que estava pendurada na porta – separada, passada, esperando você vesti-la para ir trabalhar. Seu cheiro cítrico me assaltou e me encolhi toda. Se eu tivesse mais lágrimas, choraria. Se me sobrasse forças, voltaria a gritar. Ao invés disso, gastei o que restava da minha energia para ir à sala e ver as ligações perdidas.

Cinquenta e três mensagens no telefone. Apaguei, sem ler. Nenhuma mensagem de consolo gravada em nossa caixa postal melhoraria as coisas.

Me arrastei mais lentamente pra cozinha. Havia um oco em minha barriga. Não era um vazio de quem passou horas sem comer. Mas um vazio de quem perdeu tudo o que tinha. Abri a geladeira e percebi que não havia nada lá dentro. Ontem era seu dia de ir ao supermercado. Você não foi. Suspirei e – sem fome – me servi do café velho que havia na garrafa.

O gosto amargo cortou a minha garganta seca. Foi o último café que você fez e isso não passou despercebido por mim. Eu precisava reaprender a fazer café. Você dizia que o meu era doce demais; você gostava dele amargo porque o açúcar – dizia – matava o gosto da cafeína. Eu acabei aprendendo a gostar dele assim. E, assim, amargo e frio como estava minha vida, ele desceu por minha garganta.

O telefone tocou. Suspirei fechando os olhos. Larguei a xícara sobre a bancada e caminhei novamente até a sala. Respirei fundo. Atendi. Era minha mãe. Estava preocupada comigo. Queria saber se estava precisando de algo. Se queria companhia. Se já havia comido ou dormido ou. Se.

Disse que comi, pensando se o café frio de três dias atrás feito por você equivalia a alguma comida. Concluí que era alguma coisa e não me culpei pela mentira. Não contei sobre minha tentativa fracassada de acabar com minha vida, nem do vazio que estava dentro de mim, por causa disso, por sua causa. Não importava. Esse era um segredo só nosso, meu e seu, como tantos outros que tínhamos. O nosso último segredo.

Doía.

Os pelos do meu braço se arrepiaram e eu tremi com o calafrio que atravessou meu corpo encolhido sobre o sofá. Abri os olhos, confusa com a sensação. Estava na sala porque a solidão da nossa cama era insuportável. Embora tenha fechado os olhos no espaço entre uma dor aguda e outra, não sabia ao certo se havia dormido. Não havia descansado. Meus músculos estavam tensos e eu mal conseguia me mexer no espaço pequeno em que havia deitado.

Nenhuma lágrima escorria do meu rosto. Mas isso não diminuía a dor que atravessava meu corpo. Minha garganta estava seca e meu coração batia rápido, de um jeito que não costumava bater nem quando encarava você. Meu estômago deu uma volta. Duas. Três. Demorei a perceber que a dor que sentia tinha pouco a ver com a dor de ter te perdido. Era dor física. Fiquei zonda por alguns minutos. Era estranho estar zonda de enjoo, quando até então só estava zonda pela dor. Meu corpo inteiro parecia querer expulsar de dentro de mim algo que não estava certo.

O café que eu havia bebido no dia anterior voltou pela garganta e fechei o olho com força. Corri para o banheiro, aos tropeços, com a mão na boca. Achei que não daria conta de segurar, mas não era tanta coisa a pôr para fora. Deu tempo. Debrucei-me no vaso sanitário e achei que estava vomitando minha alma, porque meu coração já não existia mais. Não havia tanta coisa para tanta ânsia. Não como há cinco, seis, sei lá quantos dias. Perdi a noção do tempo. Acho que já disse isso. Também perdi a noção do que penso. Perdi você.

Vomitei tanto que perdi, também, as forças. Suava frio. Sentia um calor que nunca senti na vida. Deitei no chão gelado, respirando com dificuldade. Sabia que deveria me levantar. O frio do chão só pioraria o que estava sentindo. Tremi. Podia ouvir sua voz dizendo que acabaria por me adoecer naquele estado.

Lembrei-me de você.

Daquele dia em que saímos, numa terça-feira. Havíamos brigado no domingo – você e aquela sua mania insuportável de me trocar por todos os clássicos estaduais. Para me pedir desculpas, resolveu reinventar nossos encontros. Esquecemo-nos que no dia seguinte era quarta-feira e que tínhamos que trabalhar. Bebi demais e acordei no meio da madrugada

passando mal, achando que morreria. Foi meu primeiro grande porre. Pelo menos, foi o que você disse. Você segurou meus cabelos e pôs a mão na minha testa, com brilho nos olhos de um super-herói em quadrinhos salvando sua mocinha. Você fez algumas piadinhas, como sempre, e falou que eu deveria parar de ser dramática, era só um porre, não morreria coisa nenhuma, porque eu não era nem louca de te deixar. Depois, quando a ânsia finalmente passou, me pegou no colo e me levou para cama, onde me ninou por toda a noite.

Então, pela manhã, ligou para meu trabalho e disse que eu estava passando mal, inventou que eu comi algo estragado ontem, nada demais, no dia seguinte já estaria boa e atrapalhando todo o serviço da firma. Depois ligou para seu escritório e disse que quem estava passando mal era você. Logo você, abriu mão do seu trabalho, que sempre estive no topo de suas prioridades, para ficar comigo. Cuidou de mim o dia todo com dedicação, como se eu realmente estivesse morrendo.

Nunca havia te amado tanto quanto aquele dia. E te amaria mais, a cada instante depois daquilo. Também nunca te odiei quando me largou, exausta por toda aquela ressaca, para ir ver seu time jogar. E chegar tarde da noite, bêbado, sem dizer onde foi depois da partida.

Você tinha essa capacidade. De me fazer te amar e te odiar da mesma maneira, na mesma intensidade. Ninguém me conquistava com você. E ninguém me tirava do sério como você.

Tremi uma vez mais com o frio do chão do banheiro, saindo de um passado feliz e encarando o presente insuportável a minha volta. Não tinha mais você para me pegar no colo e me levar para cama. Me encolhi sem força para me levantar e voltei a chorar.

Haveria algum dia que conseguiria me lembrar de você sem tanta dor?

Dia 06

Passei a noite assim, encolhida no chão, tremendo de frio, chorando de dor. Sua falta me roubava a coragem de ir para cama e o vazio que estava em mim parecia pesar duas toneladas. Mal me movia. A impressão que tinha era que ficaria ali pelo resto dos meus dias não fosse um barulho de chave na nossa porta. Sentei. A cabeça rodou e quase perdi o equilíbrio. Eu estava

fraca. A falta de alimento, a falta de descanso, a falta de você, a falta, tudo me deixava fraca. Fiquei em silêncio tentando descobrir que barulho era aquele e se era mesmo no nosso apartamento.

O silêncio de nossa casa transformou a chave girando um som claro mesmo estando tão distante da porta. Me levantei, confusa e zozza, e saí do banheiro. O quarto estava quente e a diferença das temperaturas me fez arrepiar. O relógio sobre o criado-mudo marcava sete da manhã. Segunda-feira. Claro. Sorri. Era estranho sorrir, parecia que isso não fazia mais parte da minha vida.

Hoje era o dia em que você retornaria de uma viagem de negócios, que havia embarcado na quarta-feira passada. Ouvi, do quarto, a porta da sala se abrir. E, então, passos.

Saí da letargia e corri até a porta do nosso quarto. Era você. Só podia ser você. E eu queria ser a primeira a te achar, só para gritar “te amo” e pular no seu pescoço. Nunca mais te soltaria. Nunca mais te deixaria ir da minha vida.

Não era você do outro lado da porta. Gritei, de um jeito doentio e surreal, e deixei meu corpo cair lentamente. Minha mãe não me deixou chegar ao chão, largando as sacolas de compras e correndo para me amparar. Eu gritei de novo. E de novo. E de novo. Cada vez mais alto e de um jeito mais desesperador.

Ela ficou ali, me segurando, em silêncio. Não sei por quanto tempo. Quando parei de gritar, me pegou pelos ombros e me levou até o quarto. Deixei que ela me carregasse. Não falamos – não precisávamos. Ela sabia o quanto estava doendo em mim, o quanto era difícil, o quanto precisava de você. E eu sabia que ela entendia tudo, sem que fossem necessárias grandes explicações.

Pedi para que ela me ajudasse no banho com uma voz que parecia não ser minha, sem dizer que precisava de ajuda porque tinha medo de tentar me afogar de novo. Depois coloquei outra blusa sua. Seu cheiro cítrico me dava a sensação de que tudo ficaria bem. Eu me perguntava até quando seu perfume duraria. Seria mais do que minha dor?

Doía que era minha mãe quem estava cuidando de mim quando antigamente era você – você estaria aqui, me ninando, me ajudando, secando

minhas lágrimas, e me ajudando a superar. Mas era minha mãe pelo simples fato de que a causa de tanta dor era você não estar aqui.

Dia 07

Os primeiros sete dias sem você passou sem que me desse conta do tempo. Não fosse minha mãe para me avisar, nem mesmo me lembraria que tinha uma missa sua para enfrentar. Eu não queria ir. Não queria ter que confrontar olhares de pena de pessoas que não se importavam. Não queria ouvir o padre falar de você no passado. Não queria ter a certeza de que você havia ido embora. Não queria sair deste mundo, deste meu mundinho tão pequeno e tão nosso, porque ele se despedaçaria atrás em cacos tão pequenos que nunca mais conseguiria juntá-los. Mas não tinha escolha.

Suspirei. Respirei fundo. Uma. Duas. Três. *Dez vezes.* Seja lá onde você estiver, me ajude. Por favor. Você me deve isso. Por ter me deixado sem rumo. Me ajude a superar este dia. Só este dia. E eu prometo, por você, pelo que fomos juntos, por todo amor que sinto, que vou conseguir superar, seguir em frente e conseguir conviver com essa dor. Esse vazio. Essa metade que sou sem você.

Apenas, imploro, me ajude.

Da porta, minha mãe me tirou da minha quase oração e disse que não precisava ir, que todos entenderiam. Era mentira. A única pessoa que entenderia se eu não fosse seria você. Você que sempre dizia que só deveríamos fazer aquilo que queríamos fazer. Você não estava aqui. Não havia outra escolha a não ser ir.

Caminhei até ela sem dizer nada. Ela me abraçou forte pela cintura e disse que ficaria tudo bem. Outra mentira. Coloquei a cabeça em seu ombro e ela me carregou para fora do apartamento até o táxi; do táxi até a igreja; da igreja até a fileira de bancos que estavam as pessoas que nos eram próximas.

Já estavam quase todos lá quando finalmente chegamos. Meus olhos percorreram toda a igreja, que tinha muita gente desconhecida porque era uma missa aberta, até encontrar as pessoas que faziam parte da nossa vida, da sua vida, que já não era mais nossa. Foi impossível não notar os olhares que recebi. Não me espantei. Nem mesmo pus óculos escuros para esconder minhas olheiras. Nem mesmo me maquiei para camuflar minha dor.

Seu pai foi o primeiro a vir até mim. Ele estava acabado. Me abraçou, me desejou força, disse que se precisasse de qualquer coisa era só ligar. Grande homem. Você tinha muito dele. Você diria que não era verdade, que todos falavam que era cara de sua mãe. Grande piada. Da sua mãe, você herdou muito pouco. Fiquei olhando para o seu pai e me perguntando se, se tivesse tido a chance, seria esse homem que se tornaria. Cabelos grisalhos. Olhos acinzentados. Sorriso branco e aberto. Difícil saber. Talvez sim. Talvez não. Nunca descobriria.

Doía.

Seu melhor amigo parecia tão acabado quanto eu, sentado mais atrás. Não conseguimos sustentar nossos olhares. Era impossível ver um de nós sem você. Desviei o olhar e encarei sua irmã, sentada logo depois do seu pai. Ela me cumprimentou de longe, reservada, distante como sempre. Sua mãe apenas me olhou. Desesperada. Desconsolada. Como eu. Nos breves segundos que nós duas nos olhamos sem dizermos nada ficou claro duas coisas: nós duas havíamos perdido o homem de nossas vidas. Nós duas culpavam a mim por isso.

Então, antes que eu encarasse mais qualquer pessoa, a missa começou. Me sentei no banco à frente dos seus pais e segurei forte a mão da minha mãe. Fiquei assim a missa toda, ignorando a dor dos meus dedos e fingindo que não sabia que estava doendo nela também. Olhava para o padre. Mas não prestei atenção ao que ele falava. Não podia. A igreja estava cheia. Metade dela, no entanto, nem sabia que você existia. Doía. Doía saber que todas aquelas pessoas não conheceram a pessoa maravilhosa que você era, o homem justo e bom e o companheiro que qualquer mulher sonharia em ter. Doía saber que aquelas pessoas haviam ido ali apenas para assistir uma missa comum. Doía imaginar que a vida daquelas pessoas eram as mesmas, com ou sem você.

Durante a ladainha do padre fiquei pensando que se você estivesse aqui não haveria lágrimas. Você detestava choros. E velas. E missas também. Já teria feito alguma piada. Se levantaria, bateria palmas e diria: *vamos, pessoal, a vida continua, pra que tanto drama?*

Pensar nisso fez meu peito doer. Me fez chorar mais. Me fez querer gritar. A vida realmente continuava. E o que mais doía era que se você estivesse

aqui não haveria missa, não haveria lágrimas, não haveria tristeza, não haveria desespero, não haveria culpa nem culpados. Você era a causa disto tudo. E também era a única solução.

Então, o padre disse seu nome e todo meu corpo ficou tenso. Apertei a mão da minha mãe ainda com mais força. Assim como quando os médicos disseram que nada puderam fazer por você, achei que estava me quebrando em cacos pequenos que jamais se colariam novamente. Ali morria a melhor parte de mim, de fato. Ali eu estava tendo a certeza de que todo aquele pesadelo era real.

Você se foi. Você realmente me deixou. E eu tinha muito medo, de que, com o passar dos dias, me esquecesse de você. Como seria agora? Como seguir em frente?

Pedi para minha mãe me tirar dali quando a missa acabou, o mais rápido possível. Não queria ouvir de ninguém que a dor passaria. Eu só queria ir para casa e tentar pegar aquele mundinho nosso que, de certa forma, ainda nos pertencia. Que, de algum jeito, ainda te mantinha perto de mim.

A última coisa que queria era que a vida continuasse para mim como continuava para todas as pessoas. Não queria seguir em frente. Não sem você. Não sem seus sorrisos. Não sem seu amor. Não queria te deixar para trás. Não queria te esquecer. Não queria te perder. Queria ficar sofrendo por você, por nós dois, por tudo o que foi arrancado de nós sem chances para defesas. Por tudo o que poderíamos ter vivido e não vivemos. Por tudo que. E que acabou.

Dia 08

Não consegui juntar os cacos dessa história quando voltei para casa. Não consegui impedir o desmoronamento de acontecer. E o irônico era que, quem quer que passasse pelo nosso corredor, acharia que tudo estava do jeito que sempre esteve. Porque estava. Todos os móveis, todas as fotos, todos os tapetes, toda a decoração. Estava tudo igual. Estava tudo diferente. Como naquele primeiro dia, era como morar num lugar que não era mais meu. Só que naquele dia eu ainda achava que aquela não era uma história nossa.

A realidade golpeou o que me sobrou da ilusão de sua partida. Os cacos eram tão pequenos que chegavam a ser invisíveis e eu nunca mais os colaria.

Estavam perdidos. Eu estava perdida.. Tentava em vão recolocar tudo ao lugar, alinhando porta-retratos milimetricamente, ajeitando os objetos de enfeite como você gostava, como numa senha incompreensível de que você voltaria.

Você tinha que voltar.

E, a cada barulho que não era meu, eu tomava um susto, o coração batia mais rápido, olhava direto para a porta esperando você entrar. Você com aquele meu sorriso. Você com aquele meu olhar. Você com todo o meu amor. Você, que se foi, que levou a minha única chance de felicidade.

Eu te esperava. E toda vez que você não aparecia de um dos nossos cômodos com alguma de suas piadas sem sentido, eu me abraçava e fechava o olho tentando me proteger da facada que me atingia ao compreender mais uma vez que acabou. Tudo isso que eu queria tanto não existia mais. E toda vez que eu voltava a abrir os olhos, era a minha mãe que eu via. E não você. Nunca mais veria você.

Meus dias de licença haviam acabado, mas meu luto estava longe do fim. Minha mãe me perguntou, então, se eu não voltaria ao trabalho. Disse que não estava pronta, tinha muitas horas extras que podiam ser compensadas agora. Ela disse que seria bom sair de casa, ver pessoas, retomar a rotina.

Ela estava me mandando seguir em frente, do jeito mais doce que conseguia, estava me apontando o caminho e dizendo que eu deveria continuar. *Olha, filha, é por aqui, não está vendo*

Não queria continuar. Não queria te deixar para trás.

Ao invés disso, preferia ficar em casa tentando me acostumar com esse silêncio que tanto me angustiava. Se não fossem os passos de minha mãe arrumando nosso apartamento, provavelmente o vizinho chato debaixo pensaria que nós havíamos morrido.

Antes tivéssemos.

Você e eu.

Juntos, na eternidade.

Dia 09

O silêncio da noite podia fazer com que o movimento da rua diminuísse, mas fazia o frio, a angústia, a solidão, o desespero, a dor aumentar. Juntos, essas sensações eram imbatíveis e a consequência disso era que não conseguia dormir.

Rolei pela cama que foi nossa e que ainda tinha seu cheiro até me cansar e decidir beber um café para esquentar meu frio. Enquanto caminhava até a cozinha, te escutei ao fundo me dizer que não fazia o menor sentido fazer um café quando se estava com insônia – uma das frases que você vivia me falando enquanto estava aqui, toda vez que alguma crise dessas me atacava. Fui golpeada outra vez por um soco no estômago. Nunca teria fim.

Acendi a luz e minha mãe apareceu no corredor, perguntando se eu estava bem. Só estava sem sono, disse. *Você quer um calmante?* Sem responder, me servi de café naquela sua caneca horrível, que você adorava, com o símbolo do seu time.

Com a caneca entre os dedos, perambulei pela nossa sala observando pela milésima vez os objetos que escolhemos para decoração. Era a nossa sala. Sabia disso. Tanto quanto sabia que já não era mais a *sua* sala. Era o que mudava tudo ao redor.

Sobre o móvel ao lado de um dos sofás, tinha uma foto sua que você detestava. A foto que eu mais gostava. Aquela em que eu dei um flagra de você bêbado, pagando mico, com seu sorriso torto tão lindo, talvez o sorriso mais lindo de todas as fotos suas. Ao passar pela prateleira dos DVDs, meus olhos percorreram todas aquelas filmagens caseiras que você fazia e eu odiava, com os títulos escritos com sua letra: *Casal Feliz em Lua de Mel*, *Bruxinha acordando mal-humorada*, *Viagem para o Canadá*. Títulos tão horríveis quanto suas filmagens e sua letra. Então, encontrei uma embalagem que não tinha a sua letra, com o título profissional na capa: *casamento*.

Foi insanidade, mas coloquei no aparelho de DVD. Olhei só você durante o filme todo, vendo pela primeira vez tudo o que as outras pessoas diziam e eu falava que era exagero. Vi seu brilho no olhar me esperando naquele altar, nervoso com meu atraso de dez minutos. Então, a câmera focalizou seu sorriso – o meu sorriso – quando a música que havíamos escolhido para minha entrada tocou e eu apareci toda de branco na porta da igreja. Vi você disfarçando uma lágrima antes que alguém percebesse e controlar as outras

que não vieram, porque tinha aquela ideia idiota de que homens não choram.

Vi o amor que você não escondia em seus olhos, a felicidade que pulsava em você, o jeito com que selou nosso casamento, a mão que tremia ao colocar a aliança em meu dedo, o riso nervoso que saiu em seus lábios trêmulos. Eu sempre tive a certeza de que me amava, mas nunca seu sentimento ficou tão nítido quanto naquele dia, revendo nosso casamento, desesperada de tanta dor, de tanta saudade do seu amor.

Minha mãe desligou a televisão antes que a próxima cena aparecesse, dizendo que eu precisava de um descanso e que aquilo tudo já bastava. Me fez engolir um calmante, me carregou no quarto. Eu caí na cama, abraçando o seu travesseiro com seu cheiro e deixei as lágrimas caírem pelo meu rosto. Queria tanto ouvir sua voz uma última vez. Queria tanto que você dissesse para me acalmar, porque tudo ficaria bem. Queria tanto você, só mais uma vez.

Dia 10

O telefone fez um barulho estridente na sala e eu me sobressaltei. Desde o dia sete o telefone cessara de tocar. Como se as pessoas achassem que o sofrimento só era plausível até o último ritual de despedida, que depois disso você já estava bem o bastante para esquecer a dor de perder alguém e poderia seguir em frente. Mas a sua morte não era como um buraco no meio da estrada que, depois de tapado, era apenas continuar como se nenhum acidente tivesse acontecido ali.

Eu gostava desse silêncio. Não tinha mais o direito de apagar todas as mensagens de voz gravadas, sem parecer mal-educada, então me aliviava saber que ninguém estava me perseguindo com aquela curiosidade doentia de zombar do meu estado deplorável e não com a sinceridade de alguém que realmente sentia muito.

Minha mãe avisou que era seu pai, numa pergunta implícita se eu queria atendê-lo. Gostava muito dele, então decidi sair do meu mundinho intocável. Era a primeira pessoa – além de minha mãe, além de você – com quem eu falava depois de tudo.

Ele queria saber como eu estava, se estava precisando de algo, se eu queria alguma coisa. Disse que não, porque a única coisa que queria era inviável ter.

Ele sabia disso. Nós sabíamos disso. Perguntou se eu já havia voltado ao trabalho e não me julgou quando disse que ainda não me sentia pronta para encarar o mundo, mas que provavelmente não conseguiria fugir disso na segunda.

Seu pai disse que estava sendo difícil para ele também, mas falou que o trabalho era a única coisa que estava o salvando da loucura. Disse que talvez fosse bom para mim também, mas que eu deveria ir até onde era meu limite, porque o tempo faria com que eu enfrentasse sem que precisasse me fazer de forte sempre. Ofereceu-me ajuda para pagar as contas, já que a maior parte do orçamento da casa era mantida por você, porque o seguro de vida ainda demoraria a sair. Falei que não, que a gente não gastava muito, a maior parte de nossos salários ia para a conta, para o futuro.

O futuro que a gente não teve.

Você sempre foi um cara prevenido. Dizia que de imprevistos já bastava a bolsa de valores. Detestava acasos e surpresas. Completamente irônico que morreu justamente ao acaso, sem ter tempo de cumprir o que planejara. Posso imaginar a raiva que sentiu ao ver sua vida sendo interrompida sem aviso.

Quando ele desligou, eu pensei novamente que ele era um grande homem.

Como você era.

Dia 11

Abria e fechava as portas da nossa casa incessantemente, sem motivo. Não só as portas do quarto de hóspede que minha mãe estava, ou do seu escritório, ou do banheiro do corredor, como também as portas dos armários e guarda-roupa. Procurava você. Beirava a loucura, mas em meu desespero só queria te encontrar escondido em qualquer canto dessa casa. Vivo. Comigo.

Minha mãe me observava. Quando fechei a porta do armário pela terceira vez, ela me perguntou se eu não queria falar sobre você. Não tinha vontade de falar, muito menos falar sobre você. Embora pensasse a toda hora, expor em voz alta era muito mais duro. Era como se eu tivesse perdido a capacidade de articular meus sentimentos. Talvez a dor fizesse isso com a gente.

Foi por isso que perguntei sobre meu pai. E sobre como ela superou sua morte, anos atrás.

Me lembrava pouco dele. Ainda era um bebê quando a morte me visitou pela primeira vez. Por isso, meu pai me vinha mais como um fantasma, alguém sem uma forma definida, rosto e jeito, do que como meu pai mesmo. Ele morreu enquanto dormia, após um enfarte fulminante. Foi minha mãe quem o descobriu gelado pela manhã. A dor da perda que a atravessara não me fez nem cocegasinhas. Na minha mente infantil, pensei que ele havia ido para uma viagem muito longa e com o tempo aceitei que não voltaria. É uma pena que, depois que crescemos, viagens longas não mais explicam a ausência das pessoas que amamos.

Ela disse que aquilo fazia muito tempo e que aos poucos tudo virou uma lembrança preta e branca, como um filme velho que não roda mais. Nós nos encaramos por alguns segundos. E, então, ela disse que não adiantava que eu procurasse nela a resposta para melhorar a minha dor. *Como é que eu faria, então?*

Ela me deu um desses sorrisos que só as mães sabem dar e me acolheu num abraço apertado. Perto do meu ouvido, sussurrou que não era para me preocupar tanto com o modo como superaria a perda. *Você vai encontrar um caminho, filha, e mais cedo do que pensa estará trilhando. Porque a gente sempre encontra um caminho.*

Fechei os olhos com força. Mas não respondi que não sabia se queria qualquer caminho na minha vida que não tivesse você.

Dia 12

O calendário personalizado por nós, pendurado atrás da porta do nosso quarto, mostrava que era domingo. Levei um soco no estômago. Este era o dia da semana que costumava mais gostar porque era quando a gente ficava mais tempo juntos. Quando você se desligava totalmente do seu trabalho e era só meu, e éramos só nós. Por um momento senti uma vontade insana de voltar aos primeiros dias quando não sabia que dia da semana era.

É insuportável ter que suportar o domingo.

Minha mãe me avisou que estava um dia lindo lá fora, mas eu não tinha vontade nem de me aproximar da janela. Estranho porque, desde que nos conhecemos, tirávamos o domingo para aproveitar o dia.

Dormíamos até tarde, porque te corrompi a levantar depois das dez, assim

como você me corrompeu a tomar banho antes de ir trabalhar. A gente enrolava, até que você se cansava da cama, dava um pulo e me jogava nos ombros feito homem das cavernas. Parecíamos duas crianças. Éramos apenas dois apaixonados. Depois tomávamos um banho, comíamos qualquer coisa e saíamos.

Geralmente íamos para um parque. A gente deitava de baixo de uma árvore e líamos algum livro. Quer dizer, você lia para mim. Eu nunca tive muita paciência para livros. Bem diferente de você que devorava pelo menos um por semana. Depois, quando você cansava de fazer o papel do calmo da relação, íamos para casa, pedíamos uma comida qualquer e víamos algum filme que normalmente abandonávamos no meio. Você me fazia abandonar. Assim como eu não tinha a menor paciência com livros, você não tinha para filmes.

E voltávamos para cama, de onde só saíamos na segunda de manhã, para trabalhar.

O calendário brilhou a minha frente e baixei os olhos, me abraçando, sem saber o que fazer. Já havia parado de chorar – por falta de lágrimas, não por falta de dor – mas ainda me faltava coragem para qualquer outra coisa que não fosse ficar deitada no sofá olhando para o nada. Me encolhi, tentando me proteger novamente da dor, da saudade, da falta que sentia de você no meu dia da semana favorito por todos esses anos.

De quantas formas era possível sentir dor e continuar sobrevivendo?

Dia 13

O toque estridente do despertador naquela manhã de segunda me fez dar um pulo da cama de susto.

Foi estranho porque desde que nos casamos era você quem me acordava. Você levantava mais cedo e fazia o café, tomava banho e me dava beijos e mordidas enquanto eu resmungava que ainda não dera a hora para acordar. Você ria e me chamava de preguiçosa e caía com todo seu peso sobre mim. A gente esquecia da hora e nos amávamos. O despertador tocava e a gente não estava nem aí. Depois você saía resmungando que estava atrasado e que isso era culpa minha. A gente tinha uma pequena discussão matinal, eu te chamava de grosso, você me chamava de mimada e saía batendo a porta. Sua

marra terminava menos de meia hora depois, quando me ligava dizendo que me amava.

Fiquei esperando imóvel pelos beijos que não vieram, as mordidas que não ocorreram, o pulo sobre mim que não aconteceu. Pisquei confusa sentindo que algo estava muito errado. Quase te chamei. Mas seu nome morreu em minha boca enquanto a ficha caía pela centésima vez nos últimos dias. Meus olhos lacrimejaram, meu coração apertou, as lágrimas desceram.

Levantei, tomei banho, chorei um pouco de baixo da água, me arrumei para ir ao trabalho. Fiz tudo isso de maneira mecânica, sem prestar muita atenção. Acho que finalmente perdi aqueles três quilos que tanto queria. Minha mãe perguntou se eu estava bem enquanto me empurrava uma xícara de café e me forçava a comer.

Eu precisava continuar.

Chamei um táxi porque não me sentia segura para dirigir. Pedi para o motorista desligar a música porque não queria ouvir histórias de amor quando eu estava destrocada. Cheguei no horário como poucas vezes na vida. Assim que entrei no andar em que trabalho, várias cabeças viraram para mim. Coloquei a bolsa na minha frente para me proteger de não sei o quê. Já descobri que não dava para me proteger da dor. Então, antes de sentar em minha mesa, meu chefe me chamou para ir até sua sala, deu seus pêsames e disse que, caso precisasse de alguma ajuda, estava disponibilizando a psicóloga da empresa.

Como se eu fosse falar de você, de nós dois, para alguém que não te conhecia e não sabia o quanto nos amávamos. Você era apenas meu. Eu era apenas sua. E essa história pertencia apenas a nós dois.

Disse que estava tudo bem, que a vida seguia. Mas não disse que era eu quem não queria seguir porque me sentia culpada por ter que continuar enquanto você era privado de viver.

Ele cerrou os olhos e me mandou ao trabalho. Saí da sua sala e todos os olhares se fixaram novamente em mim. Respirei fundo e sentei na minha mesa, liguei meu computador, ignorei as fotos ao redor e o fundo de tela que exibia você. Tentei trabalhar.

Era difícil voltar à rotina quando essa rotina não tinha você. Os olhares

que recebia não ajudavam muito. Felizmente ninguém veio me perguntar o que houve. Eu ainda não estava pronta para falar disso, daquele dia horrível, de você perdendo a respiração segundo a segundo nos meus braços, esperando um socorro que demorou para chegar. Não estava pronta para expor isso. E talvez nunca estivesse.

Sobrevivi.

Você ficaria feliz por mim. Pelo menos, acho que sim. Ou talvez você ficasse bravo por seguir em frente sem você. E era isto – o fato de não saber o que você acharia – que me enlouquecia

Dia 14

No táxi, a caminho do trabalho no dia seguinte, com a cabeça encostada no vidro e a mente muito longe da conversa chata de um motorista que não consegui se calar, vi você.

Eu juro. Juro por tudo que é mais sagrado. Juro pelo nosso amor.

Era você.

De terno e gravata sempre alinhados. A gravata era azul listrada, presente meu. Seu cabelo estava um pouco maior, do jeito que você não gostava de deixar, mas a barba parecia ter sido feita há minutos, pouco antes de sair de casa. Seus passos eram firmes e você parou na calçada antes de atravessar, há poucos metros de mim. Um morador de rua estava sentado encostado no poste. Provavelmente bêbado. Você tirou uma moeda do bolso e se agachou para entregar ao homem.

O carro da frente passou pelo semáforo. Logo em seguida, o semáforo fechou. Eu debrucei no banco e o motorista me perguntou se estava acontecendo algo. Claro que estava. A minha vida inteira estava atravessando na faixa de pedestre. Finquei as unhas no banco. Quis gritar, esmurrar, chamar seu nome, perguntar para onde você estava indo enquanto eu estava aqui, chorando por você.

Ouvi de longe “*moça?*”, do motorista, *você não vai desmaiar nem vomitar aqui, não é?*

Você atravessou, calmo e elegante, como sempre. O vento bateu no seu rosto e o cacho rebelde do seu cabelo caiu em seu olho. Quase te vi bufar

enquanto ajustava os fios. Aí você olhou pra direção em que eu estava e não era mais você.

Mas, juro, *era você*.

Meu coração se apertou e eu me segurei para não chorar. Ter visto você foi como cruzar a fronteira invisível entre a sanidade e a loucura. Me senti à beira do precipício. Olhei pra baixo como eu nunca havia olhado de tão perto. Encarei e me senti seduzida pela escuridão. Pelo vazio. Pelo eco da dor que emanava de mim e batia no fundo daquele poço, voltando com toda sua força para dentro do meu peito.

Moça? Tá tudo bem? O motorista me olhava sem entender o mundo de coisa que estava passando na minha cabeça.

Não estava. O que eu estava mesmo era ficando louca.

Louca de saudade de você.

Dia 15

Quase às quatro da tarde, sentada na frente do meu computador no trabalho, me dei conta de que não comi nada desde o café da manhã. Suspirei. Peguei a minha bolsa e avisei que ia do outro lado da rua comprar algo para comer. Não estava com fome. Mas prometi a você que iria me esforçar a seguir em frente. Para isso precisava me alimentar de tempos em tempos.

Entrei no elevador e torci para que ninguém mais entrasse até o térreo. Só de pensar em ter de conversar nesse cubículo fechado fiquei asfixiada. Minhas mãos transpiravam. O coração acelerou. *Vai ficar tudo bem. Você só precisa sair do prédio, atravessar a rua e comprar qualquer coisa para comer. Depois é só voltar para o seu trabalho. Ninguém vai te perguntar nada no caminho. Vai ficar tudo bem.* Fiquei repetindo tudo isso como um mantra.

A porta do elevador se abriu e corri por toda a portaria, ganhando a calçada. Não esperei o sinal ficar verde. Apenas atravessei entre os carros. Algum motorista me chamou de louca. Continuei meu caminho e entrei no boteco sujo que você odiava. Pedi a coxinha que pingava gordura e fedia a óleo velho. Paguei e voltei correndo para o prédio, repetindo o tempo todo que ia ficar tudo bem, eu não precisava entrar em pânico porque ninguém me

pararia para conversar.

Ninguém me parou para conversar.

Na minha mesa, tirei a coxinha do pacote já molhado de tanto óleo e mordi um pedaço. Meu estômago embrulhou.

Fechei o olho e te vi me xingando por ter tido a coragem de ter comido aquela fritura tão mal feita. Mas eu precisava comer. Então, dei mais uma mordida. Meu estômago deu mais uma volta e a bile subiu até chegar à garganta. Soltei o pacote e a coxinha no chão, levei a mão a boca, empurrei a cadeira e corri para o banheiro. Todo mundo parou o que estava fazendo para me ver.

Abri a cabine do banheiro e me debrucei no vaso. Merda. A ânsia saía de mim com berros que eu precisava controlar a todo momento, me lembrando que eu ainda estava no meu local de trabalho. Alguém, da porta, perguntou se eu queria ajuda. *Não*. Enquanto eu suava, empalidecia e sentia frio, ajoelhada no chão, a única coisa que queria era morrer.

Dia 16

Disquei os números lá de casa antes do fim do meu expediente naquela quinta-feira, para perguntar a minha mãe se ela queria que eu levasse alguma coisa. O telefone tocou. Tocou. Tocou. Tocou. Deveria ter entendido que ela não estava e desligado, mas, antes que minha mente pensasse nisso, a chamada caiu na secretária eletrônica e fui golpeada por um fato que havia me esquecido completamente: *a mensagem havia sido gravada por você*.

Nós tínhamos acabado de nos mudar para o novo apartamento, estávamos colocando os móveis no lugar. Você reclamava que eu não fazia nada a não ser ficar jogada no sofá feito uma Cleópatra enquanto você suava. Fresco como era, detestava a sensação de suor descendo por seu corpo. Já eu adorava ver suas costas largas em trabalho, fazendo força, seus músculos contraindo de um jeito que me deixava louca. Que nunca cheguei a te dizer. Deixei pra amanhã. Deixei pra depois. Um depois que não tinha mais você.

Você brincou que agora entendia porque alguns homens diziam que casamento era escravidão e eu disse que você estava parecendo uma mulherzinha com todo aquele drama. Você correu atrás de mim, eu corri de você, e a gente caiu no meio de várias caixas que estavam na sala, esperando

serem organizadas em nossa nova casa.

Uma das caixas virou e esparramou todo o conteúdo. Foi aí que descobrimos o telefone. E você cismou que tínhamos que gravar uma mensagem nova, de nós dois, já que éramos finalmente um casal. Eu disse que primeiro deveríamos colocar as coisas no lugar, mas você insistiu que deveríamos gravar porque se algum ex-namorado ligasse já saberia que eu estava para sempre acorrentada nas algemas do amor – você era bastante brega quando queria.

Eu disse que não gravaria mensagem alguma porque sempre achei ridículo e morria de raiva quando caía na secretária – o que te fez lembrar que precisou enfrentar minha secretária tantas vezes que no fim achou que estava em um relacionamento sério com ela.

Você também era bastante canalha quando queria.

Então, você pegou o telefone e começou a falar várias mensagens, insatisfeito com o resultado. Até que, enquanto eu ria da sua insatisfação você parou de ensaiar e disparou na gravação:

Oi, você ligou para a casa do Casal Feliz.

Casal feliz era como nossos amigos nos chamavam quando ficávamos trocando carinhos perto deles.

No momento, não podemos atender agora porque estamos muito ocupados sendo felizes nos amando.

A mensagem de voz registrou seu grito me chamando de bandida, mas não registrou que pulei em seu colo, mordendo seu ombro. Você adorava me chamar de bandida. E eu disse:

Ou brigando.

Você me jogou no sofá, me arrancando risos ao me fazer cócegas, a gravação pegando toda a nossa farra juntos. E você falou sério enquanto a brincadeira sumia e a tensão sexual aparecia:

Ou realmente sendo felizes. A gente liga mais tarde quando cansarmos.

Você largou o telefone. A gravação ainda pegava seus beijos, meus beijos, sua risada rouca, minha risada histérica, o meu gritinho de *ou não* e mais

risadas até finalmente você apertar o botão de encerramento da gravação e jogar o telefone longe, nos fazendo um casal feliz.

A mensagem fez um BIP gigante ao fundo e eu bati o telefone às pressas. Mas já era tarde. As lágrimas desceram e, antes que as controlasse, sentada na minha cadeira, na frente de todo mundo, comecei a soluçar de tanto chorar. Depois de ouvir aquela mensagem e de me lembrar da gravação dela como se fosse ontem, como se você ainda estivesse aqui comigo e a gente estivesse no nosso apartamento, foi impossível disfarçar a dor que me consumia por inteira, que vinha tentando ignorar para me fazer de forte, para fingir que estava seguindo o caminho.

Sempre me doeria falar de você. Porque sempre me doeria ter te perdido tão cedo antes de vivermos tudo que planejamos viver. Sempre me doeria que a vida que me deu o homem que seria tudo para mim o tirou e destruiu o casal feliz que éramos.

Poderia conviver com isso, poderia até suportar daqui alguns anos.

Mas doer...

Doer, eu sabia, sempre doeria.

Dia 17

Cheguei meia hora atrasada na sexta-feira no trabalho e sabia que estava, de algum jeito, encrencada. O choro do dia anterior poderia ter sido ouvido por todos os prédios. Os olhares de pena dos meus colegas me cortaram como facas afiadas, mas não tanto quanto a dor. Quando levantei os olhos mais calma após o acesso, a psicóloga me olhava com os olhos cerrados e a sobrancelha levantada. Ao lado dela, meu chefe não sabia o que fazer. Então, peguei minha bolsa e fugi dali o mais depressa possível.

Infelizmente, não podia fugir para sempre.

Assim que pus o pé no meu andar, várias cabeças viraram para mim. Respirei fundo enquanto meu coração disparava e minhas mãos transpiraram. Não havia dado nem um passo em direção a minha mesa quando a sala da psicóloga se abriu, meu chefe saiu e a psicóloga me pediu para entrar: tudo ao mesmo tempo.

Eu sabia que isso ia acontecer. Sabia que ela só estava esperando uma

mísera oportunidade para se meter na minha vida – na nossa vida – como todas as psicólogas que eu conhecia. Todas elas esperavam o grande momento para tirar de dentro de um livro uma bela frase de efeito. Como se a vida, a dor e a perda pudessem ser resolvida com uma boa frase de efeito.

Ela deu espaço na porta e me esperou passar. Eu não tinha saída, não se quisesse manter aquele emprego. Então entrei na sala e fiquei estática, parada perto da porta que ela fechou atrás de mim. *Por que você não se senta?* Ela sugeriu e indicou uma cadeira confortável. E por que você não me esquece?, pensei sem sequer olhar para ela enquanto caminhava até a cadeira e me sentava, em frente à mesa dela.

Ela se encostou na mesa, pigarreou e disse que não queria ser invasiva, apenas me ajudar. Fiquei em silêncio. A única pessoa que poderia me ajudar era você. Nós nos encaramos. Então ela falou que entendia que perder alguém era mesmo doloroso, mas me perguntou se não achava que precisava de ajuda, de conversar, de expor o que estava passando para alguém que pudesse me auxiliar nesse momento tão difícil.

Parei de escutar.

Ela achava que sabia do que falava só porque estudou numa faculdade qualquer sobre a mente humana. Ela achava que entendia minha dor. Como se alguém pudesse entender uma dor que não fosse dela. Ela não podia entender porque ela nunca nos conheceu. Não sabia o tamanho do amor que sentíamos. E não seria eu quem contaria para ela.

Porque ela diria que eu estava te supervalorizando e que isto era normal depois que se perde alguém. Conheço esses tipos. De psicóloga, queria dizer. E quanto mais tentasse me defender – e te defender – mais ela diria que estava certa.

Eu não conseguia falar de você nem para minha mãe – que sabia das suas qualidades e também de todas as fragilidades de nosso relacionamento. Minha mãe que ouvia de mim por todos esses anos o quanto você não era perfeito, o quanto eu tinha pavor de todas aquelas suas manias ridículas.

Você nunca tinha feito meu estilo. Você nunca foi o cara que idealizei com as amigas na mesa de bar. E, por isso, nenhuma amiga minha acreditou que me envolveria com alguém que usava terno o tempo todo. Nem eu

acreditei. Mas você me ganhou pelo sorriso. E pela insistência. E pela chatice também.

A gente não era um casal perfeito. Mas você me ensinou que relacionamentos perfeitos não existiam. Antes de você, eu era uma idiota que queria um príncipe num cavalo-branco que me levaria para um castelo. Você chegou sem aviso, sem cerimônias, sem que eu esperasse, sem pedir licença, esparramou-se no sofá e disse: *olha, sou este aqui, chato, canalha, arrogante, dedicado, perfeccionista e idiota. Se quiser, posso te fazer feliz; se não, há outras mulheres por aí e não vai me doer procurá-las.*

A voz da psicóloga me chamou de volta à realidade. Pisquei confusa ao perceber que ela havia feito uma pergunta. Ela repetiu. *Você por um acaso o tem visto pelos lugares?* Claro que não, falei rápido. Eu não sou louca. *Claro que não é*, ela respondeu. *Mas você tem sonhado?* Perguntei, na defensiva, se deveria. *É comum as duas coisas*, ela disse, *nos primeiros dias da perda.* Pigarreou e disse que não era para me preocupar com isso, só havia perguntado para que eu soubesse que poderia contar para ela caso acontecesse, e frisou bem as próximas três palavras, as duas coisas.

Mas sua explicação veio tarde demais. O soco no estômago já havia sido dado. Eu não havia sonhado nenhuma vez com você. Me encolhi. Ela então disse para eu me acalmar, eram só sonhos.

Não eram só sonhos.

Eu sabia o motivo de não sonhar com você e a dor me consumiu outra vez, de um jeito quase impossível de conter as lágrimas.

Mas contive, porque não queria aguentar outra sessão de psicologia barata.

Você não aparecia nos meus sonhos por um motivo muito simples: *você estava com raiva de mim.*

Com toda razão, devo admitir.

Dia 18

Pela manhã do sábado, o porteiro interfonou dizendo que o motoboy da sua empresa estava na portaria para me entregar seus pertences. Fechei o olho e controlei a vontade de xingar o porteiro – não era culpa dele tudo o que estava acontecendo.

Desci, peguei aquela caixa, assinei o papel na prancheta e subi mexendo nas coisas ali dentro. Eram porta-retratos, canetas, seu computador, itens pessoais que eles não podiam simplesmente jogar no lixo, então me mandaram. Nem ao menos apresentaram um cartão de pêsames. Livraram-se das suas coisas como se não fosse de ninguém importante, depois de você ter quase se matado por aquele lugar.

Na nossa sala, sentada no sofá, peguei, da caixa no meu colo, aquela foto que você adorava. Aquela do dia que nos conhecemos. Que você tirou de mim com seu celular sem qualquer permissão, sem nem ao menos saber meu nome. Você disse que se apaixonou por mim de cara, à primeira vista, e decidiu que eu precisava ser sua, *de qualquer jeito*, nem que precisasse fazer um pacto demoníaco para isso.

Você não precisou fazer pacto. Mas precisou ralar muito para me convencer de que poderia me fazer feliz.

Passei os dedos pelo meu sorriso ingênuo e fui transportada para um outro passado, antes de você.

Eu tinha acabado de me formar na faculdade e havia decidido viajar com minhas amigas de quase toda uma vida para a praia. Havia aberto mão da minha própria festa de formatura para passar quinze dias de pernas para o ar, num paraíso sem trânsito, de céu azul e água quente.

Já estava alguns dias ali e jogava um charme para um cantor meia-boca que se apresentava no bar perto do hotel. Ele era um gato, mas sua voz não era das melhores. Eu estava lá com minhas amigas, tentando chamar a atenção do vocalista, quando você entrou.

Não foi sua beleza que me chamou a atenção, mas o fato de você parecer tão confortável de terno, num lugar tão perto da praia. Você conversava com outro homem, também de terno, e parecia ter causado uma áurea estranha no lugar porque todos pareciam olhar para você. O que também não parecia te incomodar.

Ri achando você ridículo. Minhas amigas fizeram uma piada e todas rimos. Voltei a olhar meu cantor e esqueci-me de você, que estava sentado no banquinho do bar. Até que chegou uma bebida para mim.

O garçom passou um guardanapo rabiscado com uma letra horrível, o

primeiro dos seus muitos bilhetes. *Você é linda*. Três palavras que me fizeram dar um pequeno sorriso que não passou despercebido por você. O garçom te apontou discretamente e quando olhei você ergueu sua própria bebida e deu um sorriso torto, dando uma piscadinha.

Soltei um suspiro e devolvi a foto que você tirou de mim, naquela noite, sem a minha permissão. Eu nunca havia ido ao seu trabalho e nunca soube o que você olhava todos os dias sobre sua mesa. Mas, apesar da curiosidade, abandonei seus pertences no canto da sala sem coragem de ir em frente.

Dia 19

Rolei pela cama que foi nossa e que ainda tinha seu cheiro, angustiada porque o sono não vinha. O relógio de cabeceira marcava três da manhã. A crise de insônia desta vez não era causada pela dor, mas pelo medo. Estava com medo de dormir e não sonhar com você. Com medo de dormir e sonhar com você me acusando. Com medo de dormir. Eu não sabia o que era pior. Não ver você nem em sonhos. Ou ter a certeza de que você não me perdoava.

Cansada de ficar na cama, rastejei-me pela casa querendo não perturbar minha mãe. Vestida apenas com a sua blusa, mexi nas coisas que você deixou em suspenso pelo quarto e que estavam do mesmo jeito de antes.

O terno pendurado no cabide. A gravata com um nó já encaminhado para não te atrasar no dia seguinte que não chegou. O sapato brilhante e lustroso no canto do quarto. Toquei sua gravata com uma espécie de nostalgia. Aquela roupa era uma extensão do seu corpo.

Peguei seu perfume que estava pela metade sobre a cômoda e coloquei um pouco no meu pulso. Cheirei e fechei os olhos. Seu cheiro foi a primeira coisa que amei.

Eu estava no balcão do bar, entediada. No dia anterior havia conseguido sair com o cantor meia-boca e, iludida como era, achei que finalmente engataria um namoro sério na minha vida. É claro que devia lembrar-me de que não se deve confiar em cantores de bares noturnos, muito menos praianos.

Estava sozinha tomando um *drink*, porque minhas amigas haviam ido para

uma boate que dispensei para ver o cantor, e eu estava tentando prolongar a hora de ir para o hotel, sem perder a noite por completo. Aí você se aproximou e parou ao meu lado. Seu cheiro me atravessou me deixando inebriada e zozza. Nunca havia conhecido uma essência tão boa. Você disse que mulheres bonitas não deveriam ficar sozinhas no bar porque era perigoso. E eu disse que você não era o super-herói de uma história em quadrinhos.

Você deu um sorriso – aquele sorriso que me tirou tanto do sério, o meu sorriso preferido, que você acabaria por dar só a mim – e começou uma conversa muito estranha sobre gibis, que eu não entendi nada.

Ofereceu-me outra bebida, mas eu disse que já havia me pagado uma e que não tínhamos nada para me pagar outra. Eu queria deixar claro que nunca me envolveria com alguém como você. Mas você deu de ombros, chamou o garçom, pediu as bebidas e murmurou um “*ainda não temos*” que me irritou profundamente e me fez te detestar ainda mais.

Eu deveria ir embora, mas era educada, então fiquei. Você era um chato arrogante, que ainda por cima usava terno num bar à beira do mar. E eu não queria alguém assim. Me perguntou onde estavam minhas amigas e falei que foram para uma boate. Você não desistiu e me perguntou se eu havia desistido do cantor. Isto me pegou desprevenida. Declarei que ele era um idiota. E você teve o desplante de dizer que também achava.

Ridículo. Absurdo. Idiota. *O que é que eu ainda estava fazendo ali?*

Decidida a ir embora, já estava quase me levantando, quando você se lamentou ao encarar um grupo de homens de ternos sair do bar, que acabara de perder os investidores que tentava fazer uma negociação. Perguntei por que havia ido até a mim se estava trabalhando. Você apenas deu de ombros me deixando intrigada. Então perguntei se havia sido muito dinheiro e você respondeu que *sim, era provável, algo bastante sugestivo*, deu uma pausa, respirou fundo e finalizou, *é, muito*.

Te olhei, incrédula com a facilidade com que dizia que perdeu muito dinheiro, como se não fosse nada, e exclamei que você só poderia ser um maluco.

Isso te fez aumentar o sorriso e me olhar. Então, enquanto eu ainda piscava aturdida com sua loucura, você declarou uma coisa que me ganharia

para sempre e que nunca mais esqueceria: *Há coisas que valem o sacrifício. E quando as acha não se deve deixá-las irem embora sem tentar.*

Nessa hora decidi fazer a coisa mais certa da minha vida depois de tantas burradas: fiquei e bebi seu *drink*.

Com o pulso ainda no meu rosto, cheirando seu perfume, abri os olhos. Você era a pessoa mais decidida que conheci. Não desistiu até que me convencesse a ficar com você. Até que me convencesse que era o homem de minha vida e que poderia me fazer feliz. Só não foi um conto de fadas porque não teve um fim feliz. Só não fomos para sempre, porque cruzamos com um ladrão no meio da rua enquanto voltávamos para nossa casa.

Dia 20

Caminhávamos de mãos dadas pela rua, debaixo de um céu estrelado e da lua cheia. Você ria de alguma piada que havia inventado. Te xinguei pela canalhice dita. Você me pegou pela cintura, me rodou no meio da rua, me chamou de fresca-mimada. Um casal nos xingou porque atrapalhamos a passagem deles. A gente riu, você me deixou em suspenso e me beijou. Eu ainda podia ouvir os resmungos do casal. Você sussurrou que aquela mulher era muito ranzinza e eu respondi *com um homem daqueles, você viu?* Você me chamou de bandida, enquanto aquela sua gargalhada gostosa ganhava a rua.

Viramos a esquina.

Tudo muito rápido. Tudo muito escuro. Tudo muito assustador. Discussão. Nervoso. Meu grito. Seu grito. Um tiro. *Nossos gritos.*

Desespero. Agonia. Dor.

Um grito histérico cortou meu corpo inteiro ao mesmo tempo em que abria os olhos. Meu coração batia descompassado. O peito ficou ofegante e eu tremia de medo.

Acordei.

O choro irrompeu meu peito e finquei as unhas no meu braço, tentando me proteger. Minha mãe entrou de uma vez no quarto. Desde que tudo aconteceu, esse era, de longe, meu choro mais cortante. Todos estes vinte

dias evitei ao máximo que a cena me alcançasse, como se fugisse desesperadamente de algo que sabia que iria me pegar. Na próxima esquina. Na próxima estação. No ponto de ônibus. Numa noite quente. No começo da semana. *Na única vez que sonhei com você.*

A cena foi mais rápida, mais ligeira, pulou o muro e me pegou no meio do caminho. Desprevenida. Despreparada. E me abraçou, me apertou, me sufocou.

Minha mãe me pegou no colo, me ninou enquanto meu choro se transformava em convulsões doentias de soluço. E de dor.

A vassoura do andar de baixo voltou a sua principal atividade.

Chorei mais, me agarrando a minha mãe. Querendo mesmo era me agarrar a você.

Dia 21

O despertador tocou e eu o ignorei. Tudo o que queria era ficar na minha cama, com as cortinas fechadas. Mas, antes que pudesse jogar o maldito relógio no chão, minha mãe me mandou levantar. *Não pode ficar o dia todo na cama, precisa manter o trabalho, precisa pagar as contas do fim do mês, anda, anda. Não pode ficar aí.*

Bufei. Você foi embora, mas deixou uma seguidora cega de sua chatice.

Levantei. Tomei café. Escovei os dentes. Não tomei banho. Você era o responsável, eu era a mimada infantil que você ajudou a crescer. Mas você foi embora. E eu poderia voltar a ser a criança que sempre fui. Peguei minha bolsa e minhas chaves. Aceitei o beijo da minha mãe. Saí do nosso apartamento, chamei o elevador, desci, acenei com a cabeça em silêncio pro porteiro. Chamei um táxi pra ir pro trabalho.

Cheguei atrasada, como quase sempre. Podia sentir o olhar da psicóloga me observando de algum lugar desse escritório. Não procurei pela olhada. Ao invés disso, sentei na minha mesa. Meus olhos recaíram sobre a nossa foto. A foto que tiramos naquela praia, no fim de noite. Comigo descabelada. Com você sem gravata. A gente rindo, tão felizes e apaixonados, sem saber o futuro que teríamos pela frente.

Você salvou minha noite e talvez toda a minha vida naquele dia no bar. E você sempre agiu como se soubesse disso. Era um convencido arrogante que sempre se deu muito valor.

O único problema era que você era certinho e responsável demais pro meu gosto. Homens de ternos eram lindos – no escritório, numa reunião, numa festa de gala. Não numa praia, não pisando na areia. Não na minha vida. Eu gostava era de um cabelo bagunçado, de uma bermuda surrada, de chinelo de dedos, de arranhões pelo braço. *Solta essa gravata. Tira esse sapato. Dá uma bagunçada neste cabelo. Olha só para este cenário. E você pagando de executivo debaixo desse céu estrelado?* Você riu, passou a mão pelos cabelos sem desalinhá-los. *Odeio areia no pé. Odeio gravata torta. Odeio cabelo bagunçado.*

Desisto de você.

Desiste não. Me segurou pela cintura. Firme. Forte. Decidido. O vento bateu e bagunçou meus cabelos. Eu ri. *Você deve estar me achando linda com os cabelos assim, então.* Você respondeu que eu ficava linda de qualquer jeito. Eu corei. Você riu. Tentou me beijar. Mas corri pro mar, antes que você conseguisse. *De roupa e tudo?* Você gritou. *Vem logo. Não me faça desistir de você.*

A água fria. A noite quente. A lua cheia. E você lá, de terno e sapato na areia. Que desperdício. Seu terno era caro. A gravata era de seda. *Tá maluca, parece criança, vai adoecer, sai daí.*

Vamos logo. Não foi você que disse que algumas coisas valem à pena? Venha aqui e prove. É a sua chance.

Coitado de você. Não sabia onde estava entrando ao abandonar o paletó, a gravata, o sapato e aquele cara todo certinho na areia e entrar naquela água fria de ondas que pegam de surpresa. Não sabia que estava abandonando toda sua rotina decidida numa agenda qualquer para entrar na vida de caos e confusão que eu adorava levar.

Passei os dedos pela foto e deixei meus olhos lacrimejarem. Não chorei. Não sentindo os olhos de uma psicóloga a espera que eu pisasse em falso para me internar na primeira clínica que aparecesse.

Não estava louca.

Ou talvez estivesse.

Louca de saudade do seu sorriso. Da sua meticulosidade. Da sua ordem agonizante. Da sua rotina. Da sua responsabilidade. Até das suas manias irritantes. Louca de saudade do seu amor, que era só meu, e que se perdeu no espaço. Louca sem saber o que faço com o meu amor, que ficou aqui, em mim, e ainda era seu.

Louca de medo de não conseguir sobreviver ou seguir em frente, sem você.

Dia 22

Mudava de canal sem ver nada de interessante na televisão. Mal conseguia me concentrar por mais de cinco minutos, ainda assim preferia me ocupar com um controle na mão. Então percebi que seu time estava entrando em campo. Alguns torcedores soltavam foguetes pela cidade.

Você não me deixaria assistir, se estivesse aqui. Dizia que eu era a zebra do jogo, sempre que eu via seu time perdia. Logo eu, que torcia fervorosamente para que ele ganhasse toda vez, por causa do seu humor. Mas, como você não estava aqui, deixei a TV ligada no canal do jogo, em uma homenagem singela a você.

Eu não entendia nada do que estava acontecendo e levei uns bons minutos para finalmente compreender qual cor de camisa pertencia a seu time. Mas fiquei tempo o bastante com você para saber que o foguetório, o estádio lotado e a emoção na voz dos comentaristas denotassem que era algo grande. Alguma dessas decisões que te faria atravessar a cidade, enfrentar uma fila enorme para comprar os ingressos e estar neste jogo gritando até ficar rouco ou perder a voz de vez. Você amava seu time. Talvez o tanto quanto me amava. Embora, vez ou outra, eu pensasse que você o preferia.

Me levantei e coloquei o café na sua caneca com o símbolo do seu time. Repetindo o seu velho ritual. Voltei para sala e sentei no sofá, encarando a TV. Quando saiu o primeiro gol, dei um soco no ar que teria feito você sorrir ao meu lado. Seu time foi a única coisa que você amava que restou intacta depois que você se foi.

Minha mãe saiu do quarto e perguntou o que estava acontecendo que a cidade parecia insana. Apontei a TV e falei que era alguma coisa importante no futebol. *O quê?* Ela perguntou. *Não faço ideia.*

Os noventa minutos correram sem seus gritos, seus socos, seus xingamentos em nossa sala que me deixavam tão irritada. Eu apenas olhava para a TV e tentava entender a sua grande paixão. Mas eu sabia que nunca entenderia. Quando o jogo acabou, não era preciso que o comentarista avisasse o vencedor: os fogos, as buzinas, os gritos dos vizinhos na janela denunciaram que seu time era campeão.

Sem forças para ir para o quarto, fiquei na sala, os olhos fechados, com as duas mãos no ouvido para tentar minimizar o barulho dos torcedores. Pela casa, minha mãe resmungou que essa cidade era maluca. Eu só pensava em você e no que teria feito se estivesse aqui.

Você teria ido ao estádio? Ou teria preferido ficar aqui, assistindo de casa, roendo as unhas com uma garrafa de cerveja para tentar se acalmar? E depois do jogo, você me daria um beijo estralado, pegaria as chaves, sairia por nossa porta para alguma carreata idiota? Me deixaria apreensiva esperando você voltar, como em todas as vezes que seu time ganhava alguma coisa? Eu não dormiria até que você voltasse e visse que estava bem. E você só voltaria muito tarde, sem tempo para dormir.

Me encolhi no sofá. Era ridículo tentar dormir. Os fogos só acabariam no meio da madrugada. A cidade estava dividida entre os fanáticos felizes com alguma conquista importante, e aqueles que precisavam dormir para ir trabalhar e odiavam o seu time.

Eu não odiava seu time.

Naquele momento, odiava você. Se tivesse sido mais forte, se tivesse resistido, se tivesse sobrevivido, estaria gritando um “CAMPEÃO” entalado na garganta.

Bem feito.

Você não estava aqui para comemorar um título importante.

E a culpa era sua.

No escuro do meu quarto, senti falta dos seus toques, do seu corpo sobre ou abaixo do meu, daquela sensação de preenchimento total, de chegar a um clímax abraçada a você. Senti falta do seu olhar de desejo. E do meu próprio desejo que crescia toda vez que te olhava e pensava o quanto você era bonito e o quanto eu adorava que fosse meu.

Sentia falta de você. Mais do que apenas do seu amor ou das nossas mãos dadas ou do seu sorriso, mas dos gemidos, dos sussurros, da bagunça que a gente fazia sobre o lençol. Era a primeira vez em todos esses dias que essa falta sufocou a falta que sentia do seu amor. Hoje senti falta de você de um jeito carnal, insano, louco. Senti falta de seu amor físico e de como você me fazia me sentir mulher.

Imaginar você e seus toques não bastava. A imaginação, perto do que a gente era, era sem graça. A necessidade que sentia era aguda e surreal, como a necessidade que senti de você momentos antes da nossa primeira vez, tantos anos atrás.

Não houve romance, a calma, o amor da primeira vez de um casal apaixonado. Só o desejo e o irresistível medo de sermos pegos com a adrenalina correndo nas veias cegando toda nossa consciência. A nossa primeira vez foi no banheiro da casa de seus pais, numa casa lotada de convidados para comemorar seu aniversário

Depois de tentar me livrar de você pela milésima vez num café perto do seu trabalho – eu ainda não aceitava que estava me apaixonando por alguém como você – e de você ter aceitado, frio, pela primeira vez sem tentar me persuadir, você me convidou para ir a sua casa para comemorar seu aniversário mesmo assim – *afinal, disse você, apesar de você não me querer na sua vida, depois de todo esse tempo, podemos nos considerar amigos, não é?*

Você estava amargo e frio e isso me doeu de um jeito que nem sabia que poderia doer. *Tudo bem, eu vou.* Você não sorriu. Apenas assentiu. *Te pego as sete. Não se atrase. Preciso ir. Tchau.*

Coloquei meu melhor vestido. Fiz minha melhor maquiagem. Meu salto mais alto. Fui ao ataque. Você mal me olhou quando chegou a minha casa. Eu queria te matar. Era só um engravatado idiota de sorriso bonito.

Me levou na festa e mal ficou ao meu lado. Péssimo anfitrião. Já não bastava eu estar na casa de sua mãe, ainda tinha de aguentar sua falta de educação. Fiquei te olhando de longe, armando um plano, qualquer plano, para te fazer voltar a me olhar como antes.

Te perguntei onde era o banheiro. Você me explicou. Fiz minha cara mais tímida e pedi para que você me levasse até lá. Afinal, era a casa de sua mãe. Você quase sorriu. Me levou até lá e acendeu a luz. Não teve tempo para mais nada. Eu te agarrei. Você não teve escolhas nem saída. Mas também não resistiu muito, então não pôde me culpar. Murmurou que eu estava maluca, era a casa de seus pais. Respondi que era seu presente de aniversário.

Você me fez sua ali na parede do banheiro da casa de seus pais, no meio de sua festa de aniversário. Você me mostrou que eu já era sua, por mais que negasse. Deu um sorriso safado quando me levou ao clímax logo na primeira vez. Eu disse para você disfarçar aquela cara de satisfeito se não desconfiariam. Não disfarçou. E eu morri de vergonha porque todos souberam o que havia acontecido – inclusive seus pais – só por sua cara. Principalmente porque depois você não se desgrudou de mim e ficou me agarrando o tempo todo, por toda parte.

Sua frieza, explicou mais tarde em minha cama, era apenas uma última tentativa de me fazer render. Arrematou com um sorriso convencido, o sorriso que eu amava, dizendo que conseguiu. Eu te odiei tanto quanto te amei, e a gente sempre soube. E você me fez sua de novo, em meio a confusão de sentimento que me afluía o corpo todo e que me dominaria por todo nosso relacionamento

Ninguém me fez tão mulher como você porque ninguém me amou como você. E eu sabia que a partir desse momento que a falta de você carnal me alcançou, as duas saudades me acompanhariam pelo resto da vida e eu teria que aprender a conviver com isso. Ou sucumbiria.

Dia 24

Você apareceu no meio da noite, andando naquela rua escura. Dessa vez, não estava ao seu lado, via toda a cena de fora, você indo de encontro com a morte. *Só quero aproveitar essa noite linda*, você diz e meu peito se apertou. Você virou a esquina e deu de cara com uma arma apontada para o seu peito.

Podia ver seus olhos arregalados pelo susto daqui, de onde observava. O susto que não vi quando estava ao seu lado. E então o disparo de milésimos de segundo que mudou tudo. Sua boca se abriu e fechou no mesmo momento em que você caiu ao chão. O autor do disparo correu sem olhar para trás. Eu fico ali, te olhando, sem fazer nada. Até que o último brilho do seu olhar se apagou.

Dei um berro e joguei meu corpo para fora da cama, enquanto a ânsia de vômito me atravessava antes que pudesse me controlar. Vomito ali, no chão do nosso quarto.

Eu queria tanto ter feito alguma coisa naquele dia, qualquer coisa. Eu queria ter sido capaz de ter pensado rápido em vez de ficar ali, parada, apavorada, sem ação. Era você quem pensava e agia rápido, era parte do seu comportamento estar sempre um passo à frente das pessoas. Era completamente irônico que, quando mais precisou, não conseguiu ser rápido o suficiente para se salvar.

Para *nos* salvar.

Minha mãe entrou no quarto e, pelo canto do olho, a vi erguer a sobancelha. Meu estômago dava voltas. Toda aquela cena, vista de fora, me enojava e eu não conseguia parar de vomitar.

Não bastava ter te perdido, ainda tinha que reviver de todos os ângulos, com todas as luzes, de todos os jeitos. Eu queria esquecer. Eu queria esquecer seus olhos perdendo a cor. Esquecer o que era segurar você em meus braços pela última vez e ver serem abortados todos os nossos sonhos, nossos planos, nossa vida feliz.

Eu queria esquecer que um dia te conheci, me casei com você. Se nunca tivesse tido você, eu nunca precisaria sofrer por ter te perdido. Maldita hora que aceitei aquela sua bebida no bar. Maldita hora que disse “sim” a você – naquela noite e em todas as outras que se seguiram em nossa vida.

Foi só quando não tinha mais nada para vomitar, quando a ânsia era apenas de algo que enjoava a alma e não o corpo, que consegui chorar, ainda com metade do corpo para fora da cama. Minha mãe me deu um copo de água e um calmante. E, enquanto ela limpava o chão do nosso quarto, mergulhei num sono profundo sem sonhos ou pesadelos.

E sem você.

Dia 25

Abri a porta para seu pai e tive que recuar dois passos com o soco no estômago que recebi ao encará-lo. Quanto mais o olhava mais te via nele. Acho que ele também te via muito em mim, porque nenhum de nós dois conseguimos ficar muito tempo olhando o outro.

Ele ficou parado na porta, olhando os cantos da casa. Sei o que ele pensou. Eu pensava a mesma coisa todos os dias, depois do trabalho. A casa ficava vazia demais com sua ausência. Era como se faltasse a alma do lar. Como sua alma faltava em mim. Casas sem alma não se mantêm em pé por muito tempo. Não sabia se me manteria em pé por muitos dias. Seu pai tinha um olhar vago, uma dor disfarçada num vazio que doía fundo em mim. A dor de não ter mais o filho, o melhor amigo, ali.

Então, depois de se sentar no sofá, disse que estava preocupado comigo. Fiquei confusa. Ele se explicou. Disse que sonhou com você, não uma, mas várias vezes, pedindo para que cuidasse de mim. No sonho, você havia dito que estava com medo de que eu fizesse alguma loucura.

Perguntei como eram os sonhos. Ele perguntou se eu não sonhava com você. Disse que estava vivendo a base de calmantes e quando recusava só tinha pesadelos daquele dia horrível. Ele assentiu. Disse que eram sonhos claros e vivos, mais intensos que os outros. Que vinha sonhando quase todos os dias, que você parecia bem, mas aflito com o meu estado.

Tudo o que mais queria era sonhar com você. Estava apavorada com a ideia de esquecer os seus olhares, perder sua voz e nunca mais me lembrar de como amava seu sorriso. Mas você nunca aparecia para mim. Estava me punindo. Eu só não conseguia entender. Se estava com raiva de mim por que estava com tanto medo de que eu fizesse uma loucura?

Dia 26

O sol que atravessou a nossa janela naquele domingo me fez sentir ódio da vida. Puxei a cortina com força, quase arrancando as argolas do trilho. A vida que me tirou você parecia não se importar com minha dor, minha tristeza, a minha vontade de só enfrentar dias frios e cinzas. Eu me recusava a ver dias bonitos. Minha mãe me pediu para que eu saísse um pouco da cama. Ao

invés disso, brinquei com o colar, seu último presente, que havia pendurado no porta-retratos que guardava a foto do nosso casamento.

Seus olhos brilhando dentro de um terno e gravata. O modo como você me sorria. O jeito com que me apertava pela cintura, que se eu fechasse os olhos ainda poderia sentir aqui, hoje, agora. Doía. Queria ter tido mais tempo de conviver com você, mais tempo para decorar seu sorriso descarado ganhando seu rosto hexagonal e todas as sensações que só seu abrir dos dentes brancos me causava. O seu queixo quadrado em meu rosto e aquela sua covinha na bochecha que te fazia ter uma cara de menino safado que me deixava louca. O modo como você gargalhava, jogando a cabeça para trás, o som ganhando todo o lugar e o jeito com que seus olhos se apertavam formando ruguinhas em volta. O jeito como seus cachos caíam rebeldes quando seu cabelo ficava maior do que você gostava e como você tirava a gravata ao abrir a nossa porta, abandonando o empresário responsável que era para ser o homem que eu amava.

Mas a culpa por não termos tido tanto tempo era minha. Fui eu que resisti tanto a você e tornei a nossa história menor do que ela seria. Eu te dei tantos nãoos que não sabia como você não desistiu de buscar um sim.

Na praia, você foi embora dois dias depois e eu achei que havia me livrado de ti. Você pediu meu número e eu, crente que você era mais um daqueles que pedem o número da mulher por educação e o joga no próximo lixo que encontrar, dei. Mas você não era um desses homens. Você guardou o número na sua carteira ridiculamente cara e eu me arrependi no segundo seguinte. Torci para que nunca me ligasse. Ninguém nunca havia me ligado no dia seguinte.

Você ligou.

Te deixei falando com a secretária eletrônica pela semana toda acreditando que sua agenda cheia de empresário bem-sucedido te faria perder o número em algum terno que mandasse lavar. Não deu certo. Depois de sete dias, entendi que você só desistiria depois que eu atendesse.

Fui bem grossa e bati o telefone. Sorri satisfeita comigo mesma. Você nunca mais me ligaria.

Ilusão.

Você me ligou dois minutos depois, com a voz um tom mais alto, deixando claro que não suportava grosseria via telefone, só aceitava se eu dissesse tudo aquilo na sua cara, no dia seguinte, num café da manhã numa padaria.

Café da manhã. Na padaria. *Onde eu havia me metido?*

Larguei o colar no mesmo lugar, fechei os olhos e me encolhi na cama.. Como fui burra de ter dito não tantas vezes, me privando de ser feliz. Que falta me fazia o tempo perdido agora que você não era mais meu.

Dia 27

O despertador tocou e eu levei susto. Ia demorar para que me acostumassem com essa nova rotina, com um toque estridente e chato no lugar dos seus beijos. Era segunda-feira. Eu não queria levantar da cama. Dei um soco naquele despertador horrível. Ele caiu. Ao cair, derrubou o livro.

Você adorava ler. Eu adorava reparar em você lendo.

Você ficava sexy quando estava concentrado em alguma coisa, uma ruguinha se formava entre suas sobrancelhas grossas. Vezenquando cerrava os olhos, o que me fazia te xingar para procurar um oftalmologista. *Óculos, eu? Sem chance.* E voltava a ler.

Mas nunca te disse isso, que você ficava sexy lendo. Nunca te disse muita coisa esperando uma ocasião especial. Ocasião que nunca chegou, porque sua vida foi interrompida por uma má sorte, uma rua errada, um acaso injusto e um destino cruel.

Me abaixei e peguei o livro às pressas, antes que você aparecesse pela porta e me xingasse pelo meu descaso com esse monte de página. Só quando coloquei o livro de volta no criado-mudo, no lugar em que você havia deixado, percebi que você nunca mais me xingaria por derrubar suas coisas com meu jeito estabanado. Doe.

Olhei aquela capa por um tempo, ignorando que estava me atrasando para o trabalho. O marcador que eu havia feito e te dado de presente – você adorava presentes simples e eu adorava desenhar – não estava nem no meio da história.

Eu odiava ler assim como você odiava deixar coisas inacabadas. Este era

apenas mais um de seus projetos que ficaram em suspenso. Uma prova de que você não estava pronto para morrer. Peguei o livro de novo na mão, avaliando as quatrocentas páginas.

Fiz menos por você do que você por mim. Você lutou, me segurou quando eu queria desistir. A única coisa que fiz foi dificultar nosso amor de acontecer. Você nunca reclamou ou questionou meu jeito de amar, mas eu sabia que não havia te amado como merecia.

Você não teve tempo para terminar.

Eu terminaria por você.

Não só porque você detestava coisas interrompidas, mas porque essa era uma das coisas suas que ainda permanecia viva em nossa casa. Como se, nas páginas que você não leu, tivesse um pouquinho de você ainda vivo que faria um pouquinho de mim um pouco feliz.

Dia 28

A polícia me ligou e disse que talvez acharam o suspeito da sua morte. Meu coração apertou e a garganta fechou. No fundo, eu estava desejando que você fosse mais um desses casos que passam anos em aberto, sem provas ou culpados para conseguir achar. Não que eu ache que o culpado tivesse que sair impune. Eu só não queria ter de ser punida também.

Já estava carregando a minha sentença, pesada e sem nenhuma chance de recursos. Estava sem você. Eu não queria ter que fazer isso porque não queria ser forte. Eu queria ser para sempre a menina frágil feito porcelana que você sempre tentou proteger. Era você quem segurava as pontas pesadas que a vida nos impusesse a aguentar. Não eu. E ser forte significava deixar de ser a menina ingênua que você amou.

Se eu crescesse, se me tornasse finalmente uma mulher, tinha medo de, além de ter te perdido, também perdesse todo seu amor.

Do outro lado da linha, o policial perguntou se eu poderia ir a delegacia para o reconhecimento. Disse que já estava indo, avisei meu chefe e saí do trabalho. Ao entrar, a primeira coisa que vi foram seus pais, abraçados no canto do corredor.

Eu era a única ali que poderia reconhecer o assassino e eles eram os únicos

que queriam justiça. Sua mãe me ignorou. Seu pai me deu um abraço e mais uma vez fui golpeada por aquilo que me seguiria pelo resto da vida: vocês eram parecidos demais para que não me doesse.

Minutos agonizantes aqueles, esperando que o delegado viesse até a mim e me levasse até o suspeito. O silêncio reinava e as respirações eram pesadas. Queria ir embora e me encolher na nossa cama, mas de alguma forma era forçada a ficar. Você merecia aquilo. Você merecia ser vingado.

Eu só gostaria de saber quem me vingaria da injustiça de ter perdido você.

O delegado me deu boa tarde e pediu para acompanhá-lo. *Não precisa se preocupar*, ele disse, *ele não vai saber que está sendo observado do lado que está*. Enquanto atravessava o corredor, pensei que nada disso teria acontecido se tivéssemos ficado em casa naquela segunda-feira, como eu queria. Eu odiava segundas. Eu odiava que nosso aniversário de namoro tivesse caído justamente nela.

Queria ficar em casa, vendo um filme com você. Você estava feliz, animado e elétrico, havia conseguido uma reserva num restaurante chique que sempre quis me levar e não abria mão desse jantar para vermos um filme que tínhamos o resto da vida para vermos. Queria me contar alguma coisa, algum novo projeto que estava se dedicando. Gritei que sempre tinha de ser do seu jeito e que depois eu era a mimada. Brigamos. Uma briga completamente sem sentido que acabou na nossa cama.

Tivemos transas esplêndidas, mas nenhuma foi como aquela. E isso me convenceu a sair de casa e resolver retribuir o presente que você me dera.

Mal sabíamos nós o que estava nos esperando na esquina. Mal sabia você que estava indo para o último jantar de sua vida. Mal sabia eu que eram os últimos minutos ao seu lado.

O delegado e eu paramos em frente a um vidro e lá estava o suspeito, com todas as características que eu havia dado no hospital. Um arrepio subiu pela minha coluna quando focalizei o olhar no responsável por aquele tiro. Era só um menino. Um adolescente. Que tinha toda uma vida pela frente e se perdeu. Meu coração se apertou. A sensação de colocar uma criança atrás das grades era horrível.

A voz do delegado soou distante. Não havia dúvidas. Nunca me

esqueceria do rosto daquele que te arrancou de mim. Mas, por incrível que parecesse, não tinha raiva dele.

Ali, naquele momento, só conseguia odiar a nós dois.

Você por ter insistido a sair de casa.

E eu por ser a culpada de sua morte.

Dia 29

Eu odiava você.

Foi por culpa sua. Foi você quem quis sair de casa naquele dia. Foi você quem quis andar depois do jantar. E você quem virou naquela rua que nem era nosso caminho. Se você tivesse me ouvido, teríamos ficado em casa e pedido uma comida japonesa que a gente adorava, tirado aquele vinho que você ganhou no seu aniversário e guardado no armário para uma ocasião especial, deixaria a casa à luz de velas e sido só nós, você e eu. E nosso amor.

A gente ia rir e se amar e talvez pouco tocássemos na comida, porque estaríamos mais preocupados em nos tocar e nos beijar do que em comer os peixes crus em nossos pratos. Eu ia dizer que você estava me desconcentrando a usar os malditos pauzinhos e você ria aquele riso que eu adorava e que preenchia os quatro cantos de nossa casa, alma de nosso lar, a mesma risada que por vezes me tirava do sério e me fazia querer te esganar, dependendo do tom que você usava.

Olhei para a sua foto – nossa foto de casamento na cabeceira da cama – e trinquei o maxilar. Se você tivesse levado a sério minha angústia naquela segunda e ficado em casa, eu não estaria aqui morrendo de medo de te esquecer, morrendo de saudade.

A culpa era sua.

E eu te odiava naquele momento.

Dia 30

No primeiro mês da sua morte, liguei para o trabalho e disse que não iria, porque estava passando mal. Rastejei-me pela casa, encolhida em silêncio, em sofrimento. Minha mãe perguntou se eu estava bem. Não respondi. Voltei pro quarto e fiquei brincando com o colar com a primeira letra do nosso

nome pendurado, em pequenos diamantes, que estava sobre o nosso retrato. O seu último presente pra mim. A prova de que todo aquele dia horrível realmente existiu e que nunca vou acordar desse sonho ruim.

Deixei uma lágrima cair pelo rosto, em silêncio. Todos esses dias, vinha fugindo das lembranças daquela noite, do que houve, de como te perdi. Hoje, no entanto, era impossível. A cena me alcançou, me encurralou, me prendeu. E não tive outra escolha senão encará-la de volta.

Andávamos pela rua depois de um jantar maravilhoso, o colar no meu pescoço, você rindo porque eu havia te xingado pela sua piada babaca. Você me rodou. O casal reclamou. A gente riu mais. Você me beijou. Eu apontei a lua. Estava linda. Você disse que não tão linda quanto eu. Eu ri. *Como você é brega.* Você mordeu minha bochecha. Eu mordi seu queixo. Você me beijou. Queria chegar em casa logo e a gente sabia. Viramos a esquina para dar volta ao quarteirão e chegar ao carro. Eu ainda te olhava e você estava no meio da sua gargalhada mais gostosa. *Como eu o amo cada dia mais,* pensei.

Pausa.

Não vi quando o adolescente se aproximou até que ele gritou para pararmos. *É um assalto,* a voz dele tremeu e eu tremi também, me encolhendo ao seu lado. O colar, era o que queria. Tentei tirar e passar logo para ele, mas você não deixou. Não tive tempo de brigar que a vida era mais importante que uma droga de presente. O garoto apontou a arma para mim. Eu gritei. Ele gritou. Você gritou. *Passa a . Ela não. Me deixa dar essa merda de . Passa logo. Ou eu atiro.* Chorei. O garoto ficou nervoso. Tremeu. Apertou o gatilho. Você gritou. Me empurrou. Eu gritei.

Um tiro ensurdecedor.

Um silêncio agonizante.

O garoto, apavorado, correu. Tentei te segurar, mas caímos no chão da rua. Foi aí que vi. Sangue em sua blusa. Desespero em meu rosto. Minhas lágrimas. Você me olhou. Nunca tão intenso quanto naquele instante. Nunca tão doído. Você murmurou que me amava. Que não era para me esquecer disso; que ninguém nunca me amaria como você, que ninguém seria tão louco por mim. Eu disse que era para parar de besteira enquanto ligava para emergência. Você não era nem louco de me abandonar. Eu não era nada sem

você. Você deu meu sorriso lindo. Meu sorriso mais lindo. Me mandou te olhar. Te olhei. Perguntei se estava doendo. Você disse que não. A gente sabia que era mentira. Seu dedo indicador passou por toda extensão do meu rosto, lentamente. Fechei o olho com força. Você pediu para te olhar. Sua voz falhava. Pus a mão sobre a sua no meu rosto, tentando te manter vivo até a ambulância chegar.

Ficamos nos olhando, apenas. Você me deu um sorriso torto. *Vai ficar tudo bem, bruxinha*, sua voz quase inaudível sussurrou, *não precisa chorar*. Mas eu não conseguia controlar as lágrimas. Seu dedo passou por baixo do meu olho e pegou uma lágrima que escorria. Sua mão caiu. Você fechou os olhos. Eu te apertei no peito, gritando em desespero. E só então a ambulância chegou.

Tarde demais para nós.

Dia 31

Na sala, com a TV ligada, sem prestar bem atenção ao que passava, minha mãe comentou sobre a programação. Pisquei, olhei para ela e depois para a TV. Então percebi que era um dos seus seriados preferidos. *Ele ia gostar desse episódio, não é?*, disse minha mãe, *até agora eu só vi sangue*.

Você era a descendência típica do homem das cavernas: quanto mais violência e sangue numa história, mais você gostava. O típico homem que dorme durante uma comédia romântica, meu gênero preferido. Por isso, tínhamos um acordo inquebrável desde que começamos a nos relacionar: para cada filme que você escolhesse eu tinha o direito de escolher um. Com o dever de vermos juntos. Você sempre acabava dormindo ou rindo de mim por ser uma chorona incurável. Eu sempre terminava agarrada ao seu pescoço, assustada demais para abrir os olhos depois da sessão tortura.

Olhando para a tela, no entanto, o que me assustava não era a história sem sentido dos zumbis, o sangue e a destruição. O que me apavorava era o fato de não ter mais o seu pescoço para me agarrar.

Murmurei com a garganta apertada que você ia mesmo adorar aquele episódio. Minha mãe sorriu. E então por reflexo sorri de volta. Não o sorriso que costumava dar antes, aquele sorriso aberto que eu tinha ao seu lado. Foi mais uma careta do que qualquer outra coisa. Eu já sabia que meu sorriso,

depois de tudo, nunca mais seria o mesmo.

Todos nós sempre seríamos tudo aquilo que a vida fez da gente. Uma soma de tristezas, alegrias, derrotas e vitórias. Ao seu lado, minha soma de coisas boas ofuscava as perdas. Ao seu lado eu era inteira, forte e feliz. E, ao seu lado, tinha a sensação de que nada poderia me derrubar. Sem você, no entanto, era apenas pequenos cacos tentando juntar-se para seguir em frente. Uma farsa ambulante de sorrisos amarelos tentando não desistir. E, por tudo isto, nunca mais teria o sorriso que eu tinha.

Ainda assim, ainda parecendo mais uma careta, o sorriso se congelou no meu rosto no momento em que percebi. O rosto doeu. Era a primeira vez que sorria depois de tantos dias e isto não passou despercebido. A culpa chegou.

Encolhi-me no sofá chorando de dor, desesperada de culpa. E minha mãe perguntou o que estava acontecendo. Não disse nada do que estava pensando. Mas era certo isso? Era certo eu continuar a vida, sorrindo e vivendo, enquanto você teve todos os seus planos e sonhos e sorrisos enterrados com você? Era certo sorrir mesmo ainda doendo tanto? Mesmo que sua falta ainda me tirasse o ar e me deixasse zonzá? Eu poderia sorrir ainda chorando por sua morte? Eu podia me permitir sorrir mesmo *depois* de sua morte?

Dia 32

Perdi o sono no meio da noite e decidi pegar o livro que você deixou pela metade. Dei um suspiro. Livros sempre me davam sono. Eu era agitada demais para ficar muito tempo parada.

Era. No passado. Vinha ficando tão parada, com medo de fazer movimentos bruscos, com medo de me quebrar, que estava irreconhecível. Casca sem alma perambulando pelas ruas. Corpo sem vida fingindo seguir em frente.

Comecei do primeiro capítulo. E, enquanto avançava lentamente e as horas passavam, percebi que o livro estava todo marcado e grifado em frases ao acaso. Você tinha muito ciúme desses livros – quase como tinha ciúme de mim – porque você amava-os – quase tanto quanto amava seu time. Ainda assim, você os grifava.

Não conseguia entender.

E me doía não conseguir entender porque não poderia perguntar a você. E me odiava por eu não ter tido curiosidade de sequer folhear seus livros, uma de suas maiores paixões, porque eu não gostava. E agora era tarde demais para mudar isso, tarde demais para conhecer boa parte do seu mundo que nunca entrei porque achava que dizia da sua individualidade e não me cabia ali dentro. Agora nunca mais entenderia o significado dessas frases na sua vida.

Eu odiava você.

Dia 33

Havia dias que eu acordava na revolta. Na maior parte deles eu era apenas levada pela maré, sem fazer nada, carregada pelo marasmo, correnteza abaixo, no tédio infinito que era minha vida sem você. Numa apatia tão profunda que nem conseguia reclamar do caminho por qual passava. Gastava toda a pouca energia tentando conviver com minha dor, que não diminuía. Os dias se arrastavam e me levavam para mais longe de você – o que só piorava a dor.

Mas em alguns dias a revolta me tomava inteira, tirando-me o ar, arrancando-me do prumo que ainda tentava manter.

Gostava quando isso acontecia. A revolta me tirava da rotina. Da calmaria que nunca gostei. Era você quem gostava da ordem. Eu precisava da bagunça para me sentir viva. A revolta, de certo modo, fazia meu coração bater, o sangue circular, o eixo voltar ao normal por alguns minutos.

Odiava ter te conhecido, ter te deixado entrar em minha vida e ter sido mais do que um romance praiano. Se eu tivesse apenas trocado alguns beijos com você, sua morte seria só mais uma banalidade da vida. Não me doeria. Talvez até fosse ao seu enterro, dado os pêsames à sua família. Mas seria só isso. Eu comentaria que você tinha uma vida pela frente, era forte, bonito e que tinha sido uma pena. Minha vida continuaria a mesma.

Mas você foi muito mais do que um caso, muito mais do que um romance que se comprava em uma banca qualquer. Você foi o homem de minha vida, meu grande amor, a razão da minha felicidade. Assim, não podia só levantar a cabeça e seguir em frente. E, por tudo isso, me doía tanto. Doía ter te amado com todas as minhas forças a ponto de, ao perder você, não ter forças para ir

em frente; porque, apesar de você ter sido arrancado dos meus braços e ido embora, o amor ficou, intacto e doentio, dentro de mim.

Dia 34

Pior do que uma segunda-feira só acordar passando mal na segunda.

Estava vomitando mais do que talvez na minha vida inteira. Era a quarta ou quinta vez desde que você se foi. Como se meu corpo estivesse se desintoxicando do efeito devastador que você tinha sobre mim. A sensação que eu tinha era que a cada vez que vomitava estava expulsando uma parte pequena de você.

Doía.

Doía tanto quanto ter te perdido. Você era a minha melhor parte. Por isso, toda vez que vomitava, chorava. Alto, forte, gritando ao mundo a dor que o mundo não queria ouvir.

O mundo continuava girando. Os dias nasciam, as noites chegavam. As semanas começavam e terminavam. Tudo estava absolutamente igual, sem você. Pouco a pouco, todas as pessoas que viveram ao seu lado retomavam sua vida, dia após dia, fazendo as mesmas coisas de antes, rindo como antes. A vida continuava. Pior: *a vida obrigava a continuar*. A cada dia que eu era obrigada a viver era mais um a me afastar do seu amor. Toda vez que eu abria os olhos e era obrigada a ir lá fora fingir que ainda vivia era mais um passo que me afastava de você.

A dor não diminuía. Nem a saudade. Nem o amor. Mas a vida – cruel e injusta – não esperava que eu juntasse meus cacos e superasse; me empurrava morro a baixo, sem me deixar olhar para trás, e te beijar uma última vez. Tinha muito medo do dia que acordaria, voltaria a minha rotina e não me lembraria um minuto sequer dos seus sorrisos, do nosso amor, de como era a minha vida ao seu lado.

Não sabia se isto era possível. De um dia levantar e nem mesmo lembrar seu nome e o bem que você me fez. Se fosse, eu não seria mais obrigada a conviver com essa dor insuportável de não ver você. Mas para isso eu teria que esquecer toda a história maravilhosa que tivemos.

E eu preferia morrer a me esquecer, a te esquecer. A nos esquecer. E toda

vez que eu passava mal era como se estivesse chegando mais perto disso: expulsando de mim mais uma parte que pertencia a você, até não me sobrar mais nada que me lembrasse a nossa história.

Dia 35

O telefone tocou hoje.

Era aquele seu amigo de infância, o mesmo da missa de sétimo dia. Que estava sempre aqui em casa, principalmente em dia de jogo. Vocês torciam para times rivais e era enlouquecedor vê-los brigando na frente da televisão. Eu gostava muito dele. Ele gostava muito de mim. E você detestava isso; sempre que resolvia dar um ataque de ciúme colocava o seu amigo nos seus delírios no meio da noite. O pobre nem desconfiava. Nem desconfiava que quase sempre ele fosse a razão de nossas briguinhas bobas e de risos e provocações noturnas.

Ele queria saber como eu estava. Devia ser difícil para ele também, se conheciam a vida toda, viveram as melhores histórias de solteiros juntos, se encontravam para tomar uma cerveja pelo menos uma vez por semana. Disse que estava indo. Indo era minha resposta preferida. Indo, para algum lugar sem você, para algum lugar escuro, que não conhecia. *Indo*. Sem querer.

Ficamos em silêncio por mais tempo do que falamos. E falamos sobre qualquer coisa que não fosse você. Pedi desculpas por não ter agradecido a ligação que ele provavelmente fez nos primeiros dias. Ele disse que tudo bem, entendia.

Era difícil explicar a sensação que tinha depois da conversa, um conforto egoísta no coração de que eu não estava sozinha nesse caminho sem você.

Dia 36

Sua mãe esteve aqui hoje. Ou melhor, invadiu, porque ela nunca pedia licença. Ela achava que por ser sua casa, tinha todo direito de entrar e fazer o que bem entendesse.

Todas as nossas brigas sérias tinha dedo de sua mãe – literalmente, ela adorava tirar coisas do lugar e rearranjar do jeito dela. Então não me espantei quando cheguei em casa e a vi trocando os enfeites de lugar. Embora, é claro, tenha me enfurecido. Provavelmente, ficado vermelha de ódio, do jeito que

você adorava me ver.

O que está fazendo aqui? Larga. Deixa as coisas onde estavam.

Fica melhor desse jeito.

Fica melhor do jeito que meu marido deixou.

Silêncio.

Perguntei o que ela queria, porque certamente não era me ver. Se havia alguma coisa boa nessa história toda para ela era finalmente me tirar da sua nobre família.

Ela queria saber o que fiz com suas roupas. Pisquei, confusa. Como assim? *Precisamos doar. Muita gente não tem roupa. Não pode ficar guardando. Vamos juntar. Ande, ande. Você tem uma mala?* Disse tudo isso enquanto caminhava em direção ao nosso quarto.

Não deixei. Ela invadir nossa casa, o.k. Ela invadir nosso quarto, nem pensar. Aquele era nosso mundo, só nosso, não deixaria que ela fizesse o que bem entendesse e pegasse suas roupas e doasse para as pessoas como se fosse a casa dela, as roupas dela, o marido dela.

Impedi-a de abrir a porta do nosso quarto. Ela disse que eu tinha de me livrar de suas roupas, que não fazia bem a você. Disse que tinha de me livrar era dela. Brigamos, claro. Quando foi que conversamos sem que saísse uma briga? Disse que essa casa era minha, as roupas estavam no meu quarto, no meu guarda-roupa, portanto, pertenciam a mim. E ficariam lá, até quando eu quisesse. *Se não tem mais nada para fazer aqui, é melhor ir.* Ela disse que eu era mesmo uma burra que não sabia nada da vida. Nem respondi. Apontei a porta da rua e pedi que se era para ela vir me ofender poderia esquecer que eu existia.

Ela saiu, resmungando.

E juro que me perguntei, pela milésima vez, como você podia ser filho dela e como seu pai conseguia ser casado tanto tempo com uma mulher assim.

Dia 37

Chorei de novo hoje.

Não que eu não chorasse nos outros dias. Só não percebia, porque as lágrimas corriam tão livremente pela face que não me importava de limpá-las ou mesmo disfarçá-las. Foi diferente hoje. Foi diferente porque esse choro não tinha como não perceber.

Era agudo. Antes que ele chegasse à boca, corri para o banheiro numa tentativa inútil de abafar os soluços que cortavam como facas afiadas a garganta seca. Era difícil controlar a dor quando ela chegava sem pedir licença. Vinha em solavancos, enquanto eu, encolhida no chão do banheiro, tentava me proteger de um ataque que não diminuía.

Nessas horas tinha a certeza de que não aguentaria, de que estava lutando contra a maré, tentando fingir que a vida seguia e que eu apenas ia junto – sem forças para me segurar em alguma barragem, passando a maior parte do tempo me afogando de dor. Nunca conseguiria superar você.

A psicóloga veio conversar comigo. Lavei o rosto. Acalmei meu ataque. Voltei a fingir que estava tudo bem. Não dei ouvidos àquela mulher. Ela não sabia o que estava dizendo quando falava que já estava na hora de superar. Ela só falava aquilo porque não era ela quem havia perdido o amor de sua vida e era obrigada a dizer que estava bem mesmo com um coração esmagado no peito.

Não era exatamente culpa dela esse discurso. Sempre achei muito fácil dizer a alguém que a dor não deveria ser forte assim, que estava na hora de levantar a cabeça e parar de lamentar, que há pessoas que sofrem mais e choram menos.

Mas eu não queria saber de dores alheias, a minha era o suficiente para me cegar. E não me achava mais ou menos sofredora que ninguém, só queria ter o meu direito de sofrimento garantido e sem restrições.

Sem nenhuma vergonha de dizer que, sim, eu era fraca. E, sim, eu precisava do seu sorriso para ser feliz. E não esperava que as pessoas entendessem. Como poderiam? Só quem já perdeu um amor de verdade sabe a dor que é viver depois.

E aquela psicóloga era incapaz de saber o que era um amor de verdade. E não seria eu quem explicaria. A minha dor ainda era forte o suficiente para me impedir de articular frases coerentes e discutir um assunto sem cair no

pranto no meio da conversa.

Dia 38

Sonhei com você.

Queria conseguir pôr em palavras toda a beleza e o amor que havia, toda a verdade e sentimento, todo o encanto e a intensidade daquele momento. Eu queria ser boa com as palavras, como você era, só para descrever para você.

Pedi tanto. Chorei tanto. Até rezei tanto. Logo eu, *rezando*. Trinta e sete dias depois, você finalmente apareceu para mim.

Dormi chorando baixinho, abraçada ao travesseiro que coloquei seu perfume. Dormi de cansaço e sem calmante. Em algum momento da noite você me alcançou. A gente estava na praia. Tipo a de onde nos conhecemos. Talvez fosse. A água estava azul e gelada. Eu estava de branco, uma saia rodada, tipo aquele que você adorava. Você estava de bermuda, o cabelo bagunçado, do jeito que eu havia te moldado. Eu corria. Você corria atrás de mim. Nós ríamos. Sua risada gostosa ganhando a praia deserta. Risada que me arrepiava completamente até em sonho.

Você me rodou. A gente caiu. Você me protegeu da queda. Passou o dedo pelo meu rosto num carinho só seu. Aí me beijou. Não falou quase nada e o que falou não consegui me lembrar. Estava mais preocupado em me curtir, me beijar, me morder. Tudo o que precisávamos naquele momento não requeriam palavras; era apenas nosso amor e nossos olhares apaixonados.

Eu te agarrei forte quando senti que você tinha de ir. Você sorriu e me apertou forte também. Chorei. Você secou as lágrimas com cuidado, com carinho, com amor. E começou a se afastar. Gritei. Tentei te alcançar. Você era mais rápido.

Acordei.

Desesperada, gritando, agarrada ao travesseiro com seu cheiro: acordei.

Mas com um quase sorriso no rosto. Porque era a primeira vez, depois de tudo, que me senti abraçada por você. Com o seu calor. Com o seu amor. Com tudo que só seus braços me ofereceram.

Antes que a dor me assolasse, dormi com uma sensação de paz difícil de explicar. E com um sorriso no rosto que só você era capaz de me arrancar.

Dia 39

Briguei com minha mãe. Passei mal. Vomitei ali, no chão da nossa sala, bem em cima daquele tapete que levamos horas para decidir levar. Você queria um verde. Eu já não aguentava tanto verde em nossa casa. Compramos um vermelho pra sala.

Não foi exatamente nessa ordem que aconteceu tudo. Foi exatamente assim que me lembrei.

Eu já tinha ido trabalhar com um embrulho no estômago. Com um peso mesmo. Como se tivesse comido uma pedra e ela estivesse aqui, apodrecendo em mim. Não comi uma pedra. Tenho tentado engolir meu próprio coração. Mas segurei o enjoo porque não podia abusar além da minha cota de abusos de sempre naquela empresa que detestava trabalhar, mas da qual precisava.

Quando cheguei em casa, minha mãe me obrigou a comer alguma coisa. Peguei uns biscoitos água e sal e ela me repreendeu dizendo que eu estava me alimentando pior do que sempre me alimentei. Disse que não conseguia comer muita coisa com esse peso no estômago. *Tá enjoada de novo?* Ela me disse e arqueou a sobrancelha daquele jeito só dela e tão meu, que você sempre detestou. Disse que estava um pouco, sabendo que era muito, sabendo que se fosse você aqui e não minha mãe perceberia que eu estava passando muito mal só pela escolha da palavra. Se fosse você não me obrigaria a comer pão com manteiga e me deixaria engolir meus biscoitos água e sal. Porque saberia que me forçar a comer seria a pior opção no momento. Mas minha mãe, por todos esses anos sem morar comigo, desaprendeu meus menores nuances.

Comi um pedaço do pão para ela parar de falar. Aí não aguentei mais. Larguei a caneca de café e o pão sobre o balcão e fui pra sala. Sentei no sofá e fechei o olho. Minha mãe continuou falando e falando e falando e falando e falando e falando. Eu fui me distanciando daquilo, perdendo o foco, tornando turva a minha visão. Não deu tempo pra mais nada. Joguei meu corpo pra frente. E vomitei tudo o que comi nos últimos cinco minutos sobre nosso tapete vermelho que você quis tanto que fosse verde.

Passado o acesso, me joguei pro encosto do sofá e olhei pro teto, tentando me acalmar. Minha mãe arrastou a mesa de centro e puxou o tapete, em

silêncio. Enrolou e o levou pra lavanderia. Quando voltou, eu sabia que ela ia fazer aqueles seus questionários gigantes. *Por favor, mãe, pedi, a voz fraca, agora não.* Mas, claro, ela não me obedeceu. *Você precisa ir ao médico ver isso. Ver o que você tem. Não pode definhar assim, aos poucos, como quem já desistiu da vida.*

Gritei.

Foi a primeira vez desde tudo que gritei com alguém e não para uma dor sem sentido e não para uma vida injusta e não para uma revolta que não conseguia controlar.

O vizinho debaixo ouviu. O prédio todo ouviu. O bairro inteiro. A cidade. O mundo. Espero que a morte tenha ouvido. A vida. E se Deus existir tomara que ele também tenha entendido o que eu falei:

Foi a vida que desistiu de mim.

Quando arrancou meu amor daqui.

Dia 40

Fiz uma coisa que você iria gostar. Uma coisa bem típica sua, que você adorava fazer – seja porque estava irritado, seja para irritar. Você era mestre em irritar as pessoas. Eu sempre tentei manter mais a calma, apesar de ser mais intempestiva que você, menos organizada, tentava não discutir com as pessoas por qualquer coisa.

Você era mais estourado e por isso a gente brincava que você não morreria de raiva. Você gritava, descarregava seu ódio e pronto. *Dê-me cinco minutos para me recompor.* Lavava o rosto, ajeitava o cabelo e fim. Sentava e conversava como se nada tivesse acontecido com a mesma pessoa que gritou minutos antes.

Você sempre dizia que eu precisava gritar mais. Que me faria bem explodir em vez de engolir. E que nem sempre é ruim dizer o que nos incomoda.

Você ficaria orgulhoso de mim.

Eu estava chorando. Quantas vezes podemos chorar por motivos diferentes, derramando ainda assim a mesma dor nas lágrimas? Vezenquando soltava uns gritos. Fincava as unhas na pele. Como se eu esperasse que

acordaria do pesadelo. Então mordida o travesseiro que tinha seu cheiro. Tentava abafar a dor. Criar outras dores para que essa ficasse um pouco escondida. Claro que não conseguia.

Aí o vizinho começou a bater aquela vassoura maldita. Eu odiava aquele cara. E eu nem sequer o conhecia.

Eu estava em minha casa. Eu tinha todo o direito de sofrer em paz. Eu não podia fazer isto fora, porque ninguém entendia, porque achavam que, quarenta dias depois, meu choro era frescura. Gritei. Falei um palavrão. Mande-o para aquele lugar mesmo, com todas as letras. Quem ele pensava que era para controlar minha vida assim? Essas quatro paredes eram minhas. *Se é incapaz de conviver com a vida alheia, mude-se. Tá fazendo o que numa cidade se precisa de silêncio total? Pega suas coisas e vai para uma fazenda. Aposto que ninguém vai mesmo sentir falta de um idiota como você.*

Passado o acesso de fúria, o silêncio da vassoura reinou e eu quase caí na risada vendo a cara de interrogação da minha mãe. Teria rido, em outra ocasião, se as lágrimas ainda não descessem. Ela não entendia. Nunca conseguiria compreender. Mas você, se estivesse aqui, entenderia. Você ficaria feliz por eu ter me livrado das amarras que me faziam engolir coisas que me incomodavam, por medo de machucar as pessoas. Provavelmente porque estava tão machucada com sua partida que tanto fazia.

Essa era uma das poucas coisas que fiz sem você por perto que não tinha dúvidas do que você pensaria. Você ficaria orgulhoso de mim. Se estivesse aqui.

Dia 41

Estava voltando do trabalho dentro do táxi em direção a nossa casa. Você estava dentro do ônibus indo em direção a lugar algum. Era você. Juro que não era uma imaginação louca de saudade ou uma mente saudosamente louca. Pisquei duas vezes na janela quando o táxi se alinhou ao ônibus. Você ficou exatamente em cima da minha janela. Posso não ser a melhor fisionomista do mundo, mas não ia confundir com ninguém o amor da minha vida. Te conhecia como a palma da minha mão, cada linha, cada ruga, cada fio de cabelo rebelde que caía sobre seu rosto, cada pinta e cada machucado e cicatriz, visíveis e a que você teimava em esconder até de mim só para bancar

o homem forte que precisava sempre me proteger. O homem forte que você adorava ser.

Estava vagueando em minha mente, tentando fugir de suas lembranças, tentando fugir da cena que me perseguia a quarenta dias, tentando fugir de você para evitar os golpes de dor e as facadas de culpa cortando meu corpo quando me deparei com você, assim, dentro do ônibus indo para um lugar nenhum.

De cabeça baixa, lendo um livro, dentro de um terno e gravata sempre alinhados. Terno e gravata alinhados num ônibus lotado era definitivamente algo que só você conseguiria fazer. Tinha um fone no ouvido. O que você estava escutando? Qual era a banda ruim no volume máximo estava dessa vez estourando seu tímpano com aqueles barulhos infernais que você insistia em dizer que eram harmônicos? Seu cabelo cacheado caía sobre seu olho. *Hora de cortar seu cabelo, Sapinho*, quis dizer. Quis gritar. Quis arrancar meus cabelos, chorar, me esconder no mundo e me proteger dessa dor e dessa loucura. Como você podia estar dentro do ônibus indo para qualquer lugar que não seja a nossa casa cuidar de mim? Como você podia estar dentro do ônibus lendo, ouvindo música, como se nada tivesse acontecido? Me diga, pelo amor que sentimos um pelo outro, *como?*

Pisquei.

Uma lágrima escorregou pela face. Tirei o olho da janela para limpar o rosto. Quando olhei pra onde você estava sentado com toda calma do mundo não tinha mais ninguém. Ninguém. Um banco vazio num ônibus lotado com várias pessoas em pé. Não fazia o menor sentido.

Procurei pelas janelas para ver se você estava no meio do corredor. Nada. Ninguém nem ao menos parecido. Procurei pelas ruas. Pulei pro outro lado do banco. O motorista me olhou assustado e ouvi de longe uma voz perguntando se estava tudo bem.

Estava tudo ótimo.

Eu só estava ficando louca.

Dia 42

A vida, às vezes, era engraçada. Não engraçada de um jeito que te faz rir.

Era um engraçado meio doído, que nos arranca do chão e tira-nos o prumo. Foi mais ou menos isso que me alcançou enquanto a notícia brilhava na tela do meu computador, no meio do meu trabalho.

Queria rir de dor. Eu queria chorar de alegria. Talvez um dos momentos, desde que você se foi, que cheguei mais perto de uma alegria. Não felicidade. Eu estava quebrada demais para usar essa palavra. Felicidade era um sentimento para pessoas completas, não para mim – não mais, não por enquanto, não sem você.

Nossa banda favorita estava vindo pela primeira vez a nossa cidade. Mais sua do que minha. Foi uma das dezenas de coisas que você me ensinou a gostar. Essa banda era dona de quase todas as nossas músicas e marcou quase todos os nossos bons momentos. Alguns ruins, verdade, alguns bem ruins, porque a vida não era perfeita. Mas a maioria muitos bons. A música que você cantava para mim quando estava com insônia, a música que tocou quando você me pediu em casamento naquela noite que deu tudo errado, a música que tocou no nosso primeiro jantar romântico. Ela também tinha a música de quando eu decidi me livrar de você e terminamos por uma semana. E era dona da música de reconciliação, quando bati na sua porta e pulei nos seus braços uma semana depois.

Você sempre disse que não perderia esse show por nada. Era cruel que eles só estivessem vindo quando não estava mais aqui. Um erro de datas. Uma rua que entramos errado. Um segundo de estupidez. Que custou uma vida inteira. Que custou nossa história. Que culminou aqui: você privado de assistir a nossa banda tocar.

O preço do ingresso pulsou a minha frente. E eu não consegui me conter. Sabia que estouraria o meu limite do cartão à toa. Comprei dois. Um para mim. Um para você. Você merecia aquele ingresso, para colar na sua agenda cheia de anotações inúteis como lembrança do melhor show em nossa cidade que você não foi.

Era o primeiro passo que dava, sem você.

Dia 43

Passei mal de novo. Já nem sei mais o que tem me feito tão mal: comer me faz mal, não comer me faz mal, lembrar de você me faz mal, buscar esquecer

você faz mal, respirar me faz mal. Viver (sem você) me faz mal.

Dessa vez, ao menos, consegui chegar ao banheiro. Consegui me debruçar no vaso. Desde que comecei com os enjoos, só me lembro de apenas uma vez que consegui chegar ao banheiro. Minha mãe apareceu na porta com aquele olhar inquisidor de sempre. Já não aguentava mais suas perguntas, suas dúvidas se eu estava mesmo lutando para permanecer viva, seus questionamentos sobre como levo minha vida desde que te perdi naquela rua escura e naquele dia horrível.

Você tem ideia do que é que está te fazendo tão mal? Eu ainda estava no chão quando ela disparou. Me levantei, lavei meu rosto, escovei os dentes antes de responder, tentando voltar a respirar normalmente de novo. Claro que tinha. Estava me desintoxicando, me livrando de um você que me impregnou por todos esses anos.

Minha mãe não concordava com nada disso, mesmo que naqueles dias eu estivesse exatamente com a aparência de uma dependente química em reabilitação. Eu era horrível sem você. Mas para ela, meus vômitos, meus enjoos, minhas insônias, tinham outro nome: gravidez.

Brigamos.

Estar passando mal porque estava me desintoxicando de você era uma explicação com muito mais sentido. Eu jamais teria tanto azar e tanta sorte de engravidar de você justamente quando não te tenho mais. Seria crueldade demais. Com você. Comigo. Com o filho. Com o nosso amor.

Dia 44

Não sabia por que decidi sair hoje. Desde que você se foi, só ia para o trabalho porque era obrigada e voltava correndo para o meu abrigo, o único lugar do mundo que ainda parecia me fazer sentir que você estava por perto. Era difícil encarar a vida e só eu sabia o quanto de esforço precisava para ir ao trabalho. Por mim, ficava no nosso quarto, para sempre. Mas minha mãe não permitia.

Quinta-feira era a noite da individualidade – você adorava dizer isso, embora o dia que ficasse mais longe de mim ainda fosse na quarta por causa do seu time. Eu ia me encontrar com minhas amigas e você saía com seus amigos. Depois me buscava e a gente parecia que tinha ficado um mês

separado. Ninguém nos suportava – às vezes, nem a gente.

Por isso, fui encontrar as meninas no bar de sempre. Elas não esconderam a surpresa por me ver. Pararam de falar assim que me sentei. Foi estranho. Eu quis correr. Eu quis voltar para nossa casa. Eu quis me aninhar no seu abraço e nunca mais sair. Mas respirei fundo e fiquei. Sei lá por que, se sabia que isto me mataria.

Perguntei do que elas falavam, quais os principais assuntos do mês que fiquei fora. Elas começaram a falar, a falar muito. Tentei não me perder. Elas me tratavam como se nada tivesse acontecido, como se eu não tivesse perdido o amor da minha vida, como se os últimos quarenta dias não tivessem existido.

Uma delas – a única que você conseguia suportar – estava contando da última traição que sofreu – carência demais, quase te ouvi dizer, faz os homens fugirem. *Eu devia ter desconfiado, ele chegava tarde depois do trabalho, cada vez mais tarde, e viajava muito.* Disse, pela primeira vez, que isso não queria dizer nada. Que você viajava muito e ficava até tarde no trabalho. E nem por isso me traiu.

Não preciso contar dos olhares que elas deram. Você os conhecia bem. Eram todas descrentes do (nosso) amor. *Olha, quanto a isso, falou a que você achava mais chata, eu tenho minhas dúvidas. Eu sempre quis dizer isso para você, mas nunca tive coragem. Afinal, você era doente nele. Mas na verdade ele viajava muito. E trabalhava muito. Você deveria ter desconfiado.*

Ele me amava. As três bufaram juntas, quase em uníssono. Quase bufei também. Nem sei por que ainda me explicava, elas nem sequer se esforçavam para me entender. A mais idiota, segundo você, que achava que todos os homens eram afins dela, disse que uma vez você quase a beijou na boca e se eu havia me esquecido de quando ela o viu num bar conversando com sua ex, quando me disse que ainda estava no escritório, trabalhando.

Resolvi que eu não tinha que ficar ali se claramente elas não me queriam. Nem eu queria. Uma delas disse que um dia eu lhes daria razão. Não respondi. Peguei minha bolsa e saí. Se eu estivesse bem, teria discutido. Mas eu estava apenas sobrevivendo sem você e não tinha energia para perder assim, a qualquer custo, por qualquer coisa. Não se ainda quisesse me manter

viva.

A melhor coisa a se fazer era ir embora.

Ir embora e tentar sonhar com você.

Dia 45

A solidão enlouquecia. Talvez fosse seu maior efeito sobre as pessoas. Quando as luzes se apagavam, o movimento diminuía e você tinha que ir sozinho para uma cama grande e vazia e fria, a solidão não se intimidava por deitar-se com você. Uma companhia doentia que não fazia nenhuma companhia.

Às três da manhã, no silêncio inquietante de uma casa que sempre foi barulhenta, no barulho ensurdecido de uma alma sempre quieta, no tique-taque agonizante do relógio verde brega da cabeceira, as coisas ditas por minhas amigas pareciam fazer todo sentido. Você trabalhava até tarde. E uma vez vi um batom no seu colarinho. Verdade que você acabou por me convencer de que o batom era meu. Mas você raramente se explicava – respondia o que achava que tinha de responder, a maior parte deixava em segredo. E não importasse o quanto eu gritasse, o quanto te batesse, o quanto fizesse chantagem, você não cedia.

Nosso casamento era perfeito demais. Nem se vivêssemos em um conto de fadas. Talvez elas tivessem razão; talvez aquele dia que uma delas te pegou conversando com sua ex quando ainda nem éramos namorados tivesse sido mais do que um encontro casual, mais do que um último teste para ver se ainda havia amor entre vocês; talvez sua boca tenha mesmo escorregado para a boca de minha amiga e foi ela, e não você, quem virou o rosto; talvez eu tivesse mesmo um atestado de idiota na testa junto com um par de chifres enquanto acreditava que suas horas extras eram mesmo horas extras; que suas faltas de explicações eram apenas esse seu jeito de quem amava tanto a liberdade que precisava de um espaço para não se sufocar.

As acusações faziam sentido. Você era carinhoso, romântico e apaixonado demais. Talvez você nunca me amou. Talvez sim, mas acabou e o comodismo te impediu de se mandar. Porque, na verdade, se você me amasse mesmo, você nunca teria me deixado.

Você teria sido forte.

Você teria sobrevivido. Por mim.

Dia 46

Seu pai me ligou. Era com ele que eu conseguia falar por mais tempo. Sua voz parecia com a dele. E a dele me trazia um certo conforto; um conforto que eu não sabia bem explicar, mas que, de algum jeito, fazia carinho em meu coração.

Seu pai perguntou como eu estava e eu desabei. Eu sabia que, se algum dia, em algum momento, você pensou, imaginou, sonhou ou até mesmo fraquejou, a me trair era para ele que você contaria – vocês dois eram muito além de pai e filho, eram grandes amigos – Era até absurdo usar da minha dor, minha fragilidade para entrar no relacionamento sagrado de vocês sem a menor vergonha ou culpa disso. Sabia que, com o caráter que ele tinha, com a dor que eu tinha, ele não mentiria para mim.

Ele quase riu. Riria, se estivéssemos em outra situação. Percebi a mesma alteração de voz que acontecia em você quando você tinha vontade de rir. Ele disse que poderia entender, mas não aceitar que eu desconfiasse de você. *Não criei meu filho para enganar ou mentir para alguém. Muito menos a mulher que ele se casou, a mulher da sua vida.*

Não pedi desculpa, não pedi nada. Continuei com o telefone no ouvido, em silêncio. *Meu filho te amava. Era louco por você. Em momento algum duvidou do que sentia, do que queria, de você. Você deveria agir assim.*

Mais uma vez, não me desculpei. Não estava com culpa. Seu pai continuou. *Tudo o que ele fez, era por você. Foi o amor mais puro, intenso e verdadeiro que já vi. Ele era completamente seu.*

Então, por que foi, merda? Por que você me abandonou?

Dia 47

No domingo, decidi que iria até as minhas amigas, outra vez. Eu precisava disso.

Elas estavam no bar que íamos assistir jogos com os amigos. Os homens sentavam numa mesa e pareciam malucos, dando socos e gritando com a televisão. E as meninas sentavam-se nas mesas mais longes possíveis, tentando entender qual a razão de ficarem daquele jeito por causa de um jogo

estúpido.

Eu te vi ali. Eu sabia que era alucinação. Mas fiquei parada na porta, vidrada numa mesa vazia, feito uma maluca, sorrindo para o nada. Te vi perfeitamente ali, os cabelos negros, olhando para o jogo na tv, passando a mão pelo pedaço de cabelo revoltado que insistia em cair no rosto. Te vi dando um pulo da cadeira. Derramando a cerveja do copo. Dando um soco na mesa. Soltando um palavrão, daqueles que eu odiava, chamando o juiz de ladrão. Aí você olhou para mim, ciente que eu detestava escândalos tanto quanto você, e piscou.

Você também me via.

E eu estava ficando louca.

Balancei a cabeça e fui até as meninas. Quando me sentei na cadeira e olhei para mesa onde havia te visto, você não estava mais lá.

Nunca mais estaria, eu sabia.

Elas me deram um oi seco e nem repararam nos meus olhos marejados. Elas não se importavam. Eu tinha quase certeza de que não devia ter uma ligação delas em todas as mensagens que apaguei sem ouvir nos primeiros dias. Uma delas, a carente traída, disse que eu que tinha sorte. *Porque deve ser melhor ver o homem que você ama morto do que conviver com a ideia de ele seguir a vida nos braços de outra.* Juro que tive que perguntar de novo, que era para ter certeza do absurdo que estava ouvindo. Ela repetiu, Para piorar, a mais maldosa disse, entre tossidos, que pelo menos eu não tinha enfrentado nenhuma amante no enterro chorando pelo mesmo homem que eu.

As palavras saíram da minha boca antes que me desse conta, como se elas tivessem vida própria e sempre esperassem por aquele momento. Disse que elas não tinham ideia do que estavam falando, que você nunca seria capaz de me trair porque você me amava. E que só diziam aquilo porque você preferiu a mim. Disse que era por elas serem egoístas que nunca tinham conhecido o amor, que elas não tinham ideia do que é ter a razão da vida delas morto e ser obrigada a preencher o vazio dos dias e a falta dolorosa com um “está tudo bem” ditos da boca para fora e uma rotina entediante para não enlouquecer. Eu sabia que suportar o homem que eu amava amando outra seria duro, mas

saber que ele estaria feliz seria melhor do que o vácuo de existência em que estava.

Disse que elas nunca entenderiam o que era dor de verdade, que não importava que elas não acreditassem no nosso amor, porque isto não apagava o fato de que ele existiu e existirá para sempre. E que rezaria para que elas conhecessem esse sentimento algum dia e pudessem ver a besteira que falavam por pura inveja. Então, quando acabei e elas ficaram me olhando boquiabertas, percebi que não tinha mais nada para escutar e, também, não tinha mais nada para dizer. Havia acabado. Dei as costas e saí.

Se você estivesse aqui, teria tido orgulho de mim. Me enchido de beijo. Me feito sentir vitoriosa. Mas, quer saber? Eu estava me sentindo vitoriosa naquele momento.

Mesmo sem você.

Dia 48

Me peguei passando os dedos na banheira. Aquela banheira. A banheira dos primeiros dias. Me peguei assim, perdida em pensamento, fugindo de me lembrar daquelas cenas horríveis, de você respirando cada vez mais devagar, da sua vida se esvaindo lentamente por entre nossos dedos entrelaçados.

Desde aquele dia que me recusava a dizer qual foi, o pensamento vinha e se perdia antes de piscar. Queria acabar com isso. Queria acabar com sua falta. A física e a mental. Queria acabar com os dias vazios, as noites frias, a solidão absurda que era obrigada a suportar. Queria acabar com meus dias sem você. Sem o seu sorriso. Sem suas piadas ruins. Sem seu jeito idealista de olhar para a vida, para as pessoas, para o mundo. Sem suas músicas ruins, seus solos de guitarra imaginários pelo chão da casa, sem sua voz desafinada cantando fora de ritmo. Sem seus carinhos, seu ombro acolhedor, seu abraço forte e protetor que me dava a sensação de paz e de que eu finalmente tinha encontrado meu lugar no mundo.

O pensamento vinha e sumia, vinha e sumia, vinha e sumia e vinha. E às vezes permanecia por alguns minutos, como agora, até que me recriminava e me lembrava do sonho do seu pai e lembrava que tenho minha mãe e que não queria minha mãe com os olhos do seu pai.

Fechei os olhos. Já não sabia mais o que fazer.

Não estava sendo fácil. Sobreviver a você. Sobreviver depois de você.

Não estava sendo nada fácil sobreviver *sem* você, amor.

Dia 49

Eu estava saindo do táxi logo depois de receber o troco do dinheiro pago pela corrida. Fechava a bolsa antes de entrar no nosso prédio. Quando ergui a cabeça vi você passando pela porta, pelo porteiro que como sempre estava dormindo, e subir as escadas. Minha nossa. Era você. Era você ou eu estava realmente ficando louca. Você estava apressado e eu corri apressada pra dentro do nosso prédio. O elevador, por sorte, estava no primeiro andar. Entrei. Você teria muitos lances de escada para subir. Eu ia te pegar lá em cima, no nosso andar, te fazer mil perguntas sem piedade e perguntar por onde você esteve.

O que foi que eu fiz pra você? Me diga, o que foi? Foi porque não te amei o suficiente, não me doei o suficiente, não fui engraçada e inteligente e linda o suficiente? Por que você fez toda essa cena para ir embora? Por que precisou que eu enfrentasse todos esses dias e esse luto e essa dor se podia simplesmente avisar que o amor acabou? E bater a porta? E me mandar pro inferno junto com toda a minha insegurança de menina mimada? Por que você foi tão covarde e teve que armar todo esse circo se ainda estava aqui, se ainda estava vivo, se ainda respirava e corria e subia escadas como um atleta que você nunca foi? Merda. O que você estava querendo, me perseguindo por entre os lugares?

O elevador parou no nosso andar e eu corri pro lance de escada, parando em pé, com a mão na cintura, com a minha pior expressão que sempre te fez ter uma pontada de medo atrás dos olhos sempre brincalhões. E aí eu esperei. E esperei. E esperei. E esperei. E esperei. E esperei e esperei e esperei e esperei e.

Fui perdendo a pose, fui me encostando na parede, fui escorregando até cair no chão, no topo da escada. Fui deixando as lágrimas caírem também. Fui fincando as unhas na pele. Fui querendo me arrancar da minha pele. Fui querendo fugir e me encontrar num lugar muito mais seguro em que eu ainda podia contar com você. Onde eu podia me encostar no seu abraço e deitar em seu colo e pedir só mais uma vez, uma última vez, um cafuné.

Eu estava ficando louca. Você estava me perseguindo por todas as partes porque eu te levava por todas as partes. Conseguia conviver com te ver nas ruas, indo trabalhar, indo para lugar algum. Mas era insanamente surreal que eu te enxergasse no nosso prédio, subindo as escadas, indo para a nossa casa. Surreal a ponto de eu ainda acreditar que você faria realmente isso, que você ainda poderia vir ao nosso prédio, subir as escadas, entrar em nossa casa.

A dor me enlouqueceu. Não ter motivos pra viver tinha me enlouquecido. Viver, mesmo sem motivo, tinha me enlouquecido. Eu não vencerei essa batalha. Eu já perdi toda essa guerra no momento que perdi você.

Minha mãe estava certa.

Eu estava definhando. Eu estava morrendo aos poucos e não estava fazendo nada para mudar isso. Porque não me restava forças depois de lutar contra a minha dor. E de tanto lutar com a minha dor eu estava há um passo de me vestir com uma camisa de força e surtar de vez. Porque, sem você, meu amor, eu estava enlouquecendo.

Dia 50

Eu estava sentada no sofá, lendo seu livro. Nosso romance era muito melhor do que isso, muito mais verdadeiro, pelo menos. Com menos palavras difíceis e muito mais conteúdo. Estava lendo a página pela terceira vez, tentando conseguir manter a concentração o suficiente para não me perder no meio. Aí minha mãe chegou. Ela tinha saído, precisava resolver algumas coisas, sei lá o quê, não prestei atenção. Deixou cair no meu colo uma sacola. *O que é isso?* Eu perguntei. *Um teste de gravidez.*

Esta era uma hora propícia para usar um baita ponto de exclamação; se eu conseguisse usar. Se eu conseguisse me animar o suficiente para usar mais do que pontos e vírgulas.

Não importa que você acha que não está, vai no banheiro e faça. Estou mandando. Eu retruquei. *Eu não estou grávida. É impossível.* Ela arqueou a sobrancelha, do jeito que eu levantava e você detestava, e aí eu sabia que não teria outra opção.

Me arrastei para o banheiro, a incompreensão no olhar e a sacola na mão. Era eu quem estava vendo você por todos os lugares e quem enlouqueceu primeiro foi a minha mãe. Coloquei o teste sobre a pia e o encarei, para não

encarar meu reflexo no espelho.

Quisemos tanto um filho. Planejamos tanto. Para isso. Para nada. Para terminarmos aqui. Para eu terminar aqui, fazendo mais um teste de gravidez – só que dessa vez, sem você. Peguei o resultado do teste sem empolgação, sem desejo, sem nada. Eu estava oca. Vazia, desde que você se foi. Então, vi o risco. Os dois riscos. Os dois riscos azuis. Olhei de novo atrás do teste, como se não soubesse de cor como aquilo funcionava.

Isso não era possível.

Deixei o teste de gravidez cair no chão. Soltei um grito ensurdecedor. Que cortou meu corpo todo. As lágrimas caíram. A dor forte, surreal, que me tirou todos os sentidos enquanto eu perdia a força e não conseguia me manter em pé.

Eu estava grávida. *De você.*

Dia 51

Acordei na cama. O abajur estava desligado e me bateu aquele desespero que você conhecia bem. Quando nos casamos, você tentou me tirar o medo do escuro algumas vezes, como se eu fosse uma criança. Você desligava a luz quando eu estava dormindo profundamente. Então eu acordava gritando. E você acabou tendo que se acostumar a dormir com pelo menos um abajur ligado.

Minha mãe havia se esquecido disso. Ou talvez achasse que eu estava grandinha para ainda ter medo de escuro. Ou, ainda, que a dose de calmante dada seria o suficiente para me fazer acordar só quando o dia estivesse claro.

Como se alguma dose de calmante fosse o suficiente para fazer me esquecer da minha dor.

A dor era mais forte. A dor era invencível. Zombava de mim enquanto eu tentava me esconder dela como uma criança tenta se esconder do bicho papão debaixo da cama. Ela me cercava e me dominava. E não importava para onde corresse; ela estava sempre atrás de mim, pronta para me pegar.

Acendi luz do abajur, antes que o medo do escuro me paralisasse. Deixei as lágrimas caírem em silêncio. Não queria incomodar minha mãe. Eu precisava de alguns momentos sozinha para assimilar o que estava

acontecendo comigo. Passei a mão pela minha barriga, chorando baixinho, entendendo o porquê do sonho; da proteção à minha queda; do seu carinho no meu ventre.

Era o nosso sonho se realizando. E eu sabia que deveria ficar feliz, era uma parte sua viva ainda em mim. Era como se, de algum jeito, alguém lá em cima tivesse me dado outra chance de ter um pouquinho de você por aqui.

Por outro lado, era tão injusto com você ser privado de ver um filho nosso nascer, crescer. Ser privado de compartilhar todos os momentos. Logo você, que fazia planos e mais planos, que queria ser o melhor pai do mundo. Que *seria* o melhor pai do mundo. Era tão cruel que você não pudesse viver isto porque um acaso, um destino inútil, uma má sorte, uma rua que entramos errado, te tirou a vida. Era tão impiedoso com nosso filho ser proibido de viver com o homem maravilhoso que você foi, com seu grande coração e com todo aquele amor juvenil que carregava em seu peito.

Era tão doloroso com a gente.

Dia 52

Fui arrastada para a médica. Tudo o que queria era continuar em nossa cama, em nosso mundinho particular, em que eu ainda me sentia protegida. Mas minha mãe me arrastou quase que pelos cabelos. *Precisa ir a médica, precisa fazer o pré-natal. Precisa engordar. Acha que gravidez é brincadeira?* Blá-blá-blá-blá. Você deveria ser filho dela, não eu. Doente que nem você. Enlouquecedora como você.

Ela me carregou para o consultório que conheci por metade da minha vida. A médica também me conhecia. E também sabia que eu era casada. Brinquei com a aliança no dedo. Ela me sorriu. Disse que eu andava sumida. Minha mãe entrou comigo. Nos sentamos e ela perguntou o que me levava ali.

Eu falei.

É estranho falar. Saía rasgado, sangrando, como eu mesma estava. Naquela altura, já sabia: é possível sangrar sem precisar de feridas expostas. E esse é o sangramento mais difícil de suportar.

Eu disse que havia feito um teste de gravidez.

Ela perguntou o resultado.

Falei que dera positivo.

Ela me pediu para que eu me trocassem para fazer o ultrassom. Minha mãe ficou conversando com ela. Deve tê-la colocado a par das péssimas notícias, porque até que ela foi discreta para uma ginecologista.

Deitei na maca. Ela passou aquele gel gelado e desconfortável na minha barriga. Eu fiquei de olhos fechados. Não sei se estava rezando para não estar grávida. Ou se rezava para ter um filho seu. Nunca rezei tanto quanto nos últimos dias. E eu, sem religião, sem fé, sem razão, fechei os olhos e pedi: *seja o que Deus quiser*.

E Deus quis.

Não olhei para a tela. Não pude. Não veria nada. Só um monte de riscos ainda sem formato. Deixei as lágrimas caírem, imóvel, olhando pro nada, ouvindo minha mãe me dar parabéns. Ouvi ao fundo a médica me passando exames específicos para serem feitos. Exames para mim e para o bebê. Para eu voltar dali alguns dias para mostrar os resultados. Ainda a ouvi dizer que eu estava com pouco mais de três meses.

Treze semanas.

Pensei onde ele teria sido concebido. Sim, em algum momento acho que gostaria de saber quando, onde, como. Para contar ao nosso filho quando ele perguntasse. Já que o motivo dele só ter vindo depois que você se foi, quando nunca tomamos cuidado algum, nunca saberia.

Mais uma injustiça no mundo.

Mais uma crueldade.

Só que essa não irá para as estatísticas. Essa era uma daquelas dores que a gente guardava só para gente, trancava a sete chaves e jogava no fundo do mar. Uma dessas dores que ninguém entendia, que não melhoraria com o tempo.

A dor de ter ficado grávida agora, quando já perdi você.

Dia 53

A revolta me assolou de novo numa manhã insossa. Todos esses dias eu

era apenas uma carcaça sem alma, preenchida pela dor. Respirava dor. Suspirava dor. Sentia dor. Exalava dor. Transpirava dor. Pouco a pouco, sabia, me transformava em dor.

Então, não esperava que seria atacada por outra coisa que não fosse isso, num mundo da dor. Mas a revolta foi me preenchendo enquanto eu chorava em nossa cama, sentada, fincando minhas unhas já não feitas na minha pele. Estava tão preocupada em me proteger de todo resto, que acabei abaixando a guarda e sendo assaltada do meu próprio corpo, do meu próprio direito de sentir. Eu acho que só estava tão cansada e com raiva desse destino, dessa vida, dessa rua que modificou toda nossa vida. Com raiva da sua partida. Com raiva da chegada desse bebê quando você já não estava mais aqui. Com raiva de ainda ser obrigada a continuar aqui.

Eu nem me dei conta. A minha mão soltou meu braço que me protegia em volta do corpo. A minha ideia era agarrar meu próprio cabelo. Puxá-lo para me esquecer da dor da alma. Mas o destino final foi um objeto que estava sobre o criado-mudo ao meu lado. Não percebi o que era quando o peguei.

Eu estava cega de ódio.

Cega de ódio de você.

O objeto bateu na única parede colorida do nosso quarto, aquela que ficava bem em frente a nossa cama, e o preencheu com um som diferente do único que preenchia até então – o som do meu choro. Ricocheteou no ar e os pedaços esfaqueados voltaram para o meio do quarto, bem em cima daquele tapete que a gente comprou na nossa lua de mel. Cacos pequenos caíram lentamente como cascatas em barulhos mais baixos. *Pah-pah-pah. Pah.* Eu ainda não tinha notado que era. Aí notei que algo flutuava. Em silêncio. Desafiando a gravidade, suspenso para lá e para cá, balançando como eu costumava me balançar para você.

Foi aí que percebi o que era.

Pulei da cama e peguei a foto antes que ela encontrasse o chão.

Eu havia jogado nosso porta-retratos na parede e nem havia me dado conta.

Meus joelhos perderam a força e eu caí ali mesmo, sobre os cacos

quebrados no chão. O choro irrompeu meu peito. Eu abracei a foto – a nossa foto de casamento, sobre o altar. Minha mãe apareceu na porta e a pergunta morreu junto com meu grito de ódio que cresceu e preencheu todo canto do quarto vazio, da minha alma vazia, do meu coração vazio despedaçado por sua partida.

Eu odiava a vida. Eu odiava o destino. Eu odiava você.

Dia 54

Eu pensei em tirar nosso filho.

Era cruel de se dizer tanto quanto para você ouvir. Mas não podia mentir. Não podia fingir que estava feliz quando não estava. Não podia ser feliz sem você aqui. Outras pessoas, talvez, tivessem uma reação diferente. Nosso filho era a chance de que você continuasse vivendo. Nosso filho era seu legado, a prova de que você existiu. Nosso filho era o fruto da parte mais preciosa da minha vida, do nosso amor. Mas isso não mudava nada em mim, porque nosso filho não era você.

Não era o bebê que eu queria. Eu o trocaria, se pudesse, se significasse que você voltaria para mim. Abriria mão do nosso sonho, do nosso plano, se pudesse ver seu sorriso ao menos mais uma vez. Se eu pudesse lhe dizer tudo aquilo que sempre quis e nunca disse. Se pudesse viver nosso amor de um jeito que, quando chegasse ao fim, não me sobrasse nenhuma vontade de continuar vivendo porque ficou tantas coisas em suspenso esperando um momento melhor.

Era horrível admitir. Mas não me restava forças, enquanto me protegia da dor, para fingir. Não estava dando conta nem da minha sobrevivência. E não queria ser responsável, sozinha, pela sobrevivência de outra pessoa.

Pensei em arrancar de mim a parte viva de você, do mesmo jeito que pensei em me afogar na banheira, porque não suportava a ideia de ter que sobreviver e viver essa nova história sem meu principal personagem. Eu não queria realizar nosso maior sonho, nosso maior plano, nosso maior desejo, sozinha. Eu não tinha forças para isso. A verdade era essa: eu nunca teria forças para carregar sozinha um filho que provava nossa história de amor. Não era algo para se viver sozinha. Não era justo que por uma rua torta, uma escolha errada, um acaso, você fosse privado de viver isso, de viver seu filho,

de continuar vivendo a gente.

Não queria isso agora. Não queria isso sem você. Não queria dar esses passos sem sua mão para me segurar. E pouco me importava o quão cruel isso parecia. Porque eu não queria uma parte sua. Eu queria você todo. Aqui, sorrindo para mim.

Dia 55

Assustei com meu reflexo no espelho. Arrisquei-me, depois de tanto tempo, a ver como eu estava. Olhos fundos. Olheiras roxas. Uma falta de brilho inquietante no olhar. Aquela não era eu. Não a animada, sempre feliz, completa, divertida e intempestiva que já fui. Aquela havia sido enterrada com você. Você matou minha melhor parte ao morrer. Você me matou de um jeito que eu continuava dolorosamente viva. Não que aquele meu estado fosse propriamente uma vida. Talvez uma meia-vida. Metades para quem havia aprendido a ser inteira. Sem alma. Embora meu coração ainda batesse.

Levantei a blusa e analisei minha barriga ainda sem formato. E acariciei. O reflexo do espelho me olhou quando encarei. Não era eu. Por trás das olheiras, por trás dos olhos sem brilho, por trás dos cabelos opacos. Era eu por trás daquela carcaça sem vida que me tornei sem o seu sorriso, sem o seu amor. E talvez fosse exatamente isso que mais me apavorava e me impedia de seguir em frente: o fato de que ainda era eu, mesmo sem você. Por mais diferente que era hoje do que já fui um dia, por mais machucada, despedaçada, partida, sangrando. Por mais que fosse tão pouco parecida com a menina que você deixou pra trás e que eu ainda não consegui deixar. Por mais que agora não era só eu. Ainda era eu.

Era possível amar algo e mesmo assim não querer? Era possível ter uma ponta de luz escondida na escuridão e mesmo assim lhe dar as costas? Era possível que eu sentisse a dúvida e o desconforto sobre algo que não tinha culpa de nada?

Era nosso bebê. Nosso filho. E doía, doía muito que, sem você aqui, esse bebê não seria, também, seu.

Dia 56

Fui pega falando sozinha. Era o que mais fazia, desde que tudo aconteceu. Mas até então havia conseguido fazer isso longe dos olhos vigilantes que me

acompanhavam de mais perto, desde o resultado da gravidez.

Eu sempre falei muito. Mas tudo o que saía de mim eram frases desconexas. Exagerava nos pontos para pausar minha dor. Ignorava as vírgulas e esqueci completamente das exclamações. Não tinha o que comemorar. Então, falava de um jeito que talvez nem eu entendia porque falava comandada por minha dor. Não havia coerência quando só se estava tentando sobreviver.

A minha mãe não falou nada. Só ficou parada ali, olhos cerrados, me encarando.

Talvez fosse o fato de que estava olhando em um ponto fixo da parede como se falasse com alguém. Mas eu não falava com ninguém. Eu só falava sem saber exatamente sobre o quê, tentando fugir da loucura que me perseguia a passos largos e já estava segurando meu calcanhar. Falava porque não conseguia mais sufocar por tanto tempo o que carregava aqui dentro.

Ela me olhava como se eu estivesse louca.

Me abracei quando percebi que fui pega no flagra e tentei me proteger, sabendo que não conseguiria.

Como eu poderia impedir minha loucura, amor? Como não ficar louca numa vida sem você?

Dia 57

Desde que você se foi vinha evitado olhar os dias se passarem no calendário comum. Passei a contar os dias não com os ciclos da lua e sim com a ausência de seu sorriso. A noite e o dia perderam o sentido. As semanas se esvaíram sem que me desse conta. Eu só sabia que estava há cinquenta e sete dias sem você. Quase dois meses. O tempo passava rápido quando não se tinha uma razão para continuar o caminho.

Antes de sair do quarto, no entanto, não consegui evitar olhar para o nosso calendário atrás da porta, congelado no mês em que tudo aconteceu. Passei as folhas, sem arrancá-las, e a ausência de recados ardeu meus olhos. Meu coração parou de bater por alguns segundos. Aquelas folhas estavam sempre lotadas de anotações e o vazio só me mostrava como havia sido minha vida nos últimos dias. Uma vida oca, sem motivação, era o que eu havia me

tornado sem você. Um zumbi que dizia que estava tudo bem só para não explicar o quanto a ausência de seu sorriso não me deixava achar o prumo e rearranjar o eixo do meu mundo.

Voltei para a folha do mês do nosso aniversário de namoro e passei os dedos no dia em que tudo aconteceu. Eu havia exagerado na dose de glitter para destacar o dia e o brilho ainda encheu meu dedo. Havia um recado seu para o dia seguinte que eu não havia visto, com a sua letra.

Você não estava mais no pior dia da minha vida. Você não gostava de escrever com antecedência. Muito diferente de mim que não tinha paciência para esperar os dias passarem, você dizia que calendários, ainda que os personalizados, serviam para anotar diariamente, e não para planejamentos, como sua agenda.

Por algum motivo que nunca saberia qual, você rabiscou num dia que não viveu, com aquela sua letra horrível de se ler. Passei os dedos pela última declaração que você fez e deixei as lágrimas caírem livres pelo rosto. *Nunca se esqueça de que o meu amor por você é maior do que o mundo.* Foi a última coisa escrita naquele calendário que tinha tantas páginas em branco esperando ser preenchidas com o nosso amor. Meu coração se apertou.

Doía. Doía muito que o resto do ano não teria nenhuma frase sua, nenhum garrancho, ainda que idiota, para ocupar os dias. Assim como eu não teria mais o seu sorriso para ocupar a minha vida.

Peguei a caneta e rabisquei naquela quarta-feira, cinquenta e sete dias depois de nada ser escrito: *Nunca me esqueço do seu amor por mim, que é maior do que o mundo.*

E não me esquecia mesmo.

E, talvez, isto fosse, de tudo, o que mais doía.

Dia 58

Passei a noite acordada pensando no que faria. Carregava na barriga um filho nosso e no peito a dor e o desespero de continuar vivendo. Embora continuar vivendo não fosse o termo certo para o tipo de vida que enfrentava desde que você se foi. Mas era o que ainda fazia, perambulando rotas quando a única direção era a do meu trabalho.

Queria ter coragem de fazer o que queria fazer. Queria não ter medo de mergulhar naquela banheira e acabar com tudo isso, e acabar com minha dor, e acabar com essa história sem sentido porque perdeu o protagonista. Queria dar um fim: no nosso romance, na gente. Em mim.

Mas sempre fui covarde. Foi por isso que resisti tanto a nós dois, foi por isso que fugi tanto de tudo que sentia. Sentir me apavorava. E o que sentia era como estar sozinha no meio da escuridão, quando se morre de medo de escuro, sem nenhum amparo, nem paredes, nem chão, nem teto para me proteger. Não havia caminhos nem direção nem solução. Não havia luz no fim do túnel. Não havia sinalização de que algum dia tudo voltaria a ficar bem. Talvez nunca mais voltasse. E eu não tinha para onde ir.

A vida nunca nos deu escolhas. E a gente vai deixando carregar, iludindo-se que pode mudar as coisas. Não se pode. Quando a vida queria mostrar quem manda, ela te tirava seu bem mais precioso. Não havia nada para se fazer.

Eu tinha de continuar. Mas não conseguia. Eu tinha que ficar feliz com minha gravidez. Mas não estava. Eu tinha que superar sua perda. Mas não queria. O protagonista da minha vida era você. Antes do seu sorriso eu apenas vivia sem saber exatamente o que fazia; depois que você se foi, continuo sem nenhuma direção. Você era a minha rota, meu norte, minha bússola. Não sabia o que fazer com uma história sem você.

Mas eu tinha que aprender. Porque a minha vida e minha história podiam não ter sentido, mas ainda me pertencia – tanto quanto eu ainda pertencia a você. E o que carregava dentro de mim – a dor, a perda, o nosso bebê em meio a isso – era a prova de que ainda não havia acabado.

Minha vida não teria um ponto final. Mas, céus, como eu queria que ela tivesse acabado junto com o nosso fim.

Dia 59

Você se foi e deixou tudo em suspenso – sua vida, seus planos, seus sonhos, suas metas, nosso amor. Principalmente o nosso amor. Como se a tinta tivesse acabado antes de concluir sua história. A sensação que eu tinha, que vou ter para sempre, e que vou ter que aprender a lidar, é que alguém veio – um Deus, um destino, uma falta de sorte, qualquer coisa assim – e

colocou um ponto final onde era para ser uma vírgula, um ponto e vírgula, nenhum ponto. Interromperam sua história enquanto você estava no clímax do seu livro. Colocaram um fim sem que víssemos e cortaram o rumo feliz de nossa história.

Seria diferente se você ou eu tivéssemos dado um ponto nós mesmos. Se eu tivesse cansado, se você tivesse desistido, se o amor tivesse saído e batido a porta. Mas, o que aconteceu não foi nada disso. Foi mais cruel do que o fim de um amor porque nem mesmo tivemos a chance de um fim. Enquanto ríamos de uma piada ruim, alguém decidiu que seu roteiro já estava cansativo, que sua história já tinha dado o que tinha que dar, e te tirou de cena sem se importar com os planos e sonhos que ficam pendurados no ar.

Finalizaram sua peça antes de puxarem a cortina. E a cortina ficou presa no caminho, suspensa no ar, antes do ato terminar. Você não conseguiu chegar ao fim da frase, colocar um ponto e, nem mesmo, recebeu aplausos. Como se sua vida não valesse uma salva de palmas no final.

Você me deixou sem escolhas e sem caminho ao ser arrancado de cena. Pior: me deixou grávida. Espero um filho seu e essa era a maior prova de que você tinha muita história para contar. Ninguém se importou com seus sonhos, ninguém deu a mínima para te dar um tempo de vida para que cumprisse suas metas – logo você, que detestava coisas interrompidas. E agora, tudo o que restou de sua vida foram projetos abandonados numa agenda sobre a mesa.

Tudo em suspenso.

Como se, de algum modo, como no primeiro dia sem o seu sorriso, todos – a casa, seus sonhos, seu filho e eu – esperássemos que você voltasse a qualquer momento, batendo na porta e fazendo alguma piada idiota. *Você acredita*, eu quase te ouvia, *que me confundiram com alguém, só agora perceberam o erro e, então, resolveram me devolver?* Então, você soltaria aquela risada gostosa que preenchia cada espaço dessa casa – e da minha alma – e me encheria de beijos.

Nada disso aconteceria. Porque a morte não erra. E, se erra, não há devoluções. Na sua agenda, seus planos esperavam serem concluídos quando você mesmo não pode concluir sua vida. E eu precisava seguir em frente, ainda que não suportasse perder você.

Não conseguiria continuar antes de fechar seu ciclo. Antes de colocar seu ponto final. Antes de descer o resto da cortina e encerrar seu ato. Antes que você recebesse os aplausos que não recebeu pelo seu final. Só depois disso, só depois de você deixar de ser meu personagem principal, eu conseguiria trilhar meu próprio caminho.

Era isso que eu precisava fazer. Eu só precisaria, agora, descobrir como querer.

Dia 60

Foi mais ou menos por isso que encontrei o que encontrei na sua agenda no sábado. Eu estava folheando a procura de suas metas anotadas quando um papel caiu, parando sobre meu pé. Em circunstâncias normais, estaria desesperada para colocar o papel dobrado escondendo a prova da minha especulação antes que você saísse do banheiro e me flagrasse folheando sua vida. E depois torceria para que não se lembrasse em que página deixou o papel, para que não me olhasse com aquela cara de desconfiado, sobrancelhas erguidas e aquele ar de quem sabia o que eu havia feito (ainda que nem sempre soubesse).

Eu passava boa parte do meu dia esperando, desejando, ansiando, rezando, para ouvir seus xingamentos, as brigas, por mexer no que não era meu. Mas era exatamente porque você não estava aqui que eu estava infringindo sua lei. E doía em mim a sua falta, o seu silêncio, a ausência de seus gritos e dos meus próprios gritos também. Viver sem você me doía de tal forma que eu sentia falta das nossas brigas.

Eu esperava pelas brigas. E esperava. E esperava. E esperava. E de tanto esperar multiplicava por mil a dor da minha ficha caindo, aquela dor aguda da qual eu nunca conseguia me livrar, a clareza absurda e cega de saber que daqui para o resto da minha vida era o silêncio, onde antes houve bagunça, que me acompanharia.

Então, enquanto a dor me golpeava só mais uma vez, um papel caiu no chão.

Era uma carta sua.

Só mais uma das centenas que escreveu. A última. Que você não teve tempo de me entregar. E que eu não estava pronta para ler.

Dia 61

Minhas amigas me ligaram pela manhã e perguntaram se eu não queria almoçar com elas. E eu pensei mesmo por que não ir. Sei o que você pensaria se ainda estivesse aqui. *Parece uma masoquista, diria, por que está fazendo isso com você? É melhor do que isso. Melhor do que elas. Não precisa ter que se torturar assim.*

Talvez não precisasse em outras circunstâncias. Mas era domingo. Eu estava sem você. Tinha acabado de ler a sua última carta. E buscava formas desesperadas de não ser consumida de dor, outra vez, no pior dia da semana. Elas eram amigas de uma vida toda e mereciam uma chance.

Fui. Sem expectativas. Logo eu, aquela que colecionava expectativas na estante do quarto. Elas queriam me convencer de que estavam preocupadas comigo. Depois de dois meses. Não ligaram uma vez, não me ouviram uma vez, e queriam me convencer de que entendiam como devia ser difícil para mim, que eu devia procurar ajuda profissional.

Fiz o que estava fazendo sempre quando alguém vinha com esse papinho decorado de algum livro autoajuda perdido por aí. Fingi que escutava. Fiz a minha melhor cara de interessada – aquela, que você detestava – e fingi que ouvia. Ao invés disso, no entanto, fiquei olhando-as como se as visse pela primeira vez.

Elas não seguraram a minha mão. Elas não disseram que estariam comigo. Elas não estiveram mesmo comigo. Não secaram as lágrimas que ainda escorriam pelo meu rosto. Se não tivesse ido até elas naquele bar, elas nunca me ligariam. Estavam mais preocupadas em viver suas vidas do que me escutarem. Elas não acreditavam em amor. E depois que brigamos, elas decoraram um texto idiota – bem a cara delas, você diria – para fingir que se importam com a minha dor?

Não falei nada. Não agradeci, não retruquei, não questionei, nem quis me explicar. Quando elas terminaram, apenas mexi com a cabeça, como se tivesse entendido, como se tivesse ouvido. Pedi meu almoço e, quase muda, fiquei ali vendo-as conversarem animadamente.

Eu sabia que quando o almoço acabasse, a nossa amizade acabaria também. E quando acabou, apenas levantei, paguei minha conta, as abracei,

disse que ligaria, que nos encontraríamos novamente. Nada disso era verdade. Nos despedimos e fui para casa, sozinha.

Poderia ter chorado. Feito um drama daqueles que adorava, que fazia você rolar os olhos impaciente da minha infantilidade. Mas não teria mais você irritado com minhas crises de menina mimada e, então, perdera a graça. Ao invés disso, coloquei sua blusa, deitei em nossa cama, sentindo falta de você para me abraçar.

Dia 62

Tropecei nas suas coisas hoje. Estava andando pela sala com outra crise de insônia, bebendo o café na sua caneca no meio da noite. O café estava uma droga. Eu tinha acendido só o abajur porque não queria acordar minha mãe. E aí tropecei na caixa das coisas de seu escritório guardada no canto da sala.

Soltei um palavrão daqueles que te deixaria com os cabelos em pé. Depois chiei com medo de acordar minha mãe e ter que ouvir um sermão de que grávidas precisavam dormir bem. Fiquei imóvel esperando para ver se ela se levantaria.

Não levantou. Larguei sua caneca do seu time, que agora virou a minha própria caneca no canto, e peguei suas coisas. Passei a mão pelo retrato que você olhava todos os dias na sua mesa de trabalho, demorando-me no seu sorriso. Meu peito apertou. Fazia tempo que não olhava seu sorriso e ainda assim ele me causava a mesma sensação. Doía que agora só me lembraria dele por fotos que, nem de longe, transmitiam toda a beleza dele. Depois peguei a minha foto, que você tirou quando me conheceu. Eu odiava aquele retrato, mas o deixaria na cabeceira da minha cama só para que nunca me esquecesse de você, de como nos conhecemos, de como nos amamos.

Peguei suas canetas, várias, de todos os jeitos, inclusive uma de uma mulher pelada quando a caneta ficava em pé. Imaginei você escrevendo com ela num lugar tão sério quanto um escritório financeiro. Peguei seu cartão de visita, com seu nome em letras bonitas, sua profissão e seu telefone de trabalho. Seu celular profissional também estava na caixa. Você dizia que o maior erro que alguém poderia cometer era misturar o número profissional com o pessoal. O celular estava desligado e eu o liguei. O papel de parede exibía uma foto nossa. Nada profissional, você deveria saber. Sua agenda –

você adorava uma agenda de papel – estava cheia de anotações. Você anotava tudo, metódico como era. Depois meu peito se encheu de uma sensação estranha quando peguei um terceiro porta-retrato, um desenho que fiz quando ainda éramos namorados, de um casal de crianças brigando – o menino puxava a boneca da menina – escrito “nossos futuros filhos”. Você tinha escrito embaixo, com aquela sua letra horrível, “acho que eles precisam engordar”. Você nunca havia me dito que havia guardado. Você não me disse muitas coisas e eu sempre soube.

Por último, peguei seu notebook carinhosamente. Você passou muito tempo na frente dele, trabalhando. Você adorava trabalhar. Dizia que se um dia acordasse sem vontade de ir para a empresa estaria na hora de rever sua vida. E, mesmo amando sua profissão, nunca deixou que a vida movimentada o consumisse. Da porta de nossa casa para dentro você desligava seu celular e era só você. E era só meu.

Eu preferiria que você tivesse me traído. Que você tivesse me deixado. Eu não aguento mais sobreviver num mundo em que não tem você.

Dia 63

Fui à médica com minha mãe porque tinha que levar os resultados dos exames que fiz. Doía demais. Sabia que havia um pedaço aqui seu que precisava de cuidados. Sabia que acompanhamento era preciso. Mas não vou negar: doía. Doía mais do que, um dia, imaginei que poderia suportar. Logo eu, que nunca fui muito tolerante a dor, precisando aprender a conviver com ela, que parecia não querer me largar nunca mais.

Você sempre disse que estaria comigo nesse momento, que acharia uma brecha na sua agenda só para vir. Queria saber tudo sobre nosso filho. Queria segurar minha mão enquanto víamos, emocionados, os traços cinzas e sem graça do ultrassom. Queria ser o pai coruja e o marido exemplar, não necessariamente nessa ordem. Queria fazer as vontades de uma grávida, me mimar ainda mais, realizar os meus desejos mais estranhos. Acompanhar o crescimento da barriga, fazer um book da gestação que eu adorava dizer que era meio bobo, sentir o primeiro chute, me ajudar quando a barriga ficasse tão grande que não conseguisse mais enxergar meu pé. Você compraria mil livros sobre a gravidez, me cobrando a fazer tudo que a médica pedisse – e mais um pouco. Você ia discutir por noites o nome do bebê até me vencer

pelo cansaço. Depois, quando chegasse a grande hora, a mala do bebê já estaria pronta três meses antes, você me levaria para o hospital. Seguraria minha mão enquanto eu tinha nosso filho, com aquele olhar idiotamente apaixonado que se vê por aí, nos filmes. Até que o choro dos pulmões fortes preenchesse a sala de parto e selasse de vez o nosso amor.

Um futuro sonhado, que você nunca alcançaria.

Cruel que você não estivesse aqui. Cruel que eu tivesse que enfrentar tudo isso sozinha.

***'

Tudo certo com o nosso filho. Tudo certo com os exames de sangue que a médica pediu também. O que não queria dizer que eu estava bem. A médica queria que eu diminuísse as doses de calmantes e aumentassem as horas de sono. Como se fosse possível aumentar as horas de sono sem calmante. Então me olhou atenta, como se lesse minha mente, e me pediu que esforçasse, se não por mim, pelo bebê que eu esperava. Queria que eu comesse mais e me exercitasse mais. Me passou uma dieta que eu deveria seguir. Não me perguntou se era possível.

Não disse a ela que não tinha forças, que ir ao trabalho já exigia mais de mim do que tinha para dar. Não disse que estava doendo. Que eu ainda sangrava. Que comer me embrulhava o estômago. Ou que dormir numa cama vazia sem a presença do homem que amava inquietava os cantos mais escondidos de minha alma. Ela não estava ali para cuidar de mim. Ela estava ali para cuidar do nosso filho. Do elo que ainda manteria o “nós”, você e eu, unidos para sempre.

Não disse nada disso porque sabia que ninguém, além de mim, seria capaz de me entender. Ninguém além de mim poderia fazer tudo isso para cuidar do nosso filho.

E não disse, também, que apesar de saber que era o que precisava, eu não sabia se queria. Ou se eu conseguia querer.

Dia 64

A primeira parcela do seu seguro de vida saiu hoje. Quis morrer quando peguei aquele cheque nas mãos. Quis rasgá-lo em pedaços e dizer que aquilo

não cobria metade do que devia – nenhum dinheiro do mundo abafaria a dor de ter te perdido. Mas não havia enlouquecido. Cheguei bem próximo disso, era verdade, mas não enlouqueci. Não o suficiente para rasgar dinheiro, ao menos.

Parecia que foi ontem que você decidiu que deveria fazer um seguro de vida. Quase todas as lembranças que tinha de você estavam recentes e presas em minha memória, apesar de, mesmo assim, parecerem pertencer a outra vida. A gente havia acabado de se casar, ainda nem morávamos nesse apartamento. Você havia pegado uma gripe, que achava que era pneumonia e logo depois descobriu que era dengue. Você nunca adoecia, o que parecia te deixar ainda mais dramático. Era de madrugada e eu estava tentando abaixar sua febre.

Você estava rindo do meu desespero. E eu tentava te fazer enxergar que aquela dengue poderia ser mortal. Você nunca pensou na morte, nunca falou sobre isso, e não porque tivesse medo, apenas dizia que só precisava viver de um jeito que não deixasse pendências e a morte não seria tão assustadora. E eu ali, chorando, desesperada, exausta, tentando fazer aquela maldita febre abaixar e morrendo de medo de te perder.

Dormi sobre você em algum momento entre seu riso e meu choro. Quando acordei você me olhava sério, como quase nunca me olhava, o que me deixou preocupada. Posso contar nos dedos às vezes que me olhou com tanta seriedade quanto naquele dia. Quando disse que me amava pela primeira vez. Quando me pediu em casamento. Quando eu falei que iria embora pela centésima vez e você não deixou. Naquela rua maldita com você nos meus braços.

Perguntei, apavorada, se você estava sentindo algo. Você começou a falar, a voz rouca, que havia tomado uma decisão, que não conseguiu dormir pensando nisso, que eu estava certa, que morte era assunto sério e que não se pode evitar pensar. Eu disse que você estava me assustando. Você falou que assim que melhorasse faria um seguro de vida para nós. *Você tem trinta anos*, falei, *nada pode acontecer nessa idade*. Você disse que era o que todos achavam, mas infelizmente acontecia. E que precisava ter a certeza de que não me faltaria nada em sua ausência.

Passei a mão pelo cheque, deixando as lágrimas caírem, decidindo o que

fazer. Queria ter tido a chance de ter te dito que esse dinheiro nunca cobriria a falta que sinto do seu sorriso. Não tive. Perdi muitas chances esperando momentos certos para dizer o que sentia.

Dia 65

Sonhei com você.

Você estava lindo, de barba por fazer. Você raramente deixava a barba, apesar dos meus pedidos. *Eu trabalho num escritório financeiro, amor, barba não nos deixa com cara limpa, não passa credibilidade.* Você tinha uma mala de viagem na mão e vestia aquela blusa vermelha que você odiava – e eu amava. Era estranho. Lá estava você, do jeito que eu mais gostava, chegando no meio da madrugada com aquela carinha de cão que havia perdido o caminho de casa e depois de muita direção errada, finalmente voltado.

Perguntei onde você estava, por que demorou tanto. Você balbuciou uma desculpa, quase tão desesperado quanto eu. Esqueci a raiva, as noites insones, e a briga por você ter desaparecido. Podiam esperar. Tudo poderia esperar. A saudade não.

Pulei no seu colo, borrando você com aquele batom vermelho que você adorava. Nos meus lábios você sussurrou com aquela voz rouca. *Eu senti tanta falta de você, Bruxinha. Tanto falta que chegou a doer.*

Passei a mão pelo seu rosto, com carinho. Queria falar, mas estava mais necessitada de sentir – você, a gente, o nosso amor. Cada pedaço meu ansiando se completar com um pedaço seu.

Acordei.

Desnorteada, chorando, encolhida em posição fetal na cama que era nossa. O sonho foi tão real que senti você, seus toques, seu olhar, seu amor. Eu acordei sentindo o perfume que mais amava em minha vida: seu cheiro.

Eu queria que a vida fosse aquele sonho. Eu queria que você ainda estivesse aqui em corpo e alma e não apenas em uma sensação fajuta de uma mente enlouquecida de saudade.

Mas a vida não era um sonho.

Sem você, ela parecia mais um pesadelo cruel, doloroso e real.

Insuportavelmente real.

Dia 66

Suas blusas continuavam penduradas no guarda-roupa do jeito que você deixara, metódico e organizado, das blusas mais claras às mais escuras. Toquei a blusa vermelha com carinho. Eu adorava quando você usava vermelho. Era estranho, porque vermelho nunca foi a minha cor preferida, mas você me ganhava. Você sempre me ganhava nas coisas mais inusitadas.

Você também aprendeu a usar essa cor. Você achava “*aparecido demais para o meu gosto, Bruxinha, por que você faz isso comigo?*”, repetia, resmungava, mas acabava colocando só para me agradar. Tentou tanto que eu também usasse vermelho, mas nunca conseguiu. Me deu um vestido vermelho e ficou na esperança de me ver nele. Eu sempre enrolei. Na próxima festa, em outra comemoração, qualquer dia desses. Não usei. E você se foi.

Lembrava-me como se fosse ontem do dia que trouxera esse presente. Nem era meu aniversário. Você também não tinha feito nenhuma merda para vir pedir desculpas. Era um dia comum, banal, que se perdeu sem ser notado nem anotado. Eu estava vestida com sua blusa, descabelada, cantando alto enquanto esperava a pizza assar quando você entrou. Não te vi chegar e você ficou ali quase a música toda me olhando em silêncio. Quase enfartei quando percebi sua presença. E nós rimos.

Aí você me beijou e me deu o pacote. Perguntei o que era. Você falou para eu abrir. Brinquei perguntando qual foi a merda que você tinha feito dessa vez, você deu um sorriso e perguntou se só podia me dar presentes quando tivesse motivos ou se só me amar já era um bom motivo. Revirei os olhos, ri, te chamei de idiota e rasguei o papel. Você riu de volta. Lembrava exatamente do tom que usou dizendo que eu parecia uma criança. Ignorei. E tirei o vestido do pacote.

Vermelho. Foi a primeira coisa que reparei. Você disse que só pensou em mim quando viu o vestido. Resmunguei que era bom mesmo ter pensado só em mim. Você sorriu e pediu para que eu colocasse, queria ver, me encheu de beijos, mordeu meu pescoço, para me convencer.

Convenceu, como quase sempre. E eu me senti ridícula naquele vestido.

Você ficou louco por algum motivo, me achando sexy, me beijando inteira. Foi a primeira e última vez que usei. Por cinco minutos. Você me fez sua ali mesmo, no chão da sala. Enquanto nossa pizza torrava no fogão – o que nem era assim alguma novidade – e a gente não dava a mínima para isso.

Passei os dedos novamente pelo vestido, fechando o olho. Eu devia ter colocado quando fomos jantar, naquele dia. Ter feito um pouco de esforço para te fazer feliz. Ter realizado seu desejo de me ver de vermelho. Achei que teríamos tempo para fazer tudo isso.

Não tivemos.

Dia 67

Terminei o livro que você não teve tempo de terminar. Ao fechar a capa, fiquei pensando no que você teria achado da história, quantos resmungos teria dado quando lesse as partes mais chatas, quem teria sido o alvo dos seus piores xingamentos – os personagens ou o autor.

Não conseguia ter uma opinião sobre o romance. Fazia muito tempo que eu havia lido pela última vez.

Você foi o responsável por ter destruído o pouco que eu ainda gostava de literatura. Você foi o responsável por destruir muita coisa em mim. Antes de você, eu era apenas uma bobinha que achava que sabia tudo sobre a vida, o amor e os relacionamentos. Antes de você, lia os livros que todos liam para não ficar fora das rodinhas de conversa. E tinha aquela velha opinião de todo mundo, causado pelo frisson de ler um best-seller. Aí você apareceu, despretensioso pretendendo me roubar para você. E destruiu todas as minhas ilusões de viver algum conto de fada idealizado que eu comprava dos livros de sucesso.

Depois de você, todas as histórias eram apenas mais uma história qualquer. Nosso romance ganhava em disparado de qualquer sucesso literário. Era uma vida realizada que fazia todos os sonhos serem imbecis.

Viver você foi minha melhor decisão. Deixar que você entrasse em minha vida foi meu melhor convite. Foi o preço mais alto que paguei, alto o bastante para me causar tanto desespero, mas, por maior que fosse a dor, um preço que pagaria outra vez, se tivesse outra chance.

Por ter vivido o que vivemos, todos os romances escritos eram apenas romances meia-boca. Ainda que escrevessem a nossa história seria um romance meia-boca. Porque não havia palavras, gramática idiota e talento de escritor capaz de fazer uma história tão linda, insuperável e inesquecível como a nossa, ser tão bonita ao ser contada. Literatura alguma pode traduzir a beleza da realidade de um amor vivido.

Mas para acabar com sua curiosidade (eu sei que você, onde quer que esteja, está curioso) sobre o fim do livro, eles viveram felizes para sempre. Ou, bem, para sempre até que algum ladrãozinho de esquina roubasse todos os seus sonhos por causa de uma joia qualquer.

Dia 68

Outro domingo vazio e sem sentido sem você.

De todos os dias da semana, esse era o pior. A segunda-feira havia perdido seu posto, mesmo com tudo o que aconteceu nela. Os domingos me doíam como aquele primeiro que enfrentei sem você, sabendo que era domingo. Eram facadas afiadas cortando meu corpo, dilacerando minha alma. O silêncio da casa era ensurdecedor. Faltavam aquelas suas gargalhadas gostosas ganhando cada centímetro quadrado desse apartamento quando eu fazia alguma piada imbecil. Eu era uma péssima piadista, mas você ria de todas. Ou melhor, ria de mim. E eu queria te bater toda vez que fazia isso. Eu sentia falta de sua voz cantando alguma música brega que estivesse entre as mais tocadas da semana. Dos assovios irritantes nas partes que não sabia a letra. De como você me prendia pela cintura e dizia que eu não tinha limites. Você também não tinha. daquelas brigas estúpidas de travesseiro, que te deixavam com aquela cara rosada de moleque sapeca.

Domingos doíam mais porque sentia falta da sua felicidade de menino.

Lá fora, chovia. Você detestaria. A chuva te impediria de ir ao parque, ficaríamos trancafiados o dia todo em casa. Mais do que isso, você odiava chuvas. Um metro e oitenta que morria de medo de relâmpagos. *Meus dois maiores medos*, quase te ouvi dizer, *tempestades e te perder*.

Nunca tive medo de te perder porque achava que você sempre seria meu. Eu estava errada. Eu estava errada em muitas coisas e nem tive tempo de te dizer. Eu te perdi. Você sabe o quanto isso doía em mim?

Olhei para o céu. Você estaria lá em cima? Você estaria em algum lugar desse mundo invisível para mim? Existia mesmo algo além desse mundo, amor? Como você sempre achou, como eu sempre duvidei, como a gente tanto discutiu pra ver quem tinha mais razão? Você chegou a algum tipo de paraíso, Sapinho? E você ainda era capaz de amar sua Bruxinha mesmo estando aí, tão longe de mim?

Dia 69

Deitada e com a mão no ventre, foi assim que acordei naquela segunda-feira. Quase sorri.

Não sabia em que ponto parei de pensar em tirar esse bebê. Não sabia, também, como fui pensar nisso. Era um pedaço seu vivo em mim. Mas ainda assim não o bastante para me fazer feliz. Ele tinha metade de sua carga genética e metade da minha. Uma soma do nosso amor. Ele seria seu filho e tudo o que mais queria era que fosse sua cópia. Meus genes poderiam ser descartados, eu não me importava.

Me sentia culpada por não estar feliz com a vinda do nosso filho. Eu o amava, não me entenda mal. Eu só não o amava mais porque você teve que morrer, teve que me deixar, para que realizássemos o nosso sonho. Eu não conseguia ficar feliz – eu sabia que devia, era meu filho, seu filho, *nosso* filho – Mas a felicidade nunca combinou com dever. Só conseguia pensar no que ele vai perder sem você aqui. Você o amaria tanto. E você jamais poderia desfrutar do seu sonho de ver seu filho crescer. E era por isso que eu havia pensado em parar esse novo capítulo que você não poderia participar.

Porque essa parte da história era injusta e cruel.

Com nós três.

Dia 70

Quando o carteiro disse que tinha uma encomenda para mim, fiquei, por alguns minutos, pensando que poderia ser algo parecido com a história de *PS: Eu Te Amo*. Por que não? Porque eu não poderia ser um personagem de filme em que a dor acabaria quando acabassem as filmagens? Por que você não poderia ter pensado em me ajudar de algum jeito quando se ausentasse?

Você odiava aquele filme. Te obriguei a vê-lo tantas vezes e, enquanto eu,

desconsolada, chorava durante toda a história, você ria e fazia piada de tudo, desde as dicas que você achava imbecis à atuação dos atores. Você ria de mim por me desestabilizar tanto por uma história que, *para começo de conversa, amor, não tinha o menor compromisso com a realidade*. Você era um homem típico que gostava de sangue, violência, morte e zumbis. Eu era a mulher típica, manteiga derretida. Nós e nossos clichês.

Não poderia ser nenhuma encomenda sua porque já havia sido sorte o bastante ter achado aquela carta perdida na sua agenda, que ainda nem consegui ler. Diferente do personagem, você não sabia que iria morrer. Não ouviu sua condenação num consultório. Foi pego de surpresa e despedido da vida sem cumprir aviso prévio, sem receber nenhuma carta de recomendação.

Eu também não sou uma atriz vivendo uma história inventada por algum autor maluco. Sou de carne, osso, e amor louco que carregava dentro de mim. A dor que sentia era real. E agora entendia porque você detestava aquele filme; dicas, recados, carta e autoajuda alguma, mesmo que escrita por você, fariam a dor de ter te perdido diminuir.

Nada faria.

Eram os ingressos do show. Do seu show. Que você não poderia ir. Era irônico – e cruel – nossa banda preferida vir quando você já não podia mais prestigiá-los. Nem eu sabia se aguentaria ir.

Todas as músicas, sem você, nunca terão a mesma rima. Não seriam mais tão bonitas. Não seriam mais a nossa música.

Doía.

Dia 71

A roupa separada para o dia seguinte ao que tudo aconteceu continuava atrás da porta, esperando por você. Inconscientemente, eu também esperava. Eu sabia que não voltaria, sabia que havia acabado, sabia que você tinha viajado pra não mais regressar. Mas suas coisas em suspenso davam a sensação estranha de que a qualquer hora tudo ficaria bem, tudo voltaria a ser como antes. Era uma tortura olhar todos os dias para as coisas que você deixou, mas uma tortura acalentadora. Era como se as roupas, os objetos, dissessem em silêncio para mim: *ei, por que tanto desespero? Ele não ia nos deixar aqui se realmente fosse embora. Ele nos amava também. Respira. Ele*

vai voltar.

Você não vai voltar.

Se, de um lado, acalentava essa esperança doentia, de outro era enlouquecedor esperar por um milagre. E doía cada minuto em que a ficha de ter te perdido para sempre caía, ainda que ela já tivesse caído milhares de vezes. Era como receber uma facada no peito e continuar viva. Era como continuar respirando mesmo sem ar. Esse era o jeito mais próximo que eu tinha de definir a minha vida agora, a semivida de existir sem você. E nem de longe chegava perto da dor que me cortava por ter que continuar.

Tirei blusa por blusa do guarda-roupa, dobrando-as com o cuidado que você sempre teve e colocando na sua mala. Logo eu, aquela que jogava de qualquer jeito, estava fazendo um trabalho tão bem-feito. Eu quase te ouvi rir daquele meu cuidado. Fechei os olhos e, por um momento, só por um momento, me deixei imaginar que você estava ali.

E você estava. Ali, na minha frente. Os olhos apertados. As bochechas rosadas de menino. Rindo de mim.

Chorei.

Minha mãe veio e perguntou se eu queria ajuda. Disse que precisava fazer aquilo sozinha. Por você, por mim, pelo bebê que carregava aqui. Ela não questionou. Avisou que qualquer coisa estaria na cozinha e saiu. Sozinha e sem os olhares de minha mãe, eu permiti que você me doesse mais uma vez.

Depois que separei as camisas que guardaria e as que poderiam ser doadas, voltei a atenção para seus relógios. Separei seus preferidos, inclusive o último que ganhou, naquele maldito dia, e que só havia usado uma vez, e os outros coloquei na mala. Então, fui para seus cremes e loções de barbear. Deixei de fora o seu perfume – o meu perfume preferido. Deixei de fora, também, meu coração que era e sempre seria seu.

Apesar de lotada, a mala fechou com facilidade. Eu nem mesmo precisei me sentar nela como daquela vez que viajamos pro Canadá, em meio a risadas. Você se lembra? Agora só havia lágrimas. Agora só restava dor.

Numa segunda mala, separei com cuidado seus ternos sob medida, suas gravatas, seus sapatos, separando, como você sempre fez, sua vida pessoal da

profissional.

Quando terminei e olhei para sua metade do guarda-roupa, não pude evitar pensar que, apesar de um ser inanimado, ele se parecia muito comigo.

Vazio e sem graça sem você.

Dia 72

Entrar no seu escritório era uma das últimas coisas que eu queria fazer. Ali era seu recanto. O lugar para onde corria quando a gente tinha alguma discussão. Foram poucas às vezes em que brigamos e você saiu pela porta. Uma vez te perguntei por que não o fazia e você deu aquele sorriso – o meu sorriso – declarando que, de cabeça quente, suas chances de fazerem merda eram muito maiores. Preferia esfriá-la lendo um livro do que fazer alguma loucura na rua da qual se arrependeria pelo resto de sua vida.

Passei dois meses ignorando. Queria passar o resto dos meus dias sem me lembrar do que havia por trás da porta. Mas sabia que aqui também havia muitas coisas suas que precisavam ser desfeitas. Eu teria vendido minha própria alma para alguém arrumar para mim. Mas, você sabe, não há alma alguma em meu corpo desde o dia em que você se foi. Sou uma carcaça vazia, um fantasma que só se mantinha em pé pelo último pedaço seu vivo que me deixou: nosso filho.

Abri a porta com a respiração presa. Como se tivesse medo do que encontraria. Por um milésimo de segundo, mais rápido do que uma piscada, pensei que você poderia estar aqui, escondido do mundo e de mim, por todos esses dias. Mas claro que era loucura. Não havia nada ali, nem você, nem sua presença, nem sua alma. Seu escritório estava tal como estava meu coração: insuportavelmente vazio.

Você havia tirado o domingo anterior àquela maldita segunda-feira para organizar aquele cômodo. Mas não conseguiu terminar porque te interrompi para fazermos amor. Vi uma versão mais feliz minha cruzar a porta e exclamar *“qual é, amor, é domingo. É dia de você ser apenas meu”*. Você estava recolocando seus livros na estante e sorriu torto sem nem me olhar. *Daqui a pouco vai largar para ver futebol. E eu, sua mulher, vou ter atenção em qual momento?*

Você estava lindo naquele dia e eu nunca te contei. Seus cabelos estavam

maiores e precisavam de um corte, então toda hora aquele cacho rebelde caía em seu rosto. Sua barba estava por fazer e te deixava com um ar sexy. Havia largado sua camisa no canto e tinha alguns pontos sujos de poeira. Como é que você, que nem era o tipo de homem que sempre achei bonito, conseguia me arrancar tanto suspiros por sua beleza?

Sequei as lágrimas que caíam até que desisti de tentar pará-las. Qualquer lembrança de nós dois era impossível de não chorar. Eu não tinha forças para impedir. Era cruel que toda a felicidade de uma vida tivesse se acabado em um piscar de olhos.

Dois meses fechado, o escritório tinha aquele cheiro de que precisava de ar. Abri a janela e então passei o dedo pela escrivaninha empoeirada, abandonada por você. Tanto quanto eu. Mecanicamente, fui separando o que poderia ser ou não doado, sem pensar em cada lembrança que continham. Se pensasse, não suportaria. Ali havia a pilha de livros que você não teve tempo para ler. As contas separadas para pagar. Os documentos esperando para serem revisados. O caos de uma organização abandonada, esperando ser recolocada no lugar.

Olhei para sua foto que estava ali, que exibia nós dois num barco, tiradas em nossa lua de mel, e passei o dedo pelo seu rosto. *Olha só para isso, amor, parece que passou um terremoto e perdemos o eixo do nosso mundo.*

Você era o meu eixo, que me mantinha em pé, que me mantinha em paz.

Como eu te odiava. Como eu te amava. Como eu te culpava. Como eu me culpava.

Como eu queria poder gritar tudo isso para você. Só mais uma vez. Só para poder me enganar de que vai ficar tudo bem. Que depois do caos de um terremoto o mundo reencontraria seu eixo em meio ao caos. Que depois de você, eu ainda poderia ser inteira, completa e feliz. Outra vez.

Dia 73

Seu melhor amigo me ligou de novo.

Ficamos mudos o tempo todo porque falar estava fora de condição para qualquer um. Ficamos ali, por minutos, sentindo a dor do outro. A dele tão sufocante quanto a minha. Se eu perdi minha melhor parte, ele perdeu o

companheiro das melhores histórias. Se eu perdi o amor da minha vida, ele perdeu seu melhor amigo, o irmão que cresceu junto. Doía nele talvez tanto quanto doía em mim.

A pessoa vai embora, mas quem ficava tinha que juntar os destroços de uma partida. Era a gente quem tinha que aprender a conviver com a nova realidade, erguer as pilastras, para poder seguir em frente. Quem vai leva a paz e o acalento, quem ficava tinha que aprender a conviver com o silêncio. Quem vai fere, ainda que nunca tivesse pensado em ferir. Quem ficava sabia que a única cura era ter de volta quem se foi. O que era impossível. E, então, se feria mais.

Quis contar a ele, ao seu amigo, que nem tudo chegou ao fim. Quis dizer que você se foi, mas que deixou uma parte dentro de mim. Quis tentar diminuir a dor dele, que também doía em mim. Só uma coisa era pior do que perder um amor, era perder o melhor amigo. Sabia disso porque, ao perder você, perdi meu melhor amigo também. Eu perdi tanta coisa, na verdade. Coisas que jamais conseguirei suportar.

Fiquei pensando que você teria dado uma festa e que ele seria um dos primeiros a saber. Você teria gritado ao mundo a sua felicidade. E era o silêncio que me enlouquecia. E, de algum jeito, sabia que o enlouqueceria também. Quando a gente percebia o que acontecia com o outro, de algum modo, melhorava a dor que carregamos. Não estava sozinha. Podia estar sem você, mas não sozinha.

Ele pediu desculpa e disse que precisava desligar, antes que contasse a ele sobre nosso filho, a parte viva de você que surgiu em meio ao caos. Mas, em todo aquele silêncio claro e doentio, percebi que não tinha o direito de esconder essa notícia por mais tempo. Essa não era uma salvação minha apenas. Era uma salvação para todos que um dia te amaram. E agora conseguia enxergar.

Eu não era a única que amei você.

Dia 74

Parei na calçada da casa de seus pais por dois minutos. A gente almoçava todos os sábados com eles e era doloroso voltar ali sozinha. Eu detestava aquele lugar e você sabia muito bem disso. Não houve um dia que cruzei

aquela porta que fui bem tratada por sua mãe.

Mas eu precisava fazer aquilo. Eu precisava jogar o bote salva-vidas para sua mãe também. Por mais que a gente se detestasse, que ela não me aceitasse ou que brigássemos. Nós tínhamos uma coisa muito mais forte em comum. Nós duas amávamos você. E, querendo ou não, esse amor nos unia tão fortemente que jamais conseguiríamos nos libertar.

Sua mãe envelheceu uns cinco anos, desde que a vi pela última vez. Os olhos ganharam rugas novas e o sorriso, já raro, desapareceu. Seu pai ganhou mais alguns fios brancos na cabeça que, não fosse aquela falta de brilho no olhar, o teria deixado mais charmoso. Vocês eram tão parecidos que foi impossível me defender daquele soco no estômago.

Perdi o ar.

Perdi você.

A casa havia ganhado fotos novas, suas, espalhadas por todo canto. Uma tortura da qual eles não queriam escapar. Tive vontade de pegar uma, que exibia você pequeno, sorrindo aquele sorriso que manteve por 35 anos. Mas resisti porque não estava na minha casa. Era a casa de seus pais. E ali nunca me foi um lar, como a casa de minha mãe foi para você.

Seu pai me abraçou. Sua mãe manteve-se distante com seus olhos acusatórios. Ela me culparia para sempre. Para falar a verdade, eu também me culparia para sempre. Perguntou o que eu queria ali. Sem sentar, sem falar sobre outras coisas, sem beber um café, declarei. Soltei aquela frase que mudaria o rumo de nossa dor para sempre. Aquela frase que em qualquer outra ocasião daria motivos para uma festa. Mas que, depois de tudo, era como levar aquele maldito tiro outra vez e, ainda assim, perdendo sangue, continuar vivendo. Sem anestesia e sem preparo, falei:

Eu estou grávida.

A frase ficou boiando na sala por segundos, dançando, como se zombasse de nossa dor. Até que finalmente despencou de uma só vez caindo sobre seus pais, do mesmo jeito que caiu sobre mim.

Não houve champanhe, fogos, festa, faixa, gritos, parabéns. Houve um silêncio gritante. E depois houve aquela pergunta cruel nos olhos de seu pai

que me rondava dia e noite: *por que agora?* Houve um grito de dor de sua mãe, dilacerador, enlouquecedor, que teria me doído ainda que eu fosse surda.

Embora estar grávida de você fosse motivo de felicidade, naquele momento, só houve dor.

Dia 75

Dormi e acordei pensando em você, em mim, na gente e no nosso filho. Pensando que ele não deveria trazer dor, desespero e agonia. Um filho deveria vir com festa e alegria. Era uma realização.

Ele ou ela, não tinha culpa. E ainda assim, a primeira reação era a de dor, gritos cortantes e aquela pergunta fatídica que nos acompanharia para sempre: *por quê?* Fiquei deitada na cama me perguntando como explicaria isso ao bebê, no futuro. Que a dor de ter perdido você abafou a alegria de recebermos uma criança. Com os dias passando, a alegria chegaria à casa de seus pais. Esse filho era um ponto de luz no meio da escuridão de ter perdido você. Um peso muito grande para se carregar por alguém que nem havia nascido, mas do qual nosso filho nunca se livrará.

Minha gestação era a prova de que o tempo passou.

Às vezes, fingia que o mundo não girava, que tudo ficou em suspenso naquela maldita segunda-feira. Como se tudo tivesse sido congelado no momento que o gatilho foi apertado. Mas era só fingimento.

O mundo não parou para escutar a minha dor. Na verdade, ninguém parou. Os dias voavam com uma velocidade incrível, a cada piscada eu ficava ainda mais longe de você. As pessoas iam e vinham, o mundo rodava, as coisas mudavam. Meu próprio corpo me traiu e mudou. Carregava um filho nosso e não dava mais para esconder. Minha barriga denunciava e não havia como negar.

A vida já não era a mesma como quando eu tinha você.

Nunca mais seria, eu sabia.

Dia 76

Sempre tomei calmantes para dormir. Não era um efeito colateral de sua perda, pelo menos não isso. Era efeito colateral eu querer dormir e dormir por

mil anos para que, quando acordasse, não mais me doesse sua partida. Eu queria esquecer. Você, a dor, a gente, a história, tudo. Ao mesmo tempo, tinha medo de, algum dia, ser incapaz de me lembrar de sua voz, do seu amor, dos seus olhos, da época que não era obrigada a viver sem seu sorriso.

Dormir era uma benção. O efeito do calmante me nocauteava e, por aquelas horas, era como se eu voltasse ao universo perfeito que vivia antes de perder você. Quis tanto sentir uma dor que cegasse, que me levasse a alguma loucura acalentadora. Loucos não compreendem o que dói, loucos não sabem o tamanho de uma perda, loucos não conseguem medir o que sentem. A dor de te perder era insanamente brutal: era clara e intensa como nunca achei que uma dor seria. Zombava de mim ao me dilacerar inteira, pedaço por pedaço, cada vez mais, a cada minuto que era obrigada a respirar sem você.

O calmante anestesiava. Eu ficava em suspenso, como se flutuasse. E me esquecia da perda, do sofrimento, dos sorrisos seus que foram arrancados dos meus dias, dessa minha solidão desesperadora de ter que continuar.

Mas eu sabia que a médica estava certa. Adiar a minha dor não a faria desaparecer. Me anestesiar não a faria sumir. E ainda que fosse me matar, que as fincadas seriam como facas afiadas mesmo durante o sono, eu sabia que havia alguém muito mais importante precisando de cuidados: nosso bebê.

A dor não cegava. Demorou, mas acabei percebendo, aqui dentro havia alguém muito mais importante que eu, que precisava de mim, e que, por minutos, me fazia esquecer o caos de dor e saudade que era a minha vida sem você.

Dia 77

Seu amigo passou aqui hoje.

De quantas maneiras você pode ser golpeada pela dor e perder o ar, mas, ainda assim, continuar respirando? A cada direção do meu olhar para algo ou alguém que você amava e estava sempre próximo, eu era atingida por um soco novo, diferente de qualquer outro, por não te ver.

Ele estava tão ruim quanto eu, dava para notar. Tão ruim quanto seus pais. Nós quatro sempre seríamos as pessoas que mais te amaram na vida. As que mais sofriam por seu silêncio. As que você mais amou também. Seu amigo ficou parado na porta, olhos perdidos, como se te procurasse logo atrás de

mim. Até que percebi a ficha caindo diante dele. Ele se encolheu de dor e soltou um suspiro, desses longos, que cortam a alma de quem escuta.

O convidei para entrar, ele se recusou. Então, falou. *Seu sogro me contou. Sobre você. Sobre a gravidez.* Suspirou. *Alguém já te deu parabéns? É bom que ele esteja vivo, de algum jeito.*

A gente se olhou.

A dor dele refletindo a minha própria dor.

Eu, hun, desculpe – e acho que deduzi o porquê das desculpas. Por ir a minha casa sem você estar lá. Por estar transtornado daquele jeito sem conseguir disfarçar. Por me dar parabéns. Por mil e uma coisas que entendi só de olhar nos olhos dele. Passei no shopping e vi isso aqui. Estendeu o pacote. *Era algo que ele teria sido o primeiro a comprar. Não quero substituí-lo, tá? Eu achei que ele queria fazer isso.* Suspiro. Lágrimas reprimidas. Dor. Um palavrão que ele não conteve. *Por que merda a vida é tão injusta?*

Revolta.

Abri o pacote, em silêncio. Dois macacões, um rosa escrito “princesa do papai” e um azul, bordado com um “garotão do papai”. *Comprei os dois porque assim, menino ou menina, não será excluído.*

Choramos.

Afogando-nos em dor, abraçados em desespero: choramos.

Seu amigo estava certo, você teria corrido para comprar essas roupas assim que soubesse da notícia. Doía que não teve chances de fazer isso, que não terá chances de fazer tantas e tantas coisas.

Dia 78

Você não vai acreditar com quem cruzei na rua, assim, de graça, enquanto voltava do trabalho. Aquela sua ex-namorada, a que você mais gostou.

Era ela quem uma das minhas amigas havia visto no bar, conversando com você, anos atrás. Quando começamos a sair, vocês haviam acabado de terminar. Relação confusa, cheia de brigas. Você me contou. O ciúme dela era insuportável. Você odiava ciúmes – era livre demais para se sentir preso a qualquer pessoa por mais amor que sentisse. Então, vocês haviam terminado

pouco antes daquela viagem que mudou as nossas vidas. Ela não aceitava suas viagens. Você nunca abriria mão de seu trabalho. Terminaram. Você viajou, me encontrou no bar, me achou bonita, uma boa distração para te fazer esquecer a dor de cotovelo de um fim de relacionamento, uma boa mulher para te fazer esquecer de vez sua ex-ciumenta.

Você sempre disse que não foi assim. Que ela e você haviam terminado várias vezes antes das viagens e você nunca se envolveu com ninguém. Eu acreditava, mas te provocava mesmo assim. Então, antes de começarmos a namorar – ou, pelo menos, você oficializar um pedido que já estava feito em silêncio há muito tempo – ela te ligou e pediu para conversar. Você foi sem me dar satisfação, sem avisar, sem me deixar sabendo que a escolha que fizesse naquela noite mudaria para sempre as nossas vidas. Você nunca me disse o que conversaram. Eu sabia que se você não tivesse sido visto por uma das meninas, eu nunca saberia que tinha se encontrado com ela. Era o seu jeito. Eu te amava por isso também.

Você me procurou naquela mesma noite, batendo na minha casa já tarde, sem ligar. Olhei para você. Já era mais de meia-noite de uma quinta, por favor. Esperei que desse alguma explicação. Claro que você não fez isso. Você só se desculpou pela hora enquanto me enchia de beijos. *Desculpa, eu precisava te ver. Deus, como precisava te ver!* E enquanto me levava para dentro sem que eu resistisse, sussurrou: *você precisa ser minha de uma vez, a gente precisa oficializar logo isso.* Você está me pedindo em namoro? Falei enquanto você me colocava na cama. *Sim, eu estou.* Eu achei que isso era coisa do século passado, provoquei, rindo. *Bem, deixa eu te contar um segredo – você falou beijando meu ombro – nós realmente somos do século passado, bobinha.*

Depois, quando nossa respiração se acalmou, eu disse que sabia que você havia ido conversar com sua ex. Que haviam me ligado para contar. Você ficou calado. Eu também fiquei. Aí você mexeu no meu cabelo e disse: *não vou dizer o que falamos. Era outra história. Outros personagens. E acabou. A única coisa que precisa saber sobre minha história com ela é que escolhi você.*

Nós nunca mais a vimos.

E de repente ela estava bem na minha frente e parou para me dizer alguma

coisa. Mas as palavras não saíram quando ela percebeu minha barriga, que não estava grande, mas dava para notar.

É dele? – a voz saiu quase num fiapo.

Assenti.

Meu Deus, eu não queria estar no seu lugar!

Dei de ombros, acariciei a barriga. Me afastei.

A gente vai sempre pagar por nossas escolhas. Se vai ser alto ou não o preço, ninguém sabia. Alguns diriam que você era um preço alto demais. E, talvez, você fosse. Mas eu não reclamaria nunca do preço pago. Você foi minha melhor escolha.

Ela não precisou passar pela dor, desespero, angústia, medo, raiva, revolta. Ela também não carregava um filho seu.

Dia 79

Seu pai ligou.

Seu pai, seu melhor amigo. Estava se tornando, devagarzinho, meu melhor amigo também.

Ele queria me pedir desculpas. Pela reação de dias atrás. *Foi exagerado. Eu devia ter te abraçado. Meu Deus. Meu filho nunca me perdoaria por essa reação.*

Era a primeira vez que alguém falava de você numa conversa, em todos esses dias. Era difícil. Não estava pronta. O silêncio que se seguiu devia ter deixado isso perceptível para ele. Porque aí, com aquela atenção típica de vocês, emendou outra desculpa.

Outro silêncio.

Ele falou que era difícil, que era injusto, que era cruel, mas que era lindo. Tudo isso junto. Disse que eu entendia muito bem, passei por tudo isso até amar o presente que você deixou para mim, para nós. *Nosso pontinho de luz – seu pai apelidou. É possível ser feliz e triste na mesma medida, ao mesmo tempo?*

Sem você, pensei, era.

Aí ele pediu um tempo para sua mãe. *Sei que vocês nunca se deram bem. Mas é difícil para ela. Dê um pouco mais de tempo.*

Tenho dado tempo a ela há seis anos – retruquei. Já me acostumei. Já cansei de esperar. Ela nunca vai me aceitar.

Ele usou aquele tom que usava com você quando te chamava de filho. Ele me chamou de filha também. Quis chorar, mas segurei as lágrimas. *Você carrega aí dentro de você um elo que vai nos unir para sempre. Ela não vai recusar essa chance. Essa é uma dádiva linda, filha. Você vai descobrir a sorte que tem por esperar o filho do homem que tanto ama.*

Eu não precisava esperar.

Apesar de toda dor, eu sabia. Eu sempre soube.

Dia 80

Levantei às sete da manhã. Tomei banho. Lavei o cabelo. Coloquei aquela blusa que você adorava. Não me maquiei. Não havia rímel, batom, blush que esconderia minha tristeza. Minha mãe me deu um beijo e perguntou como eu estava. Como sempre era sempre minha resposta. Sem esforço algum para falar também. Tomei café na sua caneca, aquela que tinha aquele escudo ridículo do seu time. Agora ela era minha caneca. Você já não era mais meu. Fazia sol, mesmo às sete da manhã. Vai ser um dia quente, promessa de um bom final de semana. Tanto faz. Eu ficaria em casa de qualquer jeito.

Peguei um táxi para o trabalho. Desde tudo, não dirijo. Não consigo manter a atenção o suficiente por tanto tempo. Não queria sofrer um acidente. Não suportaria a um acidente. Cheguei no escritório dez minutos adiantada. Logo eu, que sempre se atrasava. Quase te ouvi resmungar ao fundo. *Amor, você daria conta de se atrasar pro seu próprio enterro.* Fui golpeada de novo por aquela minha velha conhecida, amiga íntima, a dor. Era normal ouvir tanto sua voz ou é sinal de que estava a um passo da loucura?

Não me importava em ficar louca se isso me aproximasse, de algum jeito, de você.

As pessoas me olhavam com cara de pena, mas não se aproximavam. Aí elas olhavam um tempo para a barriga, se viravam, cochichavam alguma coisa e me ignoravam. A psicóloga se manteve próxima quase todo o tempo,

mas desistiu de conversar. Vencida pelo cansaço – ou pelo meu silêncio, tanto faz.

Entrei muda. Fiz o que me era pedido. Parei só no almoço porque, grávida, precisava me alimentar direito. Meu horário acabou, peguei a bolsa e deixei a empresa, calada. Do lado de fora, me assustei com a mudança de temperatura. Agora estava frio e começava a garoar. Passei a mão pelos braços. Sempre me esquecia que não dava para confiar no sol dessa cidade. Sempre me esquecia da blusa de frio em casa. Sua voz: *you precisa se cuidar melhor, Bruxinha.*

Peguei outro táxi. Motorista falante. Daqueles que você odiava. Viagem longa, engarrafamento. Cheguei em casa tarde, sete da noite. Minha mãe – e não você – me esperava e perguntou como foi meu dia. Normal. Como sempre. Comi alguma coisa, tomei outro banho, coloquei aquela sua blusa de frio de basquete americano, fui pra cama. Conversei com nosso filho. *Acho que o final de semana vai ser de chuva, bebê. Ótimo para minha depressão.*

Tanto faz.

Não aconteceu nada de novo. Sem dor, sem choro, sem revolta. Apenas vazio. Minha rotina era essa. Só deu vontade de compartilhar como minha vida era sem graça, sem os seus sorrisos.

Dia 81

Fiquei andando pelo apartamento naquele sábado frio. Quando você comprou, quatro anos atrás, o achei grande demais. *Quatro quartos, amor? Com duas suítes? Você só pode estar querendo me escravizar como a péssima dona de casa que sou.* Você estava empolgado demais, apresentando cada um dos cômodos e deixando por último o nosso quarto.

Aos 31 anos, aquele não era o primeiro apartamento que você comprava. Mas o seu de solteiro era pequeno demais para uma família, alegava você. *Eu não vou me estressar tentando achar um imóvel bom e viável de comprar nessa cidade* – reclamei. *Se você quer tanto se mudar daqui* – um apartamento alugado porque você não queria montar uma família dentro do seu apartamento de solteiro – *procure você.*

Você achou esse apartamento em poucos meses. O amigo de um amigo de um investidor – ou alguma coisa assim – estava vendendo. Quando me trouxe

para ver onde moraríamos já estava quase tudo acertado, só faltava assinar o contrato.

Quatro quartos, amor? – resmunguei. Tem certeza? Você deu aquele sorriso. *A gente não combinou de ter dois filhos?* E por que uma cozinha tão grande? A gente nem cozinha. *Amor.* E tá, dois filhos, dá três quartos. O quarto é desnecessário, não acha? *A-mor.* E duas suítes? O que a gente faz com duas suítes além de passar o final de semana ajoelhado no chão limpando o banheiro? Você segurou meu rosto. *Amor* – repetiu, agora sem me dar chances de fugas – *do que você está com tanto medo?*

Como você me conhecia tão bem, afinal?

Eu odiava mudanças. E talvez por isso resistia tanto a seguir sem você. Apesar de você planejar tudo, era eu quem perdia a cabeça quando algo mudava. Era intempestiva para muita coisa, mas para mudanças eu resistia bravamente até perder a força e ser levada por uma correnteza muito mais forte do que eu. Estava sendo levada pela correnteza sem você.

Bem, acabou que quatro quartos se tornou muito. A gente não teria dois filhos. E, mesmo assim, parece que quatro quartos foi o número certo para nós. Minha mãe dormia no quarto de hóspedes. Seu escritório ocupava um segundo. Abri a porta do último quarto vago. Ali só tinha algumas caixas que a gente nunca soube o que fazer. Aquelas quinquilharias que nunca conseguimos nos desfazer

Perguntei a minha mãe se ela me ajudaria, porque sozinha nunca daria conta de fazer tudo. Ela disse que era para isso que estava ali. E sorriu.

Ah, Sapinho, você partiu, mas nosso filho estava chegando. Era hora de preparar o mundo para ele. Era hora de me preparar para recebê-lo, também.

Dia 82

Sua mãe apareceu aqui hoje.

Poucas coisas na vida, depois de você, me surpreendem. Sua mãe vir a nossa casa era uma delas.

Ela detestava tudo. Desde o apartamento e sua localização (muito longe da casa dela, era sua reclamação preferida) até como eu o organizei. Na sinceridade, ela *me* detestava. E qualquer coisa que eu fizesse. *Ela não é boa*

o bastante, não é forte o bastante, não cozinha bem o bastante, não limpa a casa o bastante, não nos agrada o bastante, não te ama o bastante. Ela nos fez brigar muito até você entender que deveria parar de tentar nos tornar as melhores amigas e de forçar os dois lados. Quem sabe assim, resmungou, vocês acabem se aturando a aprendem e se gostar? Eu odeio ter que escolher entre a mulher que me deu a vida e a mulher da minha vida.

Sua mãe ficou me olhando com olhos perdidos por um tempo. Então perguntou se podia entrar. Isso mesmo: ela perguntou. Falei que se fosse para brigar, era melhor não. Era domingo. Isto poderia não ter significado algum para ela, mas tinha para nós. Ela encolheu os ombros e disse que queria apenas conversar. Minha mãe tomou a decisão e a convidou a entrar.

Eu não faço isso com muita frequência – pigarreou. Mas vim pedir desculpas por aquele dia. Tive vontade de perguntar qual deles, já que ela me tratou mal por todos esses anos, mas me controlei. Ela estava falando sobre o nosso bebê. Eu sabia. Mas acho que talvez você saiba a dor que eu enfrento. O maior amor de uma mulher é o filho dela. Você vai concordar comigo daqui alguns meses. Me olhou. Eu sei que temos nossas diferenças, mas você carrega algo que vai nos unir para sempre. Por favor, não me prive disso. Eu não suportaria.

Não gostava da sua mãe e nunca escondi isso. Mas a dor dela estampada nos olhos agoniados doía em partes de mim que nem sabia que existia. Nenhum pai merecia enterrar um filho. Era contra a lei da natureza, era cruel, e, droga, ainda assim era tão comum. Respondi que nunca teria coragem de fazer isso, que sabia que esse filho era a tábua de salvação que precisávamos. O que sentíamos pela perda eram dores diferentes, mas o sentimento era igual.

Ela perguntou se poderia e apontou a minha barriga. *Tudo bem.* Aí ela pôs a mão. Fez carinho. Sorriu. Então me olhou assustada com sua própria reação de sorriso. Já faz tanto tempo que não sorrio que nem sei mais como lidar com isso. Sua mãe também parecia não saber. Lidaria com a culpa mais tarde. Sorrir, sem você, parecia um crime. Mas, logo em seguida, ela fez uma coisa mais inusitada ainda. Ela fez outro carinho na minha barriga e então sussurrou para o nosso filho o que nunca me disse em todos esses anos: *bem-vindo à família.*

E me abraçou.

Naquele instante percebi uma coisa de um jeito tão claro que quase me cegou: a dor pode separar muitas pessoas. Mas, em algum momento, ela une. Era irônico que você precisou partir para que um abraço, finalmente, acontecesse entre ela e eu. Era irônico que você não estivesse aqui para presenciar esse momento. Você ficaria tão feliz.

Doeu.

Dia 83

Depois do trabalho, minha mãe e eu fomos ao shopping para começar a arrumar o quarto de nosso bebê. Era a primeira vez que saía para além do escritório, a primeira vez que encarava desconhecidos. Apesar de ser segunda, o shopping estava razoavelmente cheio. Deu medo. Travei na entrada. Quis voltar para casa. Quis me vestir com sua blusa, me encolher em nossa cama, e, só mais uma vez, fingir que tudo estava bem, que meu mundo continuava em ordem e nada mudou. Minha mãe perguntou se havia algum problema. Respirei fundo. Uma. Duas. Três vezes. Fechei os olhos. *A gente pode fazer isso outro dia, filha.*

Não devia isso a você ou a mim. Pela primeira vez desde tudo, esse passo era por nosso bebê.

Minha mãe me levou para a loja que passamos várias vezes em frente, e paramos, e imaginamos o que compraríamos ou não. Agora eu estava sem você, tomando todas essas decisões. Não queria escolher nenhuma cor sugestiva. Não sabia o sexo do nosso bebê. As cores deveriam ser claras. Os móveis deveriam ser lindos. Fiquei na dúvida dezenas de vezes. Que berço era o melhor? Que cômoda era melhor? Que tapete era mais bonito? Droga. Praticidade não tinha nada a ver comigo. Essa era a sua especialidade.

Uma das vendedoras sugeriu que eu voltasse com o pai da criança. Levei aquele velho conhecido, quase amigo íntimo, soco no estômago. Me encolhi e então, me afastei fingindo brincar com um ursinho de pelúcia mais longe. Deixei que minha mãe explicasse. Enquanto ela fazia isso, meus olhos alcançaram um sapinho no alto da loja.

Ei – aponte – pega pra mim. Minha mãe falou meu nome. Eu ignorei. A vendedora pegou e me entregou. Abracei o sapo de pelúcia. *Vou levar.*

Para mim.

Três horas depois, os móveis estavam comprados. Assinei o cheque. Um rombo no nosso orçamento. Nem metade do que seria se você ainda estivesse aqui. Saí exausta, como se tivesse corrido uma maratona inteira, com o sapinho nos braços, e, acredite, contente.

Não feliz. Mas contente. Quase acreditando que vou dar conta de virar essa página e continuar a minha história, ainda que sem você. E que essa história, na verdade, ainda será sobre nós dois.

Dia 84

Minha mãe me acusou de masoquismo ao me ver dormir abraçada com aquele sapinho de pelúcia. *Ao invés de seguir em frente, você fica arranjando jeitos de se ferir ainda mais. Quando vai realmente se cansar desse jogo?* Não a culpava pela revolta. No fundo, era doloroso em mim também. *É só um ursinho. Me deixa.* E, ainda que minha mãe tivesse dado aquele olhar que sempre me deu tanto medo, fui para cama com aquele sapinho de pelúcia. Querendo mesmo era ir com você.

Nossos apelidos bregas surgiram em meio aos lençóis de sua cama. Primeiros meses de namoro. O velho clichê de todo casal. Não foi algo que pensamos. Como quase tudo em nossa história, as coisas foram simplesmente acontecendo. Se levou quase oito meses para que você oficializasse o namoro naquela madrugada quente, as coisas, depois disso, foram bem mais rápidas. *Seis meses de namoro – ainda me lembrava das caras de susto – e vocês já noivaram? Para se casarem daqui há seis meses? Vocês ficaram malucos?*

Não vou me lembrar exatamente do dia ou da hora. Estava em seus braços e estava frio. Será – eu falei – que depois de quantos beijos você vira um príncipe? *Você me acha tão ruim assim?* Me julgue por gostar de conto de fadas – empinei o meu queixo – mas neles os sapos viram príncipes depois do beijo da princesa. *Eu ainda não virei?* Você está longe de ser um príncipe, amor – eu ri.

Você riu de volta. *Acho que temos um problema.* Um problemão – concordei – *Desculpe minha ignorância, não entendo muito de contos de fadas, mas como funciona esse negócio de beijar o sapo para virar um príncipe?* Esquece. Eu sou uma boba. *Boba você é mesmo, amor, mas eu*

adoro isso em você. Agora, conta. O príncipe é enfeitiçado pela bruxa má e vira um sapo. E só com o beijo da princesa que esse enquanto se quebra e ele volta a ser um príncipe.

Você ficou alguns segundos em silêncio que, se não fossem pelos seus carinhos em minha cintura, eu teria achado que tinha dormido. *Entendo. Talvez o problema não seja eu. Você pensou isso? Como assim? Talvez o problema seja a princesa. Ei! Estou sendo prático, amor. Você disse que a bruxa encanta o príncipe e ele vira sapo. E disse que o sapo volta a ser príncipe com o beijo da princesa. E eu continuo o sapo. Assim sendo, concluímos que você, na verdade, não é a princesa, mas a bruxa. Faz muito sentido, já que você me enfeitiçou.*

Te dei um tapa te empurrando. Você riu e me apertou mais. *Minha bruxinha.*

Nunca mais nos livramos desses apelidos.

Brinquei com o sapinho de pelúcia.

Esse conto de fadas, depois de você, nunca será tão torto, às avessas e divertido. E nem tão real.

Dia 85

Sua irmã estava na porta do meu trabalho hoje. Eu nem sabia que ela sabia onde eu trabalhava. Nós nunca fomos muito amigas. Vocês, na verdade, nunca foram muito amigos. Era algo que sempre te irritou. *Irmãos deveriam ser companheiros, não é? Melhores amigos.* Nunca consegui te responder. Nunca tive irmãos. Apesar de a minha mãe ter ficado viúva bem cedo, ela nunca quis se casar novamente.

Tive que olhar duas vezes para ver se era ela mesma. Ela não tinha quase nada de você, nem seu cabelo, nem seus olhos, nem aquele seu jeito de menino de encarar a vida, muito menos o seu sorriso. Mas, se os colocassem um ao lado do outro, dava para saber que eram irmãos. Daquele jeito que a gente sabe quando são irmãos. Vocês nunca mais ficariam lado a lado.

É verdade, então – ela olhou para a minha barriga – Quando papai me ligou contando não acreditei. Meu Deus – as pessoas usam muito essa expressão quando vão falar sobre alguma injustiça – Até onde a vida pode ser

tão cruel e linda?

Não sei. Não respondi.

Você sempre disse que viver nunca seria em vão. A gente discutia muito sobre isso, porque você acreditava em tudo. Eu não. Você ter morrido daquele jeito sendo privado de ser pai parecia ter sido em vão.

Sua irmã tinha ficado ainda mais esotérica, depois de tudo. Veio com seu papinho zen de sempre. Queria conversar. *Você não quer ir comigo num...* Nem deixei terminar, já chamando um táxi. O bom de sofrer, de perder o homem de sua vida e então se descobrir grávida, era que a gente poder ser mal-educada que as pessoas entendem. *Ei, espera. Comprei isso aqui para meu sobrinho. Ou sobrinha.* – me entregou um pequeno pacote de presente. *Se você mudar de opinião e quiser algum dia ir comigo....*

Bati a porta e mandei o taxista ir embora, antes mesmo que ela terminasse.

As pessoas tinham suas próprias maneiras de superar uma perda. Mas esoterismo e falar com os mortos, definitivamente, não eram as minhas maneiras de sobreviver a sua ausência. Nunca seria.

Dia 86

De repente, todo mundo resolveu me ligar. Eu odiava o toque do telefone. Meu celular ficava sempre no silencioso. Você, antes de me conquistar de vez, falou por muitas vezes com minha secretária eletrônica.

Eu tinha medo de me envolver. Sempre que eu percebia que isso estava acontecendo, eu fugia como um animal ferido, ou, quando isso não funcionava, eu virava uma maluca até expulsar o cara de vez da minha vida. Todas as minhas táticas haviam dado certo, até você chegar. Para mim, o amor era uma guerra. E guerra alguma valia as feridas conquistadas.

Mas aí, você apareceu. Tirando poeira dos ombros como quem não quer nada, se esparramando no sofá como quem quer tudo. E então, num jogo que eu estava acostumada a ganhar, me vi perdendo, ataque a ataque, até ser nocauteada pelo barulho do meu coração ao me perder no seu sorriso. A partir daí, fui te amando cada vez mais, me entregando cada vez mais, até pular do precipício e me doar inteirinha a você.

Era loucura. Mas às vezes pensava que se você não tivesse lutado tanto

por mim – por nós – talvez lhe sobrasse forças para resistir àquele tiro que te tirou de mim.

Foi por isso que adiei tanto até revelar que estava grávida. Não queria encarar essa maratona de ligações de novo. E, pior, agora não tinha a desculpa da dor para me esconder do mundo. Ainda que continuasse doendo do mesmo modo. Não podia mais apagar as mensagens. Todas aquelas pessoas que sumiram durante esses meses voltaram com suas vozes felizes, me parabenizando por estar grávida.

Chegava a ser engraçado como todos se preocupavam em felicitar e dar pêsames só em um dia, ainda que os dias que se seguem são os melhores ou piores. Era no silêncio da festa, no hiato entre a felicidade e a tristeza, que a vida acontecia. Era nesse hiato, também, que descobrimos com quem realmente podemos contar.

Os parabéns, os presentes, as ligações, e os cumprimentos, no fundo, não importavam. Importava quem seguraria a barra comigo quando viessem as tempestades e quem faria sombra quando o sol esquentasse demais. Eu sabia que não estava sozinha nessa, como realmente me senti nos primeiros dias. Eu tinha minha mãe. Eu tinha o seu pai. Eu tinha seu melhor amigo. Quem sabe eu não tivesse você ainda, em qualquer lugar. Não estava desamparada. Seu filho também não. Na maior parte dos dias, eu teria que me virar sozinha. E sabia. E estava tudo bem. Não era egoísmo de ninguém – cada um tem sua própria vida para viver – E eu não queria ninguém vivendo a minha vida também.

Era uma das consequências – a primeira que percebi – de ter te perdido: eu tinha me tornado cada vez mais independente, já que não tinha mais você para me proteger.

Dia 87

A nossa casa estava silenciosa desde que você se foi e suas risadas pareciam impregnadas em cada canto – no sofá, na estante, nas fotos, nas lembranças, em mim. Se fechasse os olhos e ficasse alguns segundos em silêncio ainda poderia te ouvir. Lá estava você, lendo o jornal pela manhã antes de tomar um café, escovando os dentes em frente à tv, passando a mão pelo cabelo, reclamando de eu ter esquecido alguma coisa fora do lugar,

mexendo no notebook, lendo um livro, dizendo que me ama, dizendo que me odeia, assoviando, cantando, batucando com os dedos pelos móveis, ajeitando a gravata, rindo – de mim, de você, da gente, da vida.

Eu só te vi chorar duas vezes – no dia do nosso casamento e quando um de seus amigos de infância perdeu a batalha para um câncer. A sua alegria era tão contagiante que, quando você desabava, meu mundo desabava também. E talvez por isso seu silêncio me doesse tanto. De um jeito que, toda vez que voltava para casa deixada exatamente do jeito que você viu pela última vez, a ausência de suas brincadeiras me fazia receber socos no estômago. Me perguntava quando finalmente pararia de chorar por você, se era possível isto acontecer, se algum dia a dor me abandonaria e daria espaço para uma saudade que não doa tanto.

Em um impulso de mudanças – talvez causado pelas mudanças feitas no nosso quarto e no seu escritório; talvez pelo meu desespero de diminuir a sensação de achar que você voltaria; talvez por estar cansada da mesmice e rotina das quais nunca gostei – decidi, pedindo ajuda da minha mãe, mudar as coisas de lugar.

Guardei numa caixa os seus cd's preferidos e os vinhos que colecionava dos cantores que nunca aprendi a gostar. Mas deixei as fotos, os enfeites que compramos juntos, as garrafas de vinho esperando uma comemoração especial para serem abertas. Levei alguns livros que ficavam ali para o seu escritório, mas deixei o escudo de seu time em gesso no mesmo lugar que você escolheu com tanto carinho – *no meio da estante, amor, pra todo mundo que entrar na sala ver que torço pro melhor time do mundo*. Mudei o sofá de lugar também, de um jeito que você teria detestado, mas eu amei. Coloquei meus DVDs preferidos no lugar de seus livros, dando a eles a importância que eles sempre tiveram para mim.

Quando terminei, fiquei com uma sensação difícil de colocar em palavras. Eu finalmente começava a abaixar o pano de seu espetáculo que ficou preso no alto, na sua partida repentina. Eu começava a aceitar que a vida continuava, ainda que você não estivesse mais aqui.

Dia 88

Seu amigo passou aqui hoje, de novo. Ele era como eu. Tentando achar

um caminho que o fizesse superar sua perda. Pela primeira vez olhando naqueles olhos angustiados, pensei que ele havia perdido dois amigos de infância nos últimos meses. Um para o câncer, você para uma arma de fogo. Era cruel – vocês dois começavam a se recuperar da perda e, então, você foi arrancado daqui, destruindo o trio mais unido que já havia conhecido. Ele era um sobrevivente. Um coitado de um sobrevivente, vagando pelas ruas tentando entender o que havia acontecido, por que ele continuava vivo.

Quis abraçá-lo.

Ele ficou na porta, o olhar perdido. Se notou as mudanças na sala, não o disse. Fiquei esperando que falasse algo, parada do outro lado da porta. Mas, após um longo silêncio, ele soltou aquele longo suspiro. O mesmo suspiro que soltei tanto. Era assustador como eu entendia a dor dele. Era como ver toda a dor que eu sufocava aqui dentro, refletida bem a minha frente. Lá estava: as olheiras profundas, os olhos cansados, os ombros pesados, os suspiros longos, a dificuldade de ordenar as palavras o bastante para falar uma frase, a desistência de dizer algo antes mesmo de abrir a boca.

Vendo-o percebi o quanto eu estava melhor. Já conversava, ainda que apenas o necessário. Já conseguia manter os olhos focados, já me sentia menos cansada por ter que continuar todos os dias. Ele não. E eu o entendia de um jeito que ninguém me entendeu. Seu amigo havia visto um amigo definhar por uma doença mortal e, antes que se recuperasse de todo, visto o grande irmão ser arrancado do mundo sem aviso prévio ou despedidas. Vendo-o ali tive a clara noção de que a vida era mais cruel do que a gente se preparava; e a gente era mais forte do que imaginava.

Senti que ele precisava de uma mão que o resgatasse do poço em que estava. Eu mesma ainda estava no poço, apenas um pouco melhor. Devia isso a minha gravidez e de certo modo a você. Por identificação e compaixão, por gostar tanto dele, por saber que você o amava, sabia que precisava ajudá-lo também.

O convidei a entrar. Ele apenas assentiu e deu um passo para dentro. Olhou para todos os cantos. Deu outro suspiro. Aí me encarou. Quis dizer que o entendia, mas não precisava. Ele sabia. Olhou para minha barriga e perguntou se podia. *Claro.*

Seu amigo colocou a mão no meu ventre e, por aqueles instantes, senti que ele sairia daquele buraco que caiu com sua perda. Demoraria. Mas ele era um sobrevivente.

Como todos nós.

Dia 89

A insônia me assolou como sempre me assolava antes, durante, depois de você. Apesar de ter tido noites tranquilas de sono profundo, sabia que cedo ou tarde, ela arrebentaria a maçaneta da porta e me faria de refém. Quase dei boas-vindas a ela, quando deitei na cama que era nossa e não consegui fechar o olho. Então me levantei, preparei um café, me servi em sua caneca – agora tão minha – e fui para o sofá.

Seria uma noite longa. Tão longa quanto meus dias sem você.

Houve um tempo em que as insônias me eram produtivas. Quando ela chegava, ia ao seu escritório e trabalhava em desenhos e ilustrações novas em sua mesa, imaginando que chegaria um dia que conseguiria largar meu trabalho e viver dos meus projetos freelancer. No silêncio da noite, todos os sonhos eram possíveis. Mas ao primeiro raiar do dia, eu já havia abandonado todos eles. O sol me fazia me lembrar o quanto tinha medo de mudanças.

Desde tudo, a insônia era apenas uma nova oportunidade de ser atacada pela dor. Mais uma vez. E outra. E outra. Enquanto esperava que acabaria anestesiada pelas facadas que me cortavam sem cortar. Mas a experiência mostrou que de nada adiantava meus esforços: doía do mesmo modo. Agora, eu era uma criatura apática sendo atacada. Quem visse de longe, acharia que não me doía. Mas doía. Do mesmo modo como todos os outros dias, apenas não me desesperava tanto, apenas não tentava me proteger tanto, apenas deixava doer porque já sabia que não havia maneiras de impedir.

Fiquei ali, imóvel, olhando para a parede, pensando não em você – embora você estivesse em cada pensamento meu – mas na morte. A única vez que ela havia chegado próxima de mim eu era pequena demais para sentir e entender. Não houve outro encontro entre nós até cruzarmos aquela rua escura naquele maldito dia.

A morte era cruel e mesquinha. Mesquinha, pois não era a função dela pensar em quem ficava, mas levar quem já não devia mais viver. E cruel não

porque nos arranca pessoas queridas, não porque nos deixa sozinhos, ainda respirando. Mas porque ela só levava a presença física. As lembranças, a voz, as imagens, o amor, permaneciam vivas na gente, de um jeito dilacerador, numa tortura alimentada por nós mesmos, por nossa insana saudade. A morte nos tornava masoquista.

Você permanecia vivo em cada parte de mim, em cada passo que eu dava, em cada vez que me obrigava a seguir em frente. Você estava vivo em mim, na forma de nosso bebê, na forma do nosso confortante amor.

E, sabe, podia parecer loucura, mas a cada minuto tinha mais certeza de que não existia nada mais vivo no mundo do que a morte, quando quem se foi ainda vivia dentro da gente.

Dia 90

No terceiro mês de sua ausência, amanheceu um dia lindo. Um dia que você adoraria. Eu tomei um banho, um café e um táxi pro trabalho. Consegui terminar o serviço no prazo certo e fui elogiada pelo chefe. A psicóloga me deu bom-dia e me sorriu. Não sorri de volta, mas lhe dei bom-dia também.

No terceiro mês da sua ausência, me foquei a não pensar no seu sorriso, em você e em nossas histórias. Me foquei a apenas respirar e adiantar meus serviços. Não fiz nada maluco ou masoquista, não enfiei em mim nenhuma faca ao me lembrar de algum fato sobre nós, não corri para o banheiro e me encolhi para me proteger da dor como tanto havia feito naquele escritório. Eu tomei um café com os outros colegas ao invés de continuar reclusa. Ouvi uma piada, mas não ri. A piada era boa. Se você ainda estivesse aqui eu a teria memorizado para contar para você. Para que você dissesse o quão ruim eu sou contando piada. Você não estava. Então respondi um “legal” enquanto o contador esperava pela risada. Peguei o café e voltei pra minha mesa.

No terceiro mês de sua ausência, decidi voltar para casa a pé. Fui andando sem pressa e sem prece, eu e nosso filho e nenhuma lembrança de você. Me forcei a pensar que você ainda estava aqui porque aí não faria sentido me lembrar. Dei dinheiro a um andarilho que me parou, como você sempre fazia; respondi o bom-dia de uma senhora, como eu sempre fiz; não tive pressa em atravessar a rua e não me enfiei no meio dos carros, como você sempre odiou que eu fizesse.

No terceiro mês de sua ausência, choveu enquanto eu voltava pra casa. Apesar de o dia ter amanhecido ensolarado – como você adorava – o entardecer foi a meu gosto – chuvoso. A chuva que caía era grossa e fria. E não me escondi como quase todas as outras pessoas que foram pegas de surpresa. Aproveitei a oportunidade e tomei um banho de chuva, daqueles que sempre amei, daqueles que lavam a alma e levam as dores. Cheguei em casa encharcada e minha mãe quase sorriu.

Eu quase sorri também.

No terceiro mês da sua ausência, tomei um banho longo de banheira, até a água esfriar. Era a primeira vez que entrava nela depois daquela minha doentia tentativa. Depois me vesti com sua blusa de basquete. Ela ainda tinha seu cheiro, tão forte como se você a tivesse usado no dia anterior. Me encolhi na cama, me abracei ao travesseiro, fechei os olhos e acreditei que você ainda estava aqui, e, então, não havia motivos para dor.

E de tanto acreditar, por todo aquele dia, você esteve.

Dia 91

Comprar já não era divertido, como um dia foi. Ir ao shopping era um sacrifício quase tão grande quanto trabalhar. Mas tanto quanto trabalhar eu sabia que precisava comprar coisas para nosso bebê. Não tinha nenhuma outra escolha a não ser continuar.

Se é que estava mesmo continuando.

Era difícil entender o que estava fazendo desde que tudo aconteceu. A impressão que eu tinha, o que eu sentia, era que estava sendo apenas levada pela correnteza, fraca demais para lutar. Eu boiava sobre as águas desejando mesmo era ficar submersa, mas sem conseguir.

Não sabia se tinha escolhas de fazer diferente. Se eu procurasse, talvez achasse. Mas não tinha força para procurar. Não tinha forças para nada. Respirar já expulsava de mim toda energia para qualquer coisa.

Nunca achei que chegaria um dia que não gostaria de ir ao shopping, de fazer compras, de procurar por promoções. Logo eu que sempre acreditei na lenda de que comprar era a melhor terapia de uma mulher, capaz de curar tudo.

Tinha coisas que nada cura.

Mas não havia outro caminho e o deságue dessas águas turvas só me levava a preparar o mundo para o bebê que chegava, o bebê que não tinha culpa da sua partida e, ainda assim, estava recebendo o impacto da tragédia.

Já havia comprado os móveis. E ganhado alguns presentes de pessoas que não se importaram com a minha dor. Mas sabia que precisava comprar roupas para o nosso filho – menino ou menina. Precisava preparar o mundo para sua chegada e sabia disso. Era duro colorir uma vida quando sua própria vida perdeu toda cor e parecia desfocada diante de você.

Ainda assim, me esforcei. Comprei roupas o suficiente para seis meses, sabendo que provavelmente se perderia antes de usá-las. Escolhi uns desenhos lindos para colar na parede. Uns brinquedos que só perceberia depois de muito tempo. Uns enfeites para dar vida ao seu quarto – só para que nosso bebê não notasse a falta de vida que havia dentro de mim.

Por mais que fazer tudo isso sozinha me matasse aos pouquinhos, nosso filho teria as melhores coisas e o quarto mais lindo de todos.

Porque era isso que você sempre quis.

E, no fundo, em algum ponto que estava além de toda a dor, era o que eu queria também.

Dia 92

Seu pai esteve aqui hoje, depois do meu trabalho. De barba malfeita e aqueles mesmos olhos perdidos. Ainda assim, ele estava bem. Era incrível poder acompanhar as mudanças nas outras pessoas tão claramente. Até ontem, eu mal conseguia sair de dentro da minha dor. Até ontem, eu não tinha coragem de abrir a cortina da minha janela. Hoje já conseguia ver, sentir, ouvir. Falar ainda era complicado, mas não era a mesma dos primeiros dias. Mudanças aconteceram.

Seu pai havia ganhado rugas, mas, de certa forma, isto o deixou mais charmoso. Os cabelos ficaram ainda mais grisalhos. Emagreceu um pouco também. Mas estava bem – não feliz nem inteiro nem completo, mas bem. Seguindo em frente e sobrevivendo. Não foi exatamente isto que me chamou atenção. Nem os presentes para o nosso bebê. Nem o doce que sua mãe – isso

mesmo, sua mãe – havia feito para mim. Tudo isso já era para lá de assustador. Mas existia uma coisa ainda mais assombrosa por além de tudo: seu pai sorria.

A última vez que sorri, durante uma lembrança sua, há mil anos, fui golpeada por um remorso tão profundo que parecia que todos os músculos da boca haviam sido paralisados para sempre. Nada me contaminava a ponto de me fazer sorrir de novo, ainda que meus olhos tivessem, enfim, secado.

Seu pai sorriu ao colocar a mão na minha barriga. Sorriu quando minha mãe lhe entregou o café. Sorria e parecia não se incomodar mais com isso. Ainda não era um sorriso aberto, escancarado, que contagiava quem quer que estivesse por perto. Mesmo assim, era um sorriso.

Quis perguntar a ele como conseguia. Como parecia tão fácil, apesar de saber que a dor permanecia. Mas soaria indiscreto e acusatório. A última coisa que queria era ofender o seu pai, que eu amava tanto, que você amava tanto; era fazê-lo se sentir culpado por *seguir em frente*.

Sorrir era tão lindo.

Seu pai parecia tão bem.

E, quando ele foi embora, me perguntei quando voltaria a sorrir também.

Dia 93

Depois de seu pai, veio sua mãe.

Era estranho ver sua mãe na nossa casa, sem brigar. Era estranho ver sua mãe de guarda baixa. Ela era outra pessoa, transformada por sua dor.

Gostei das mudanças – ela disse, me surpreendendo, apontando a sala. Sua mãe nunca foi uma mulher de elogios. Nos primeiros meses de nosso relacionamento, tentei agradá-la. Mas era impossível. Frustrada, chorei no seu ombro e entreguei os pontos. Ainda me lembrava do que você disse naquele dia. Ainda sentia seu cafuné no meu cabelo. *Quando você menos esperar, você disse, ela vai te elogiar. Mamãe precisa manter sua tão famosa pose de durona, mas um dia se renderá a você.*

Cansei de esperar e você acabou cansando também. Sua mãe era impossível e me odiava. E não fazia questão de esconder isso de mim, de você, do mundo. O fantasma de ela finalmente conseguir nos separar vivia

me assombrando. Era irônico que só com nossa separação sua mãe e eu começamos a nos aproximar.

Ela ainda me culpava por sua partida e eu conseguia ver isso claro em seu olhar. Ela me culparia para sempre e nós sabíamos disso. Você era o homem da vida dela tanto quanto era da minha e eu sabia o quanto era duro viver num mundo sem você. Eu a entendia porque a dor dela era a minha dor também. E não me magoava por ela me achar culpada. Eu mesma me culpava. Ainda acordava de madrugada tendo que lidar com essa certeza. Aquele tiro era para mim. Aquele tiro era para ter me matado, se não fosse você. Era você quem devia passar por esses dias; não eu.

Mas, apesar da culpa e da dor, nunca desejei que isso tivesse acontecido. Não porque não quisesse morrer, mas porque te amo tanto que preferia mil vezes sofrer em seu lugar. Apesar de toda a dor insuportável que era obrigada a suportar todos os dias, você sofrendo me doeria ainda mais do que me doía existir sem você.

Além disso, esperava um filho seu. Por trás de toda dor, ainda havia esperança e luz. Esse bebê era o elo que me unia a sua mãe como você sempre desejou.

E que, também, me manteria ligada para sempre a você.

Dia 94

Minha mãe me carregou para a médica. Nada me doía mais do que enfrentar sozinha aqueles instantes que tinham tudo para serem repletos de euforia – e não eram. Não havia dor mais, porque gerar um filho seu era meu segundo maior desejo. Mas havia um profundo e agonizante vazio de silêncios.

A médica me sorriu. Depois disse que eu parecia bem melhor. Ilusão. Ainda era cacos quebrados balançando por dentro e me cortando ainda mais. Só aprendi a me controlar, apesar de todo desespero. Aprendi a manter os olhos secos, independente da dor. A fechar os olhos e dormir, independente da falta. Aprendi a dar os passos que me forçavam a ir em frente, mas ainda te carregava para todos os lugares.

Ela fez as perguntas de praxe e me parabenizou pelas minhas respostas. Comia bem, dormia muito – sem calmantes. Depois das perguntas, era hora

de ser examinada, ver os batimentos de nosso bebê, saber se corria tudo bem com ele – a pessoa mais importante do universo, depois da sua partida.

Com quase pouco mais de cinco meses, nosso bebê já era mais do que rabiscos na tela. Me arrisquei a olhar, mas a dor aguda me cegou e tive que fechar o olho e me encolher. Minha mãe segurou a minha mão. E eu fiquei ali, deitada, pensando em você.

Bebê saudável. Tinha batimentos fortes. Ouvi de longe as recomendações. Mas continuei de olhos fechados. Até que ela fez uma pergunta crucial que fez meu mundo dar uma volta no sentido contrário e quase me derrubar. Eu cairia, se não estivesse deitada. Se, em metáfora, já não estivesse no chão há muito tempo.

Você quer saber o sexo?

Abri os olhos. Minha mãe sorria. Eu não, ainda era muito difícil para eu sorrir. Se você estivesse aqui, é claro que veria se era menino ou menina. Você precisava saber, porque precisava se preparar para a chegada do filho mais amado do mundo. Porque precisava me vencer nas batalhas noturnas da escolha do nome.

Mas você não estava. E isso mudava tudo.

Não.

Eu, que odiava surpresas, preferia não saber se seu herdeiro era menina, como você sempre quis, ou menino, como sempre sonhei. Já havia expectativa demais sobre nosso bebê. E, apesar de estar desprotegida, era minha função protegê-lo desse mundo tão cruel, das pessoas que esperam que nosso bebê – tão inocente e ingênuo e pequeno – os salvasse. Saberá apenas no dia que seria o dia mais feliz de nossas vidas, quando nosso filho ou filha estivesse pronto para nascer.

Era melhor que fosse assim.

Dia 95

Era o grande dia.

Achei que me esqueceria disso, que o dia chegaria e passaria e nem me daria conta, só me lembrando muito tempo depois. Era o que havia acontecido com qualquer outra data especial: engolida pela minha dor.

Ironicamente, talvez porque estivesse disposta a não lembrar, talvez porque crueldade não tinha limites, mal abri os olhos e o evento invadiu a minha mente, não me dando chances para fugir.

Era o dia do show.

Do seu show.

Do show que você nunca teve a chance de assistir.

Peguei os dois ingressos guardados na gaveta do criado-mudo ao lado da cama e suspirei, me decidindo o que fazer. Se eu não fosse, você me perdoaria? Se eu fosse, você entenderia?

Pior do que sua falta, era a dor de seu silêncio que gritava em todo canto. Era difícil tomar decisões sem seus conselhos. Era difícil seguir em frente sem seu sorriso. Ainda era difícil viver sem você.

Tomei um banho, desses longos e demorados. Me olhei no espelho e tentei dar um jeito no meu cabelo que outrora foi tão bonito. Os olhos já não tinham conserto e nem eu tinha expectativa para recuperar aquele brilho que só existia porque conheci você. Tentei sorrir.

Doeu.

Minha mãe disse que eu devia levar alguém. Mas que eu também deveria ir, porque me distrair me faria bem. Olhei para os ingressos. Jamais conseguiria ir ao show da nossa banda acompanhada de outro. Era uma traição imperdoável – a mim, a você, a nossa história. Por outro lado, eu sabia que a opção de não ir nunca existiu em minha vida.

Eu deveria enfrentar isso sozinha.

Como tudo enfrentei, desde que você se foi.

Era como uma tortura de um carrasco sem piedade. Cortava cada célula de meu corpo sem pressa. Cada nota de um instrumento, uma facada nova. Cada música que nos lembrava, uma dor ainda mais forte. Ao final, já me encontrava anestesiada. Chorava, mas não notava. Doía, mas não sentia.

Cantaram todas as nossas músicas, sem deixar uma de fora. Você invadiu

minha lembrança em cada rima, num bombardeio de sorrisos e felicidade que merecia um lugar no livro dos recordes. Era como te sentir por perto, de um modo que nunca senti em todos esses dias – me sentia abraçada, rodando pelo ar pelos seus braços, em seu colo, em seu coração. Me senti, nas duas horas de show, numa realidade paralela onde você ainda me pertencia, onde você ainda existia, onde você ainda estava aqui. Onde você ainda era meu.

Insano e cruel e reconfortante, tudo ao mesmo tempo. Nada o tempo todo.

Se me perguntarem os detalhes do show, não saberia responder. Eu estava lá e ao mesmo tempo estava longe. Sabia que tocou nossas músicas e todas as que você amava. O show parecia ter sido feito para você – e, no entanto, você não estava lá.

Sabia que cada dó, ré, mi, me trouxe lembranças felizes que pareciam tão tristes. Que cada fá, lá, si, trouxe recordações tristes que pareciam ainda mais insuportáveis naquele instante. Cada acorde lembrava suas tentativas de aprender a música nas horas vagas. Que cada falsete me fez pensar em sua voz desafinada tentando cantar. Que cada solo da guitarra me trazia você tocando uma imaginária na nossa sala, assoviando e rindo com aquela sua carinha de menino – imortalizada com sua partida prematura.

Era como se você estivesse ali, ao mesmo tempo em que não estava. Era como te sentir tão perto que era impossível te tocar. Era como estar envolvida por você, ao passo que não estava. Era como. E por ser como, não era nada.

Só lembranças e sensações e emoções traiçoeiras.

Eu estava no melhor lugar do mundo, porque você estava ali, em cada som e cada letra.

Mas, ainda assim, estava sem você. E tudo isso me doía, de um jeito que poderia chegar a me enlouquecer.

Dia 96

Colei seu ingresso na sua agenda. Depois peguei as canetinhas e comecei a colorir a página, quase sem perceber. Você detestava que eu colorisse suas páginas. Mas toda agenda sua nova ganhava uma marca minha. Coloquei no alto da página o irônico título: *melhor show que você nunca foi*.

Chorei.

As lágrimas desceram pelo rosto, caíram em sua agenda, mancharam ainda mais sua página. Você teria ficado furioso se ainda estivesse aqui. Não havia nenhum tempo verbal que odiasse mais do que o futuro do pretérito. O futuro que nunca saiu do passado. O futuro que nunca aconteceu. Mas que poderia ter acontecido. Se.

Você já havia perdido a chance de ver seu time ser campeão. De saber que seria pai. De escolher os móveis do quarto do bebê. Você perdeu a chance de ver a mudança de meu corpo. De acompanhar passo a passo a minha gravidez, tão sonhada por nós. Você havia perdido a chance de ver sua mãe me abraçando. De me ver enfrentar aquelas que considereei tanto como minhas amigas – e no final, não eram – e, agora, perdera a chance de ir ao show da nossa banda. O melhor show da sua vida, que você não foi.

Me perguntava quantas coisas a mais você perderia, quantos momentos importantes não viveria. Quantas vezes mais eu passaria por instantes que pertenciam a nossa história sem poder contar com o principal personagem. Sem ter você.

Naquele momento, eu sabia. Não importava quanto o tempo passasse ou o que diziam de que tudo se amenizava. Sua ausência sempre me doeria.

Dia 97

Aconteceu depois do serviço, dentro de um supermercado antes que eu voltasse para casa. Uma dessas coisas que não se previa, ainda que você saiba que vai acontecer, mais cedo ou mais tarde.

Minha mãe havia me ligado pedindo que eu levasse pão e leite, pois ela precisaria ficar em casa para esperar e conferir os móveis do quarto do nosso bebê que chegariam. Estava escolhendo meu chocolate – depois de já ter pego o pão e o leite – quando ouvi meu nome no corredor. Estranho. Não era algo que acontecia com frequência. Mas, como meu nome não era único, achei que não fosse comigo e ignorei. Até que a mão tocou no meu ombro.

Virei.

Gelei.

Era um velho amigo seu com quem você falava esporadicamente, principalmente por e-mail depois que ele foi morar fora do país. Vocês

fizeram faculdade juntos, ele foi um dos padrinhos no nosso casamento e eu nem podia fingir que não o reconheci.

Uau! Você está grávida! – sorriso grande – Agora entendo porque ele sumiu e não respondeu mais meus contatos. Há-há-ha

Não, pensei, não entendia. Mas fiquei calada, me poupando, me guardando para o momento que teria que abrir a boca para avisá-lo do ocorrido. Para o instante que me quebraria inteira – mais uma vez.

Parabéns! – abraço, exclamação demais, euforia em excesso – Sei o quanto queriam isso e como deve ter sido o momento mais feliz de vocês ao descobrirem.

Obrigada, falei. Por dentro quase sentia dó, ele não poderia imaginar o que estava prestes a escutar.

Mas onde é que seu marido se meteu? Já faz meses desde que respondeu meu último e-mail! Tentei ligar e parece que o número não é mais dele. E não sei o número da casa de vocês, acho que perdi. Queria marcar um poquerzinho antes de voltar ao exterior. Mas ele está incomunicável. O que aconteceu?

Olhei para o seu amigo. Coitado. Tão preparado para receber a notícia como eu para dá-la. Tomei o ar e soltei de uma vez.

Ele morreu.

Perplexidade nos olhos dele.

Era a primeira vez que eu usava esse verbo para você: morrer. Parecia cruel falar assim, quando você continuava vivo em mim. Mas ali, eu sabia, qualquer outro termo e expressão que usasse geraria dúvidas, perguntas, explicações que teria que dar – e que não estava pronta.

O “*como assim?*” escapuliu da boca dele, incrédulo como se acreditasse que era uma piada de mau gosto, um mal-entendido ou uma loucura minha.

Eu poderia ter falado mais. Dito que foi no nosso aniversário de namoro, debaixo das estrelas, numa noite linda, onde topamos com um assaltante nervoso e você quis me salvar. Eu poderia ter contado que você me salvou, mas não foi forte nem rápido o suficiente para se salvar. Que ficou ali nos meus braços dizendo que me amava. Que ficou oito horas na sala de cirurgia,

mas não resistiu. Poderia ter enfiado as unhas na minha ferida e escancarado em vísceras a minha perda, bem ali, no corredor do supermercado, para um amigo querido seu que, por destino irônico, não foi avisado. Que o tiro que levou meio segundo para te acertar, entrou bem abaixo do seu coração – do *meu* coração – num lugar que não devia ter acertado. Que apesar de inconsciente você ainda tinha vida quando a ambulância chegou. Que você ainda respirava, quando os médicos te receberam no hospital. Que foi prometido que fariam tudo para te salvar. Que você lutou bravamente durante a operação. Que foram oito horas agonizantes na sala de espera. Que eu acreditava que os médicos fizeram tudo o que podiam, mas que você perdeu a batalha. A gente não vencia sempre. Você não venceu.

Eu perdi você.

Mas não havia nada de romântico em minha perda, ainda que ela tivesse mesmo acontecido debaixo das estrelas. Então, resumi: já faz três meses. Assalto à mão armada. Ele tentou resistir. Mas.

Não completei. Não precisava.

Aí ele soltou um *meu Deus!* E eu soltei uma desculpa qualquer e fugi dali o mais rápido que pude – sem pão, sem leite, sem chocolate. E sem um pedaço de mim também.

Corri para casa e me acolhi no colo da minha mãe. Então, chorei. Chorei como não chorava há dias, como no começo, como nas primeiras facadas de uma dor insuportável e invencível. Chorei e percebi: as lágrimas poderiam secar, mas alguns dias eu desmoronaria, porque a dor era impossível de derrotar.

Dia 98

“Oi, Bruxinha

Não faz essa careta por ter que ler outra carta, tá? Eu sei que você odeia ler. Mas você pode pelo menos fingir que gostou e depois guardar naquela caixa de lembrança no fundo do armário? Prometi que não mais escreveria, mas sempre acho que só falar é pouco para expressar tudo o que sinto. Se bem que escrever não adianta muito também. Aí eu acabo sendo clichê – logo eu, que odeio clichê – e resumindo tudo a um “eu te amo” banal que nunca dirá tudo o que eu sinto por você.

São três da manhã e você está dormindo como um anjinho ao meu lado. É nessas horas que eu penso na sorte que eu tenho e o que eu fiz para merecer uma mulher tão linda ser minha. Eu acabei de ter um pesadelo em que a gente se perdia um do outro. Algo que nunca conseguiria suportar. E aí bateu vontade de dizer só mais uma vez que te amo. Que você não é tudo o que eu sempre quis na vida porque você é mais, é muito mais: você é meu ar, meu sol, minha felicidade, meu universo, minha bruxinha do nosso conto de fadas às avessas e real. Eu vou ser sempre seu sapinho, aquele seu príncipe torto, que te roubou no meio do caminho quando você procurava algo perfeito, tudo aquilo que você nunca quis na vida e que, ainda assim, aceitou nesse seu coração de menininha que me ganhou na primeira troca de olhar.

Eu te amo. Nada, ninguém, vai destruir isso. Estaremos sempre juntos. Ainda que a gente se perca. Que você se apaixone um dia por outro – vai, não faça essa cara, você sabe que pode acontecer, eu sei o quanto isso vai me doer. Eu quero que saiba que estarei sempre ao seu lado. Aqui, lá, em qualquer lugar que eu for ou que você ficar.

Muito além de um para sempre, sempre estaremos juntos pela eternidade.

Do sempre seu, Sapinho”

O choro cortou minha garganta enquanto eu abraçava o papel sem amassá-lo. Você morreu sem saber que sempre foi tudo o que eu quis, desejei e sonhei porque eu achava que implicar era melhor do que me declarar. Como a gente perde tempo com bobagem. Como eu perdi tanto tempo na vida. E eu me odiava por isso.

Odiava não ter me entregado a você como você se entregou tanto a mim.

Dia 99

A psicóloga me perguntou como eu estava e, de repente, percebi que não a odiava como odiei naqueles primeiros dias. Já não achava que ela estava sendo indelicada invadindo minha dor. Na sua sala, percebi que não havia mais resistência da minha parte para com aquela estranha. Essa constatação foi tão forte que me fez sentar na sua frente, mesmo tendo dito que não tinha nada para falar com ela.

Abri e fechei a boca algumas vezes. Ela esperou. Esperou. Esperou. Até que me peguei falando, sem me dar conta de que queria falar até que as

palavras escapuliram da minha boca. Falando sobre você. Falando sobre você com uma estranha.

Amanhã faz cem dias desde tudo. A dor não me sufoca como antes, mas ainda me dói como antes. Vai doer para sempre, não é? Às vezes me vejo como alguém que sofreu um grave acidente. É como sempre penso sobre tudo isso. Como se tivesse perdido um braço, uma perna. A comparação é péssima, e não chega nem num quarto do que realmente é. Mas é como se eu estivesse reaprendendo a viver sem um membro. Só que a diferença é que fisicamente continuo perfeita: mãos, pernas, tudo, no melhor estado. A perda foi muito mais profunda, quase letal. Perdi um pedaço do meu coração. Ele continua batendo.

E, então, eu não conseguia mais parar de falar. As palavras desaguaram de uma vez, como se sempre esperassem por isso.

Já tive uma raiva quase cega da vida, de mim, dele por não ter resistido, do mundo por ser cruel. Acho que o odiei tanto quanto o amei. Já tive um medo absurdo de continuar, sabe, de que isso fosse errado, de que viver me afastaria ainda mais dele. E senti uma culpa enorme por ser obrigada a fazer isso. Por viver coisas que ele não teve a chance, porque suas chances foram arrancadas antes que ele lutasse. E cheguei bem perto da depressão. Acho que a encarei bem de perto mesmo. E quase fui agarrada. Eu teria sido agarrada se não fosse nosso bebê. Me dei conta que apesar de chorar em alguns dias, não é tão desesperador como no começo. Hoje, aqui, apesar de estar me cortando cada palavra dita, meus olhos continuam secos. É assustador. Porque dói, sabe? Mas é como se eu tivesse me acostumado à dor.

Parei. Respirei fundo. Soltei um *nossa*. E fiquei paralisada.

Falei em alguns minutos mais do que tinha dito em cem dias. A psicóloga continuava me encarando. Então, depois de um tempo, soltou três palavras, com um enorme ponto de interrogação no final: *você já aceitou?*

Não. E não era necessário pensar pra responder. *Mas já não me revolto.*

E foi só quando disse que percebi que era verdade. Não me revoltava mais. Achava injusto e cruel e absurdo e sabia que pensaria isto para sempre, mas a revolta havia perdido a força, até sumir, como as minhas lágrimas.

Foi bom ter conversado com a psicóloga, apesar de não ter escutado quase nada. Foi bom ter conseguido falar tudo o que eu vinha sufocando aqui dentro. Expor em voz alta pensamentos que apenas rabiscava por aí; recuperar a voz; dar forma a minha dor pra poder finalmente enxergar o tamanho que ela era. Quando saí da sala, depois de ela dizer um “*muito bem, quando quiser conversar estou aqui*”, pensei que havia sido injusta por boa parte da minha vida.

Psicólogos não eram tão ruins assim. Eu queria ter contado isso para você antes de você partir.

Dia 100

Marquei em nosso calendário o centésimo dia sem você. Cem era um número bonito. Cem dias sem você, não. Parecia que passou rápido, outras vezes que demorou séculos. Ainda não tive coragem de ir onde você estava, fisicamente. Não fui te levar flores nem conversas nem rezas nem velas. Ignorava que você foi enterrado. Fingia que você foi apenas embora. Doía menos.

Às vezes parecia que estava perdendo a cor das lembranças, como se você me invadissem cada vez mais acinzentando. Como se fosse cada vez mais difícil lembrar exatamente do tom de voz que você usava em determinada situação. Parecia que você ia esvaindo-se de minha mão, escorregando por entre os dedos e me deixando, minuto a minuto, mais distante de você. Como eu poderia viver num mundo em que não me lembrasse de você? Me diga: como?

Sentia medo.

Sempre tive muito medo na vida embora tentasse esconder isso com uma carcaça que ninguém acreditava. Sempre fui uma menina frágil e fácil de me quebrar. Muitas coisas me apavoravam e você me ajudou a aceitar. Com você eu podia ser uma menina a ser cuidada, porque você me ensinou que pedir cuidados não era errado, porque você sempre esteve aqui para me cuidar. Mas não estava mais. E lidar com isso, depois de ter me entregado a você, era o mais difícil de tudo o que tenho passado. Reaprendia a viver a cada respiração. A cada passo. A cada dia que me afastava do marco zero. Colava sozinha os cacos de uma queda que não tinha conserto. Tentava rearranjar a

bagunça e ficar inteira até nosso bebê nascer. Mas não estava sendo muito eficiente.

Me apavorava não saber como seria o dia de amanhã. Se seria amanhã o grande dia que a dor já não me incomodaria. Que a saudade seria maior. Que eu não conseguiria me lembrar do som da sua risada ou do tom de sua voz. Que você se tornaria apenas uma lembrança estática, imortalizada em fotos espalhadas pela casa. Que nosso amor seria apenas um sonho que teve que ser abandonado pelo caminho; a realidade uma vida dura e cruel sem você.

Queria te escrever sobre os dias que sou forte, sobre as vezes que apesar de tudo seguia em frente sem me abater, sobre o sol que eu apreciava ou a chuva que eu sentia. Queria te narrar como o mundo continuava igual, girando, mudando, seguindo a ordem natural das coisas. Te contar mais sobre nosso filho. Da minha luta e das minhas conquistas. Falar que tenho conquistado coisas sim, sem você. E descoberto que apesar do caminho escuro, tinha um pouco de beleza. Queria ser como aquelas mulheres e ficar longe da vitimização. Tentava não me vitimar, não lembrar que você foi morto injustamente por falta de segurança pública, debaixo das estrelas.

Mas nunca fui forte, amor.

E sabia, apesar de enfrentar toda esta dor sozinha, seria para sempre a menina frágil pela qual você se apaixonou.

Dia 101

Você chegou em algum momento que eu estava entre a consciência e inconsciência. Você chegou a passos largos, como se sentisse saudade urgente de me ver. E se deitou bem aqui, no seu lado da cama, o lado que era ocupado apenas com um travesseiro que ainda guardava seu cheiro. Senti seu carinho em meu cabelo, que você sempre fazia antes que eu dormisse. E sua voz em tom baixo ganhou nosso quarto enquanto você cantarolava uma música – a nossa música; a música que tinha o poder de me acalmar mesmo durante as maiores tempestades, mesmo sem luz.

Senti você e sei que meu sorriso ganhou meu rosto. E sei que a paz reinou por aqui, em alguns instantes. E sei que você acariciou minha barriga e amou nosso filho. E sei que você não me acordou do sonho porque não queria que eu encarasse a realidade. E sei que você me contou algumas das suas

novidades. Ainda me lembrado do seu cheiro, da sua voz e de você. Tudo como se eu tivesse te encontrado, me jogado em seus braços e conversado com você ontem.

Quis me virar e ver você. Quis passar os dedos pelo seu rosto daquele jeito que te fazia fechar os olhos, arrumar seu cabelo com cuidado até que você soltasse aquele suspiro sonolento e um sorriso escapasse do seu lábio. O meu sorriso. Só pra eu poder sentir tudo aquilo que só você me causou na vida, só pra que meu coração batesse no ritmo do nosso amor uma última vez, só para eu me sentir a mulher mais especial do mundo quando você abria os olhos depois de um carinho e me olhava do seu jeito único – que me fazia única também. Só para o meu mundo voltar ao lugar, por alguns instantes. Uns poucos instantes. Uns instantes que eu ainda poderia sentir-ter-ver-tocar você.

Mas, no segundo seguinte, entre meu pensamento e meu virar para você, você já não estava mais aqui. Eu já não tinha mais você. Eu poderia ter chorado – mais uma das centenas de vezes – mas preferi guardar dentro de mim sua visita; amar ainda mais você.

Dia 102

Seu pai esteve aqui hoje para trazer um presente pra mim: uma poltrona, dessas confortáveis pra se deitar e cuidar do filho. Em outra ocasião eu teria sentido felicidade. Mas ainda não conseguia. Aproveitei que ele estava aqui e pedi ajuda com o quarto do bebê. Os móveis já estavam lá, mas não foram montados. Achei que você não gostaria que estranhos montassem o berço do seu filho. Achei que seria injusto que estranhos escolhessem onde colocar, ainda que eu palpitasse. Se você estivesse aqui, teria você mesmo feito tudo. Você não estava. Mas nem por isso deveria ficar de fora do momento.

Seu pai não achou ruim, não questionou o porquê, não disse que perderia seu sábado. Ao invés disso, sorriu. Sorriu e agradeceu a oferta, dizendo que faria com o maior prazer. Ele sorrir ainda me chocava. Queria perguntar como sua mãe sentia por vê-lo sorrir, mesmo depois de tudo. Queria saber se não lhe doía sorrir, se já lhe era suportável a ausência de seu filho, seu grande amigo. Mas não tinha coragem. Era melhor ficar calada – eu e meus sentimentos, eu e minhas perguntas, eu e a busca por minhas próprias respostas.

Às vezes, pensava que nunca conseguiria sorrir de novo. Que meu rosto ficaria para sempre congelado nessa máscara de sofrimento. Sabia que ele mostrava meu sofrimento. Sabia que já apareceram rugas, que meus olhos estavam opacos, que meu cabelo deixou de ser aquele que causava inveja em tanta gente. Mas aí eu lembrava que já pensei muitas coisas que não aconteceram. Já achei que nunca conseguiria seguir sem você – e estava seguindo. Já achei que nunca pararia de chorar – e parei. Chorava eventualmente, mas as lágrimas já não desciam com facilidade; ficaram presas, sufocadas, congeladas. Como meu coração se congelou também.

Seu pai sorriu ao dizer que quem deveria estar ali era sua mãe, para decidir onde ficaria o berço. Depois falou que ficava muito feliz por estarmos nos acertando. Eu respondi que estávamos apenas nos suportando. E ele soltou um *bem, isso é o melhor que vocês estão fazendo nos últimos seis anos*.

Ele estava certo.

Aí soltou um suspiro desses longos. E as palavras escapuliram da sua boca antes que conseguisse se conter: *ele ficaria tão feliz, com esse filho, com você e ela*.

Percebi. Apesar da leveza que aparentava, você ainda lhe pesava no coração. Apesar do sorriso que abria com facilidade, ainda lhe era difícil esconder a dor de ter te perdido. Continuava tudo igual. Ainda que tudo tenha mudado.

Então, talvez, eu volte a sorrir. A gostar da vida como gostava quando estava com você. A ouvir uma música e balançar com ela, mesmo que toda desengonçada. Daquele jeito que sempre te fez rir. A decorar umas músicas toscas só pra te ver rolar os olhos enquanto canto. Talvez eu ainda conseguisse ouvir nossas músicas sem saber que isso me mataria, sem que isso realmente me matasse. Sabe? Não sentir que sua partida deixou as notas mais tristes e insuportáveis de ouvir. E aí eu conseguisse devolver ao cabelo o brilho que ele tinha e aos olhos aquela paixão pelo mundo pela qual você dizia que se apaixonou. Talvez fosse questão de tempo – o mesmo que estava passando tão rápido e tão silencioso entre a gente. Talvez, ainda, meu coração voltasse a funcionar em vez de apenas bater bombeando meu sangue pra me manter viva – ainda que sem vida, ainda que sem você.

As pessoas achavam que quando se deixava de chorar era porque já não doía. Bobagem Vai doer para sempre. Não derramar lágrima era apenas um novo processo de cicatrização. A cicatrização que acontecia por dentro, que ninguém via, que a gente fazia sozinho enquanto trabalha, come no horário, compra coisas novas e volta pra casa. Pra mim, o choro foi o grito agudo da dor. A falta dele era o silêncio grave da incapacidade para mudar o que doía.

Sabe-se lá quantos processos ainda passarei para superar a sua perda.

Sabe-se lá se sua perda é algo que algum dia vou superar.

Não havia respostas. Estava lotada de perguntas.

Dia 103

Domingo e eu simplesmente não conseguia ficar em casa, olhando para as paredes, curtindo a minha dor que já deixou de ser do corpo há muito, que já se localizava em minha alma. Era a primeira vez que sentia uma necessidade quase doentia de sair. Precisava de ar, de arejar a cabeça, de ver outras coisas e outras pessoas. Era uma necessidade quase louca de...

Viver.

Meus passos traiçoeiros fugiram dos prédios e da poeira cinza que impregnava o ar. Antes que percebesse, antes que conseguisse voltar a sanidade e me parar, atravessei ruas e pontes atrás de outra coisa que me levasse a você. Quando vi, já estava entrando no seu parque preferido, onde você adorava passar suas tardes quentes debaixo da copa das árvores, lendo mais um de seus livros.

Eu estava no *nosso* parque.

Continuava do mesmo jeito como da última vez que viemos aqui, no nosso último domingo feliz, quando não fazíamos ideia de que todos os nossos planos seriam arrasados em dois segundos. Gente lendo, gente correndo, gente namorando, gente deitado sem fazer nada, olhando pro céu, gente brincando com o cachorro, gente solitária tentando encontrar seu caminho entre as trilhas arborizadas.

Nosso banco favorito abrigava um novo casal. Fiquei ali parada vendo a felicidade deles. Meu peito doeu de uma forma diferente e desviei o olhar, porque olhar para namorados não era tão bom quanto um dia me foi. Doía.

Que não era a gente. Que nunca mais seria a gente.

Vir aqui sem você doía como tudo que eu fazia desde sua partida. Mas já não tinha lágrimas para chorar. Estava inteira por fora, embora continuasse destruída por dentro. Você me arrancou um pedaço ao partir. Mas ainda havia milhares de pedaços meus por aqui. Ainda havia cura para minha dor. Embora não houvesse solução alguma daquele seu sorriso que para sempre amarei.

Dia 104

A segunda-feira fria me atropelou. No caminho gelado até o trabalho, você me acompanhou em cada passo porque estava dentro de mim. Você não gostava muito de frio, dizia que se sentia preguiçoso, que só queria ficar na cama e que isso acabava com toda sua produtividade. Já eu adorava essa temperatura. Chuva e frio, para mim, eram sempre bem-vindos. Era. O frio parecia mais forte porque você não esquentava mais meu pé.

Carregar você para todos os lugares era pesado. Mas era um peso que não me esforçava para me livrar. Sabia disso tão bem quanto sabia que a saudade só crescia. Como sabia que você se foi sem saber metade das coisas que tinha pra te dizer. Me deu uma vontade doentia, derivada de uma saudade doentia e de uma dor doentia, de voltar no tempo pra discutir com você o tamanho do meu amor.

Que, cá entre nós, era páreo duro pro tamanho da minha dor.

Você me disse que me amava antes de mim, antes que eu me desse conta do que crescia aqui dentro. Você não teve medos. Alguma vez você teve medo na vida, amor? Sua intensidade para os sentimentos me assustava. O modo como você lidava com eles, a facilidade com que expunha o que sentia, me deixava deslumbrada. Eu lutei contra o tempo todo. Contra você, contra mim, contra o mundo, contra o amor e contra a nossa história. Eu fugi disso o máximo que pude. E, então, num dia você soltou que me amava com a facilidade com que dizia que precisava de um banho.

Nunca duvidei de você. Nunca questionei como você poderia saber, assim, tão rápido, que eu nasci para ser sua e que você nasceu para ser meu. Mesmo quando soltava algum “sei” desconfiado, sabia que era o que você sentia. Eu queria ter a sua convicção e aceitá-la como você aceitava. Você me olhou e

soube que precisava de mim na sua vida. Você lutou. Você foi atrás e não desistiu de me convencer que eu precisava de você também. Então, você me convenceu. E, ao me ter, você teve a certeza de que me teria para sempre. Que eu era sua alma gêmea. Que nossos caminhos tortos foram feitos para nos cruzarmos. Que não havia explicação para o que a gente sentia. Que nada no mundo que sentimos antes se comparava ao sentimento que nos causava. Que eu era sua. Ontem, hoje, amanhã, e depois e depois e depois e.

Sabia que você queria ter escutado isso mais vezes – quando saía pro trabalho, quando me dava algum presente, quando fazia tudo errado, bem no meio de alguma briga nossa, quando eu apontava todos os seus defeitos; sabia que você queria ter ouvido no meio do sexo, durante o café da manhã ou numa ligação surpresa pra você sem motivo algum. Assim. Sem motivo algum. Só pra dizer que te amo, sem porquês, pra quês, explicações ou razões.

Eu te amava sem porquês, sem pra quês, sem explicações e razões. Eu te amarei sem porquês, para quês, explicações e razões.

Você sempre soube, mas queria ter te dito isso. Isso é um monte de coisa que achei que era bobagem, que coloquei no depois achando que teríamos uma eternidade pra falarmos disso.

Doía

Escrever-te no passado, estando no presente, doía. Porque você não estará no meu futuro. E porque já não podia dizer tudo o que deveria ter dito para você. Ontem. Quando você ainda podia me ouvir.

Dia 105

Oi, bebê. Não tenho falado muito com você, não é? Me desculpe por isso. Me desculpe por tudo. Me desculpe por você ter que nascer sem pai também. É difícil tudo, você entende? Talvez um dia você entenda. Talvez um dia eu entenda. Ele morreu por mim. Dói. Ele me deixou você e, apesar de ser meu maior presente, também dói. Quando chegar a hora de contar tudo a você, espero que você me perdoe. Eu espero ter me perdoado até lá.

O mundo é assustador. É cruel. É duro. É difícil. Acho que a gente sente vontade de voltar pro útero o tempo todo, sabe? Somos protegidos lá. Você é protegido aqui dentro de mim. Aqui, dentro de mim, você ainda não conhece

nada. As pessoas chegam, as pessoas te conquistam, as pessoas te magoam e as pessoas vão embora. Querendo ou não. Mas eu prometo, estarei sempre aqui. Sou sua mãe. Você não vai poder fugir disso.

Sei que você está vindo num momento meio conturbado. Perder seu pai me deixou confusa, sem chão, sem teto e sem caminho. Você acabou se tornando meu caminho e isso é responsabilidade demais pra alguém que ainda não nasceu. Desculpa por isso. Inclua no desculpa por tudo, está bem?

Essa é minha voz, aliás, ela é feia também. Eu sei. Espero que você herde a voz do seu pai: era linda, até cantando sem ritmo como ele cantava. Ele era lindo. E eu me arrependo de não ter dito isso a ele quando tinha tempo. Não disse nem metade das coisas que deveria ter dito. Idiota que sou.

Eu te amo. E ele te ama como ninguém, mesmo não estando contigo.

Nós te amamos.

Para sempre.

Como seu pai e eu não fomos.

Dia 106

Havia dias que não acontecia nada, nem dentro nem fora de mim. Dias em que eu apenas ia ao trabalho e voltava, comia e respirava, dormia e acordava. Dias em que a dor dava trégua, que a saudade mantinha distância, que a não aceitação da sua partida não se aproximava. Dias que ficava claro como a vida era vazia. Sem você.

Você não deixava meus dias parados, não havia rotina ou mesmice. Era sempre algo novo. Uma descoberta, uma declaração, uma história, uma risada. Não havia silêncio, calma ou quietude. Eu não ficava na cama mais tempo que o necessário, não dormia mais do que o preciso, não encarava as paredes do nosso quarto mais do que o saudável. Apesar de ser organizado em todas as áreas da sua vida, você bagunçava todo meu mundo, desmoronando toda a minha calma.

Eu adorava isso. Adorava porque não suportava a ordem, o tédio, a rotina. Adorava porque odiava a vida que levava antes da sua chegada, onde passava dias num marasmo sem fim. Adorava porque você me fez amar os domingos, como poucas pessoas chegaram a amar. Porque era mais fácil aturar as

segundas-feiras quando era acordada por você.

Apesar de todos os dias ter algo a ser contado (ainda que fosse a dor de sempre), alguns deles era isso que acontecia: a entediante rotina. Uma rotina que antes, com você, era um evento raro, esporádico. Estava sempre acontecendo alguma coisa entre a gente, mesmo em silêncio. Agora só nos restou o silêncio.

Foi um desses dias. Dias que não me restava vontade de sair da cama, mas era obrigada a trabalhar. Dias cinzas e sem graça, onde estava anestesiada de toda a minha fiel companheira dor. Quando a saudade era tão grande que eu não sentia mais nada.

Onde não ocorriam avanços, em que eu não seguia em frente, não dava sequer um passo. Sem lembranças, lágrimas, dor, revolta. Sem novidades, motivos, vontades. Sem seu sorriso ao fechar o olho para esquecer a vida que levava sem você.

Dias em que eu estava cansada demais. Até para sofrer.

Dia 107

Eu ainda te culpava.

Sabia que estava sendo irracional. Talvez a dor e a perda nos deixassem assim mesmo. Ainda era um caminho novo para mim e, portanto, não sabia onde daria. Desculpe as dúvidas. As perguntas sem respostas. E as acusações que não escondia ou maquiava com a sua falta.

Sabia que você não era culpado pelo tiro que levou. Sabia que não era culpado por não ter sobrevivido. Sabia que você não queria isso: me abandonar; me deixar sozinha sem seus sorrisos que tanto amava, sem seus olhares que me faziam sentir-me única, sem seus abraços no final de um dia ruim, sem as músicas que insistia em cantar mesmo não sabendo metade das letras. Sabia que se tivesse tido escolha teria ficado. Sabia que não queria que nosso bebê crescesse sem pai e sem conhecer o homem maravilhoso que você era; que ele crescesse sem ouvir sua voz ou sentisse orgulho do homem bem-sucedido no trabalho que você foi. Sabia que não foi escolha sua. Sabia que estava além da sua decisão. Logo você, que achava que controlava tudo. Sabia que você deve ter feito o possível pra resistir naquela sala de operação.

Eu sabia. Mas ainda te culpava.

Você quis sair de casa naquele dia. Você estava feliz demais e eu nunca descobrirei o motivo. Você tinha dito que só contaria quando voltássemos pra casa. Você não teve chances de me contar. Você quem quis dar uma volta depois de jantarmos. Você quem sugeriu aquela rua. Naquela hora da noite. E, também, foi você quem não quis dar o colar para o bandido.

Se você tivesse entregado ao invés de ter sido tão teimoso...

Se você conseguisse ser um pouco menos teimoso, não é?

Mas você fazia as coisas serem do jeito que você queria. Eram suas explicações as corretas. Eram suas escolhas que deviam ser seguidas. Você sabia o que era melhor pra mim. Me escutava, balançava a cabeça, fingia que concordava. Aí sorria e dizia: *mas eu acho...*

E pronto.

Lá estava eu, em silêncio, te seguindo.

Podia parecer cruel te acusando assim.

Podia parecer ingrata falando de você nesse tom.

Talvez eu fosse mesmo tudo isso. Talvez a sua falta estivesse fazendo isso comigo. Queria que você estivesse aqui para me responder essas e outras mil perguntas que tinha para fazer a você e que foram engolidas por esse abismo entre nós.

Mas a verdade era que se você tivesse me escutado ao menos uma vez, se tivesse preferido ficar em casa, visto um filme, comido alguma comida de restaurante pronto-entrega, você estaria vivo. Eu ainda teria você.

Dia 108

Sua mãe esteve aqui hoje.

Ela continuava com o mesmo rosto cansado, a mesma angústia no olhar, a mesma reticência na alma. Como se você tivesse criado um abismo entre o que ela era e o que ela é agora. Logo sua mãe, a forte, a destemida, a intocável sogra que ninguém merecia ter. Logo sua mãe, pode-vir-que-eu-aguento, não-vem-com-drama-que-eu-não-caio. Nunca tinha visto-a derramar uma lágrima. No nosso casamento, ela foi implacável. Ela era sempre

implacável. Agora ela era uma casca vazia, um corpo sem alma, uma vida sem motivo.

Tanto quanto eu.

Mas eu ainda tinha nosso filho, carregava um pedaço de você vivo em mim, te levaria para sempre, era a responsável por fazer sua história não se interromper. Entendia a sua mãe. Entendia sua mãe e entendia os caminhos que a traziam para a nossa casa.

Ainda era estranho. Mas não me escapava a compreensão de que era a responsável por ela não entregar os pontos e abandonar a própria vida. Era eu quem lhe devolvia um pouco de vida de toda que você levou. Logo eu, aquela que sua mãe mais odiou. Logo eu, aquela que causou toda essa dor.

Quis dividir com ela um pouco da nossa história. Quis dividir com ela um pouco de você que só eu conheci. Assim como ela teve um pedaço seu só conhecido por ela. Eu quis sentar e conversar, como a gente nunca fez. Quis contar sobre o que você aprontava comigo só pra ouvir o que você aprontava quando criança.

Mas sabia que ela não estava pronta. Que nós não estávamos prontas. Eu mal estava pronta para abrir mão de seus pertences, que dirá abrir mão de suas histórias comigo. Eu mal dava conta de falar sobre você, que dirá falar sobre você para sua mãe. Que tinha uma dor do tamanho do mundo dentro de um coração.

Por isso, ainda preferíamos o silêncio. Quase não nos falávamos, mas já nos suportávamos. Ela deu algumas dicas pro quarto do bebê e eu aceitei as que achei melhor – sem brigas, gritos, acusações ou raiva. Éramos duas náufragas a procura de uma sobrevivência.

Permanecidas em silêncio, já que não podíamos preferir o seu barulho.

Dia 109

Ficar em casa parecia cada vez mais difícil. Cada canto, parede, vazio gritava por você; gritava você. Gritava uma saudade cada vez maior e mais doentia. Uma história que eu ainda não estava pronta para relembrar. A cada dia eu precisava mais de ar novo, paisagens diferentes das paredes tão nossas conhecidas, lugares menos frios do que nossa cama antes tão quente. Sair era

exaustivo. Sair era renovador.

Deixava que as pernas me levassem, sem saber ao certo para onde. Mas prestava atenção nos caminhos para acabar não me perdendo, para não entrar em alguma rua perigosa e terminar como você.

Cheguei ao shopping. Era estranho entrar neles quando antes mal saía daqui. Você sempre se irritava comigo por causa disso. A garota do shopping. Aquela que não gostava de comprar em nenhum outro lugar porque no shopping era onde tinha tudo: restaurantes, lugares para descansar, cinema. Você quase nunca tinha vontade de ver um filme.

Fazia tempo que eu mesma não tinha vontade de ver um filme.

Logo eu, aquela que adorava uma sessão-pipoca. Aquela que fugia para a sala escura sempre que a gente brigava, sempre que se sentia entediada, sempre que estreava algum filme novo. Devo ter perdidos muitas estreias desde tudo.

Você está satisfeito onde quer que esteja, Sapinho, ao ver como as pré-estreias foram abandonadas por mim como você tanto tentou me fazer abandonar, alegando que as pré-estreias só davam crianças e pessoas que não conseguiam ver um filme quieto sem resmungar?

Nada. Só o silêncio de uma pergunta que nunca teria resposta.

Em cartaz, filmes que não sabia que estavam prontos; filmes que eu nem imaginava que haviam sido produzidos. Uma comédia romântica, um filme de terror e um de ação disputava minha atenção. Sabia que não suportaria uma comédia romântica sem você para resmungar o quanto a história era ruim e o quanto havia desperdiçado seu dinheiro naquilo. Sabia que não aguentaria um filme de terror sem seus braços para me agarrar ou o pescoço para afundar quando o vilão matasse alguém de um jeito nauseante. Sabia que não teria seus ombros no filme de ação para dormir porque nada me dava mais sono do que filmes sem história, mas com vários carros explodindo.

Sabia que não daria conta de entrar num cinema e ver um filme qualquer sem você.

Mas, ainda assim, entrei.

Pela necessidade de viver uma outra história diferente da minha, talvez.

Pela fuga que eu estava de mim naquele momento, possivelmente. Ou só porque continuava a mesma apaixonada por filmes como você era por livros, quem pode saber? Fazia muito tempo que eu não alimentava meu principal hobby porque estava consumida numa dor que nunca me largava. Eu continuava amando filmes. Eu continuava amando você. Eu continuava não preparada para encarar uma sala de cinema sem sua mão para dar, sem você me xingando porque eu queria pagar as entradas, sem eu reclamando que você ao menos poderia me deixar comprar a pipoca. Mas fui assim mesmo. Como um soldado diante de uma batalha, me entende? Como quem já não pode fugir de sua própria guerra.

Nada de comédia romântica. Nada de filme de terror. Ao invés disso, uma homenagem a seu gosto estranho para cinema: as ações sem história, mas com muitas explosões e efeitos especiais. Comprei a pipoca pequena porque não daria conta de comer a grande que a gente sempre dividia. Aí entrei na sala. Sentei naquele lugar que a gente sempre sentou. No meio do cinema, no meio da fileira.

Sem você.

Você teria gostado do filme. Eu teria dormido se você estivesse aqui. Seus ombros convidativos eram irresistíveis demais para que ignorasse. Mas a cadeira dura não me permitiu nenhum cochilo. Ao invés disso, assisti a um filme sem história pensando que aquele era um roteiro digno de seu dinheiro. E, ao voltar pra casa, fiquei pensando que fazer as coisas que fazíamos juntos era um pouco mais fácil do que começar atividades que você não mais participaria.

Dia 110

Estava na sala bebendo um café horrível na sua caneca horrível. Sentia falta do seu café. Até disso eu sentia falta. Você se lembrava como odiei quando tomei seu primeiro café? Como quase cuspi na sua cara aquele líquido forte e amargo demais? Que eu realmente cuspi, mas você conseguiu desviar? Da sua expressão de susto de receber uma cuspidinha depois de ter me levado café na cama? Ainda me lembrava do seu tom meio assustado meio brincalhão meio incrédulo ao declarar: *é assim que você retribui o romantismo?*

Precisava voltar a me acostumar com meu café doce e fraco. Porque não sabia fazer o café que você gostava. Porque depois que você entrou na minha vida nunca mais fiz café.

Estava no meio de uma careta quando seu amigo apareceu.

Gostava de receber seu amigo porque sabia que ele precisava de companhia. Porque sabia que ele estava se sentindo sozinho e perdido – como eu. Gostava dele porque sabia que ele amava você. A amizade de vocês era a coisa mais linda e pura que eu já havia visto.

Minha mãe que atendeu a porta. Ele pediu desculpa. Mais uma vez pensei que não era só por ele vir em nossa casa, num domingo, à tarde, sem avisar. Era por tudo: até por não conseguir esconder sua dor. Eu o desculpei, claro. Eu também mal escondia a minha. Aí sentou no sofá, bem ao meu lado. Com as mãos no joelho olhando para a parede.

E ficamos assim, em silêncio, como quase sempre ficava quando estava com alguém.

Achei que ficaríamos assim pra sempre. Mas aí ele soltou um suspiro. Abriu a boca. Prendeu a respiração. Soltou um xingamento. Fechou os olhos. Soltou as palavras de uma vez como quem tinha medo de, ao pausar, perdesse a coragem: *hoje é dia de clássico*.

Levei meio segundo para entender.

Dia de clássico era sagrado pra vocês dois. Deu para sentir a dor dele. Deu para sentir porque eu mesma considerava sagrado o clássico de vocês. Era como o último capítulo da novela: não dava pra perder. Você perdeu. Estava perdendo tanta coisa que já não conseguia contar.

Você quer ver? – sugeri, depois de ficar uns segundos calada.

Não consigo. Mais. Ver futebol. Não.

Então, compadeci de sua dor, larguei a caneca no chão e sem avisos, sem desculpas, sem falar nada: o abracei.

Minha mãe sempre disse que um abraço tem o poder de sarar tudo. Que era o melhor remédio do mundo. Não era verdade.

Abraços não curam nada. Mas mostravam que não estávamos sozinhos. E

saber que tínhamos alguém ao nosso lado, tinha o poder de nos dar força pra não desistir no meio do caminho. Isso sim nos levava ainda mais para frente.

Naquele abraço eu só queria dizer: *você pode contar comigo porque eu sei o quanto dói em você.*

E, sinceramente, sabia.

E, de verdade, ele entendeu.

Dia 111

Abri a porta do seu escritório querendo não abrir. Evitava olhar para o último cômodo do corredor, como quem evitava ir ao médico, mesmo com dor. Mas não podia passar uma vida fingindo que este cômodo não existia. Eu sabia que não podia tratar seus livros – seus amados livros – com a negligência que estava tratando. Você nunca me perdoaria por isso.

Me encostei no portal, de olhos fechados por um momento. Era incrível como seu cômodo preferido ainda conservava seu cheiro como se você ainda estivesse aqui. Como se você nunca tivesse ido embora. Como se tivesse sentado naquela sua poltrona perto da janela ontem mesmo.

Você não estava. E saber disso, mesmo ainda te sentindo aqui, doía.

Seus livros esperando que você lesse ainda estavam sobre a escrivaninha. A mesma que guardava tantas histórias nossas, santas e não. Prometi que abaixaria seu pano, encerraria seu ato, leria e faria tudo aquilo que você deixou em suspenso. Prometi coisas que não estava dando conta. A correnteza estava me levando. Carregada pra qualquer lugar porque todos os lugares não tinha você. Não sabia para onde estava indo. E por tudo isso, não saberei quando vou chegar. Mas estava caminhando.

Prometi que seguiria em frente. Nunca disse para onde.

Quanto aos seus livros, não tinha desculpas. Sabia disso tão bem quanto sabia que você não estava aqui. Eles estavam onde você mesmo deixou, meses atrás. Esperando que alguém os folheie, os leia ou os abandone numa estante. Peguei o que estava em cima. Passei os dedos sobre ele tentando descobrir o que te fez escolhê-lo. Você nunca teve um gênero literário específico e lia qualquer coisa, pelo prazer de ler, pelo direito de poder criticar depois.

Ainda faltava quatro pra dar por encerrada a minha promessa. Era irônico que você tivesse lutado tanto para que eu aprendesse o gosto pela leitura e eu só comesse a ler porque você não estava mais aqui. Tantas coisas só estava acontecendo porque você não estava mais aqui.

Folhei o livro e suspirei. Eu tinha uma promessa a cumprir. Eu tinha uma linha a seguir. E uma cortina para abaixar. Eu precisava terminar o que você não teve tempo. E aí, quem sabe, conseguir virar a página e te superar.

Dia 112

Era um dia como outro qualquer – um dia sem você – quando aconteceu.

Fazia sol lá fora, mas ele já não esquentava tanto assim. Indício que o verão se foi – levado junto com você. Tentava me lembrar qual estação que vinha depois dele. Não lembrava. Mas sentia falta da primavera. A época que mais gostava por causa das árvores floridas. Todo mundo ficava mais feliz nessa época. Florido como tudo em volta. Todo mundo parecia mais aberto, mais alegre, mais iluminado. Você dava meu sorriso torto daquele jeito que fazia aparecer uma covinha tímida no canto sempre que eu dizia isso. E então falava que não fazia o menor sentido. *As pessoas são felizes porque são, amor, não por causa de uma época do ano mais florida.*

Discordei de você, como sempre acontecia. Mas você era inabalável numa opinião, sempre com contra-argumentos para tudo. Sempre embasado em várias outras opiniões importantes dadas antes de você nascer. Talvez estivesse certo.

Eu não era mais feliz.

Mas não era disso que queria falar. Era do que aconteceu pela manhã. Estava escovando os dentes para ir trabalhar. Tentando criar coragem pra encarar o mundo lá fora, ainda tão estranho a mim. Aí senti. Um soco na barriga que me tirou o ar. Quase me fez perder o equilíbrio. Fiquei perturbada tentando entender o que era.

Levou um segundo para que a ficha caísse.

Era um chute.

Do *nosso* bebê.

Doeu. Como se minha barriga fosse uma bola chutada para o gol. Perdi o

ar. Deixei as lágrimas caírem. Primeiro de dor mesmo, física. Depois de dor na alma. Outro momento sem você. Outro momento que você perdeu.

Levei a mão ao ventre. Depois olhei pro espelho. Chorava. Mas foi involuntário: um quase sorriso. Não chegava a ser um sorriso e pareceu mais uma careta. Mais do que eu tinha feito em todos esses dias.

A emoção tomou conta de mim.

Era nosso bebê. Era o fruto do nosso amor. Ele estava aqui, dentro de mim, te fazendo viver de um outro modo. Era tão lindo.

Era tão triste que você não pudesse viver comigo.

Dia 113

Sabia que tinha que dar um jeito nas suas roupas ainda na caixa. Sabia que passou da hora de doá-las a alguém. Mas cada blusa, calça, paletó e gravata guardavam uma história sua, uma história nossa. Estavam carregadas de seu suor, mesmo que com cheiro de roupa limpa. Carregava aqui pedaços do seu DNA. Momentos que eu jamais esqueceria. Como você chegando cansado de alguma viagem e abandonando a mala e a roupa para me amar. Como aquela blusa azul que você adorava e que eu arrebentei o botão em meu desespero de te sentir – e depois tive que eu mesma consertar. Nem depois de várias tentativas ficou realmente bom. Você sempre ria quando a vestia. Você nunca deixou de vesti-la por isso.

Eu queria guardar todas. Mas sabia que não era saudável. Manter você preso aqui quando eu nem acreditava que isso podia mesmo acontecer não era nem de longe a coisa mais saudável a fazer. Precisava abrir mão de suas coisas. Precisava de ajuda para abrir mão de suas coisas. Precisava de você.

Liguei pra sua mãe.

Poderia ter pedido pro seu pai ou pro seu amigo. Mas sabia que precisava fazer isso com sua mãe. Sabia, porque foi ela quem sugeriu que eu desse todas as suas roupas para alguém – mesmo que de um jeito desastroso – nas primeiras semanas. Era ela quem devia estar comigo porque era o que ela queria. Tínhamos que fazer isso juntas. Tínhamos que, juntas, aprender a nos desapegar de você.

Ela aceitou sem questionar a minha demora para fazer isso. Sua mãe

estava mesmo mudada, amor. Em outra época, ela teria me apedrejado. Em outra época, na verdade, ela mal teria me atendido.

Fomos juntas. Em silêncio. Lado a lado. Levei a caixa com suas roupas na mão, sua mãe carregou a de sapato. A mulher da associação nos sorriu e mal acreditou na sorte que tinha recebido. Não se coube em obrigados exagerados, nem a dizer o tanto que seus assistidos estavam necessitados e como era importante uma conscientização da população para ajudar os outros. Porque os outros também éramos nós.

Blá-blá-blá.

Você era o idealista da casa. Você acreditava que um dia todos nós amaríamos a todos como amamos aos nossos. Dizia sempre que havia esperança na vida, no mundo e na humanidade. Que enquanto um só idealista vivesse, nada seria em vão. Que ainda existiam muitos que ajudavam o idoso a atravessar a rua, dividia a comida ou simplesmente fazia alguém sorrir. Gente que se importava além de sua janela. Gente que saía do seu mundinho e se permitia conhecer outros.

Na minha concepção: gente que acreditava em contos de fadas.

Eu cheguei a acreditar neles, quando você estava aqui. Mas sempre fui mais cética a tudo, que não incluísse o amor. De contos de fadas só comprava a ideia do príncipe do cavalo-branco salvando a princesa em apuros. Você me tirou até isso. Você me tirou tudo e ainda me mostrou que sem nada eu era muito mais feliz.

Por incrível que pareça, mesmo você tendo sido morto por um homem, por uma arma, eu acreditava que onde quer que você estivesse você continuava acreditando nas pessoas, no mundo e na humanidade. Você tinha uma fé inabalável na vida.

Poucas coisas abalavam sua vida.

Eu queria ser assim. Mas o pouco que acreditei no mundo foi embora com você. O mundo era cruel. As pessoas eram mesquinhas. E a humanidade tinha grande poder de se destruir, sim, sem culpa ou remorso por isso. Um crente num mundo melhorava não minimiza em nada os horrores que estudamos, vimos ou vivenciamos.

No fundo, ninguém estava nem aí pra sua dor.

Mas queriam que todos dessem importância pra dor dele.

Eu não me senti bem depois de me livrar de suas coisas. Não me senti leve. Nem feliz. Nem contente. Nem nada. Tive foi um grande sentimento de perda. Mais um. Sua mãe me abraçou. Eu a abracei de volta. Ficamos assim, por minutos, no corredor da instituição. Nora e sogra. Duas pessoas que antes não se aturavam unidas pela dor.

Fiquei pensando nisso. Fiquei pensando que a dor tinha o poder de unir muito mais do que o amor.

Dia 114

A sua parte do guarda-roupa ainda te esperava. Fazia tanto tempo que juntei suas roupas naquela caixa, parecia outra vida. Já doe para quem precisava, já guardei algumas para ainda usar em dias frios, em dias cinzas ou em dias que eu pensasse em desistir. Mesmo assim, não tinha coragem de levar minhas roupas para o seu lado. Assim como eu não tinha coragem de dormir no lado em que você dormia. Como se fazendo isso eu pudesse expulsar qualquer chance de você voltar para mim. Como se eu ainda acreditasse que você pudesse voltar.

Você já se foi. Você não conseguiu olhar pra trás para dar um adeus. Hoje sabia que nem todo mundo conseguia se despedir antes de ir embora. Que nem todo mundo tinha a sorte de trancar a porta ao ter de sair de nossas vidas. Logo eu, aquela que fazia questão de sair batendo tudo atrás para deixar claro que não voltaria, precisava ainda aprender com o silêncio das partidas.

Olhar o guarda-roupa vazio era como olhar a minha própria vida vazia. Meia vida. Uma vida e meia. Era como confrontar o meu futuro estando presa a um passado que ainda me ligava a você. Masoquista, talvez. Acho que as pessoas, durante alguma superação de perda, tinham uma certa tendência a querer sofrer tudo de uma vez. Acho que eu era assim. Enfiando minhas unhas já não feitas em feridas já abertas o suficiente para me causar uma infecção grave e sem cura. Querendo sofrer tudo de uma vez. Para ver se conseguia me livrar logo de uma dor sem fim.

Você detestaria me ver assim; detestaria que eu ainda não tivesse ocupado seu lugar, esparramado sobre uma cama que, quando você estava aqui, eu me esparramava sem culpa por te fazer dormir num espaço mínimo, não tivesse trancado a porta ao ver você ir. Quase te escutava dizer: *você ainda não aprendeu que tem que passar duas chaves na porta antes de ir se deitar, Bruxinha, para a sua segurança?*

Irônico que justo você, que conferia três vezes as portas e as janelas antes de dormir para ver se estavam fechadas, foi surpreendido por um assaltante no meio da rua. Irônico que você, que não saía de casa sem voltar ao menos uma vez para ver se tinha deixado-a segura, não teve tempo de fechar a nossa porta.

Dia 115

Sua mãe me ligou. Convidando para almoçar lá. No domingo.

E dizia isto pausadamente para deixar claro como foi espantoso. Poderia até usar uma exclamação, mas não conseguia me animar a ponto de. Sua mãe nunca havia me ligado. Nunca havia me chamado para nenhum almoço em família aos domingos. Todos os que fui, foi porque você me arrastava. Porque você dizia que éramos casados e era claro que o convite se estendia a mim. Nós sabíamos que não era bem assim. Sua mãe não me queria em sua casa, sua mãe nem mesmo fingia me querer ali.

Nunca quis te ver magoado ou bravo com sua mãe, mas queria ter te contado da vez que ela disse bem claro que preferia que eu não fosse; que eu entrasse ali o menos possível para que ela não precisasse se lembrar da escolha de seu único filho homem, a escolha que ela nunca concordou.

Foi num domingo meio cinza que isso aconteceu. Ainda lembrava como se tivesse ocorrido ontem, tamanha a dor que as palavras dela me causaram. A gente tinha acabado de almoçar, você e seu pai foram conversar sobre política na sala, eu e sua mãe fomos lavar as louças. Sua irmã não tinha ido nesse domingo. Ela quase não ia.

Na cozinha, enquanto secava um prato em silêncio, sua mãe soltou de uma vez. Como sempre fazia. Sem fazer rodeios ou pedir desculpas. Direta e certa: *não gosto de você. Nunca vou gostar de você. Meu filho merecia alguém muito melhor. E já é quase impossível te suportar casada com ele,*

que dirá te suportar na minha casa. Não há nenhuma possibilidade de você não vir mais?

Havia. Você nunca me obrigou a nada, embora nunca tivesse precisado já que apenas seu sorriso torto seguido da sua carinha de quem precisava de mim era o bastante para me fazer entrar numa guerra por você. Se eu sentasse e conversasse, se eu expusesse o que sua mãe havia acabado de dizer para mim, que ela não me gostava, e que, na verdade, era recíproco, tinha certeza de que você não me levaria até lá aos domingos. Na verdade, não me levaria lá nunca mais.

Mas eu preferia me ferir a ter de magoar você. E eu sabia que dizer o quanto sua mãe e eu nos detestávamos, mesmo que você já soubesse disso, e falar que eu não queria nem ao menos me esforçar pra mudar isso, te mataria.

Te mataria porque sabia a sua relação com sua família. Porque sabia o quanto estar dividido entre mim e sua mãe te feria. E eu não queria piorar nada para você. Suportaria. Em silêncio mesmo. Sem te dizer o quanto me sacrificava para te ver sorrir. Sem te dizer que eu enfrentaria o inferno, se isso te levasse ao paraíso.

Meu silêncio talvez tivesse denunciado, ao telefone, minha volta a essa passagem. Talvez sua mãe tivesse se lembrado da mesma passagem. Como se a gente estivesse ligada ao mesmo fio. Ela mesma disse que sabia o quanto aquilo poderia parecer estranho – e era – mas o convite era de coração. Ela me queria lá, naquele domingo, porque passar os domingos sozinha com seu pai estava cada vez mais enlouquecedor.

Eu entendia.

Suportar os domingos sozinha era ainda mais difícil do que ter suportado sua mãe todos esses anos.

Dia 116

Perambulei por todo apartamento naquele sábado, rastejando-me, ainda em cacos, pelos cômodos que guardavam tantas marcas de você.

Minha mãe me acompanhou com o olhar, enquanto fingia fazer qualquer coisa pela casa. Ela me vigiava de perto. Ela estava sendo minha força,

quando antes era você. Ela ficava aqui, me ajudando a manter de pé, a não desistir, a lutar mais um pouquinho e ir um passo de cada vez numa direção que eu mesma poderia me perder facilmente. Ela me mantinha olhando para frente, me empurrando. Estava aqui de dia e estava mais ainda à noite, quando eu mergulhava numa solidão enlouquecedora. Minha mãe era meu bote salva vidas. Minha mãe era a responsável por eu ainda seguir respirando.

A função de cuidar de mim era sua; eu havia te feito prometer num dia quente de verão que não me ‘deixaria abandonar o barco, pular no rio e me afogar porque nunca aprendi a nadar. Eu era a minha maior sabotadora. Eu continuava sendo, mesmo depois de você. E pedi, implorei, fiz você prometer que não me deixaria cometer esse erro. Você prometeu. Prometeu que estaria aqui para sempre.

Você não estava.

Nosso para sempre não durou tanto quanto sonhávamos.

Ainda não conseguia acreditar que tudo acabou e que você se foi de mim, sem ter chances de se despedir.

Naquele sábado, andando de um lado para outro do apartamento tão vazio, senti seu cheiro mais uma vez. Era muito estranho. Se fosse nas primeiras semanas de sua ausência, eu pensaria que era você, se escondendo de mim, mas deixando seu rastro delicioso te denunciar. Mais pro meio, talvez, eu achasse que tinha enlouquecido de vez. Eu enlouqueci e a gente sabia. Mas onde estava já não compreendia.

Quando quase todas as minhas lembranças esvaíam de mim sem sons, cheiros e música, seu perfume continuava impregnado na casa que foi sua, no lar que ainda era nosso.

Perguntei a minha mãe se eu estava ficando louca ou se ela também sentia. Ela parou por um tempo. Me olhou com olhos espantados. Mas não julgou, não achou que devia me levar a um psiquiatra nem me dar uns bons remédios para ver se tudo passava. Apenas negou. *Não sinto nada.*

E aí eu entendi. Eu entendi com as poucas palavras que minha mãe usou.

Era eu que ainda sentia você.

Dia 117

A casa de seus pais continuava sendo a casa de sua mãe. Montada, cuidada, organizada pela progenitora da família. Não havia mudado nada desde a última vez que estive aqui, para contar que de um certo modo você continuava vivo, por meio de uma parte sua, por meio de nosso bebê. O que não estava igual era a quantidade de fotos. Você estava presente em cada canto da casa. De criança até sua formatura, até suas últimas fotos, até seus últimos momentos presente em nossas vidas.

Seu pai estava sentado na sala quando cheguei, com um copo de whisky na mão, vendo televisão. Sua irmã brincava com as peças do tabuleiro de xadrez, montadas numa mesa no canto.

Lembrei-me de você.

Você adorava jogar xadrez. De como era isso que te fazia vir até aqui quase sempre, só para perder mais uma partida para o seu pai. Você era bom no jogo, mas seu pai era imbatível. Te vi ali, de frente para sua irmã, rindo do jeito com que ela manejava as peças porque ela nunca conseguiu aprender o jogo. Te vi aqui e aí senti aquele aperto no peito, tão velho conhecido meu.

Desviei o olhar do tabuleiro e fui cumprimentar seu pai. Ele largou o copo de whisky e sorriu antes de me abraçar. Depois acariciou minha barriga e perguntou como estava seu neto ou sua neta. Brincou com nosso bebê. Quis sorrir de volta. Não consegui.

Sua irmã me acenou, mas voltou a brincar com as peças. Seu pai sussurrou: *ela está vindo mais, mas continua odiando os nossos rituais*. Sua irmã bufou mais atrás com um *eu estou ouvindo, papai, pare de falar de mim quando estou perto*.

Aí sua mãe apareceu na porta.

Era sempre estranho vê-la sem seus olhos de rancor a mim. Ela continuava com os olhos de quem me culpava. Eu mesma me culpava todos os dias. Mas não ver aquele velho olhar dela, que ela sempre me deu ao pisar em sua casa, que ela sempre me dava quando era obrigada a ir a nossa casa, ainda era esquisito.

Então, ela me abraçou. Em silêncio e sem sorriso. Fez um carinho em

minha barriga e deixou sua irmã petrificada segurando uma peça. Quase pude ler o pensamento dela: *mamãe pirou*.

Mas, continuando sendo sua mãe, falou que o almoço estava pronto, que eu estava atrasada e, claro, pro seu pai parar de beber antes de comer porque não queria um marido alcoolizado em hora sagrada.

É, eu teria rido se você estivesse aqui. Te olhado com minha cara de sempre e rolado os olhos. Você mesmo teria rolado os olhos. Mas ao invés disso, apenas dei um olhar cúmplice a seu pai, que abandonava a bebida, e fomos juntos para a cozinha.

Foi um almoço em silêncio, bem diferente do que costumava ser. Sua mãe abriu a prece dos seus rituais. Sua irmã rolou os olhos e fingiu fechá-los quando levou um xingamento de seu pai. Eu mesma fingi fechar. Foi uma reza para você e isso não me assustou, pelo contrário. Eu esperava. Esperava que cada palavra dita ali fosse um relicário ao sentimento que tínhamos por você.

Mas depois disso, ninguém mais falou. Não houve piadas ruins, casos contados, risadas ou até mesmo xingo de sua mãe porque na mesa era lugar para se ficar quieto. Como era irônico que, quando sua mãe conseguiu fazer o almoço ser sagrado, ela se incomodasse com isso a ponto de ficar inquieta a refeição inteira.

Eu quase pedi para ir ver seu antigo quarto. Mas sabia que ali ninguém estava pronto. Não queria invadir sua casa assim, na primeira vez que fui aceita ali. Assim como o seu escritório em nossa casa permanecia trancado na maior parte das vezes, seu quarto não era um lugar aberto para visitas. Talvez um dia. Talvez um dia eu pudesse sentar na sua cama de solteiro e brindar a vida que você não teve. Nem a vida de um solteiro convicto como você queria ter sido, antes de mim. Nem a de um casado pai de família, que foi arrancado cruelmente de nós.

Dia 118

Acordei na segunda-feira atrasada para o trabalho. Como nos velhos tempos. Não tanto como nos velhos tempos porque não acordei com seu xingo. Sentia falta dos seus ataques porque eu não me entregava ao trabalho

como você se entregava. Do jeito com que às vezes você me achava tão displicente com minha carreira. De como eu podia ainda estar num lugar que não me motivasse a ir todos os dias, com um sorriso no rosto, em uma segunda fria e insossa.

Você achava que todo mundo merecia ter duas coisas: um amor incrível e um trabalho sensacional. Você nunca acreditou que nem todo mundo tinha essa sorte, nas duas coisas, ao mesmo tempo. Você era um idealista sem cura.

Não era sobre isso que eu ia falar. Nem sobre como minha relação com o trabalho continuava ruim, nem como sentia falta até de suas crises, porque morro de saudade de você. Não era sobre você esse dia. Mas ainda não havia maneiras de não falar algo que não fosse sobre você na minha vida. Você ainda era a minha vida.

Era sobre a figura que cruzei dentro do elevador. Você não ia acreditar nisso, que de graça, por um atraso, um erro de horários e uma vontade imensa de permanecer na cama, sem querer, eu estava no mesmo cubículo que o Homem da Vassoura. O nosso querido vizinho do andar de baixo.

Ele não me deu bom dia. E eu nunca esperei por isso. Ao invés, me olhou como se também soubesse que eu era aquela antiga moradora barulhenta do andar de cima. Pela surpresa em seu olhar, acho que ele não imaginava que eu ainda morava ali. O fato de nossa casa não mais ser palco de histerias não o incomodava, sua ausência não lhe doeu, ele provavelmente achou que tínhamos nos mudado, para a sorte dele, e em nosso lugar vindo alguém mais silencioso.

Ele não estava realmente errado. Sobre a gente ter se mudado. De certo modo, nenhum de nós dois morávamos mais ali. Você nem podia mesmo passar para visitar. E eu nem de longe era a menina que gritava ao mundo a felicidade e o amor que o mundo nunca quis ouvir.

Dia 119

A terça-feira fria era um convite para lembranças ruins. A chuva fina que caía aumentava o frio que já era intenso dentro de mim. Tudo isso combinado me fazia lembrar do frio que senti no dia da nossa primeira briga. Quando você estava tão furioso que eu achei que iria embora para sempre da minha vida. Se houve algum momento que você pensou em ir embora, foi ali,

naquele instante, entre sua fúria e meu ódio, entre seu ciúme imbecil e minha raiva por você duvidar de mim.

Você não era um cara ciumento. Não era aquele que me proibia de fazer coisas, conversar com pessoas e ir a lugares sem você. Nunca foi. Prezava por sua liberdade tanto que deixava a minha intacta do lado de cá. Era eu que ainda dava crises quase imbecis. Eu, até aquele momento, que pagava de imatura possessiva com você. Quase três meses juntos e era de se estranhar que você não tivesse feito uma piadinha, um comentário torto, uma ironia sequer que escondesse uma ponta de ciúme no meio de tanta autoconfiança.

Acho que foi por isso que fui pega tão desprevenida naquele dia. Acho que foi por isso que nem acreditei, no primeiro momento, na sua raiva.

Eu havia saído com um cara que havia ficado algumas vezes – nada sério porque antes de você não havia tido nada que durasse o suficiente para ser considerado namoro. Era só um carinho que eu ainda mantinha contato porque gostava de conversar. Ele era do meu mundo. Às vezes eu achava que você estava além disso, porque era muito mais inteligente, divertido, irônico e entendido de todos os assuntos do que eu. Porque trabalhava num escritório, usava gravata e fazia a barba dia sim dia não. Eu não duvidava do que sentia por você. Eu só duvidava de que isso poderia durar. Então, às vezes, sentia necessidade de falar com alguém que gostava das mesmas coisas do que eu: bandas, filmes, assuntos e polêmicas. Um ponto de apoio no meio do turbilhão de coisas que você sempre me causou.

Não achei que havia problemas nisso. Não achei que você se importaria com quem eu estava saindo, que se daria ao trabalho de saber quem era. Era um amigo, falei, e não era mentira. Apesar de termos nos beijado no passado era isso que aquele cara sempre seria: meu amigo. Mas eu estava enganada.

Céus, como eu estava enganada naquele dia.

Não sabia como você descobriu que o cara que falei que ia sair tinha sido alguém que saí algumas vezes. Mas você soube. Você estava na porta do meu apartamento, me esperando, com os braços cruzados encostado na parede. Você estava tão sinistro que meu estômago embrulhou. Você estava tão lindo que fiquei amais apaixonada.

Você esperou que eu abrisse a porta e te convidasse para entrar. Você mesmo fechou a porta. Ficou parado por um tempo. Tomou um fôlego incrível. E sem me olhar perguntou se eu achava que você era idiota. Eu fiquei sem entender. Aí você perguntou se meu encontro tinha sido bom, prazeroso e divertido. Com um tom que me doeu a alma. Com uma voz que me partiu o coração. Ao mesmo tempo, me irritou de uma maneira inexplicável. Como você ousava duvidar de mim?

Achei que você não tinha ciúmes, declarei. E você disse que não tinha, mas também não tinha vocação para ser palhaço e ver a mulher dele se encontrar com algum ex idiota. Ser a sua mulher poderia ter sido uma declaração linda em qualquer outro momento, mas naquele instante só me deixou com mais raiva. Eu não era propriedade de ninguém. Eu também me pertencia.

Você sai com você bem entende, com mulheres que adorariam ter você, por que eu também não posso sair com amigos?

A gente teve brigas piores, é verdade. Apesar de não brigarmos muito, quando acontecia, era sem frescura. Falávamos palavrão, aumentávamos além da conta o tom de voz, nos ofendíamos vezenquando e então nos perdoávamos antes de chegarmos ao fim da roupa suja. A gente brigava na hora. A gente se desculpava na hora. E a gente se amava pouco depois, que era para zerar toda a raiva e nos lotar novamente de amor.

No entanto, essa era a briga que eu guardava todos os detalhes como se tivesse acontecido ontem. Porque foi ali, exatamente ali, que vi que você sentia o mesmo medo que eu tinha até então: de que todo nosso amor fosse em vão.

Dia 120

Arrastei os cabides para o seu lado vazio. Sem nenhuma pressa. Como se eu ainda esperasse que você entrasse pelo quarto bravo, com o cabelo em desalinho, perguntando o que eu estava fazendo. Nada, era a resposta, nada que fosse melhorar o que eu ainda precisava lidar. Mas não houve gritos, nem você pelo quarto. Não houve nada além do barulho do cabide escorregando para as outras três portas e ocupando um espaço que não era mais seu.

Nada daqui era mais seu.

Tudo aqui ainda era seu.

Poderia ter sentado e dividido o que estava nas minhas gavetas para as que antes eram as suas. Poderia ter tirado as caixas que guardavam lembranças do fundo do armário. Poderia ter mergulhado de cabeça na nova disposição do nosso guarda-roupa. Mas sabia que não daria conta. Sabia que só o arrastar de algumas peças de roupas para lá era o bastante, por enquanto. Passado tanto tempo, eu ainda precisava me acostumar a isso.

A lidar com sua ausência. E o buraco que você arrancou daqui, ao ficar sem escolhas e ter de partir.

Dia 121

Era uma noite de insônia. Mais uma, dentre tantas. Me servi de café na sua caneca tão sua, tão minha, peguei seu livro e fui pro seu escritório. Lá era com certeza o lugar mais confortável para se ler. Lá, também, era o lugar da casa que mais tinha você.

Ainda me recordava das crises de insônia que tinha, quando você ainda estava aqui. O quanto você era paciente comigo enquanto eu rolava na cama, procurando uma boa posição, confortável, para ver se o sono vinha. Sem nunca me mandar levantar, dar uma volta, deixar que você dormisse. Sentia falta dos seus cuidados.

Sentia falta de você aqui, esquentando um leite para mim, mesmo sabendo que eu odiava leites. Colocando canela em cima porque leu em algum lugar que leite com canela era ótimo pra insônia. Da sua carinha de desanimado quando não funcionava. De como cantava as músicas mais calmas do mundo, todo desafinado, só pra me ver manter os olhos fechados. Do suspiro que escapava quando, depois de várias vezes repetindo uma quase canção de ninar, eu continuava acordada. E de como lia os trechos dos livros mais chatos, daqueles que nem você aguentava ler sem cair no sono, para ver se funcionava. Eu queria tanto que funcionasse, amor. Mas nunca dava certo. E sua cara de derrotado me desolava. Por isso, eu acabava saindo da cama e indo virar a noite acordada longe de você.

Me refugiei no seu escritório para não preocupar minha mãe. Lá não tinha relógio nem sons, embora tivesse muito de você. Estava bem escuro do lado

de fora. E os sons de carro haviam diminuído, quase ficado num silêncio entre um momento e outro. Se caísse um lápis no chão, qualquer um poderia ouvir. O vizinho de baixo poderia ressuscitar sua vassoura. Fazia um silêncio agonizante para minha mente tão agitada.

Senti seu cheiro.

Assim. Como se você estivesse bem atrás de mim. Como se tivesse acabado de sair do banho e passado meu perfume preferido. Então, sem camisa, andado até aqui para me carregar de volta para cama – o que você costumava fazer quando percebia que estava sozinho no quarto.

Foi diferente dos cheiros que senti antes. Era difícil explicar porque também era difícil entender. Os outros cheiros eu sabia exatamente que era apenas uma busca pessoal para relembrar seu perfume. Era porque eu afundava meu corpo inteiro no seu travesseiro. E só. Ali, no seu escritório, no canto que tinha a parte mais viva de você da casa, era como se você nunca tivesse ido embora daqui.

Por um momento, acreditei que você me abraçaria e tudo voltaria a ficar bem.

E, então, assim que o momento passou junto com seu cheiro sumindo e sua presença distanciada, com a ajuda de uma ambulância escandalosa correndo em nosso bairro, voltei a infelicidade completa de saber que nada nunca voltaria a ficar bem. Porque você nunca mais voltaria, nem mesmo só para me dar um último abraço. O abraço que não tivemos a chance de dar.

Dia 122

Nosso filho passou o dia inquieto hoje. Virando de um lado para o outro como se procurasse uma boa posição. Como se avisasse que minha própria posição não o deixava confortável. E não importava como eu resolvesse trabalhar, ele continuava se remexendo.

A psicóloga ficou me olhando. Parecia ainda esperar que eu a procurasse. Pensava nisso às vezes. Em pedir ajuda. Em dividir com alguém uma dor que talvez não precisasse ser só minha. Mas continuo silenciando. Porque, em todo caso, por mais da metade da minha vida, eu fiz isso. Eu teria feito isso por toda ela, não fosse você.

Eu não imaginava que seríamos tão intensos. Não que eu não fosse intensa: estava acostumada a me entregar aos sentimentos como quem pula do alto do precipício sem medo de altura. Mas estava acostumada a me entregar sozinha. Era assim que eu era definida: aquela que não tinha medo de sofrer.

Ninguém sabia que, no fundo, eu morria de medo de amar.

Por tudo isso, eu fugia. Fugia sempre como um animal encurralado quando via alguma fera em potencial chegar perto de mim. Quando era encarada por mais tempo pelos olhos, minha primeira reação era correr pela tangente mais próxima. A intensa que não tinha medo de sofrer acabava, por ironia, preferindo sofrer sozinha.

Fugi de você e, mas você foi mais rápido e me prendeu a ti antes que me desse conta de suas amarras. Ou, talvez, inconsciente eu até soubesse, mas não me importei. Nunca teria a resposta. Não precisava de uma resposta. Me entreguei a você tão plenamente que consegui te mostrar uma parte de mim que nem eu mesma sabia que existia: a parte que precisava de ajuda.

Você foi o único que me ensinou a falar o que tanto sufoquei para mim; todos os pesos do mundo que carregava em meus ombros; todas as dores dos outros que engolia como minhas próprias dores. Você foi o único que me abraçou forte e disse que podia contar com você para dividir meus dramas de meio mundo, meu mundo de dramas que ninguém tinha parado para ouvir. Então, pacientemente, você esperou pelas primeiras palavras, ainda que sem nexos, junto com soluços que talvez você nunca entendesse. Nunca te contei, não foi, que na primeira vez que desabei em seu colo eu estava desabando anos de sentimentos sufocados? Nunca te disse muita coisa que preferi deixar subentendida – e nunca saberei se você realmente compreendeu.

A sua ausência me fez voltar ao meu silêncio de sempre. Ao que eu sempre fui: aquela que se entregava a uma dor como se não lhe tivesse outra opção até que a dor deixasse de ter sentido, para conseguir se mover. Passo a passo. Dia a dia. Sem grandes milagres e curas. Só o seguir em frente e enfrentando como sempre.

Claro que sentia falta de ajuda.

Claro, também, que não sentia falta de ajuda o tanto que sentia de você.

E por isso preferia silenciar a mim uma dor que a mim pertencia.

Dia 123

No terceiro dia da minha insônia, consegui fazer algo produtivo. Depois de tanto tempo me esforçando para sobreviver, produzir algo era um estranhamento e tanto. Tudo sem você era um estranhamento e tanto.

No seu escritório, brinquei de desenhar enquanto percebia a mudança dos tons de céu enquanto a madrugada avançava. Chamava de brincar, porque nunca levei a sério, mesmo que você tivesse me dito tanto que eu poderia viver daquilo. Eu tinha medo de arriscar. Tinha medo de, ao transformar meu melhor hobby em renda, achar tudo uma chatice e desistir – do sonho e dos desenhos.

Fazia tanto tempo que não desenhava que, nos primeiros instantes, meus traços estavam indecisos como quando comecei a desenhar, tantos anos atrás. Deixei fluir, sem pensar muito no que estava colocando para fora, deixando que a inspiração corresse por mim e ganhasse forma pelos dedos; como quando eu fazia quando apenas queria ocupar o tempo, mas não tinha nenhuma ideia pronta ou clara na cabeça.

Claro que desenhei você. Desenhei seus olhos, seu nariz, seu formato do rosto e seu cabelo rebelde. Fiz também o seu sorriso. Aquele que tinha uma curva mais acentuada quando você estava pensando em algo que não necessariamente não prestava, mas que eu provavelmente eu não acharia graça. Era incrível como você estava tão vívido na minha lembrança que eu podia desenhar você assim, sem precisar recorrer a nenhum retrato, com a facilidade de quem se agarrava a um papel, uma caneta e uma noite em claro.

Era insuportável que você não estivesse mais vivo para ver esse desenho aqui.

Dia 124

Fui até a cafeteria da esquina para sair de casa naquele domingo. Sair de casa era a nova etapa que eu tinha que enfrentar na minha vida. Aí inventei que queria um café diferente do da minha mãe, um pouco de doce pra acompanhar, peguei minha bolsa e seu livro e caminhei até o fim do quarteirão.

Ignorei os estímulos ao redor que me fariam me lembrar de você com a maior facilidade do mundo. Minha concentração estava um pouco melhor e eu já conseguia manter o foco o bastante para não me dispersar depois de alguns minutos. Te deixava no cantinho da mente, sabendo que se quisesse poderia te evocar a qualquer momento. Mas, ao invés disso, ignorava. Não porque queria, não porque era mais fácil, não porque os dias passavam e iam te levando de mim. Se eu pudesse me lembraria de você vinte e quatro horas por dia. Mas eu sabia que enlouqueceria. E tentava não me enlouquecer por alguns momentos.

Então, tentei não olhar pro casal ao lado que estava em pleno romance; nem o executivo mexendo no computador; nem no cara solitário bebendo café – tudo isso poderia me remeter a alguma lembrança sua que eu sabia ter em minha mente. Era difícil não ter algo ainda que não me lembrasse você. Era difícil me esforçar para não me lembrar em você.

Eu estava quase conseguindo. Até que alguém resolveu atrapalhar meus planos.

Nosso vizinho de baixo – aquele mesmo, sem noção – estava em pé em frente à mesa onde eu estava sentada, tentando não ser vista. *Você é a vizinha do andar de cima não é? Eu achei que vocês tinham se mudado.*

Fiquei em silêncio por uns segundos, olhando aquela figura estranha que dividiu o seu teto e meu chão tanto tempo sem nunca termos sido apresentados, que tanto atrapalhou meus momentos com você, que tanto incomodou nossa felicidade. Aí resolvi agir como aquele cara e ser um pouco sem noção como ele. Quase cruel. Mas, cá entre nós, com todos esses anos nos incomodando, ele bem que merecia.

Não. Continuo lá. Sozinha. Meu marido morreu. Você devia ter achado estranho eu ter chorado tanto há um tempo quando normalmente só vinha do nosso apartamento muitas gargalhadas, não?

Ele arregalou os olhos. Até eu estava incrédula com a minha coragem. Eu não falava de você, eu só vivia você. Ainda me doía dizer aquele verbo pretérito distante e ainda assim tão próximo que agora era tão seu: morreu. Ainda era estranho usar isso quando você permanecia tão vivo dentro de mim.

Não esperei que ele respondesse, que ele pedisse desculpas, que ele dissesse o famoso eu-sinto-muito quando na verdade não sentia. E não porque ele era um cara sem coração – embora provavelmente ele fosse sim – mas porque ele nunca te conheceu para sentir alguma coisa com sua morte. Fechei o livro, peguei minha bolsa, o meu resto de café e saí. Também não pedi desculpas ou licença por isso. Deixei as tortas ali. Deixei aquele cara assustado também. Sem me importar.

Desde o encontro com aquele seu amigo no supermercado, aquele maldito encontro em que tive que usar o verbo morrer pela primeira vez, não parecia tão difícil mais te descrever assim. Não que fosse fácil. Não que não me doesse. Ou que eu não odiasse falar nesses termos. Mas era como furar uma grande barreira. Era mais difícil na primeira. Depois que o furo já foi feito, tudo passa com mais facilidade.

Dava para suportar.

O que ainda não dava para suportar era ficar sem você.

Dia 125

Foi em meio ao tédio que resolvi mexer no seu computador. Eu não gostava muito de invadir sua privacidade porque você odiava isso. Você rolava os olhos quando me via contar algum dos casos das minhas amigas, que roubavam o celular do namorado, a senha da rede social, fuçavam na carteira ou qualquer coisa assim para ter certeza de que não estavam sendo traídas. *Como se isso resolvesse alguma coisa, não é? Qual é, se alguém quiser trair, vai trair você tendo a senha da rede social ou não.* Tentava te mostrar que a senha dava uma falsa segurança, mas você, que nem se ligava nas redes sociais, jamais conseguiria entender. Você, que sempre amou sua liberdade e privacidade de ter um pouco de si só pra si, nunca abriria mão disso.

Por tudo isso, ainda era estranho mexer nas suas coisas, mesmo estando há tantos dias sem você, mesmo tendo que fazer isso para me desintoxicar. Mesmo que eu precisasse me livrar de suas coisas ainda que aos pouquinhos, te fazer despedir da vida de vez, sem ficar em cada coisa que você largou pra trás.

Ele estava ainda no lugar que você colocava, sobre a cômoda, no cantinho

entre um livro e outro. Ainda me lembrava da última vez que você mexeu nele. De você sentado na nossa cama, com ele no colo, os olhos cerrados porque insistia em não usar óculos, o cabelo ainda molhado, a falta de camisa porque estava sempre com calor. Eu me lembrava da sua concentração olhando qualquer coisa na tela. E de como fiquei na porta admirando o homem que a vida me deu, sem saber que era uma das últimas chances de olhá-lo antes da mesma vida tirá-lo de mim. Foi no domingo, enquanto eu estava vendo um filme na sala, depois de um jogo, um banho e muitas cervejas. Lá estava você, batucando com os dedos na beira do computador enquanto pensava. Sabia que estava pensando em algo sério por causa da ruga que tinha entre seus olhos, o modo que você olhava para tela que nem viu que eu estava bem ali, de olho em você.

Aí depois de uns minutos você suspirou e olhou pro teto. Foi nesse intervalo entre tirar os olhos da tela e mirar a lâmpada que me viu. Eu sorri e perguntei se estava muito difícil. Você sorriu de volta e falou que meu sorriso fazia as coisas ficarem mais fáceis.

Rolei os olhos com sua cara de pau. Você me jogou o travesseiro. Eu te joguei de volta. Aí você abandonou o computador e correu atrás de mim, dizendo que ia me pegar. Gritei, como sempre, tentando fugir de você. Também, como sempre, você me agarrou no meio da sala, colando meu corpo no seu. Você era bom quando corria atrás de mim. Nunca te contei que boa mesmo era eu que sempre deixava você me pegar para sentir seu corpo no meu.

Voltei ao presente e passei os dedos pelo notebook antes de abri-lo. Ao ligar, a tela apareceu na minha frente e esperei iniciar. Você não tinha senhas em quase nenhum aparelho seu. *Senha eu tenho que ter pra cartão de banco*, quase te ouvi dizer. *Além disso, vou colocar senha pra que se não tenho nada aqui pra esconder de você?*

Eu ainda me assustava em como sua voz chegava até a mim. Como se você nunca tivesse ido embora.

A foto da gente numa de nossas viagens incríveis iluminou a tela e eu tive que respirar fundo antes de mexer um pouco, saber o que salvava antes de vender seu notebook. Tirar dali as fotos, os vídeos, suas músicas; salvar em cds, pen-drives, guardar numa caixinha para quando nosso bebê quisesse

conhecer o pai que não teve a chance de conhecer. Não poderia simplesmente deletar porque eu sabia o quanto um computador é pessoal pra todo mundo, cada parte um pedaço seu deixado pra trás. A organização da área de trabalho, as pastas, as músicas, tudo era um convite ao seu mundo. Era duro abrir mão de seu mundo. Mas não tinha porque eu guardar esse notebook.

Como você tinha fotos que eu nem lembrava que tinha tirado, amor. Como você tinha uns vídeos que em outra ocasião eu teria rido. Nessa ocasião, nem mesmo consegui ver todos. Só me arrisquei nuns poucos até não suportar mais a dor. Como as suas músicas eram ainda mais do que as que você me forçava escutar. Como seu gosto musical ficava cada vez mais estranho com o tempo. Quantas bandas novas você nem teve tempo de me apresentar. Quantas bandas novas do seu gênero preferido você não teve tempo de conhecer. Quantas fotos eu nem pude arrancar de você depois de você reclamar com um típico resmungo masculino de quem odiava os flashes. Quantos vídeos comprometedores de quando estava cantando, dançando ou pagando algum dos meus mil micos, você nunca mais faria.

A surpresa, no entanto, não estava em nenhuma dessas descobertas feitas. Foi quando fui na pasta de documentos e dei de cara com uma história inacabada, esperando por um ponto final. Como a sua história esperava por um ponto final, também. Você sempre brincava que escreveria um livro, mas entre o querer e o fazer sempre existiu em você uma estrada inteira de planejamento e racionalidade – diferente de mim, que fazia tudo movido a paixão cega (e quase sempre me arrependia no final).

De repente, caiu a ficha.

Eu fechei o olho e me encolhi.

Era isso que você estava trabalhando em todo momento que ficava um pouco sozinho e eu ia te atrapalhar, porque estava me deixando de lado. Era isso que você queria me contar depois daquele maldito jantar. E nunca contou.

Você se tornou reticências como a história que não teve tempo de concluir, e isso doía.

Doía porque sabia que tudo o que você queria era ter tido tempo de ter

colocado apenas um último ponto. O seu próprio ponto final na história que te pertencia.

Dia 126

Ainda mergulhada em encerrar o que você deixou em suspenso, abri a sua caixa de e-mail.

E aí levei um soco no estômago, aquele velho soco tão conhecido meu desde tudo, por ver sua área de entrada tão bagunçada. Logo sua área de trabalho, sempre arrumada, limpa, com e-mails respondidos assim que eram lidos, sem uma mensagem pendente e em negrito. Agora era só uma confusão de spans, assuntos não abertos, propagandas, frases em caixa alta depois que você passou muito tempo sem responder quem não faz ideia da sua partida. Apaguei as propagandas e os spans primeiros. Depois, aos poucos, fui lendo as mensagens para ver o que era importante e deveria ter sido respondido e não foi. Aqueles amigos que a gente encontra tão pouco, mas sempre querem marcar algo e nunca marcam. Senti vontade de escrever que agora nunca marcariam nada, ninguém mandou não aproveitarem enquanto tinham você entre nós. Mas não disse. Porque eu mesmo não aproveitei você enquanto te tinha. Porque no fundo, eu sabia, eu sempre soube, a gente nunca aproveitava. Então, só respondi uma mensagem mecânica avisando superficialmente o que havia acontecido: rua escura – assaltante – um tiro – horas no hospital – morte. Já faz muito tempo, completei, sem prestar atenção no que digitava, quatro meses. Terminava as mensagens com o quê? Um abraço, um beijo, um aperto de mão? Não. Terminei como você terminou a sua vida: sem um fim e uma despedida como merecia.

Aos poucos respondendo, fui apagando as mensagens e sua caixa foi voltando ao seu gosto, daquele jeito doentio que você tentava controlar tudo a sua volta e especialmente seus e-mails. Os e-mails de trabalho eu não me dei o trabalho de responder. A essa altura, quem realmente quisesse seus serviços já teria descoberto o que acontecera. Não era minha função.

Nunca era para ter sido minha função.

Deletei sua conta de e-mail. Doe, mas não pensei muito nisso. Evitava pensar muito na dor que me perseguia a cada coisa que tinha que fazer para

finalizar seu ato.

Então, entrei em minha própria conta, tão abandonada quanto a sua. Minha caixa de entrada sempre foi uma bagunça. E eu recebia poucas mensagens. A grande maioria eram spans. Você era o popular; eu era só uma menina que odiava solidão, mas passava a maior parte do tempo sozinha.

Depois da limpeza, suas últimas mensagens para mim apareceram na tela principal. Uma, inclusive, que eu ainda nem tinha aberto, daquela segunda-feira inesquecível, não pelos motivos certos. Pensei se abriria o e-mail. Pensei se leria. Pensei se apenas apagaria e fingiria que aquilo também não ficou em suspenso. Sabia, no fundo, que não estava pronta para ler aquela mensagem, para apagar sem ler, para fazer nenhuma das opções que me veio à mente. Tinha a dolorosa compreensão que ainda não estava pronta. Ainda me era insuportável destruir seus restos deixados para trás como se você não fosse mais importante, como se eu não me importasse mais.

Fechei os olhos e fechei aquela aba. Respirei fundo. Uma. Duas. Três vezes. Aí abracei o sapinho de pelúcia e deixei as lágrimas caírem. Inalei seu perfume que eu havia jogado no pobre urso enquanto o esmagava com um abraço forte tentando me defender da dor.

Dia 127

Me peguei batendo duas vezes na sala da psicóloga da empresa. Foi assim mesmo. Num momento eu estava sentada em frente ao computador, batucando os dedos na tecla, respondendo uns e-mails depois de avaliar algumas propostas. Nada de uau, sabe? Nada que me faria chegar pra você no final da tarde pra dizer que peguei um bom material pra trabalhar no design que me empolgaria pelo resto do mês.

A psicóloga me atendeu antes da terceira batida. O que foi muito inteligente, porque eu teria voltado para meu computador se tivesse que bater outra vez. Me mandou entrar. E eu entrei. Me mandou sentar. E eu fiquei em pé. Ela quase sorriu, mas se controlou a tempo. E não disse nada. Só mais uma vez: esperou.

Não sei se consigo lidar com tudo o que tenho aberto mão – eu falei antes de me dar conta.

Você está falando exatamente de quê? – ela disse me olhando

Tenho me livrado de várias coisas que era dele, você entende? Primeiro as roupas e os sapatos, depois algumas quinquilharias, do seu computador pessoal. Já abri o e-mail. É como apagar ele de mim. E isso é errado, não é?

Ela esperou para ver se eu continuava. Eu não continuei. Aí ela pediu para que eu sentasse. Dessa vez, sentei.

Já faz muito tempo que não atendo casos assim. Desde que entrei nessa empresa e larguei a clínica, sabe? Acho que você deveria procurar um outro profissional, mais preparado. Mas não acho que você vá fazer isso.

Nos encaramos.

Também não sei se você vai me ouvir. E não falo isso como psicóloga, só uma opinião pessoal, te digo: seguir em frente nunca é errado. Não quando já não faz sentido ficar presa ao que ficou pra trás.

Então me esticou um cartão com um nome de outra psicóloga.

Eu sabia que não procuraria aquela pessoa. Ela sabia disso também. Sabia tanto quanto sabia que o problema não era eu ter de seguir em frente – porque já estava fazendo isso.

O problema todo era ter de seguir em frente sem você.

Dia 128

Meus olhos pousaram no calendário e eu levei um susto. Depois tremi. Quis chorar. O choque passou nos meus olhos antes que eu me desse conta e me agarrei a minha mesa como quem acaba de perder o chão e não quer cair.

Seu aniversário. Amanhã.

Foi por causa do meu patrão gritando no meu ouvido que eu estava mais do que atrasada pra entrega de um projeto que olhei no calendário. Você sabe, eu nunca olhava desde que você se foi. Mas ele gritou bem atrás de mim: *você sabe que dia é hoje?*

Sim, pensei, fazia 128 dias que não tinha mais o amor da minha vida, quis responder. Mas ele não entenderia. Então apenas neguei e ele gritou o dia, depois que tínhamos que entregar esse projeto amanhã e depois eu simplesmente não pude ouvir mais nada. Porque meus olhos bateram no

calendário do computador. E então, só mais uma vez dentre milhões, meu mundo desabou.

De um jeito que quase senti o teto cair sobre mim.

Amanhã era seu aniversário. O primeiro que você não passaria. O primeiro que você não comemoraria. Amanhã faz oito anos que me rendi a você, pela primeira vez, de verdade, no banheiro da casa de seus pais, sem nenhum medo das consequências. Eu não tinha reparado que o tempo havia passado tão rápido assim, eu não tinha me dado conta que cada dia sem você me aproximava desse momento. Eu não havia me preparado o suficiente para isso. Eu nem sequer tinha me lembrado.

Eu quase me esqueci desse dia.

Eu teria passado por ele sem nem ter me dado conta e talvez isso seria muito mais fácil para mim. Eu não saberia que você estava perdendo um novo evento. Eu não saberia que você ficaria velho se não tivesse sido imortalizado aos trinta e cinco anos com sua cara de menino. Eu não saberia como era essa dor da ausência no dia do seu aniversário quando eu mal conseguia suportar nos dias comuns.

Eu odiava meu trabalho.

Eu odiava os prazos de entrega.

Eu odiava meu chefe.

Droga.

Eu odiava você.

Eu caí no choro antes de perceber. Antes de me controlar. Antes de me dar conta que eu ainda estava levando um esporro do meu chefe porque tínhamos uma entrega amanhã de algo muito importante e que eu nem havia começado. Caí no choro querendo mesmo era cair nos seus braços. Braços que eu não tinha mais. A minha reação foi tão descontrolada que, pela primeira vez em anos desde que entrei nessa empresa, meu chefe recuou de um xingamento, com dois passos atrás, sem saber o que fazer. Todo mundo olhou para mim.

Fazia tempo que eu não chorava daquele jeito em público.

Fazia tempo que eu não chorava.

Eu murmurei desculpas quando até a psicóloga saiu da sala dela e veio ver o que estava acontecendo. Eu não consegui explicar o que estava acontecendo. Eu simplesmente peguei minhas coisas e corri pelo corredor até chegar ao elevador. Sem falar mais nada e sabendo que muito possivelmente eu estaria ferrada quando voltasse para esse lugar.

Eu não consegui falar que tudo aquilo era porque amanhã era seu aniversário. Porque não era só isso. Era porque amanhã era seu aniversário e eu estava sem você.

Dia 129

Seu aniversário de 36 anos chegou numa sexta-feira ensolarada. Não estava nem quente, nem frio, mas o sol estava no céu do jeito que você gostava. Foi um dia exatamente como você gostaria de passar. Eu fiquei na janela por um tempo depois de levantar e deixei as lágrimas caírem em silêncio. Doía. Doía não ter feito nada para você nesse dia porque você não estava aqui. Doía não ter tentado só mais uma vez te fazer uma festa surpresa, sabendo que você teria descoberto uma semana antes. Mas não houve semanas antes. Não houve você.

No dia do seu aniversário, pedi a minha mãe para me deixar sozinha. Coloquei seu cd preferido da sua banda preferida e apertei na sua música preferida. Eu deixei os acordes preencherem a sala, a casa, minha alma e meu coração. Acaricieei a minha barriga e disse ao nosso filho, que era aquele tipo de música que você gostava de escutar. Que eu torcia pra ele ter um gosto musical melhor.

Eu quis colocar uma roupa que você gostaria, tipo aquele vestido vermelho que você nunca me viu vestir fora daqui, mas a essa altura quase nada me servia mais. Então, coloquei apenas uma das suas camisas sociais que ainda deixava no fundo do armário, que ainda tinha seu cheiro e que você adorava me ver com elas; junto com um short curto que o tamanho da sua camisa tampou. Eu amarrei o cabelo em coque, do jeito que você gostava, assim, solto, mas só porque fiquei com preguiça de fazer algo melhor.

Balancei pela casa ao som de músicas que não pediam balanço, num dia

que não pedia balanço, num momento que você não estava aqui para perguntar por que eu não conseguia ficar parada ao som de um acorde, seja ele qual fosse. Eu fechei o olho e acreditei que você estava aqui. Acreditei de verdade. Com toda força que me restou. E, loucura ou não, você esteve.

Aí eu abri o vinho que você tinha guardado para uma ocasião especial que nunca chegou. Um desses vinhos que algum cliente importante te deu por seu serviço. Um desses vinhos caros e chiques e raros e feitos pra ocasiões tão especiais que a gente nunca sabia quando devia tomar e escondia no fundo do armário com medo de que algum ladrão entrasse e o roubasse enquanto esperamos para comemorar. E então é tarde demais para abrir a garrafa porque os momentos passaram e já não se tem o que festejar.

Eu brindei a você – no ar mesmo, como se você estivesse brindando comigo. A toda a vida que você não teve, a toda idade que você não mais vai completar, a sua imortalização de uma cara de menino que eu sempre amei porque nunca perdeu a inocência por trás de um doce olhar. A você.

Ao amor da minha vida.

Que já não estava vivo pra que eu amasse ainda mais, porque, assim como esse vinho, deixei para amar num momento especial que nunca chegou. E agora nunca mais vai chegar.

Dia 130

Liguei pros seus pais no dia seguinte. Era a primeira vez que eu ligava para eles e não eles para mim. Parecia estranho. Eu nunca usava muito o telefone. Mas, pela primeira vez, pensei como uma mãe, eu pensei em como devia ter sido pior para seus pais enfrentarem o seu aniversário sem você. Eu, pela primeira vez, vi que talvez, só talvez, a minha dor ainda fosse menor do que a dor que eles enfrentaram todos esses dias e ainda enfrentavam na tentativa de superar você.

Seu pai atendeu. Eu não precisei perguntar nada, nem um você-está-bem? de praxe, ele se adiantou dizendo que ontem foi um dia lindo e triste ao mesmo tempo. Porque foi do jeito que você gostava, com sol, sem calor. Perguntei como tinha sido para ele; ele respondeu que menos pior do que achou que seria. *Continuo vivo, veja bem.* Quase o vi sorrir na minha frente, pela ondulação da voz ele quase sorriu também. Seu pai estava superando.

Que sorte a dele. Eu queria superar assim também.

Sua mãe estava mais ou menos como eu. Talvez um pouco pior. Mas também mais forte do que da última vez que nos falamos. As mudanças eram singelas, lentas, graduais, mas se a gente ficasse bem atento dava pra perceber. Eu percebia que tudo parecia voltar ao normal; tudo sempre voltava. Mesmo depois de uma tempestade em que a gente perdia tudo e não sabia como nem por que recomeçar. Primeiro a gente ficava desnortado. Não querendo se mexer. Então, pouco a pouco, limpava a bagunça para poder reconstruir o que sobrou. As tragédias passavam. A força voltava. A vida precisava ser vivida. Não como antes – nunca como antes. Mas a gente sempre recomeçava. Mesmo sem querer.

Dia 131

O domingo amanheceu ensolarado, como você amava. Fiquei um tempo parada na janela, observando o sol por entre os prédios iluminando um pouco a cidade cinza, ainda mais cinza sem você.

Levei uns minutos para decidir. Aí me arrumei, dei uma penteada no cabelo sem brilho, passei uma maquiagem para esconder as olheiras e um protetor solar pra proteger a pele já nem tão bonita, coloquei os óculos escuros, me despedi da minha mãe, peguei as chaves e saí.

Passei no Café primeiro – no nosso café – e pedi o seu preferido, em sua homenagem, mesmo que eu nem gostasse tanto dele. O que você sempre pedia quando estava indo para o trabalho. Duplo, expresso, sem açúcar, com chantilly. Então, caminhei até a pracinha do bairro. A pracinha que estava sempre cheia de crianças. A pracinha que você sempre disse que traria seu filho.

Sentei num banco e fiquei observando as crianças brincando e as famílias, babás, que ali estavam. Fiquei sem pensar em nada por uns instantes. Acaricieei a barriga. Um menino chutou uma bola de plástico e ela caiu próxima a mim. Ele tinha os cabelos cacheados, meio rebeldes, tipo o seu. Correu até a mim e sorriu quando lhe entreguei a bola. Devia ter uns cinco anos, no máximo seis. *Obrigado, tia* – ele falou e voltou correndo e pulando, tudo ao mesmo tempo. Eu quase sorri.

Quase. Se eu não tivesse me dado conta de que sorriria. Mas aí pensei que

estava quase sorrindo.

Do outro lado do parque, um casal brincava com seu filho. O pai jogava bola com ele enquanto a mãe olhava admirada para os dois homens da vida dela. Não precisava conhecê-los para saber. Se amavam. Se amavam como a gente se amou. Eram felizes como a gente foi. A gente seria aquele casal ali, no canto. Bobos e apaixonados e felizes e nem aí para o resto. Fechei os olhos e senti a facada que sempre vinha quando eu lembrava tudo o que a gente perdeu. Tudo o que nosso filho nunca poderia desfrutar. Tudo o que a gente sonhou e se foi pro espaço em milésimos de segundos.

Eu me esforçaria para ser a melhor mãe para o nosso bebê, a melhor que eu poderia ser. Mas eu sabia que nunca poderia substituir você. Que seria duro vir ao parque e não sermos aquele casal, do outro lado, apaixonados e felizes.

Sentia falta do que vivi ao seu lado. Sentia falta do que não mais viverei ao seu lado e isso me enlouquecia. Como era possível ter saudades daquilo que nunca aconteceu? De um você que nunca existiu? De uma história que nunca foi contada? De dias que não vieram e de momentos que não são mais seus?

Eu sentia uma falta doentia de você.

Dia 132

Quando cheguei na minha mesa, naquela segunda-feira, haviam dois trabalhos a serem feitos. E nem pensei em enrolar; sabia que estava na corda bamba. Mais para lá do que para cá. Então, em silêncio, peguei as propostas, analisei, suspirei com as chatices de sempre e rabisquei algumas coisas pro primeiro projeto. Eu sempre resmungava o quanto estava cansada do meu trabalho nos seus braços quando chegava depois exausta e sem esperanças. Mas agora eu não tinha mais seus braços para me acolher quando eu voltasse assim para casa. Ao invés disso, tinha apenas o silêncio..

Algum dia me acostumaria a isso? Com sua ausência?

Algum dia acharia outro abraço pra me acolher? Ou um banho, uma noite bem-dormida, o sorriso do nosso bebê, os passos que ele desse pela casa, qualquer coisa conseguiria preencher o vazio que trazia, diminuiria um pouco a falta do seu abraço tão único, tão meu? As pessoas são mesmos

substituíveis? Ou algumas coisas sempre nos fariam falta, independente do que encontrarmos ou reencontrarmos pelo caminho que percorremos depois de perdê-la?

Não havia respostas.

Porque era você quem me dava quase todas, você que sempre tinha paciência para me explicar tudo, mesmo as perguntas mais imbecis. Era você que lia, se informava, dividia o que sabia e ainda esperava que eu desse minha opinião quase sempre sem conhecimento algum, só para saber o que eu pensava.

Sentia falta da atenção que você dava até para as minhas coisas mais desinteressantes. Como eu queria poder reclamar sobre minha vida para você, só mais uma vez.

Dia 133

Um pouco atrasada, fui à médica. Tudo bem, eu devia ter ido há uma semana antes, mas uma semana não fazia muita diferença, não é? *Sempre atrasada* – te escutei e te vi dar meu sorriso torto preferido. Fechei os olhos enquanto andava até o consultório.

Essa era a primeira vez que eu ia pra médica sozinha, sem nem ao menos chamar minha mãe.

Fui com meus pensamentos, atravessando ruas, curvas, pessoas e prédios. A médica me sorriu. Eu não sorri. Tudo bem, ela já estava acostumada. Eu já estava acostumada. O tempo vinha aliviando a dor que carregava em mim fisicamente. Agora ela só ficava intimamente. Quase dava para enganar as pessoas. Quando começasse a sorrir, todo mundo vai acreditar que superei toda a perda.

Por isso, não conseguia sorrir.

Não havia nenhuma possibilidade de superar você.

Ela perguntou da minha mãe e eu disse que ela estava bem, foi resolver uns problemas de sua vida e por isso não veio. Achei que dava conta de vir sozinha pelo menos uma vez. Dei. Ela assentiu. Me mandou trocar de roupa, deitar na pequena cama, me preparar pro exame para ver se estava tudo bem

com meu bebê. *Você ainda não quer saber o sexo, né?*

Não.

Tudo ótimo – comigo e com ele. Tudo tão perfeitamente bem que quase acreditei que tudo voltou ao seu lugar – e você voltou a mim. Mas as coisas não eram tão perfeitas assim. O bebê tinha um batimento de dar inveja, um desenvolvimento de dar inveja, uma força de dar inveja. A médica me passou umas recomendações novas porque entrava nos últimos meses da gravidez.

Parecia que foi ontem que descobri que carregava um pedaço seu dentro de mim. Parecia que foi ontem que tive que enfrentar toda aquela dor nova e estranha e ainda assim acalentadora de estar grávida depois de tudo.

Um piscar de olhos e meu mundo teria um colorido novo, o colorido de um novo amor. A oportunidade de uma nova vida. Era assustador.

Ao mesmo tempo, era acalentador.

A médica disse que foi bom me ver chegar ali sem me amparar em ninguém. *Fico feliz que tudo esteja caminhando.* Assenti. Era bom conseguir caminhar sozinha, com minhas próprias pernas e meu coração ainda quebrado. Porque era, amor. Era bom demais saber e entender e principalmente compreender que tudo continuava. E que continuar não me doía tanto quanto achei que iria me doer.

Dia 134

Minha mãe me deu bom-dia assim que saí, um tanto quanto apressada, do nosso quarto naquela manhã. Me ofereceu o café da manhã, perguntou se eu queria que ela chamasse o táxi enquanto eu comia. Olhei no relógio. Eu estava muito atrasada. Você teria ficado de cabelo em pé. Respondi que não. Ela arqueou a sobrancelha, confusa. Onde está o carro? Perguntei. Vou dirigindo.

A gente só tinha um carro porque eu dirigia muito pouco. Nunca gostei de ficar presa no trânsito toda vez que saía de casa. Você adorava dirigir. Eu adorava te ver dirigindo. Você ficava lindo quando focado numa ação. Seus olhos prestando completa atenção ao que fazia. O ar de responsável que

pairava sobre você. O modo como você passava a marcha. A preocupação de estacionar o carro o mais reto possível da calçada. Como se irritava quando tinha mesmo que fazer baliza, porque detestava. Quando, entre uma freada e outra, você me olhava e sorria ao me ver te olhando. E perguntava *que foi?* E quando o semáforo fechava, você colocava sua mão na minha coxa enquanto cantarolava a música que preenchia o automóvel e, vez ou outra, soltava um “eu te amo” sem explicação apertando minha perna mais forte.

Nunca te disse que você ficava lindo dirigindo e que eu adorava ver você assim. Nunca te disse tanta coisa que pensava sobre você, tanta coisa que você ia adorar saber, esperando a oportunidade que nunca veio.

Doía.

A minha mãe me perguntou se eu tinha certeza, se não ia ser desconfortável para o bebê e para mim. *Eu to bem*, respondi, *vou ficar bem. Onde está a chave do carro?* Ela foi até o móvel que ficava perto da porta – presente da sua mãe, que eu odiava –, abriu a gaveta e tirou de lá seu chaveiro. Peguei minha bolsa e meu celular e fui até ela. Minha mãe me olhou preocupada. Suspirei. E peguei a chave de sua mão. *Me liga quando chegar ao trabalho para eu não ficar preocupada*, disse. Tudo bem. E saí.

Você estava com a chave na mão quando tudo aconteceu. Você sempre ficava com a chave na mão enquanto andava, a rodando vez ou outra no dedo. Raramente você conseguia se manter quieto. *Tem formiga no seu corpo?* era minha expressão favorita para você. Sua reação favorita era rolar os olhos para mim.

Se quisesse poderia rever em minha mente toda a ordem dos fatos. Você rodando a chave – casal que resmungava por atrapalharmos a passagem – assaltante – gritos – tiros – a chave caindo lentamente no chão enquanto o ladrão corre – você mesmo caindo no chão.

Fim de tudo.

Fechei os olhos e espantei a memória enquanto chamava o elevador. Se essas imagens me preencherem não suportaria. Nunca seria forte o bastante

para reviver esses momentos.

A garagem fria me fez me encolher num abraço. Eu odiava esse lugar. Ignorei a poeira sobre nosso carro. Você teria enfartado. Eu não tinha tempo. Abri a porta do motorista esperando sentir aquele cheiro típico de carro que ficava guardado e fechado por muito tempo. Mas, apesar desse cheiro estar presente, o que me assaltou foi outra coisa. Foi o seu cheiro.

Cambaleei para trás, zonzinha com a sua fragrância forte de homem como se você estivesse vivo, estivesse aqui, estivesse bem atrás de mim. Olhei para trás. Nada além da escuridão típica de toda garagem. Fria como toda garagem. Respirei fundo. Quando entrei no carro já não havia resquício de nenhum cheiro seu. Perdeu-se no ar. Como você mesmo se perdeu.

O caminho até o trabalho foi tranquilo e eu cheguei ao serviço num atraso que seria considerável para você, mas que para a empresa era perdoável. Antes de começar a trabalhar, coloquei a chave sobre a mesa e a olhei por dois segundos. Não me passou despercebido que vir dirigindo era um passo importante que eu dava desde tudo.

Um passo que me levava ainda para mais longe de você.

Dia 135

Sua irmã passou por aqui hoje.

As visitas dela eram mais estranhas do que as da sua mãe. Sua mãe podia me odiar, mas te amava e, portanto, não passava muitos dias sem dar uma conferida na cria (mesmo que fosse apenas para reclamar de como você emagreceu, parecia abatido, estava com olheiras profundas, essa-mulher-nunca-vai-aprender-a-cuidar-de-você-como-você-merece). Sua irmã eu nunca entendi bem o que ela sentia por você, sempre mantendo uma distância considerável, sempre reticente, sempre agindo com você como se fossem apenas conhecidos e não irmãos que foram criados na mesma casa.

Nunca a compreenderia. Eu sempre achei que gostar de você era simples. Você tinha um desses rostos que ganhava simpatia de graça, passava confiança, transparecia seriedade com o ar de menino sapeca de sempre. Gostar de você era como gostar de uma música boa logo na primeira vez que

se escutava: a gente não precisava ouvir uma segunda vez para que ela tocasse nosso coração. Essa foi a primeira coisa que notei em você naquele bar, quando te olhei pela primeira vez. Mas sua irmã parecia ser vacinada contra você. Sempre distante, sempre na dela, sempre parecendo uma velha conhecida. Sua velha conhecida. Que carregava parte dos seus genes e não se parecia em nada com você.

Por isso não consegui esconder o espanto ao vê-la em nossa porta. Eu costumava ser boa em mascarar minhas emoções e pensamentos. Mas a dor, a saudade e a perda me roubaram toda energia para qualquer outra coisa.

Sei que é estranho que eu venha aqui. É estranho até para mim. – Sorriso sem graça

Fui golpeada de novo por aquela dor de ver as outras pessoas que te conheciam voltando a sorrir como se sua partida tivesse sido superada. Uma parte de mim achava que aquilo era cruel e errado. A maior parte, no entanto, desejava que chegasse a minha vez. Quando eu pudesse voltar a ser um pouco o que eu era antes de você.

Eu só vim aqui te dar isso – me esticou o ursinho de pelúcia azul, já velho. – *Sei que você e mamãe estão se dando melhor, mas não acho que ela lhe daria isso, ainda que o encontrasse.*

Ergui a sobrancelha confusa.

Foi o primeiro presente que ele ganhou – brincou com a orelha do ursinho em minha mão. *Eu roubei dele quando eu tinha uns cinco anos* – os olhos dela se perderam sobre meu ombro, num passado que não me pertencia. *Ele chorou como um bebê quando esse Bichinho sumiu. Bichinho é o nome dele. Eu escondi. Ele nunca achou. Foi uma das poucas vezes que ele chorou em toda vida. Ele era fanático em bancar o durão, não é mesmo? Meu irmão era estupidamente valentão, não é? Sempre se metendo em brigas na adolescência em favor dos injustiçados. Sabe, eu devo ser uma das poucas que não se espanta que ele morreu como morreu. Não havia nenhum outro jeito tão dele de partir desse mundo.*

Eu conhecia a história de Bichinho. Você me contou numa noite em que havia bebido um pouco além da conta. Eu fiquei tirando sarro da sua cara por uma semana. Você nunca soube o que realmente aconteceu com esse ursinho.

Fechei o olho não conseguindo me proteger da dor da constatação seguinte: você *nunca saberá* o que aconteceu.

Eu tinha esquecido que ele permanecia comigo. Eu escondi no fundo de uma mala no porão que ninguém nunca se lembrava da existência nem para jogar fora. Ficou lá por todo esse tempo, dá para acreditar?

Essa era uma característica da sua irmã herdada da sua mãe: quando se empolgava no assunto ninguém fazia as duas pararem. Sua mãe mudou drasticamente depois de tudo. Sua irmã permanecia intacta.

As coisas que são nossas sempre voltam, não é o que dizem? Achei que Bichinho ia ficar feliz de voltar para casa depois de tanto tempo. Bem, tchau.

E aí ela foi embora do mesmo jeito que chegou: de repente.

Fechei a porta da sala e olhei para minha mãe. Ela perguntou no que eu estava pensando. Eu respondi em nada, que era minha resposta de sempre para quando minha mente estava longe demais para que eu conseguisse explicar. Só você me entenderia.

Com Bichinho na mão, entendi o que você sentiu ao perdê-lo. Como se você realmente tivesse sido roubado. Do mesmo jeito que eu me sentia roubada de você.

Dia 136

As sextas-feiras costumavam ser animadas para a gente. Quando eu chegava em casa, você já estava sem o terno e a gravata de sempre, de banho tomado, me esperando com o melhor abraço do mundo. Aquele abraço que tinha o poder de curar qualquer estrago de um dia ruim. Às vezes eu te pegava tentando cozinhar além dos nossos congelados de sempre, tentando me surpreender com suas habilidades culinárias de garoto que saiu de casa cedo e teve que se virar. Quando você não cozinhava, a gente pedia alguma comida na rua. Então, nos jogávamos no sofá e contávamos como foi nosso dia, nossa semana, como chegamos até aquela sexta-feira, comigo desmontada no seu colo.

Sentia falta disso. De me jogar no seu colo como se não tivesse amanhã e reclamar as coisas mais bobas que você tinha a maior paciência de ouvir. Sentia falta de te ver na nossa cozinha, se arriscando numa receita nova,

pedindo minha ajuda mesmo sabendo que eu era o terror no fogão.

Era estranho como a saudade despertava as lembranças mais simples. Quando a saudade ganhava um espaço que ainda pertencia à dor e rompia lentamente uma barreira tão forte montada por ela, não era das festas que eu sentia falta. Não era das horas que eu ficava me arrumando e brigando com você para trocar a gravata cada vez que eu trocava de vestido. Não era da pista de dança que me fazia dar risadas do seu jeito desengonçado que, mesmo detestando dançar, me acompanhava, que eu me lembrava.

Era dos momentos de paz, sem grandes acontecimentos. Era de ficar no seu colo, de me esconder no seu pescoço e do seu abraço protetor. Era do seu sorriso. Do seu olhar bobo sobre mim mesmo desarrumada, com uma blusa velha sua no corpo, um coque bagunçado no cabelo, nenhuma maquiagem no rosto. De como você suspirava e dizia eu-te-amo sem nenhum motivo aparente, só porque realmente queria dizer que me amava. Sentia falta de nossos domingos juntos que as pessoas de fora poderiam julgar como tediosos. Sentia falta de nossas sextas-feiras animadas pelo nosso amor, enquanto estávamos exaustos da semana que se passou.

Chegava em casa e não tinha você sem terno e sem gravata, de banho tomado. Não tinha abraços nem beijos nem colos acolhedores. Não tinha mais festas e nem mesmo paz. O silêncio não trazia paz. Não tinha mais você. Só essa falta que às vezes doía mais do que a própria dor. Que às vezes me tirava o ar, meu prumo, meu rumo. Que me fazia ainda parar na nossa porta, depois de um dia cansativo e sem graça de trabalho, sem novidades, e esperar te ver aqui, sem terno e sem gravata, com o cabelo ainda molhado de quem acabara de sair do banheiro, me esperando com o melhor sorriso do mundo. Era insano falar que ainda esperava ver você pela nossa casa, depois de mais de quatro meses de sua ausência. Era insano também ainda sentir isso.

Mas saudade era isso. Saudade era ainda desejar saber o que fazer mais com os domingos tediosos ou com as sextas-feiras depois de uma semana cansativa. Era desejar saber como você estava, se engordou, se envelheceu, se ainda era capaz de me amar. Saudade era continuar desejando saber de você.

Dia 137

Eu estava no seu escritório terminando de ler o seu livro, quando minha

mãe avisou que seu amigo estava aqui. Queria me ver, tinha algo para me entregar, mas não queria incomodar. Ele ainda sofria. Podia perceber a dor dele só nesse recado. Marquei o livro com o marcador que era seu, e agora tão meu, e com dificuldade, por causa da minha barriga já grande, levantei da poltrona. Saí do escritório e lá estava ele, seu melhor amigo, parado na porta, sem lugar, querendo fugir para bem longe e deixar toda essa dor para trás.

Desculpa incomodar, ele disse passando a mão pelos cabelos. *Eu só estava mexendo numas coisas lá em casa e eu não sei o que fazer. Aliás, desde tudo, eu não sei o que fazer.*

Aí ele encostou na parede como se carregasse nele o peso do mundo nas costas. Tá tudo bem, respondi, querendo dizer que ele não era o único sem direção, perdido num caminho sem reta final. Você era a nossa bússola, o nosso guia. Ter te perdido era como entrar numa escuridão depois de passar muito tempo na claridade. Conhecia muito bem a dor dele. Era a minha dor, também.

Você quer um café? – ofereci tentando fazê-lo voltar para a realidade e se afastar de mais um ataque da dor

Não, eu não quero. Eu vim só te dar isso. São umas fotos. Da nossa infância. Da nossa adolescência. De antes de você. Eu não dou conta de olhar. Mas eu achei que você ia gostar. Talvez para mostrar para seu bebê. Desculpa ter te atrapalhado. Eu simplesmente não podia ficar mais com isso.

Aí ele saiu, se arrastando, carregando toda aquela dor nos ombros e no coração.

As pessoas resolveram me entregar coisas que vão lembrar você, coisas que eu não saberia contar para nosso bebê se ele um dia me perguntasse, coisas que pertenciam a você e não pertenciam a mim. Sua parte da narrativa onde não fui a principal espectadora de sua vida.

A vida não era feita só de uma história. Mas de várias. Éramos uma compilação com vários personagens e fins diferentes. Talvez não se pudesse eleger a história mais importante, mas talvez houvesse uma principal. As principais, ao menos. Perceber que você era muito mais do que a nossa história vivida a dois, doía. Doía essa clareza quase doentia que surgia a

minha frente enquanto caminhava sem destino. Doía admitir que eu mesma poderia viver outras histórias sem você.

Minha mãe me perguntou se eu não abriria. Uma coisa de cada vez. Um dia de cada vez. Um passo lento de cada vez. Já fazia tempo que eu parei de tentar confrontar minha dor, tentando ser um pouco mais forte, tentando vencê-la. Não posso vencê-la. Não sou mais forte. Nada pode ser mais forte do que a dor de ter perdido o seu sorriso.

Dia 138

Fazia frio no domingo. Levantei quase na hora do almoço. Minha barriga estava ficando realmente grande e o cansaço começava a aumentar. Nosso bebê começava, também, a se inquietar cada vez mais dentro de mim. Sete meses de gravidez e o momento do parto se aproximava de maneira absurda.

Tinha medo.

Não sabia o que esperar depois que acontecesse. Não sabia ser uma mãe viúva, uma mãe solteira. Como passarei noites acordadas, quando nosso bebê adoecer, como suportarei o desespero de vê-lo doente? Se eu não conseguir fazê-lo parar de chorar, como vai ser? Se eu não conseguir suprir a falta de um pai, a falta de você, na vida dele, o que farei? Se eu realmente não for capaz de cuidar de ninguém como sua mãe sempre me acusou Eu realmente não cuidei bem o suficiente de você. Se eu tivesse cuidado, você teria sobrevivido. Eu falhei com você. E se eu falhasse com nosso bebê também? Como eu poderia suportar?

Nosso bebê avisava em silêncio que o tempo estava passando. Em contrapartida, eu ainda lutava contra o tempo porque não queria que você passasse. O quarto de nosso filho ou filha nem parecia o quarto de uma criança. Eu nem tive forças para tentar decorá-lo. Estava presa ao chão como sempre ficava quando tinha muito medo.

Vou conseguir? Vou ser uma mãe tão boa quanto minha mãe foi? Vou suportar a pressão e o desespero de ser responsável por outra vida? Quem vai ser minha força? Quem vai me abraçar quando eu desmoronar? Quem me acudirá, se eu ameaçar falhar? Quem, além de você?

Dia 139

Sonhar com você era o momento que eu podia ter você só para mim, te sentir, te ver, te tocar, te ouvir. O momento que conseguia me recordar de detalhes que pouco a pouco sumiam da minha mente, que perdiam a cor e o som com o passar lento dos dias. Nosso calendário em branco na porta me dava um soco no estômago mais forte que o nosso bebê, toda vez que o encarava.

Cento e trinta e nove dias que enfrentei a vida sem o seu incentivo. Cento e trinta e nove dias que derramei lágrimas que você não secou. Cento e trinta e nove dias que aprendi a respirar fundo, a conviver com essa dor que não me abandonava, a começar a perceber que a cada minuto que passava ela perdia milímetros de espaço para uma saudade silenciosa que crescia sem alarde.

A dor chegou sem cerimônias. Me derrubou já no primeiro ataque e me manteve no chão, me atrapalhando a respirar. Era insuportável viver quando levamos socos de dor a cada dois segundos, quando ela se agarrava ao nosso pescoço sem soltar. A dor era cruel. Ela passava na mesma lentidão que os dias passavam sem você. Não houve cerimônia na chegada, mas não havia pressa alguma para uma despedida.

Eu era capaz de narrar o primeiro ataque da dor e como fiquei estirada, caída, sem forças para levantar. Sabia exatamente quando, onde e por quê. Sabia tanto que só de me lembrar desses primeiros instantes me encolhia e me abraçava na tentativa frustrante de me proteger do que viria depois: o agora. Mas, se alguém me perguntasse quando a saudade começou a doer, jamais saberia dizer. Não sabia se foi num domingo solitário ou numa segunda-feira fria. Se foi no meio do trabalho ou enquanto eu dormia. A saudade era tão silenciosa e discreta que jamais anunciava sua chegada. Porque nunca mais haveria sua partida.

Sonhar era o recurso da minha mente de tentar diminuir essa saudade que crescia. Uma fuga para um universo em que eu ainda poderia te ver. Um universo um pouco mais feliz. Ao mesmo tempo que era acalentador, era também enlouquecedor. Porque quando acabava, quando eu era obrigada a abrir o olho e encarar a realidade dura a minha frente, era impossível evitar o choque e impedir que as lágrimas descessem. É impossível, também, com o passar dos sonhos, narrar sem parecer repetitivo, doentio, desesperador.

A verdade era que por mais que eu te sonhe – e sonho bem menos do que

eu queria – toda vez que acordava, eu arfava percebendo que não adiantava para onde eu fugia. Não havia nenhuma rota de fuga eficiente. Não adiantava me esconder e não adiantava encarar. Não adiantava sonhar para diminuir a saudade, nem não sonhar para não aumentá-la após te ver. Toda vez que eu abria os olhos era a essa realidade que eu tinha que suportar. A realidade de não ter o seu sorriso torto me dizendo “*bom-dia, Bruxinha*” que me motivava a sair da cama para viver e encarar a vida lá fora. Porque nunca mais haveria bons dias, sem você.

Dia 140

Uma das minhas amigas esteve aqui. Era estranho chamá-la de amiga; mais estranho ainda era usar o termo ex-amiga. Ela, e as outras, foi importante para mim durante tanto tempo e me fizeram tão bem que não poderia odiá-las, embora também não conseguisse mais sentir carinho.

Aprendi isso com você.

Lembrei-me de você.

Você era um cara tão justo que não conseguia odiar nem quem resolvesse te passar a perna; nem aquele cara que abriu um escritório com você e depois te roubou tudo, assim que saiu da faculdade. Ele foi um grande amigo seu, mas preferiu o dinheiro. Você tinha todos os motivos do mundo para odiá-lo, e ainda assim você simplesmente juntou suas coisas, aceitou a rasteira e procurou um emprego para pagar suas contas. *A vida se encarrega disso* – disse você, quando te olhei chocada com sua atitude quando me contou numa manhã fria de domingo. *Eu tenho que me encarregar é da minha vida.*

Você conseguia tirar cada coisa boa de pessoas ruins que, às vezes, eu precisava te sacudir pelos ombros e mostrar que você passava dos limites do idealismo saudável. Aí você se assustava, ficava uns minutos em silêncio, abaixava a cabeça e dava o braço a torcer. Nem todas as pessoas eram boas. Mas você conseguia ver beleza até em coisas ruins.

De tanto conviver com você, acabei aprendendo isso também. Eu, que sempre tinha dois pés atrás e um sorriso descrente no rosto para com todos. Eu, que vivia em um conto de fadas, e achava que as pessoas eram apenas boas ou más; nunca os dois.

Você me ensinou tantas coisas. Mas essa foi a que mais me marcou, mais

me mudou, mais me distanciou do que eu era, antes de te aceitar em minha vida. Se não houvesse tido você, eu nunca teria recebido essa amiga na minha casa outra vez. Irônico, porque se não fosse você – e sua partida – eu, talvez, nunca teria brigado com nenhuma delas.

Você não gostava de nenhuma delas, mas essa era a que você gostava um pouquinho mais. Bem pouco mesmo. Só o suficiente para a aturar. A nossa madrinha principal do casamento. A que eu considerava a melhor amiga de todas, antes de tudo, depois de tudo.

Vê-la depois de tanto tempo era confuso. Ela disse que me mandou algumas mensagens na internet. Eu disse que fazia muito tempo que não entrava realmente na internet, a não ser para o que era essencial. *Logo você*, ela disse.

Logo eu.

Logo a gente, parecendo duas estranhas se conhecendo agora.

Pedi desculpas, um abraço e um café. Não necessariamente nessa ordem. Ofereci as desculpas, o abraço, o café. Não necessariamente nessa ordem. Talvez esse fosse o lado bom da dor. Ela era tão grande que ocupava qualquer espaço de qualquer outro sentimento ruim que pudesse aparecer.

Olhando pra ela tão de perto, tão distante, percebi que não a odiava. Nunca a odiei.

A sua perda ocupou todas as células do meu corpo.

Sorte a dela, sorte a minha; sorte a nossa.

Durante as horas que ela ficou aqui na nossa casa, nos atualizamos de nossas vidas. Ela me deu os parabéns pela gravidez. Disse que eu ficava bonita grávida. Aí deixou o olhar se perder e eu quase pensei que ela estava pensando no quanto você me acharia bonita me vendo daquele jeito. Mas lembrei que não a conhecia mais, como um dia conheci. Ela era outra. Eu, principalmente, era outra.

Pouco parecida com a menina que você amou.

Mais parecida com a mãe do nosso filho.

Ela mudou de emprego, de corte de cabelo, de tom de maquiagem. Estava apaixonada. Ela sempre mudava tudo quando se apaixonava pra valer. Era por isso que você não implicava tanto com ela. Ela era intensa como você. E, para você, pessoas intensas podiam fazer muitas coisas idiotas, mas eram sempre verdadeiras.

Ela terminou a visita com um “senti falta de você” que soou sincero e acolhedor. Só ali percebi que sentia falta dela – mesmo ela não tendo sido solidária no começo, mesmo ela não tendo entendido o quanto me doía, mesmo com tudo. Pra ser sincera, nem eu entendi tudo. Como poderia cobrar isso? De alguma forma eu sabia que precisava ter trilhado todo esse caminho sozinha.

Antes que me desse conta, falei que ela podia voltar outras vezes, se aproximar, acompanhar o resto da minha gravidez, voltar pra minha vida.

Quando ela saiu, com um sorriso e lágrimas nos olhos, olhei pra minha mãe e ela sorria também.

E aí não tive dúvidas: fiz a coisa certa. Desde o começo, desde a briga, desde tudo. Eu fiz tudo certo, mesmo sem você para me aconselhar como sempre me aconselhou.

Eu podia conseguir sozinha.

Dia 141

Chovia quando terminei seu segundo livro da pilha. Os pingos batiam na janela do seu escritório e escorriam. Foi difícil me concentrar com uma chuva tão gostosa. Era sempre difícil para mim me concentrar em livros. Mas eu precisava terminar essa história. Tenho enrolado tempo demais para terminar tudo o que você deixou para trás.

Parecia sem sentido me preocupar tanto em fechar a capa de um simples livro.. Mas nada depois de te perder poderia ser considerado banal. Cada passo era muito mais importante do que a maioria das pessoas conseguiria entender. Ninguém poderia entender. Então só contava para você: terminei mais uma coisa que você deixou em suspenso. Abaixei sua cortina um centímetro para o final da sua peça sem final.

Mais do que isso, mais do que apenas terminar o que você não teve tempo,

era um jeito de fazer você descansar em paz. Você jamais ficaria em paz sabendo que não terminou seus objetivos. Até eu, que não acreditava em quase nada, podia te vislumbrar por aqui, nervoso, balançando as mãos de um lado pro outro porque foi interrompido no meio da cena, entre uma vírgula e outra, antes de concluir sua argumentação. Te via aqui, com a gravata torta, com o terno desalinhado, com o cabelo desarrumado como raramente você permitia que ficasse. Gritando que não podia deixar as coisas assim, que sua mente obsessiva jamais poderia admitir, que não dava para ficar bem sabendo que deixou algo iniciado sem fim.

Eu não podia seguir em frente sem pontuar o que você deixou para trás. Mesmo não acreditando que havia algo depois daqui, não conseguiria ter paz sabendo que seus planos se tornaram apenas rascunho de sua agenda sem cor.

Sei lá, amor. Talvez você tivesse razão. Quase não acreditar em alguma coisa já era acreditar.

Fechei o livro e o coloquei na prateleira. Procurei o que seria a respectiva, não se preocupe. Você era maluco com essa organização, odiava que qualquer pessoa atrapalhasse tudo isso. Quando ele estava devidamente alocado, me aproximei da janela para apreciar a chuva.

Menos um livro, sussurrei pro nada.

Brinquei com o dedo no vidro, fazendo nossas iniciais e um coração como uma adolescente vivendo seu primeiro amor. Como você costumava me chamar quando rabiscava nossas iniciais em qualquer lugar. Já não vivia mais o nosso amor. Já não me era possível mais vivê-lo.

Mais um passo que dei.

Fechei a cortina em um gesto simbólico de quem abaixava sua cortina suspensa ao terminar esse segundo livro. Um ato de cada vez.

Dia 142

Sua mãe passou aqui hoje, logo que eu cheguei do trabalho. Eu havia acabado de sair do banho quando a ouvi conversando com minha mãe na sala. Até do quarto, sem olhar as expressões, só pela voz, eu podia saber que sua mãe ainda estava sofrendo. Durante anos me perguntei o que seria capaz

de ruir a fortaleza que era a sua mãe. A resposta era tão óbvia que eu nunca enxerguei.

Perder a grande amor da vida dela era o seu ponto fraco. Perder você foi um golpe forte demais para ela suportar.

Me culpava por isso, quando não culpava a você. Não fazia sentido te culpar, sabia. Nunca fez. Mas te culpava. Talvez não faça sentido me culpar, mas disso já não tinha tanta certeza. Era insuportável conviver com a ideia de que aquele tiro era para mim. Acertaria meu corpo, ao invés do seu coração. Você só pulou na frente porque me amava. E porque era um imbecil.

Apesar da bandeira branca estendida entre mim e sua mãe, ela me culpava também. Podia ver por trás de toda aquela dor insuportável que ela não escondia em seus olhos. Ela me culpava do mesmo modo que me culpava quando recebeu a notícia de que você estava no hospital. Com a mesma intensidade do seu grito de dor no começo da manhã, quando o médico disse que nada mais poderia fazer por você, por nós.

Não me enganava com essa aproximação. Talvez sua mãe vá me culpar para sempre por tê-la transformado nisso que está na sala da minha casa: alguém tão impregnada pela dor que não conseguia disfarçar nem na fala.

Desisti de me vestir com uma blusa velha sua, porque não queria atacar sua mãe, e coloquei um vestido longo e largo, que não ficava tão largo assim por causa da minha barriga. Você teria adorado. Fui até a sala e a feição da sua mãe era ainda mais desesperadora do que sua voz. Como era possível que alguém envelhecesse tanto em tão pouco tempo?

Ela se levantou do sofá e me perguntou como o bebê estava. Como para me lembrar, nas entrelinhas, que esse era o único motivo para ela estar aqui. Respondi que pela quantidade de chutes ele seria um grande atleta. Ela se lembrou como chutes doem. Eu confirmei, sem dizer que doem menos do que os socos da dor. Aí ela deixou escapar que você chutou muito quando estava na barriga dela.

Silêncio.

Foi um daqueles momentos que ultrapassava a barreira invisível do que

não se podia dizer. Falar sobre você ainda não era permitido.

Então, ela me entregou uma vasilha com doce, disse que fez para mim e o que veio para dizer, mais tarde do que diria, antes de tudo. *Marcamos uma missa para os cinco meses. Para sexta-feira que vem. Na mesma igreja da primeira missa. Sei que você não gosta muito, mas seria bom que você fosse. A gente precisa rezar para nos absolvermos dos pecados, não é?*

E, como pecado, eu entendi, o fato de ser culpada por sua morte. Não, ela nunca vai me perdoar. E quem pode culpá-la por isso? Eu mesmo não me perdoava.

Dia 143

A sua mãe abriu feridas em mim que ela não achava que eu tinha. Não que elas tivessem se fechado durante esse tempo, mas era como se tivesse uma casca sobre o machucado incurável; uma maquiagem que me permita fingir que não estava ali, disfarçado com minha saudade e minha dor. A sua mãe colocou não o dedo, mas a unha sobre meu machucado ainda infeccionado; arrancou não só a casca como também o sangue. Eu devia ter esperado por isso. Um caso de ódio tão profundo e longo de uma sogra com uma nora não melhoraria tão rápido assim.

Olhando para o céu da nossa janela, tentando enxergar as estrelas por trás do céu dessa cidade, lembrei daqueles dias na praia, quando tudo aconteceu para nós. Da gente deitado na areia, depois de muita insistência minha porque você era cheio de frescura em se deitar na areia de praia. Lembrei das nossas mãos dadas e da sensação dos seus dedos em volta dos meus. De olhos fechados, podia senti-los como naqueles dias. Lembrava de ter te contado o quanto as estrelas me acalmavam. E de você apontando as constelações e me contando nome por nome, até encontrar a de Escorpião. A sua constelação.

Procuro-a no céu dessa cidade.

Não culpava Deus. Não fazia sentido culpar algo que eu não acreditava. Não tinha raiva de Deus por ter te tirado de mim. Essa não era a razão por eu não ir às missas que seus pais mandavam celebrar todo mês. O motivo para não ir era o mesmo para não colocar os pés onde você foi sepultado. Eu não estava pronta.

Eu ainda estava ferida 143 dias depois. Talvez ficasse ferida para sempre.

Eu ainda te culpava por você ter sido um babaca que quis medir forças com um cara armado. E, principalmente, eu ainda me culpava. Do mesmo jeito que sua mãe ainda me culpava.

Sua mãe não aceitaria minha explicação, nem se eu tentasse realmente explicar. Sua mãe acreditava que Deus tinha que perdoar todos os nossos pecados e para isso devíamos ir à missa e nos confessar. Eu, depois de tudo, não acreditava em mais nada.

Pecado era coisa de gente viva. Você morreu. Por mais que eu te culpasse, você não tinha mais pecados. Porque morreram com você. Tudo morreu com você. Agora, os seus pecados são meus. O pecado de você ter sido babaca por ter enfrentado aquele cara, por você ter tanto medo de violência urbana que precisava vencê-la por si mesmo. O pecado de você ter me protegido, o maior deles, se jogado na minha frente, impedido que aquele tiro acertasse seu destino final (meu corpo), principalmente. Eram pecados meus. Que eu carregaria para sempre.

Dia 144

Fui dirigindo ao shopping naquele sábado ensolarado para comprar a decoração do quarto de nosso filho. Minha mãe estava no banco de carona. Ela disse que na minha condição era perigoso que eu dirigisse sozinha. *E se você sente alguma coisa?* Não disse a ela que não era menos perigoso ter alguém ao meu lado. Não disse, porque fazer compras para nosso bebê era menos doloroso acompanhada. Não disse, porque não quero preocupá-la além do que já preocupava.

Sabia que ela estava preocupada. Podia ver por trás de seus olhos cinzentos, em cada vez que pensava que não estava prestando atenção e me olhava por muito tempo, tentando se decidir se eu estava tão bem quanto dizia que estava.

Não estava.

Mas o tempo secou minhas lágrimas, ainda que eu sentisse vontade de chorar, e o fato de não derramá-las faziam a maioria das pessoas acreditarem que estava melhorando, superando, indo em frente e enfrentando. O tempo me deixou com um rosto mais leve, enquanto meu ombro continuava pesado. O tempo me tornou mais racional. Conseguia, diferente de no começo,

organizar minha vida, pagar minhas contas, lembrar de levar pão para casa, arrumar o mundo para o nosso filho. O tempo fazia com que eu aprendesse a girar meu próprio mundo, ainda que fora do eixo.

Vista de longe, era uma pessoa normal. De perto, vista por quem me conhece, eu ainda causava dúvidas. Estava no meio do caminho, nem tão mal quanto nos primeiros dias, nem tão bem quanto alguém poderia achar. Nas noites frias, ainda era atacada pela solidão de uma cama gelada e de um coração vazio. Não chorava, mas não sorria. Estava seguido em frente, mas não estava enfrentando a vida. Era difícil, até para mim, saber em que estágio de luto e da dor eu estava.

Ainda sentia raiva. Muita raiva da forma como tudo aconteceu. De ter te perdido. De estar grávida depois de ter te perdido. Ainda te culpava e me culpava e, sinceramente, não enxergava nenhuma melhora para isso. Sentia muito medo. Não só do amanhã, como de como será o depois, quando eu parar de me revoltar, barganhar e me acostumar a essa vida sem você.

Não aceitava.

Não aceitaria nunca. E não falava só da sua morte. Não aceitava o modo como você morreu. De como você foi roubado de dentro da sua própria história, antes de encerrar seu próprio capítulo. Não aceitava que você tivesse se tornado uma reticência na minha história. Que você seria apenas uma interrogação na história e na vida de seu filho. Não importava o quanto o tempo passasse. Eu nunca vou aceitar que tudo tenha acabado para você – para nós – como acabou.

Dia 145

Seu pai me chamou para almoçar fora naquele domingo. Era ritual da sua casa os almoços no domingo, imperdoável não ir. Minha mente brilhou com uma notícia que eu ouvi entre uma novela e outra: casais que perdiam filhos tem maiores chances de se separar. Um arrepio percorreu minha espinha. Não. Não seu pai. Não sua mãe. Eles eram o casal que iam terminar juntos, para sempre juntos. Como a gente terminaria, se não fosse a morte.

Nos encontramos no restaurante que você adorava. E quase te vi sentado na mesa vazia da janela, olhando para a rua enquanto esperava sua refeição. Tantos dias sem você e eu ainda quase te via em um monte de lugar. Me

perguntava se algum dia isso acabaria. Se algum dia pararia de ser bombardeada a todo instante com lembranças suas.

Seu pai me esperava sentado no canto mais reservado do restaurante. Um milhão de anos mais envelhecido, desde a última vez que o vi. Mas envelhecer ficava melhor nele do que em qualquer outra pessoa. Quando ele se levantou para me abraçar e nos encaramos, eu vi seu olhar e foi impossível impedir o soco de dor que seguiu à constatação.

Era nesse cara que você iria se transformar. Se você tivesse tido a chance.

Algum problema? – seu pai me perguntou, arqueando a sobrancelha. Respondi que foi só um chute inesperado do bebê. Ele levou a mão a minha barriga, sorrindo. E então ficamos em pé, ao lado da mesa; ele esperando que o bebê chutasse, eu olhando a caricatura envelhecida e sorridente que seu pai se tornou em tão pouco tempo; até que o garçom trouxe nossos cardápios e, nós, constrangidos, sentamos.

Você tinha a mesma mania de seu pai, de brincar com os saquinhos de sal enquanto esperava seu prato. Enquanto isso, fiquei imóvel com os dois braços sobre a mesa, a aliança da mão esquerda brilhando no meu dedo anelar. Meus dedos estavam inchados e , pela primeira vez desde que eu lhe disse sim no altar e você colocou em mim, ela ficava certa no meu dedo. Nem bamba nem apertada. Feita sob medida para mim.

Seu pai me perguntou como andava a convivência com minha sogra. Dei de ombros e disse que ainda estávamos inconstantes, sob uma mina a ponto de explodir se alguém desse um passo em falso. Ele ergueu a sobrancelha. Eu contei a última conversa, dela me forçando a ir à igreja, de todo o resto implícito.

Ele suspirou.

Era o mesmo suspiro infeliz que você dava quando estava cansado, mas tinha de continuar. Quando você fechava os olhos, jogava a cabeça para trás e aí suspirava longamente antes de tomar fôlego para seguir em frente.

Ela nunca vai compreender que cada um sofre a sua maneira, arranja seus métodos para enfrentar e tem seu tempo. Dei de ombros. Ele me

perguntou se eu queria ir à missa. Disse que não sabia. Ele disse que não é realmente necessário, era só outra missa qualquer, dedicada a você. *Não é assim que a gente se livra dos pecados, sabe?*

Sabia o que ele está prestes a dizer. Que era de mim que tinha que partir o perdão, antes de na Igreja. Que eu não tinha culpa. Que ele *sabia* que eu não tinha culpa. Podia ver a boca dele se mexendo e falando que você era assim mesmo, entraria na frente de qualquer maneira, porque era seu jeito. Mas nossos pedidos chegaram e o assunto mudou antes de terminar.

Agradei em silêncio. Não precisava que me dissessem que eu devia me desculpar quando não queria, me perdoar.

Dia 146

Existia um momento letárgico no sono, quando você não sabia bem se estava sonhando ou não, meio inconsciente meio acordado, e perdia o que era real e imaginário. Eu cheguei bem próximo disso mesmo quando acordada, enquanto tentava enfrentar a dor: o que era real, imaginário e simbólico se tornou uma coisa só. Fiquei a um passo da loucura. Até entender que dor a gente não enfrenta, se quisesse manter-se sã. Era preciso se deixar doer para parar de doer. Sem gastar suas energias para expulsá-la de um lugar que lhe pertencia, ela se tornava silenciosa numa convivência quase que pacífica.

Eu estava na poltrona, no quarto do nosso bebê, lendo o terceiro livro da sua pilha abandonada, depois de um dia chato de trabalho e um banho relaxante. Enquanto passava as páginas, o sono foi chegando e acabei por fechar os olhos.

Não cheguei a realmente dormir. Mas sonhei. Ou acho que sonhei.

Quero acreditar que sonhei.

Você estava aqui no quarto, arrumando, ajeitando os móveis, colocando os detalhes no lugar. Era terrível admitir que eu pouco tivesse feito no quarto do nosso bebê. As caixas de coisas que nunca soubemos o que fazer ainda estavam aqui. Continuava sem saber o que fazer com elas. Eu entrei no quarto, você estava de costas, eu te chamei. Uma voz com misto de medo e encantamento. Você se virou. Aí se desequilibrou. Logo você, se

desequilibrando de bobeira assim. E caiu.

E aí o chão se abriu num abismo aos meus pés e eu fui caindo e caindo e caindo e caindo e. Gritei e o livro caiu no chão. Ou talvez o livro tivesse caído antes que eu gritasse. Eu não sei. Mas acordei, no susto, respirando com dificuldade.

Inspirei fundo para me acalmar.

E aí seu cheiro novamente chegou até a mim com a força de um vento de tempestade. Tão forte e presente que eu teria caído, se tivesse em pé. Segurei nos braços da poltrona com força e arfei. Eu estava louca. Eu realmente enlouqueci.

Aí minha mãe apareceu na porta, quase desesperada, com o pano de prato nas mãos, perguntando o que houve. Quase disse sobre seu cheiro. Para pedir que ela inspirasse fundo, sinta e dissesse que não estava louca. Que não podia estar louca. Mas aí lembrei que já fiz essa pergunta e que minha mãe nunca sentiria seu cheiro, tão único para mim. Ela perguntou de novo o que aconteceu, se aproximando. Não havia mais nenhum resquício de seu cheiro no quarto. *Acho que tive um pesadelo*, disse por fim.

Queria acreditar que tudo – absolutamente tudo – foi apenas um sonho ruim. Para que eu não acreditasse que estava tão próxima da loucura assim.

Dia 147

Minha mãe me deu um esporro, quase como me xingava na adolescência, porque estava arrastando as caixas lotadas de coisas sem sentido, tentando tirá-las do quarto do nosso bebê. Já havia levado a primeira para o seu escritório e estava no meio do corredor com a segunda. Não estava carregando. Apenas deslizava no chão limpo pela minha mãe. Mas foi o bastante para ela gritar, do outro lado do corredor. Levei um susto. Fazia tempo que ela não gritava. *Você ficou maluca? Não pode fazer esforço. Está no último trimestre da gravidez.*

Queria responder que talvez estivesse maluca mesmo, porque ainda te via, sentia seu cheiro, escutava sua voz como se você nunca tivesse saído daqui. Mas não queria preocupá-la ainda mais, então fiquei parada no corredor, enquanto ela não parava de me xingar.

Quis abraçá-la.

Nunca fui a mais emotiva com relação a minha mãe. A gente era próxima e se dava bem, mas nunca fui muito de abraços e beijos e chamegos com ninguém. Ok, pelo menos com ninguém além de você. Podia escutar sua voz, por entre os canos e a fiação de nosso apartamento, em tom irônico quando seu sorriso naturalmente torto ficava ainda mais torto: *você era uma pedra de gelo pronta a derreter. E eu te derreti.*

Caramba. Alguma vez pararia de te ouvir entre meus pensamentos?

Sentia vontade de abraçar minha mãe mesmo com ela brigando comigo. Agradecê-la de verdade. Por tudo o que estava fazendo. E aí ela diria para que eu parasse de bobagem, que era apenas sua obrigação. Para então desconversar e secar uma lágrima antes que escorregasse. Mas estava travada no corredor, porque ainda podia ouvir sua voz.

Para onde você vai com isso? – ela perguntou. Sua maluca. Quando você vai entender que não pode mais fazer a maioria das coisas sozinhas com essa barriga enorme? Por que você insiste em se forçar a ficar sozinha para parecer que você foi realmente abandonada, sem ninguém para ajudar, sua idiota?

Aquilo me dói.

Continuei no mesmo lugar.

Quando minha mãe voltou, me pediu desculpas, dizendo que não queria ter dito o que disse. Não a deixo continuar, não era necessário. A gente sabia. Ela não tinha mentido. Não havia nada para que eu desculpasse. Ao invés disso, a abraço e murmuro obrigado. Um obrigado que, a gente sabe, diz tudo que eu nunca conseguiria dizer.

Dia 148

Depois do expediente, resolvi dar uma ajeitada carinhosa no quarto de nosso bebê. Já estava quase tudo pronto, tanto o berço montado, como os outros móveis, mas me pareceu tão insípido sem cor e sem desenhos nas paredes. As palavras da minha mãe vinham e voltavam na minha cabeça. Ainda me doíam.

Nunca quis fazer tudo isso sozinha. Mas, como sempre também, não tive

outra opção.

Eu gostava de decorar. Você não tinha paciência, mas gostava de me ver mudar uma coisa aqui, colocar um quadro novo ali, tirar uma foto antiga e mudar por uma que a gente nem se lembrava de ter tirado. Você sempre dizia que não se podia prever como acharia a casa na volta, já que todo dia eu arrumava uma pequena surpresa – nem que fossem as flores do vaso da sala que eu trocava.

As flores do vaso da sala estavam mortas.

Você também.

Mudar qualquer coisa de lugar parecia te colocar um pouco mais longe de mim. Era imbecil essa sensação – você não estava mesmo perto. Mas, ainda assim, era o que sentia. A cada vez que trocava um móvel de lugar, algo em mim ficava ainda mais longe de você.

Não sabia exatamente contar como aconteceu. Não me lembrava exatamente dos fatos. Eu estava sobre a cadeira colando um adesivo do seu time na parede. Bem em cima do berço. Que era o lugar que você sempre falava que colocaria. Você sempre disse que se seu filho ou filha não seguisse sua paixão futebolística, não haveria perdão. *Filho meu* – batia o pé e dizia, empolgado – *vai torcer pro mesmo time que eu. Não quero nenhum rival dentro da minha casa.* Eu não via problema algum do nosso bebê não torcer pro seu time, mas, numa singela homenagem a você, comprei os adesivos do seu time. Alimentava, assim, sua presença pela casa. Pregava lembranças do que seria se você ainda estivesse aqui. Queria que nosso bebê soubesse: você continuava aqui.

Senti você. Senti seu perfume no ar de um jeito tão forte e tão presente que me desconcentrou. Virei pra trás para te procurar.

Perdi o equilíbrio – porque você não estava, porque eu não te vi, porque seu cheiro me fazia me sentir nas nuvens de um jeito que acreditava que ainda poderia voar. Caí.

Estava no hospital.

Estava bem. Estávamos bem – o bebê e eu.

Mas ainda não queria falar disso para você.

Dia 150

As paredes brancas e insossas do quarto do hospital me lembravam de você. Me lembravam de como você odiava esse lugar. De como você fazia de tudo para passar tão longe daqui. Mas, principalmente, me lembravam de como tudo acabou nesse mesmo hospital, cinco meses atrás. Do meu desespero na recepção durante toda a madrugada, esperando por notícias suas que demoraram dois séculos para chegar. De como você estava ali, no fim do corredor da recepção, e tão longe, tão distante, tão além de mim que eu só queria gritar, enfiar as unhas na minha pele, sangrar até morrer.

As piores horas da minha vida.

As últimas horas que ainda tinha você.

Você chegou vivo no hospital. Respirando, apesar de inconsciente. Perdeu a consciência bem nos meus braços, um pouco antes da ambulância chegar. Perdeu a consciência dizendo que me amava, que eu era tudo pra você, que sempre estaria por aqui. Não ouviu que eu disse as mesmas coisas. Não ouviu meu grito desesperado te pedindo para não me deixar. Não sentiu as lágrimas que correram no meu rosto e chegaram ao seu, misturando com sua própria lágrima de dor que escorria silenciosa e sem vida por toda a extensão até o seu queixo quadrado – que eu tanto amava. Eu sempre um milésimo de segundo atrasada para dizer que te amava tanto quanto você. Eu, bancando a forte e perdendo a oportunidade de te fazer se sentir tão amado quanto me fazia sentir. Eu, a boba. Que mesmo te tendo ainda mordida a língua para não dizer que te amava a cada momento, piscada, sorriso torto e olhada que dava para mim.

Nunca vou me perdoar por aquilo.

Nunca vou me perdoar por você ter perdido a consciência antes de ouvir o tanto que eu te amava. Por ter dito depois, sempre depois, de você assumir que me amaria em qualquer lugar. Em qualquer tempo. Por toda eternidade.

Além de nossa vida.

A bala perfurou a parte mais importante que você tinha. O seu. O meu coração. Você ainda resistiu às horas de operação. Eu não sabia como eu resisti àquelas tantas horas ali abandonada na recepção, sozinha, esperando por um “está tudo bem, ele está em estado estável”, enquanto andava de um lado para o outro daquela sala.

Não. Não sabia como resisti ao insensível “eu sinto muito, ele não sobreviveu”.

Ainda me perguntava como, logo você, forte que nem um touro, que mal sabia o que era pegar uma gripe de mudança de tempo, não sobreviveu a droga daquele tiro. Não sobreviveu a droga daquele assalto. Não sobreviveu e não ficou no meu mundo pra ver a droga do seu time sendo campeão, a droga daquele show, a droga da minha gravidez.

Ok. Minha gravidez não tinha nada de droga.

Droga era a revolta que ainda sentia por viver num mundo sem você.

Estava tudo bem com a gente – nosso bebê e eu. Foi uma queda feia e eu bati a cabeça, por isso acabei ficando mais do que o normal no hospital. Nada muito grave, só uma concussão de leve que não teve grandes efeitos. Nosso bebê nem foi atingido. O médico disse que a placenta servia pra isso mesmo, uma proteção natural para quedas.

Uma pena que a gente também não tivesse isso, depois de grande, uma redoma protetora que nos protegia das quedas da vida.

Dia 151

Seus pais estiveram aqui, na nossa casa.

Era a primeira vez que eles vieram juntos e isso não me passou despercebido. Antes, só seu pai me visitava. Depois de tudo, eles vinham em dias seguidos, separados. Era estranho vê-los assim, juntos, na nossa casa, como quase nunca havia acontecido.

Eu estava na cama mexendo no computador, escrevendo pra você,

tentando me libertar do tédio de ter que ficar parada. Minha cabeça ainda doía pela queda. Minha mãe disse que bati em cheio na parte da cadeira. Tinha um galo aqui atrás. Ótimo para se conseguir dormir. Aí eles entraram.

Estava esperando uma briga. Da sua mãe me chamando de irresponsável e maluca. *É por isso que eu odeio essa garota, ela não consegue cuidar nem do filho que carrega na barriga, como vai cuidar de você?* Eu podia vislumbrar tão bem a cena que eu até vi as palavras saírem da boca dela. E tive que piscar ao ver que não, ela não brigou. Não, ela não apontou o dedo para mim e me chamou de irresponsável. Ela não fez nada. Aquilo era perturbador. Esperava a compreensão do seu pai, com certeza. Mas dela? Nem depois de tudo. Nem mesmo sem você. Nem mesmo sabendo que a dor dela a havia mudado tanto. Não fazia sentido. Até eu estava me culpando. Como ela poderia não me culpar?

Não falamos muito. Seu pai perguntou como eu estava, sua mãe ficou andando de um lado para o outro. Eu abandonei o computador e pedi desculpa. Ele falou que era bobagem. Sua mãe não disse que não era, mas também não falou nada. Grande avanço. Nos seus olhos, não havia acusações. Não além do que ela já me acusava desde sua partida. Depois de uma hora que seu pai apenas falou, especialmente com minha mãe, eles decidiram ir embora. Sua mãe e eu ainda parecíamos fugir de diálogos e conversas longas. Ainda parecíamos no mesmo nível de dor. Desconectada de todo o resto.

Seu pai me beijou na testa, depois acariciou minha barriga. Aí brincou com nosso bebê e sorriu. Tudo ali, em frente sua mãe, que mantinha a mesma cara fechada de sempre. Aí ele saiu e me deixou com ela. Ela ficou ali parada no pé da cama como quem ainda está indecisa por falar alguma coisa. Mas bufou e soltou de uma vez: *não faz mais isso*.

Eu pisquei, confusa, com a nota quase maternal de uma pessoa que nunca gostou de mim.

E com o *por favor* que se seguiu depois, junto de olhos cheios de dor.

Aí só me restou desculpar. E prometer que não faria mesmo.

Porque eu mesma não aguentaria outra queda daquela. E todos sabiam

disso também.

Dia 152

Seu time entrou em campo hoje. Estava zapeando pela televisão quando vi a chamada e acabei deixando ali, no canal do futebol, que eu tanto odiei. Fiquei pensando que talvez, por ver esses jogos, por colar adesivos na parede do quarto do nosso bebê, por tomar sempre café na sua caneca, essa criança não herdasse de você a paixão pelo esporte, a paixão que te fazia sair de casa num sábado à noite pra ir ao estádio ao invés de sair comigo; que te fazia enfrentar filas e pegar chuvas só pra gritar um gol um pouco mais perto do seu time. A paixão que eu nunca entenderia.

Não foi por falta de tentativas suas de me explicar o que te fazia ver onze homens correndo atrás de uma bola pra chutar num retângulo no final de um campo verde, debaixo de chuva ou de sol. Mas quase te escutava dizer que o time te deu algumas vitórias e uns títulos; Uns colegas de bar pra assistir os jogos. Umas raivas sem sentido por conta de uns pontos perdidos. Ah, e claro, o fato de não precisar ir num cardiologista pra saber se seu coração estava bom; umas piadas pra cima do seu melhor amigo e uns xingamentos quanto ele fazia piada para cima de você.

Lembrei do seu amigo.

Lembrar do seu amigo me fez ter vontade de ligar pra ele e perguntar como ele estava.

Eu queria que alguém tivesse se importado com minha própria dor, além da minha mãe, além do seu pai. Alguém que fosse sincero e me ligasse de vez em quando para saber se eu estava bem, respirando, comendo, vivendo, indo em frente e enfrentando. Eu tive sorte de ter minha mãe. Eu tive sorte de ter seu pai. O azar mesmo era não ter você, mas, fora isso, eu tive pessoas que se importaram comigo. Poucas. Eu sabia. Mas quanto mais os dias passam mais vejo que a qualidade aqui era o importante. O silêncio de quem eu achei que gostava realmente de mim nesse período foi importante para saber que não tinha tanta gente que me amava como eu imaginava. Mas, principalmente, as ligações que recebi e os “eu sinto muito” bem-dados foram muito mais para eu ver que não estava assim tão sozinha sem você quanto um dia pensei.

Por isso, fazia questão de manter contato com seu melhor amigo. Porque

sabia que era isso que você queria que eu fizesse também. Mas, principalmente, porque queria que ele soubesse que eu me importava, sim, com a dor dele, que eu entendia, que eu compreendia, que eu estava também aqui, mesmo sem ter você.

Liguei e ele demorou a atender. Sabia por quê. Sabia que ele ficou pensando se valia a pena o esforço pra chegar até o telefone. Se a conversa que provavelmente ele não estenderia valia o pegar o fone do gancho. Demorou, sim, mas parece que chegou a conclusão de que não dava pra ficar fugindo para sempre dos telefonemas.

Pedi desculpa antes de dizer *alô, tudo bem? sou eu*. Na verdade, não disse nada disso. Primeiro porque sabia que ele sabia que era eu. Segundo porque eu também sabia que ele não estava bem.

Ele disse que soube da minha queda e quase foi me visitar, mas que não queria me atrapalhar mais do que já vinha atrapalhando. Eu disse que ele nunca atrapalhava, podia vir sempre, a casa é sua, tá?

Ele ficou em silêncio. Soltou um suspiro. Eu esperei. Aí ele disse que não queria se apoiar num bebê que não havia nascido, mas que parecia impossível não fazer isso.

Eu entendia. Então disse que ia ficar tudo bem.

E te juro, meu amor, que naquele momento, o primeiro desde o primeiro dia, eu realmente acreditei que tudo voltaria a ficar bem.

Dia 153

Ficar de repouso era um inferno, mas não tinha opção. Não conseguia me manter quieta numa posição por muito tempo. A barriga enorme também ajudava o desconforto. Nunca achei que ficaria tão grande. Você se espantaria, você que sempre me achou pequena demais para carregar outra vida dentro de mim. Veja só, cabia.

Aproveitava a solidão para conversar com nosso bebê.

Dizia que foi um grande susto, mas que bom que acabou tudo bem. Não sabia como seria e tivesse outro fim. Como seria sem esse mínimo pontinho de luz para iluminar essa caminhada. Só de pensar nessa hipótese me

arrepiava toda.

Era estranho.

Sentia que a ameaça de quase perder nosso bebê mudou alguma coisa em mim. Quebrou uma parte que ainda estava intacta. Inverteu o modo como estava vendo a vida. Me fez entender porque era tão difícil para seu pai, que mesmo sorrindo ainda mantinha os mesmos insuportáveis olhos tristes. Me fez entender porque sua mãe era apenas uma carcaça, um zumbi, corpo sem vida obrigada a viver.

A queda servia pra eu perceber isso. O medo que eu senti, o risco de perder nosso bebê, não era só porque ele era nosso filho, não era porque ele era a única coisa viva de você comigo; não era só porque eu não suportaria outra perda; não era só. Era isso sim, com certeza. Mas tinha um sentimento atrás, um sentimento mais forte, um sentimento de mãe. Foi, pela primeira vez, que eu percebi que havia algo pior do que perder você.

E, então, pude entender toda a dor dos seus pais. Não que eu não entendesse antes, eu sabia que doía neles porque sabia o tamanho do amor que eles tinham por você. Mas, depois do acidente, compreendia com uma cumplicidade silenciada. Podia suportar uma vida sem você, por mais difícil que fosse. Se eu perdesse nosso filho: não. Eu sabia que não. Eu sabia que sucumbiria. Eu sabia que era uma dor grande demais para mim. Eu sabia que não daria conta não importasse o que estivesse por perto, me amparando. Por tudo isso, eu parabenizava seus pais. Pela fortaleza que eles eram. Por ainda estarem vivos. Por não terem desistido, apesar da dor que eles conviviam dia e noite, a cada minuto, a cada lembrança sua.

Havia coisas piores do que perder você: perder um filho.

Dia 154

Minha (ex) amiga passou de novo por aqui. Era estranho esse termo. Era estranho tudo isso. Era como se estivéssemos nos conhecendo agora, mesmo que eu a conhecesse havia uma vida. Mas, para ser sincera, me parecia muito pouco com a dona da vida que ela dividiu comigo. Não me sentia mal por dar-lhe outra chance. Não havia nada de idiota em dar outra face a alguém que tivesse nos feito tão bem. E ela me fez: do seu jeito egoísta, torto, meio atrapalhado, fez. Não dava para apagar tudo o que vivemos, nem as coisas

ruins, nem as coisas boas. E ao colocar na balança os risos que ela me forneceu foram maiores do que qualquer outra coisa.

Esse tempo todo afastada, aprendendo a conviver com a minha solidão, me fez aceitar as pessoas como elas eram. Bem diferente da menina que você amou que idealizava tudo, não é? Já não me pergunto se você me amaria assim.

Eu sabia que sim.

Estava lendo o livro quando ela chegou, uma biografia que me dava muito sono e muita vontade de largar. Ela tomou um susto ao entrar no quarto. Não sabia dizer se por ver o quarto exatamente como ele era quando ainda também era seu ou se era por estar lendo, parecendo realmente entretida com a história em minhas mãos.

Não mudei nada de lugar. Eram as mesmas fotos em todos os retratos; os mesmos tapetes, que eu nunca gostei e que você adorava. Seu último presente ainda estava no mesmo lugar que eu deixei em algum momento transtornada pela dor que nem me lembro, pendurado no retrato do nosso casamento sobre o criado-mudo. Nem precisava falar sobre o guarda-roupa, apesar de ter doado a maior parte das suas coisas, era como se ele ainda te esperasse – como se eu ainda te esperasse – porque não fui muito além de arrastar minhas peças para o seu lado, sem ousar mexer nas gavetas. Ainda respingava seu perfume nos lençóis, ainda estava respingada de você em mim. Vestia suas blusas constantemente para dormir e nosso calendário estagnado no dia da sua partida continuava preso a nossa porta.

Meu quarto denunciava onde eu permanecia, apesar de fingir que estou indo para algum lugar enquanto vou ao trabalho: no mesmo lugar que você abandonou. E o olhar da minha amiga denunciava o quanto ela achava estranho eu estar no mesmo lugar.

Mas ela não começa o assunto por aí, embora pudesse. Ao invés disso, soltou um: nossa, você está lendo! Com um baita ponto de exclamação no final.

Sentia vontade de rir. Mas não ri.

Sentia saudades das minhas próprias exclamações. Elas deram lugar a pontos dramáticos e vírgulas fora do lugar e, só quando percebo que minha

amiga usou, reparei que eu própria não mais usava. Louco. Eu, que sempre fui uma exclamação ambulante, mesmo quando questionava algo, me tornei ponto dramático e sem graça no final.

Dia 155

Meus dias de repouso acabaram antes que eu enlouquecesse de vez e aí fui obrigada a trabalhar. Quanto mais os dias passavam, mais me sentia sufocada naquela empresa. Mas estava presa aqui. Até nosso filho nascer.

Era mais fácil suportar a empresa quando tinha você e seus braços no final do dia. Era mais fácil quando tinha seu meio sorriso para me dar forças pela manhã. Era mais fácil porque eu sabia que tinha você. E talvez por isso insisti tanto nesse serviço mesmo odiando, mesmo você me questionando ao menos uma vez na semana porque eu ainda permanecia num lugar que não me fazia feliz.

Era bem mais do que apenas odiar mudanças. Era bem mais do que ter medo delas. Era, principalmente, porque por mais infeliz que eu fosse no trabalho, eu era feliz com você. Era feliz com você e isso bastava em qualquer área, porque sempre acreditei na máxima de que sorte no amor, azar em todo o resto.

Felicidade, para mim, era sinônimo de sorte.

Tinha azar no amor, desde tudo. Faltava achar sorte no resto.

Nosso filho não dava trégua, mexendo de um lado para o outro, chutando e tornando minha tarefa de terminar um serviço ainda mais árdua. Quanto mais o tempo passava, mais nosso bebê se inquietava, como se soubesse que o tempo dele dentro de mim estava no fim. Me perguntava, enquanto tentava achar uma posição confortável para nós dois, com quem ele se parecerá. Se vai herdar sua característica de estudante incansável, que estava sempre procurando algo novo para aprender, ou se vai herdar minha curiosidade sem limite. Era engraçado porque em momento algum me perguntava se seria menino ou menina. Logo eu, que sempre achei que o sexo ia ser muito importante, não vejo razão para me questionar. Mas, sim, o que de seu essa criança vai trazer ao mundo. Ao meu mundo. Seu idealismo quase doentio? Sua fé quase cega nas pessoas? Sua visão de vida? Sua paixão por futebol,

bebida e mulheres bonitas? Se for menino, será um colecionador de paixões até conhecer o amor, como você? Se for menina, herdará metade do seu charme só para te deixar de cabelo em pé, aí, onde você está – se é que estava em algum lugar?

Será que era possível que você acompanhasse o crescimento de seu filho de algum jeito sem estar mais aqui? Ou será que você nem sequer sabia que tinha um herdeiro seu na terra, como você sempre sonhou em ter, perpetuando seus valores, suas manias e seus genes?

Era doloroso saber que, diferente das perguntas sobre nosso bebê, que descobrirei as respostas em breve, as suas questões nunca saberei responder. Me doía saber que, por mais que eu me esforçasse para terminar sua história, nunca haveria um ponto final de verdade em seu último capítulo.

Dia 156

Acordei cansada do que via no reflexo do espelho.

Ou talvez incomodada com a falta de brilho, sorriso, entusiasmo natural que eu sempre tinha porque era a sua menina. Você sempre me pedia pra que eu nunca deixasse aquela menina inquieta e brincalhona morrer, acontecesse o que acontecesse. E eu te prometi. E eu falhei.

Se você conseguia me ver, se orgulharia de mim ou agora já não havia sentido me amar porque não era mais a sua menina que sempre amou? Mudei; tive que enfrentar coisas que antes não achava que poderia enfrentar. Não era mais aquela que estava aqui quando você não aguentou aquele tiro; mas ainda era sua. Cada parte minha era sua. Sempre seria. O que me matava era a incerteza de saber se você continuava sendo meu.

Eu sempre brinquei contigo que quando eu morresse voltaria para contar a você se havia algo além daqui, do que a gente via. Se eu não voltasse era porque não havia nada. Você dizia que aquilo não era coisa que se prometia porque não queria me perder. E eu dizia pra você deixar de ser bobo e focar nos fatos: ninguém nunca voltou.

Aí você rolava os olhos e dava de ombros e começava outro assunto porque sabia que não ia mudar minha opinião e porque já estava cansado dos meus argumentos elípticos de sempre. Eu não reclamava porque você sempre me calava com um beijo e o beijo sempre ia para outra coisa e, enfim, tudo

era bem mais divertido.

Você foi antes de mim. Não sabia onde você estava, se era confortável e colorido e alegre e te fazia levantar todos os dias de manhã com aquele meu sorriso de menino de quem era plenamente feliz na vida que escolheu. Se existia algum lugar.

Você nunca voltou.

E, mesmo que isso fosse uma prova pra maioria das pessoas e tinha sido antes para mim, não era prova o bastante, agora, depois de tudo, para que eu pudesse realmente dizer que você chegou ao fim.

Dia 157

Depois do serviço, não peguei táxi e fui pra casa. Ao invés disso, andei pelas calçadas até um endereço que costumava conhecer muito bem, que ia pelo menos uma vez ao mês. Já fazia tanto tempo que passei por aqui pela última vez que quase não me lembrava do caminho e quase ninguém ali se lembrava de mim.

Meu cabeleireiro lembrou. Quase enfartou – e isso ele disse com todas as letras – com o estado do meu cabelo e com o tamanho da minha barriga. *Você sumiu. Mas eu não tinha notado quanto tempo fazia que você não aparecia aqui até que vi essa sua barriga aí.* E aí ele soltou uma das suas onomatopeias que você nunca entendeu.

Pensei que as pessoas quase sempre não se dão conta de como o tempo escorria pelas mãos como um dia algum cantor cantou por aí. Como ele era inalcançável e parecesse cada vez mais distante e mais veloz nos atropelando pelo caminho. A gente corria atrás, mas ele que estava atrás de nós, pois, quase sempre, nos derrubava e nos machucava ao não pedir licença ao passar.

Cinco meses sem você era coisa demais para não ser notada. Ele perguntou como eu estava. Aí eu dei de ombros e não respondi. Responder pra quê? Ele era do tipo que acreditava que dava para saber que alguém estava bem só pelo cuidado que estava seu cabelo.

Senta aqui, a gente conversa, você pensa em outra coisa. Ou então só conta como é carregar essa barriga aí.

Cortei mais do que estava acostumada porque o cabelo estava realmente precisando – argumento de cabeleireiro, coisa de mulher. Mas continuava enorme, como você sempre gostou. Grande o suficiente para que você pudesse enrolá-lo em sua mão e puxá-lo de vez em quando enquanto sussurrava em meu ouvido; para bagunçá-lo depois que eu o penteava e o deixava do meu jeito; para fazer um cafuné até que eu conseguisse dormir.

Poderia dizer que quando me olhei no espelho quase não me reconheci.

Mas não era verdade. A falta de brilho no olhar continuava aqui. E ela era minha marca registrada como antes o excesso de brilho que era. Apesar da mudança com o corte de cabelo, eu ainda era a carcaça anestesiada de tanta dor, desde que você se foi.

As coisas não mudavam fácil assim com um corte e uma tesoura. Infelizmente.

Dia 158

Acordei cedo naquele sábado – logo eu, acordando antes às nove da manhã em um final de semana. Era desconfortável me manter na cama por muito tempo, quando nenhuma posição parecia boa para o nosso bebê e eu. Não tinha ninguém para eu reclamar, nem pedir mimos, nem me enrolar no pescoço para tornar tudo melhor, então apenas levantei da cama a procura de um café. Não tinha ninguém em casa e por um instante contemplei a quietude que nosso lar se transformou.

Peguei sua caneca e me servi do café da minha mãe, que era menos forte e menos amargo que o seu. Era estranho, mas tenho de admitir: me acostumei a uma vida quieta, uma casa quieta, uma alma quieta. Logo eu, que sempre fui barulho, aprendi a ser silêncio, a viver num ambiente em que, para os distraídos, sempre pareceu um lugar inabitado.

Eu mesma seria capaz de condenar, antes de tudo, um lar assim. Um lar sem barulho era um lar sem vida. E, tudo bem que nossa casa mais parecia um habitat de semi-vida, mas aprendi a gostar disso. Aprendi a apreciar os barulhos que antes eu não ouvia porque estava sempre falando, cantando, gritando, xingando e correndo atrás de você. Começo a perceber o que você sempre gostou de admirar, as nuances que eu, sempre distraída, nunca consegui ver. Que eu sempre ria quando você começava a falar, tentava me

mostrar o que acontecia além do visível. Eu ria e te olhava como se você fosse um idiota, um extraterrestre perdido na Terra. Mas, depois, conseguia ver, ouvir, sentir. Sentia até seu cheiro. Era capaz de sentir qualquer outra coisa.

Sabia que os silêncios estão com os dias contados. Logo a casa voltará a ser preenchida com barulhos de felicidade, com barulhos de vida. Com choros, gritos e risos primeiro, que farão a vassoura do andar de baixo voltar a sua principal função. Mas não sabia como vou reagir a isso, agora que o silêncio me fazia bem.

Era estranho porque demorei a me acostumar com minha nova vida – sem sorrisos tortos, sem abraços acolhedores, sem vozes altas, risos histéricos, felicidade estampada em cores fortes. Adaptações requeriam uma dose de coragem. Era medrosa e tinha medo de não me acostumar com a vida nova que já espreitava a porta e pedia para entrar.

Tinha pouco tempo para me adaptar.

Dia 159

Meu aniversário estava chegando. Não queria notar, mas não consigo evitar. As datas importantes depois de você nunca mais serão as mesmas. Antes, elas marcavam nossos momentos de felicidade. Hoje, elas marcam o tempo que eu já não tinha seu sorriso. Doía. Para mim, principalmente, que nunca gostei de aniversários e festas, meu dia se aproximando era ainda mais assustador. Previa o telefone tocando e todos vindo me dar parabéns quando o único parabéns que eu queria era o que eu nunca mais poderei ter.

Foi você que me ensinou a gostar desse meu dia. Foi você que me fez comemorar os últimos sete anos como nunca havia comemorado a minha vida toda. Você me levava pra passear, me mimava, me enchia de lembranças até o grande presente final. Eram sempre lembranças bobas que me faziam apaixonar ainda mais por você – você que anotava todos os detalhes do último ano e me enchia de coisas simbólicas das partes boas vividas. O último presente melhorava a cada ano. Não sabia como seria agora que eu tinha que encarar esse dia sozinha. Logo esse ano que eu estava bem empolgada porque você havia me prometido uma viagem.

Mas você viajou sozinho. Não houve tempo pra que eu me embarcasse

com você.

Olhei pro calendário em branco atrás da porta com sua letra, um garrancho, marcando quatro dias depois. *Dia da pessoa mais importante dos meus dias*. Ainda precisava me proteger do que vinha em seguida ao ler essas coisas bobas. Ainda doía.

Era estranho porque sentia que a dor se esvaía de mim lentamente, como um conta-gotas com defeito. De gota em gota eu me livrava de um sentimento que fazia tão parte de mim que às vezes me fazia pensar que era eu mesma. Na maioria dos dias, conseguia sobreviver. O que não queria dizer que eu não sucumbia vezenuando. Aos domingos, quase sempre. Perto de datas importantes, sem nenhuma hesitação. Me perguntava se seria difícil pra sempre. Se quando chegasse esses momentos que eram tão seus, que eram tão meus, que eram tão nossos, eu sempre sentiria essa pontada no peito como se alguém estivesse apertando sem dó o meu coração ou se, com o passar das estações, esquecerei da maioria delas, re-significarei a maioria delas e então passarei naturalmente por esses dias cinzas.

Era possível?

Doía não saber.

Dia 160

Paro de hesitar e pego o envelope de fotos que seu amigo me deixou. Venho enrolando com medo do que verei, ainda que desejo ver. É ruim hesitar tanto assim, quando sempre fui impulsiva.

Era oito fotos. Oito fotos que contavam uma história sua que nunca me pertenceu. Oito fotos de uma história pré-nosso amor. Como se tivesse sido seu prelúdio para a minha chegada. Me pergunto qual foi o prelúdio da minha vida para a sua. Era estranho constatar que não fui seu único romance. O mais longo, talvez, mas não o único. O mais importante e o último, sem dúvida, mas não o primeiro e não o único. Não sabia definir o que sinto.

Mas deixo pra pensar nisso depois, primeiro apenas passo suas fotos. As duas primeiras da sua infância. Você ali com seu melhor sorriso eternizado na partida prematura, o mesmo sorriso que conservou por toda a sua vida, numa

piscina de plástico, queimado de sol, sem os dois dentes da frente. Passei a mão pelo seu rosto de menino e meu coração apertou. Nunca havia tido uma foto sua de infância porque sua mãe nunca abriu mão de nenhuma foto sua. A segunda você estava um pouco maior, com a cara toda suja, numa poça de barro, em cima do seu amigo. Queria sorrir. Meu rosto doeu.

As outras três fotos eram da sua adolescência. Você sempre rodeado de uma turma muito grande de amigos. Você com sua cara de menino de sempre. Mesmo quando tenta bancar o mau com caretas na sua época rock ‘n’ roll. Continuava querendo rir. Não encontrei som.

As duas fotos seguintes eram do seu tempo de faculdade. Você, sempre cercado de mulher. Você bêbado e descomposto. Você sendo você do jeito que eu mais odiava. E amava. Odiava amar. Amava odiar. Já nem sabia mais. O cabelo e a barba um pouco maiores, o sorriso do mesmo jeito. Você do jeito que eu amaria te conhecer. E pensar que eu só te conheci quando você era tudo o que eu não gostava em nenhum outro, para só amar você.

A última foto era da sua despedida de solteiro. Maldita despedida de solteiro. Você gargalhando, com a gravata na cabeça, completamente bêbado e fora de si. Sentia falta até disso, de você bêbado, de mim tendo que cuidar de você, de como ficava chato e fazendo muita piada ruim. De como ficava me agarrando pelos cantos e grudando em mim como se fosse mesmo um homem chiclete. Das besteiras que falava no meu ouvido e, caramba, até do seu beijo com todo aquele hálito que eu odiava. Queria chorar de saudade. Já não tinha lágrimas.

Peguei a foto de você sorrindo na piscina mais uma vez e passei o dedo pelo seu rosto. Então, caminhei até o quarto do nosso bebê e coloquei a foto no porta-retrato vazio que está sobre a cômoda. Queria que nosso filho fosse assim. Que tivesse a sua luz e seu sorriso e essa sua cara de menino.

Fui sua última história. Mas você, por pior que fosse essa aceitação, estava longe de ser a minha.

Dia 161

Pedi ajuda a minha mãe no dia seguinte. Por conta da queda, estava proibida de fazer esforço, agachar, andar muito ou qualquer coisa que você não teria permitido que eu fizesse mesmo se nunca tivesse caído, se estivesse

aqui. Então chamei a minha mãe para fazer o que sentia vontade naquela terça-feira insossa como qualquer outro dia da semana, depois de um trabalho sem graça como todos os dias do trabalho, como minha vida pós-você sem nenhuma novidade pra contar.

Estava tudo igual desde a última vez que você esteve aqui, quando você ainda estava aqui. Eu estava cansada. Não gostava de tapetes e você sempre soube. Mas você, mais por influência materna do que por gosto pessoal, não conseguia pisar no chão assim que levantava da cama se não tivesse tapete embaixo. Sua voz ao fundo, já embaçada por uma saudade que nunca terá cura: *pisar em chão frio depois que acorda dá resfriado*. Balanço a cabeça tentando esquecer a lembrança. Tentando esquecer você.

Minha mãe me olhou da porta. Por um momento achei que ela perguntaria se surtei. Mas só pedi pra que ela me ajudasse a arrastar a cama para tirar o tapete. Ela arqueou a sobancelha daquele jeito que eu arqueava pra você e você detestava. Também detestava o jeito com que ela faz isso. *Você quer isso mesmo?*

Não. Mas é o que devia fazer.

Eu nunca fui do tipo de pessoa capaz de separar o querer do dever. Se eu queria, eu fazia, mesmo quando fosse errado. Por isso nossa primeira vez foi no banheiro da casa dos seus pais durante sua festa de aniversário. Se eu não queria, então protelava, fingia que não era comigo até que alguém tomasse a frente e fizesse o que tinha de ser feito. Meu desvio de comportamento melhorou um pouco quando comecei a trabalhar e então passei a me sujeitar a ordens. Mas só porque eu tinha uma folha de pagamento para manter. Em todas as outras áreas da minha vida, fui assim. Aquela que sempre fazia as coisas porque queria. Raramente porque devia.

Aqui estava eu.

Você não ia gostar do quarto como ele ficou. Teria parado na porta e se irritado porque mudei tudo de lugar. Você detestava quando mudava as coisas de lugar porque, para você, era como se tivesse mudado de casa. Teria falado tanto na minha cabeça até que eu voltasse a cama para a parede

branca, ao invés de colocá-la na parede colorida; para que eu voltasse os tapetes para me proteger de uma friagem ao sair da cama de corpo quente; para que eu não colocasse a escrivaninha do jeito que você mais odiava em sua vida, de forma que ficaria de costas pra porta.

Você teria odiado.

Mas eu amei o jeito com que o quarto ficou. O jeito com que bagunçar tudo tinha, de alguma forma, reajustado o eixo do meu mundo. Estava satisfeita com o que eu consegui mudar de uma só vez.

Minha mãe aproveitou a deixa e perguntou se eu não queria continuar e arrumar o guarda-roupa de vez. Ele continuava intacto, mesmo que sem as suas roupas há muito tempo dentro dele, ainda esperando que, por um milagre, tudo voltasse ao normal e você voltasse para mim.

Neguei. Veementemente neguei.

Se tem uma coisa que eu aprendi nesses cinco meses era que nada como um dia após o outro. Eu tinha que dar um passo de cada vez, ao invés de ser sempre intempestiva como eu era com você.

Dia 162

Minha amiga ligou perguntando o que farei amanhã. Amanhã? Perguntei, ainda longe da realidade, tão distante de tudo, mesmo que estivesse de frente pro computador da minha mesa de trabalho. Não conseguia me concentrar, porque não parava de olhar pra nossa foto no descanso de tela. Era masoquismo. Mas eu simplesmente não conseguia tirar a foto do meu plano de fundo. Não conseguia substituir esse seu sorriso bobo enquanto mordida sua bochecha, a gente sentado no parque, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Parecia que esse dia foi ontem.

Fazia uma vida.

Sabia que amanhã era quinta-feira, mas não saía mais com a mesma turma que ela ainda mantinha contato. Não saía mais com ninguém, na verdade. Não tinha raiva nem rancor nem nada. No meu coração não cabia nenhum sentimento ruim com a saudade ocupa todos os espaços. Mas preferia não me reaproximar mais.

Seu aniversário, bobinha. – ela brincou, achando graça da minha dispersão.

Levei um soco no estômago. Dois socos. Um porque era realmente meu aniversário no dia seguinte. O outro pelo uso tão despreocupado da minha amiga por um apelido que você sempre soltava quando eu fazia qualquer coisa bonitinha, mas sem sentido (como ter uma crise de ciúme, por exemplo).

Fechei o olho e te via rindo para mim, jogando a cabeça pro lado, a covinha do seu sorriso sempre torto, dizendo com aquela sua voz rouca: *bobinha. Bobinha minha.* Sufoquei as lágrimas. Tentei, na verdade, sufocar a dor.

Não consegui.

Você ainda está aí? – escutei a voz da minha amiga ao longe, bem longe, me chamando de volta a realidade dura a minha volta. – *Você tá bem?*

Me esforcei a falar, assim, apressada, assim, atropelando as palavras sem vírgulas pontos e nada um desculpa-tenho-que-desligar-tenho-um-trabalho-para-entregar-depois-eu-te-ligo-beijo-tchau-.

Doía. Merda, como doía, comemorar um ano de vida sem ter você aqui pra me desejar todo o clichê que eu adorava dizer que odiava, mas amava ouvir de você.

Dia 163

Foi uma quinta-feira com um sol lindo no céu. Uma quinta-feira quente. A repórter disse, na televisão ligada, que a sensação térmica passava dos trinta e dois. Eu só senti frio. Recebi alguns telefonemas logo pela manhã, antes mesmo do café. Mas eu tirei o telefone do gancho, cansada da hipocrisia. Minha mãe me olhou com cara de preocupada, mas ficou calada. Dei um sorriso forçado como quem dizia: estou bem.

Não estava nada bem.

Não liguei pra minha amiga hora nenhuma depois que desliguei ontem. Não fiz nada no dia de hoje além de me vestir com aquela sua blusa de moletom, antiga, surrada, que você adorava e eu sempre roubava nas noites frias pós-sexo. Estava frio. Frio de alma. Frio de solidão. Frio de saudade.

Frio sem fim.

Me encolhi como se pudesse me proteger: da falta que me ocupava. Me encolhi como se eu ainda tivesse alguma chance de me proteger. Nunca tive. Essa falta já era parte de mim e eu não podia fazer nada para impedir que ela me atacasse quando bem entender, sem pedir licença ou desculpas por isso.

Estava perdida na estrada, sufocada de um sentimento de não-sei-o-quê, preenchida de um vazio, ironia, que nunca me preencheu. Era meu primeiro aniversário sem você, desde que conheci seu sorriso. Era meu primeiro aniversário como mãe.

Sentia sua falta. Sentia sua falta e era irremediável. Queria você aqui só pra te dizer para esquecer todas as nossas brigas e todas as vezes que eu apontava um erro seu. Queria você errado, torto, esquecendo a toalha na cama e a tampa do vaso levantada. Eu queria você de qualquer jeito, do jeito que mais odiava, com aquele olhar gélido de ciúme ou com sua cara séria quando eu fazia alguma grande besteira.

Tudo o que eu queria era você aqui.

Suportei a dor e controlei as lágrimas até o fim de tarde. Até o crepúsculo se anunciar e a primeira estrela aparecer. Até que alguém bateu à porta e então recebi um buquê de rosas e um cartão tão simples, tão cheio de amor, tão sincero e cruel como não era para ter sido e foi.

Eram meu buquê de flores preferidas. As únicas flores que eu achava lindas. As flores que você sempre me dava todo ano, acompanhado de várias lembrancinhas para me lembrar como os 365 dias foram bons. Dessa vez não tinha suas lembranças sobre meus 365 dias. Quase metade deles eu passei sem você. Mas recebo as flores e um cartão simples: *“Sei que são suas flores preferidas e que você ganhava todo ano do meu filho. Sei que não é a mesma coisa. Mas só quero te lembrar que você não está sozinha. E que de algum lugar, eu sei, você sabe também, ele está com você. Seu sogro.”*

Desabei ali mesmo, sem nem mesmo fechar a porta, e minha mãe teve que me segurar e me levar pro sofá. Então, chorei o que vinha segurando. Chorei o que eu ainda nem sabia que podia chorar.

A vida nunca foi tão injusta.

Era difícil suportar.

Dia 164

Acordei com a boca seca e a garganta amarga, como se eu tivesse bebido muito no dia anterior. Aquela sensação de ressaca acompanhada de uma dor de cabeça que não tinha explicação. Antes tivesse bebido. Antes tivesse tomado um porre realmente pra espantar a solidão de ontem e apagar um pouco a sensação do que fica depois.

O que ficava depois do amor? Eu sempre me perguntei quando as minhas amigas se desiludiam com o novo amor da vida delas. Elas trocavam de amor o tempo todo, o que sempre te fazia rolar os olhos com falta de paciência. Eu, antes de você, nunca havia amado e sabia disso – por mais que eu me apaixonasse intensamente, sabia que nunca havia sido amor até eu deixar que você entrasse de vez em minha vida – Mas eu sempre me perguntava o que é que ficava depois do amor. Eu achava que nunca ia descobrir porque eu tinha a certeza de que seríamos para sempre.

Que tola eu fui.

Que tola eu sempre era.

Depois do amor, ficava a dor de um fim que, por mais que a gente planejasse, nunca era fácil. Ficava a sensação de ressaca pós-festa. Aquela bagunça que você olhava e não tinha coragem de arrumar. Aquela sensação de que você não aproveitou bem a última música, a última bebida, a última conversa, o último beijo antes de dormir. Ficava aquela sensação lá no fundo de que alguma coisa faltou. Algo para ser dito e foi sufocado. Algo para ser sentido, que foi recalçado. Algo que a música alta não deixou você ouvir. O toque que se perdeu no ar antes de te encostar. O abraço que não foi dado porque as mãos estavam ocupadas tirando uma foto ou segurando o copo. O beijo que não encontrou ocasião. Aquilo que nunca é dito esperando uma próxima oportunidade, o momento certo. A próxima festa que nunca chegou.

O que ficava depois do amor? Ficava parecendo que nada foi aproveitado do jeito que a gente devia aproveitar. Ficava claro que ninguém sabia amar.

Que a gente achava que sabia enquanto amava, até que tudo desmoronava e a gente percebeu que não amou nem um terço do que gostaria; nem um milésimo do que deveria.

Ficava a gente jogado no canto, desamparado, tentando arrumar força pra recolher os copos, as garrafas meio vazias, os cigarros abandonados em qualquer canto. A força pra tirar os tapetes, varrer a sujeira, abrir as janelas e deixar o sol e o vento entrar. Ficava o cheiro impregnado na gente, essa coisa que não sabemos bem o quê e que nos desnorteiava. Essa coisa que nos incomodava e que não tínhamos coragem pra ir ao banheiro tomar banho e nos limpar do que foi feito durante a noite e que a gente raramente era capaz de lembrar. Não sobrava coragem. Não sobrava coragem pra fazer coisa alguma que não fosse o de ficar no lugar que estávamos, vendo todas as outras coisas fora do lugar.

Mas ficava tanta coisa, não é? Ficava coisa que a gente nem sabia. Como o eu-te-amo-tanto que morreu antes que eu pudesse dizer, pela última vez. O desespero de saber que eu teria feito tanta coisa diferente se eu soubesse que seria a última vez. A sensação de que eu devia ter te olhado mais, beijado mais, abraçado mais, conversado mais, dançado mais, amado mais.

Depois do amor não sobrava nada.

Mas ficava tanta coisa.

Dia 165

Não sabia bem ao certo se era uma crise de insônia ou se não queria dormir. De qualquer modo, me refugiei em seu refúgio – seu escritório – naquela madrugada e comecei o último livro que você deixou pra trás. O último livro. Era estranho. Eu nunca achei que você conseguiria acabar com sua pilha de livros pra ler, porque quanto mais você lia mais livros você comprava. E aqui estava eu: fechando sua história, terminando seu enredo, guardando seus livros na estante pra nunca mais ser lido.

Lá pelas tantas da madrugada, sou acometida por um surto de inspiração que não tinha há bastante tempo. Aquele tipo de surto criativo que qualquer um que sobrevivia de inspiração sabia que não podia deixar passar por seu corpo e se perder no ambiente antes que você faça alguma coisa – qualquer coisa – para registrar o momento.

Então, peguei o lápis e a folha de sulfite da sua gaveta. E, quase que sem ver, cega de inspiração, cega de amor, cega de um desejo insano de criar, rabisquei linhas tortas que pareciam não ter sentido sem saber onde vai terminar.

Desenhar era como viver. A gente até suspeitava saber em qual ponto tudo começou, mas não tínhamos ideia de em qual ponto tudo vai terminar.

Quando volto a mim, o primeiro raio de sol já atravessando a cortina, percebi que fiz um retrato fiel de nós dois. Nós dois sentados no banco do parque. Você com seu sorriso torto. Eu com essa minha cara de menina. As nossas mãos entrelaçadas enquanto você brincava com meu dedo indicador, daquele jeito que você sempre brincava pouco antes de falar eu-te-amo-tanto-você-tem-noção-disso? A minha cabeça no seu ombro e um sol tão lindo se pondo atrás.

Sabia que, se eu pensar, vai doer. Sabia que se eu parar, em algum instante, vou chorar. Então, tomei fôlego e peguei os lápis para colorir e eternizar isso no papel do jeito que eternizo em minha memória. Só quando minha mãe começou fazer os primeiros barulhos de quem acordava que finalmente me dou por satisfeita e termino de pintar a última parte do desenho.

Nós. Eternizados em traços e cores num papel e num surto criativo. Nós. E aquele nosso amor que, pela primeira vez em anos, depois de milhares de tentativas, consegui expor assim, de um jeito tão simples e fácil no papel. Você, que pediu tanto por um retrato assim, teria gostado tanto desse desenho.

Dia 166

O domingo amanheceu tão bonito que foi impossível ficar em casa. Coloquei uma roupa que me deixava confortável, mesmo carregando toda essa barriga de último trimestre. Eu estava enorme. Mal conseguia enxergar meus pés. Avisei minha mãe que vou sair. *Volta pro almoço*, ela gritou antes que eu fechasse a porta, *e leva o celular*.

O dia estava do jeito que você gostava. Perambulei sem direção até chegar ao nosso parque. Nosso parque que nunca foi realmente nosso. Fui sem pressa até o lugar que a gente sempre se sentava. Nosso banco estava

ocupado. Dessa vez não por um casal jovem. Mas por dois velhinhos.

Parei no meio do caminho, paralisada com a cena.

A senhora, com o cabelo grisalho de quem não tinha medo de esconder suas rugas, estava com um vestido florido. Tinha os olhos acinzentados e uma cara que, apesar da idade, parecia jovial. Estava sorrindo e, daqui, metros de distância, sua felicidade me abraçou de um jeito aterrorizante. O senhor já tinha o cabelo completamente branco, a barba também branca por fazer, um rosto mais sério, mas igualmente tranquilo. Eles conversavam de mãos dadas alheios a tudo ao redor. Então, fez alguma brincadeira que, de onde estava não consegui ouvir. Ela deu um tapa de leve no peito dele. Ele mexeu a boca e eu consegui entender perfeitamente que estava dizendo amovocê. Então, ainda rindo, ela deitou a cabeça no ombro dele e repousou ali todo seu amor.

Eu levei um soco no estômago que nada tinha a ver com nosso filho. Foi só a vida mais uma vez. Foi só a dor que nunca me largava.

Queria ir lá e fazer mil perguntas. Perguntar quando se conheceram e quando se casaram. Qual foi sua técnica para manterem-se cúmplices daquele jeito por tantos anos. O que eles fizeram para que a vida não fosse tão cruel e os separasse. Queria saber por que algumas pessoas tinham essa chance – essa grande chance – de ser feliz a vida inteira, enquanto umas nunca chegavam perto de um momento de felicidade e outras, como eu, tinha a felicidade roubada. Quem decidia?

Mas senti uma coisa estranha. Uma coisa estranha sem som nem formato nem nada vindo de mim. Que eu não perceberia se não tivesse ficado tanto tempo sem fazer. A coisa parou de ser sufocada, se tornou mais forte, arrebentou-me por dentro e ganhou forma contra a minha vontade. Foi bem pequeno. Mas o suficiente para que eu sentisse que tudo estava se quebrando novamente dentro de mim.

Eu sorri.

Um meio sorriso, na verdade. Ganhando meus lábios e se congelando num rosto que havia muito não sabia o que era expressão facial diferente da dor.

Sua irmã me encontrou na saída do meu serviço com um sorriso enorme no rosto, como se fôssemos amigas íntimas. Sua irmã, sempre estranha. Eu mal tinha me aproximado e ela já me encheu de abraços e beijos me deixando desnorreada com tanto carinho desmedido. Tentei não arquear sobrelanceira nem dar a entender que acho aquilo tão confuso e sem sentido. Não sei se realmente consegui. Ela disse que tentou me ligar no meu aniversário, mas que o telefone só deu ocupado. *Você é bem popular, não é?*

Não, disse. Eu só tirei o fone do gancho mesmo.

Aí ela gargalhou assim, sem pudor, no meio da rua, na minha frente. *Você é realmente tudo aquilo que meu irmão falava de você.* Eu não tinha ideia do que você falava de mim pra ela, já que vocês dois raramente se viam porque ela estava sempre viajando, longe, distante de todo mundo. Mas não deu tempo de perguntar. Não dava tempo de fazer nada porque sua irmã, sempre elétrica, falante e hiperativa, já trocou de assunto de novo antes mesmo de terminar o anterior.

Você parece bem melhor do que da última vez que te vi.

Pareceu um século da última vez que eu vi sua irmã.

Então ela acaricia minha barriga e fala com nosso filho, bem ali, no meio do passeio movimentado na saída do trabalho. Sua irmã era maluca, amor. Doida de pedra. Mas comecei a gostar dela. Eu gostaria muito dela se a gente tivesse a oportunidade de ficarmos mais perto do que realmente ficamos. Era como se só a enxergasse agora.

Comprei um presente pra você. Ela disse, enquanto joga o cabelo pro lado, dava de ombros, sorria, abria a bolsa, pegou o presente, tudo ao mesmo tempo. *Não se preocupe, não tem nada de esotérico.* Foi impossível não lembrar que na última vez ela me devolveu um ursinho seu. Pelo jeito ela pensou a mesma coisa. Porque logo em seguida disse *não se preocupe, não é nada que pertencia a ele dessa vez. É só uma lembrancinha da minha última viagem. A gente se vê.*

Eu nem sabia que ela tinha viajado.

E, no minuto seguinte, sua irmã sumiu como se nunca tivesse aparecido na minha frente.

É uma echarpe verde que você teria adorado. Você que adorava verde. Mas eu mesma gostava da escolha delicada de sua irmã, que nunca tinha me dado nada além de uns ois perdidos em poucas reuniões familiares. Junto veio um cartão que era, ainda mais, a cara da sua irmã. Daquele jeito que ninguém conseguia entender. *“Esse aniversário marca uma nova vida pra você. Aproveite o quanto puder.”*

Era estranho conseguir entender sua irmã. Principalmente quando já não tinha seu ombro pra poder rir com você.

Dia 168

É dia de ir à médica, mas dessa vez eu faço diferente. Em vez de ir com minha mãe ou arrumar muita coragem pra enfrentar isso sozinha, liguei para a casa dos seus pais e perguntei se sua mãe não quer ir. Ela aceitou na hora e então fui acometida por uma coisa estranha, um calor que acabou envolvendo meu coração.

Sua mãe não discutiu quando disse que, se ela queria descobrir o sexo, deveria perguntar longe de mim. Era estranho não ver sua mãe discutir com tudo. Era estranho não vê-la tentando mudar nossa opinião para fazer o que ela queria que fosse feito. Era estranho o quanto a dor podia nos transformar. Mas, principalmente, era estranho o quanto a dor pode nos unir. Se você estivesse aqui, ela nunca compartilharia desse momento, ela nunca viria na médica comigo, ela, na verdade, nunca ia descansar até que contássemos se era menino ou menina. A gente nunca teria nos aproximado, não estaria aprendendo a nos suportar, a saber nossos limites e entender nossas diferenças.

Ela se emociona durante o ultrassom, quando conseguiu ver os traços do filho que carrego dentro de mim, os traços daquele que não vai deixar seu gene morrer. Eu ainda não conseguia olhar. Preferia assim. Só ver nosso filho quando nascer. A dor ainda era forte demais para eu conseguir enfrentar.

Então a médica disse que tudo estava muito bem com minha pequena criatura. Que a pressão causada pela queda diminuiu e que era bom, mostrava que me recuperei rápido e que não vou ter grandes problemas no parto.

O parto.

Essa palavra me lembrou que estava chegando. E me fez ver que eu morria de medo desse momento.

Você tem uma nora bastante forte, sabia? – a médica disse. E, para meu espanto, sua mãe respondeu que sim, que ela estava descobrindo isso.

Dia 169

Emoldurei meu desenho num quadro bonito para pendurar no quarto do nosso bebê. Para que ele crescesse vendo o quanto nosso amor era bonito. O quanto a gente era feliz junto. Principalmente, para que num mundo cada vez mais duro, cada vez mais difícil, ele nunca se esquecesse de que o amor existia e que podia acontecer. Bastava a gente estar disposto para isso.

A minha mãe me deu um sorriso encorajador enquanto lia uma revista. Eu até tentei sorrir. Não consegui. A televisão anunciou que hoje era dia do seu time. Seu time me fez me lembrar do outro lado da sua vida, tão importante quando o nosso próprio lado. Eu peguei o telefone e larguei a decoração da moldura do quadro por um momento para ligar pro seu amigo, já tão sumido.

Ele atendeu no terceiro toque. A sua voz ainda era arrastada e eu ainda tinha a impressão de que se esticar a mão, mesmo assim, quilômetros de distância, ainda poderia pegar entre os dedos toda a dor dele. Se juntar nossas dores dava até para modelar e fazer uma bonita escultura. Eu perguntei como ele estava. Ele disse que melhor, mas longe de estar bem. Eu percebi que ele está tão melhor que já sabia que vai ficar bem.

Aos poucos a vida voltava ao normal. Era inevitável. E que bom. Se não fosse, pela culpa, a gente nunca nos permitiria melhorar assim.

Seu amigo me perguntou se foi mesmo meu aniversário por esses dias, porque ficou na dúvida. Disse que sim. Aí ele disse que ficou na dúvida também se me ligava dando parabéns. Eu disse que estava tudo bem. E estava mesmo. Eu nunca fui do tipo que me importava mesmo com parabéns. Ele me perguntou com quanto tempo de gravidez e eu disse que era reta final, nem dois meses pra tudo recomeçar.

Já faz todo esse tempo? Sim, faltava pouco.

Queria dizer que faltava pouco também para ele conseguir começar a superar.

Dia 170

Minha amiga passou por aqui, sem me ligar antes, sem avisar, logo depois que tomei banho pós-trabalho. Eu ainda estava com o cabelo molhado enrolado na toalha quando ela tocou o interfone. *Vamos sair.*

Ela não me deu oi, não investigou para saber se eu queria. Não me deu chances de fugir. Minha mãe sorri e diz que era uma excelente coisa a se fazer. Eu disse que era quinta-feira. Esse dia da semana que nunca nos impediu de fazer nada, mesmo tendo de trabalhar no dia seguinte. *Vamos sair. E se você demorar mais cinco minutos, você sai com essa toalha na cabeça, bem assim mesmo. Turbante não está mesmo na moda?* E sorriu para mim. Daquele jeito que sabe que já me convenceu.

Ela me levou a um bar que eu não conhecia. Um bar que você nunca conheceu. Tinha uma decoração bonita. *Foi aqui que eu conheci o cara que to apaixonada, diz* quando perguntei como ela encontrou o lugar. Eu arqueei a sobancelha, perguntando se ela não se cansava de se apaixonar tanto.

Tolinha. É a paixão que nos mantém viva.

E chama o garçom. Pedi um suco de laranja enquanto ela queria uma cerveja gelada e uns frios para acompanhar. Ficamos em silêncio enquanto olhava pros quadros da decoração. Você ia mesmo gostar daqui.

Deve ser difícil, disse. Olhar para tudo e se lembrar de alguém que já não se tem. Deve ser difícil. Você não quer falar disso?

Sabia que tinha bastante coisa para falar e que se começasse possivelmente não pararia mais. Sabia que bar era um péssimo lugar para ter essa conversa. E que não foi para isso que ela me chamou aqui, que era para me divertir, para comemorar um aniversário que passou em branco. Mas sufocava essa dor a tempo demais sem ter coragem para falar com ninguém. Sem ter coragem para assumir. Ela era a pessoa que mais me entenderia, que foi minha melhor amiga por mais da metade da minha vida e que, apesar de todos os defeitos, ela ainda era a minha melhor amiga. A pessoa que não tinha medo de me falar que eu estava errada. Que nunca passou a mão no meu cabelo ou tampou o sol com a peneira. Com ela, eu sempre me queimava por exposição demais ao sol. E foi por isso que eu decido que queria falar sobre você, num bar que eu não conhecia e você nunca vai conhecer.

Não sabia por onde começar e principalmente como terminar. Disse que era estranho porque todos os lugares me fazem pensar em você. Para todas as pessoas que olhava, eu pensava em você. Que acordava de manhã e pensava como eu seria acordada se você ainda estivesse aqui. Que você gostaria do dia que amanhecia, do café da manhã, da notícia do jornal. Eu passava por uma livraria e pensava quais livros em destaque você compraria.

Quase nenhum, ela respondeu, sorrindo. *Ele odiava livro que fazia sucesso*. Dei um sorriso de volta e percebi que isso não me chocou como da primeira vez que sorri. *É verdade*. Mas disse que terminava os livros que você deixou e me perguntava ao vento se você gostaria da sua compra, torcendo para que o vento levasse essa pergunta até onde você estava. Eu não sabia onde você estava, se estava em algum lugar, se sentia frio, solidão, dor, medo, agonia, ódio de mim porque eu o deixei ir. Que me enlouquecia me perguntando como ele está. Que se eu tivesse certeza de que iríamos nos encontrar em algum lugar, eu acabaria minha vida aqui.

Mas eu não sabia. Então, não fazia nada.

Ela poderia responder mil coisas. Dar mil conselhos, me abraçar, dizer palavras doces e me fazer chorar. É estranho porque não choro mais quando pensava em você. Mas sabia que dependendo do que ela falasse, choraria. Mas eu também sabia quem era ela e que isso eu escolhi contar para ela, e não para a minha mãe. Porque ela não vai vir com máximas ou conselhos velhos que não cabiam na minha história. Ao invés disso, ela coçou o cabelo, bebeu a cerveja, suspirou, disse: *Você tem notícia daquele amigo dele, daquele melhor amigo dele, aquele chato que achava que sabia sobre tudo, até sobre a vida dos marcianos?* Arqueei a sobrancelha confusa. *Encontrei com ele esses dias. E ele parecia extremamente mal. Mal de verdade. Foi pouco antes de voltar a falar contigo. Acho que foi por isso que eu resolvi falar contigo, inclusive. Fiquei preocupada.*

Ele vai ficar bem, disse, sem titubear. *Como você pode ter tanta certeza?*

Era simples. Ele não se torturava por ser culpa dele a morte do amigo. Ele se torturava porque ele não aceitava o quanto a vida era injusta, nem ter resposta sobre as coisas. A dor dele era diferente porque ele não se olhava no

espelho sabendo que aquele tiro era para ele, mas que ele continuava vivo, como eu fazia. E eu tinha ficado bem, apesar de tudo. Eu não comparava as dores. Só as nossas culpas. Era a culpa que nos impedia de voltar a viver.

Dia 171

Acordei com sensação de ressaca no dia seguinte, como se eu tivesse bebido alguma gota de álcool. A ressaca era de outra coisa. Era de ter conseguido falar sobre você, sem me doer tanto como vinha me doendo. Era de ter exposto o que tanto me torturava sem ter arrumado mais nenhum machucado por ter falado. Era de ter dado forma a um monstro que eu nunca soube o tamanho. Agora, que eu sabia o tamanho, parecia mais fácil de enfrentar. A gente perdia muito tempo tentando não ver a dor achando que isso vai afastá-la, mal sabendo que era o não saber que nos apavorava ainda mais. Depois que encarei de perto, sabia que ele não era um monstro tão terrível assim.

Fez um dia normal. Desses dias normais que não se tinha muita coisa que contar. Nenhum fato novo e nenhum fato velho que precisava ser discutido, elaborado, levado às últimas consequências enquanto me prendia em seu abraço. Mas ainda queria seu abraço. Queria sempre. Te quererei para sempre.

Seu pai me ligou para saber como estava. Eu poderia dizer quase bem, mas quase não é bem. Mas queria guardar essa sensação primeiro só para mim. Era bom ter coisas só minha, depois de tanto tempo dividindo tudo com você.

Minha mulher me contou que vocês estão começando a se entender. Fico muito feliz com isso. Graças a Deus vocês conseguiram chegar num ponto de acordo. Dei um suspiro enquanto brincava com a borda da caneca de café. Deus não tinha nada a ver com isso, exceto que, se ele existia mesmo, me tirou você. Mas não queria discutir com seus pais religiosos. Já perdi bastante tempo discutindo com você.

Por que você não vem almoçar conosco domingo? Agora que já conseguem conversar? Não tinha nada para fazer domingo mesmo. Tudo bem. Vamos, novamente, tentar.

Dia 172

Tirei o dia para arrumar o guarda-roupa – mais do que levando para o seu lado as minhas peças, mais do que desafogando o meu lado sempre cheio, mais do que apenas o gesto de arrumar o guarda-roupa. O gesto era muito mais simbólico. O seu lado vazio me mostrava o quanto eu mesma estava vazia. O quanto eu mesma precisava me lembrar de como era vazia a minha vida sem você. A vida ainda era – vazia. Mas eu já não poderia recusá-la. Já não dava para fingir que não via outras oportunidades, outros dias, outras chances, outra vida. Sem a sua mão, seu abraço, seu meio sorriso.

Não dava para fingir que o tempo não passou. Não quando chegava, minuto a minuto, o momento de um novo recomeço. Nosso bebê não me deixava esquecer duas coisas: quanto tempo fazia que eu não te via e, principalmente, quanto eu não poderia mais recusar a vida.

Foi nesse processo lento, quase gutural, aquele som profundo e rouco que apenas corta em melodia feita pra sangrar, sem pressa para acabar a hemorragia de sobreviver aquele ato, que achei sua caixa de bilhetes dados a mim. Você sempre me enchia de bilhetes românticos no dia a dia, desde te amos singelos até grandes cartas. Tudo o que você escreveu, eu guardava naquele baú que a gente comprou na nossa viagem de primeira lua de mel. Quis sentar no chão e rever aquele passado, ainda tão presente, ainda tão marcado em mim. Mas já não podia me sentar no chão. Então caminhei lentamente até a cama enquanto seguro meu baú dos tesouros – como você, piegas, adorava dizer que era.

Rer o que um dia foi escrito era reviver quem já se foi. Era dar um último sopro de vida a alguém que não existia mais. Colorir um passado que, talvez, a gente nem se lembrava que viveu. Em poucos bilhetes tudo que parecia apagado em mim reviveu em cores fortes e absolutas.

Era estranho olhar para o passado assim: prescrito. Não proscrito. Não foi banido, não foi expulso, pelo contrário: estava aqui. Estará sempre. Para sempre. Sem que eu precisasse me recordar dele fisicamente assim. Sem que eu precisasse dar cor a um passado sempre colorido.

Era por isso a dificuldade de deixar tudo para trás. Nossas lembranças não eram pretas e brancas. Eram cheias de brilho, cheias de vida, cheia de amores. Não um amor comercial de margarina. Mais um amor real, diário, cotidiano, rotineiro no melhor sentido da palavra..

O tempo transformava esse meu passado, nosso passado, em pretérito perfeito. O pretérito que nunca volta: já foi. Mas você ainda era tão presente. Mas você estava tão em mim. E era por isso que era tão difícil te dizer adeus.

Dia 173

O domingo amanheceu quente, ensolarado e abafado. Minha mãe disse que ia chover e me mandou levar uma blusa. Eu não acreditava, mas levei a blusa mesmo assim. Peguei um táxi e o trânsito tranquilo do domingo me fez chegar em quinze minutos na casa dos seus pais.

Levei um choque quando seu pai abriu a porta. Não era a mesma casa. Não tinha nada a ver com a casa que esperava encontrar. Não havia fotos suas espalhadas por todos os cantos. Só encontrei duas: uma de quando você era criança e banguela sobre a estante; uma de você no dia do nosso casamento, engomadinho, no móvel lateral.

Seu pai me deu um meio sorriso e um abraço. Ou um quase abraço, porque a barriga já não permitia. Sua irmã me deu um oi do outro canto da sala enquanto brincava com cartas de baralho. Então sua mãe apareceu na porta da cozinha e resmungou que já não era sem tempo, me fazendo perceber que as coisas não mudaram tanto assim.

Sua irmã tentava entreter seu pai com mágica, mas ela era muito ruim e seu pai gargalhava, vez ou outra, enquanto sua mãe parecia assustada com as risadas. Em um momento, quase a vi sorrir, também. Aquele meio sorriso que congelava antes de ganhar o rosto.

O almoço foi diferente. Não teve conversa, mas houve diálogos ocasionais. Era outro clima. Outra época. Aos poucos, tudo voltava ao normal. Aos poucos, todo mundo parecia sentir-se a vontade para voltar a respirar. Eu pedi para ir ao banheiro antes da sobremesa ser servida. Ao passar pelo seu quarto, não resisti a empurrar a porta e contemplar seu dormitório de solteiro, intacto, como você deixou antes de sair de casa e ganhar o mundo.

Ainda tinha seu cheiro. Ainda tinha sua presença. Ainda te podia sentir trabalhando na escrivania que agora parecia tão pequena pra você. *Já doe*
todas as roupas, sabe, mas não consigo me livrar dos móveis ou desses

entulhos, sua mãe disse, me dando um leve susto. A gente pensou em fazer um quarto pro nosso neto ou neta aqui, mas ainda preciso aprender a conviver com essa ideia. Você quer entrar?

Ela ficou na porta, estampado em seu rosto que aquilo era doloroso demais. Passei a mão pelas suas medalhas de um passado esportista, caminhando até o mural de fotos. *Está exatamente do jeito que ele deixou da última vez que dormiu aqui, até a colcha que ele usou.* A voz da sua mãe era apenas um som ao fundo. Peguei uma foto no mural que eu nunca tinha visto, que eu não tinha, de nós dois, de um dia que nem lembrava qual era. Você estava de perfil no primeiro plano, olhando para frente, interessado em qualquer coisa, um sempre sorriso torto no rosto. Eu, ao seu lado, com aquela cara de apaixonada, admirada com você e seu sorriso. Minha paixão eternizada numa foto que eu nem sabia que existia. *Ele adorava essa foto, sabe?* Sua mãe comentou. *Ele gostava tanto que quando buscou o resto das coisas que ia levar para morar com você eu perguntei se ele ia deixar sua foto preferida aqui.* Ela balançou a cabeça, perdida em sua própria lembrança. *Ele disse que ia deixar aqui para que toda vez que viesse limpar o quarto eu olhasse para ela e para o registro dos seus olhos apaixonados, cuidando e o admirando. Lembro exatamente das palavras dele. Tão audaciosas como todas as palavras dele sempre foi.*

Levei um chute na barriga e não sabia se era nosso bebê ou só a dor mais uma vez.

É, eu sei. Dói, não é? Porque dói em mim tanto. Você não faz ideia. Todo dia que eu vinha limpar ou até mesmo abrir a janela, eu olhava para essa foto e me perguntava: por que você? O que ele viu em você. Tão diferente de qualquer mulher que ele havia me apresentado. Eu sempre te achei bonita, sempre achei vocês um casal bonito também. Mas... eu conhecia meu filho. Eu não conhecia você, mas conhecia meu filho, e eu passei todos esses anos me perguntando o que havia ligado vocês dois. O que é que ele viu em você. E o que é que você viu nele também. Eu fiz o que ele pediu. Eu vinha aqui todos os dias, olhava essa foto, ficava um tempo encarando você e eu só conseguia me perguntar: por que ele a escolheu? Por quê?

Ficamos um tempo em silêncio, eu mesma olhando para foto. Então eu disse a resposta mais clichê de todas. E a mais sincera também. Era amor.

Sempre foi amor. Foi isso que fez com que a gente ficasse junto, mesmo tão diferentes. Então, sua mãe me encarou, deu o sorriso mais doce que já vi em toda minha vida e concordou. *Eu rezo todos os dias para que ele escute isso, que ele estava certo, que eu percebi. Vocês se amavam. E isso é tudo o que importa de toda essa história.*

E o que mais poderia ter feito, senão abraçá-la? E dizer que o que carregou dentro de mim também importava. A herança dele. A herança nossa. A herança de um amor que nunca poderá morrer.

E, então, choramos. E sabia, sem precisar dizer, que também nos perdoamos.

Dia 174

Contemplei os dias vazios de lembrança do nosso calendário. Não havia nada para marcar. Não havia nada para comemorar. Não havia nada para planejar. Não havia nada. Páginas de purpurina que nunca foram preenchidas

Faltava uma semana pro nosso aniversário de casamento. Exatos sete dias. Sentia uma dor no peito que me era tão íntima que ainda me estranhava por saber que me doía. Achei que em algum momento pararia de doer. Já não tinha mais esperanças. Passar por esses momentos sempre me doeria: não importasse quanto tempo passasse. Vai doer e eu vou suportar.

Fazia barulho de chuva lá fora. Os pingos respigam na janela enquanto eu ficava apenas parada em frente ao calendário. Não adiantava fingir que um dia, por milagre, descuido, poesia, happy end de história non-sense você cruzaria a porta, me sorriria, diria que me amava e voltaria a escrever nessas páginas novamente. Não vai acontecer. Não importasse o quanto eu rezasse, chorasse ou implorasse. Não havia barganha para mudar o destino. Para mudar o nosso destino. Acabou.

Dobrei o calendário com carinho. Não podia simplesmente jogar fora, porque não conseguia abrir mão de coisas que me fizeram tão bem. Assim como eu sabia que já não conseguia mais olhar para meus dias em branco sem preencher com nada. Guardei dentro da caixa de lembranças suas, de tudo aquilo que tentava me livrar e ainda não conseguia.

De tudo o que mais doía, o pior era isso: ter de me livrar dos seus restos, daquilo que provou a sua existência, daquilo que te fazia existir, daquilo que

me lembrava todos os dias que você não foi uma ilusão, um sonho bom que eu tive que me despedir. Era o tirar você do meu campo de visão, colocar você para trás da cortina do espetáculo, me livrar de tudo o que ficou em suspenso com sua partida, puxar sua própria cortina e encerrar seu ato. Era isso que me desesperava, que me fazia perder o ar simplesmente porque me faz perceber que eu perdi mesmo você – para sempre, sem nenhuma chance de te ver voltar. Porque me fazia ficar consciência de que, de tudo que mais sentia saudade, o principal era dos nossos planos.

Dia 175

Era feriado na terça e eu agradei, pois caiu uma tempestade assustadora pela cidade. Fiquei na janela vendo os ventos, os raios e os trovões cortarem o céu, protegida em meu aconchego. Enquanto os pingos grossos batiam fortemente no vidro, me recordei da nossa grande briga. A Grande Briga, como a gente costumava relatar anos depois. Eu nunca senti tanto medo de chuva e de ser abandonada como naquele dia. Poderia ter me lembrado de tantas e tantas outras memórias associadas a fortes tempestades, mas quando os pingos escorrem foi exatamente do meu desespero, da minha angústia, da sua dor estampada nos olhos, dor que você tentava disfarçar com ironia.

Ouvi dizer que no final eram os bons momentos que prevaleciam. Mas eu ainda não esqueci todas as vezes que me magoou, me ofendeu, me feriu de alguma forma. Também não me esquecia de todas as vezes que você se engatinhou e se aninhou em mim, arrependido, me pedindo desculpa. De todas as vezes que me cobriu de mimos e cuidou dos machucados que você mesmo fez.

Também não esqueci que eu mesma te magoei, te feri e te ofendi de muitas formas. E de todas as vezes que não cuidei de você como deveria ter cuidado, das desculpas que não pedi e que ficaram entaladas em minha garganta, das vezes que não me aninhei a você enquanto te cuidava. Mesmo que eu me esforçasse para não lembrar, nunca vou conseguir me esquecer de tudo isso.

A gente demorou a perceber como fazer um relacionamento dar certo. A gente demorou a perceber que só o amor não era o bastante. Que o amor

precisava de carinho, atenção, palavras doces e principalmente ouvidos. Ouvidos que estivessem dispostos a perceber os silêncios. Nem gosto de pensar como estivemos tão perto de acabar, sem nos darmos conta.

Chovia muito naquele dia, fora do meu apartamento. E foi como um raio cortando o céu que nossa discussão começou, aparentemente sem sentido algum e parecendo culminar num final trágico e sem volta. Ainda me lembrava da sua expressão zonzona, me encarando, tentando perceber o que aconteceu. Ainda me lembrava da minha própria expressão cansada, tentando entender quando tudo começou. Ainda lembrava da gente, desamparado, no meio da cama, preenchidos pela dor, pelo sufocamento, pelas coisas que não dissemos para não magoar o outro – e nos magoando tanto.

Não dava para fechar os olhos pros problemas de um relacionamento. Não dava para abaixar a cabeça, engolir em seco, fingir que estava tudo bem quando em nossa cabeça tudo estava confuso e sem sentido. Não dava para fingir que entendia quando a gente não estava entendendo, nem dava para compreender a maioria das coisas fazendo monólogos consigo mesmo. Ninguém sustentava uma atuação por muito tempo. E, principalmente, ninguém conseguia amar se ele usa uma máscara para não ser atingido.

Mas éramos dois teimosos, amando de maneiras bem diferentes. Éramos dois teimosos que não sabíamos como amar e achávamos que só havia um jeito. Quando havia vários e todos eles eram válidos, desde que esclarecidos. Você me amava de um jeito só seu e era exatamente por isso que eu te amava de um jeito só meu. Porém, por infantilidade ou ignorância, ambos queríamos que o outro amasse como amávamos. E isso nunca teria dado certo.

Era estranho pensar na nossa Grande Briga assim, a distância e sozinha. Se, naquele dia, tivéssemos decidido que amamos o tanto que poderíamos amar e levamos aquele amor o tanto que poderíamos levar, eu não passaria por essa dor. Nem de longe estaria ainda sofrendo por sua partida sem voltas. Eu também não teria a chance de ter vivido tantas histórias, dado tantas risadas, chorado tantas e tantas vezes. Eu não carregaria um filho seu. Eu sempre soube que aquele dia tinha sido decisivo para ambos, mas não tinha percebido o quanto havia sido.

Era estranho pensar sobre isso depois de tanta coisa e de todos esses dias. Eu sempre achei que nenhuma sensação de desespero, desamparo, abandono

e dor seriam mais forte do que a que tive quando constatei aquilo, olhando pro seu rosto, no meio dos relâmpagos que cortavam o meu quarto. Quando você conseguiu dizer tudo o que eu tinha causado em você, sem saber, e quando eu cuspi tudo o que engoli também. E quando a gente percebeu que engolir não estava funcionando e que estávamos colocando tudo o que tínhamos a perder por uma droga de orgulho sem sentido. Era estranho pensar que naquele momento, quando eu me joguei no seu braço e gritei em seu pescoço que eu não suportaria te perder, quando você me apertou forte e disse que nunca aguentaria também, achei que nada fosse pior do que aquela sensação, aquele sentimento, aquele medo de ter estragado tudo.

Eu estava errada.

O coração de um ser humano era capaz de suportar muito mais coisas do que a gente suspeitava.

Dia 176

Seu pai me ligou no meu horário de serviço e antes de atender sabia que era algo sério. Você e seu pai eram parecidos demais. Você só me ligava em horário de serviço se algo não pudesse esperar até o tempo de almoço ou o retorno a casa para ser resolvido. Então, quando seu pai disse *desculpa por te ligar enquanto você trabalha, mas*. Eu sabia.

Disse que estava tudo bem. Não disse que eu mesma estava protelando meu trabalho sem precisar me pendurar no telefone. Então, ele disse: *você sabe que o rapaz que atirou no meu filho era menor de idade, não é?* E então eu soube. Era claro. Não precisava que ele dissesse. *Foi solto pela manhã*. Tentei perceber alguma nota de raiva, rancor ou revolta na voz de seu pai. Mas não havia nada. *Você vai ficar bem?* Disse que sim. Desligamos.

Não entendia o que estava sentindo. Não havia revolta. Nem medo, para caso o garoto quisesse se vingar porque fui eu quem o levei a prisão. Ou rancor. Mas não havia nada. Fazia tempo que eu não me sentia tão vazia, tão oca, tão sem sentimento. Era como se eu estivesse naquele dia de novo, como se eu estivesse em frente aquela arma, como se o silêncio aterrorizante entre o tiro e o acertar seu corpo voltasse a aparecer e me preencher. Quando ainda não havia terror. Quando ainda havia chances. Quando eu não tinha me dado conta de que estava perdendo você.

Era estranho porque nunca culpei o rapaz que atirou. Eu sei que ele apertou o gatilho. Mas nunca verdadeiramente o culpei. Te culpei, primeiro. Me culpei, por último. Me culpava ainda, embora já tivesse absolvido sua culpa. Mas nunca foi ele. O problema nunca foi quem atirou. O problema foi você ter recebido o tiro.

Não sabia se era assim que tinha que ser com o menor que te tirou de mim. Mas não importava que ele fosse condenado ou solto. Tudo o que ele podia fazer contra mim, contra a gente, ele já fez. Nunca houve justiça para mim.

Acabou e era apenas isso. Tudo acabou com um tiro de um menor de idade numa noite de céu estrelado. Mas a vida dele continuava. A minha vida continuava. A única vida que não tinha o direito de continuar era a sua, pois foi apenas a sua que chegou ao fim. Era por isso que eu não conseguia sentir nada.

Dia 177

Estava na sala, tomando um café e lendo o último livro da sua pilha – provavelmente o melhor livro da sua pilha – quando minha mãe, sem falar nada, me passou um envelope. Olhei para ela sem entender o que estava acontecendo. Ela deu de ombros, deixando claro que não ia explicar.

Larguei o livro ao meu lado e me ajeitei no sofá o mais confortavelmente que se podia na minha condição. Abri o envelope e tirei de lá uma foto. Confusão nos meus olhos. Era uma foto minha, lendo na sua poltrona do escritório, com essa mesma barriga enorme. O fundo da foto mostrava uma cidade quase sempre cinza, mas com um pôr do sol muito bonito que você teria adorado. Eu estava de perfil e isso me aliviava um pouco, tirar foto de frente era um perigo para mim, especialmente quando se tinha olheiras e a cara de quem estava constantemente sentindo dor, desde que perdeu alguém. Mas de perfil, de cabelo bagunçado, deitada na sua poltrona de livros, eu estava bonita. Bonita e *grávida*.

A gente sabe que se ele estivesse aqui, você teria feito um book da gravidez. Mas achei que você se sentiria arrependida, algum dia, se não tivesse nenhuma foto que registrou esse momento.

Perguntei quando ela tirou. Ela deu de ombros. *Não faz muito tempo, na verdade.* E, então questionei, com uma nota de ironia e bom humor que não

consegui evitar, quando ela aprendeu a tirar fotos tão boas assim.

Minha mãe jogou a cabeça pro lado e riu. Eu acabei rindo também, porque minha mãe sempre foi péssima pra usar o foco de qualquer câmera. E, quando dei por mim, nós duas estávamos gargalhando no meio da sala, nos recordando de cada foto horrível que tínhamos nos álbuns porque ela era a fotógrafa. Lembrei de que quase não tinha fotos de infância, porque ela quase sempre errava o foco e registrava coisas que não deveria registrar – braço, perna, testa, até joelho. Por isso era bastante assustador e engraçado que essa foto na minha mão ficou tão boa.

Então, enquanto o ataque de riso me assolava e eu tentava me esforçar para não fazer xixi bem ali no sofá, me dei conta de que estava rindo. Não apenas rindo, mas gargalhando. A gente estava ali, na sala, gargalhando e lembrando histórias velhas. Eu estava ali gargalhando como se fosse feliz, como se não houvesse dor, como se eu ainda tivesse você. E isso foi tão assustador que eu parei de rir quase que imediatamente, com os olhos cheios de lágrimas – pasme, de tanto rir.

A minha mãe percebeu minha mudança brusca e parou de rir. E enquanto eu me abraçava, ela se sentou ao meu lado, me abraçou e disse: *ah, filha!*

E eu murmurei que queria tanto, tanto, tanto, tanto e tanto que você estivesse aqui. Minha mãe afagou minha cabeça e disse que ela sabia. Mas a vida tinha que continuar. Não fazia sentido impedir o barco de navegar.

Dia 178

Tive que ligar para casa no meio da tarde e caiu na caixa de mensagem – aquela mesma caixa de mensagem que eu ouvi nas primeiras semanas sem você. Aquela sua voz rouca me atravessou como eu não achei possível que me atravessaria. Já fazia tanto tempo que te escutei da última vez que eu nem mesmo me lembrava como era exatamente a sua voz. Odiava admitir isso. Odiava admitir que aos poucos você se esvaía de mim, sem que eu pudesse fazer qualquer coisa para impedir.

Ainda me lembrava dos seus traços, do seu cabelo quase sempre rebelde que quase sempre me irritava e do seu meio sorriso. Ainda me lembrava de como você ria, gesticulava, de como seus olhos brilhavam quando aprendia algo novo. Nunca vou me esquecer do seu olhar de bobo apaixonado, quando

eu estava passando mal no chão do banheiro, como se mesmo ali, desgrenhada e vomitando, eu fosse a mulher mais bonita do seu universo. Era ridículo. E, por isso também, inesquecível. Eu ainda me lembrava o jeito com que você me abraçava, de como me aninhava e de como mexia no meu cabelo. Seu cheiro ainda estava em minha memória, apesar de todos esses dias. Mas não tão forte como sempre esteve. E é só quando escutei sua voz na mensagem gravada que eu me dei conta de que ela estava esquecida da minha mente, depois de tanto te ouvir.

Eu mesma não me reconhecia na gravação. Não era mais aquela menina recém-casada, embora ainda fosse a mesma apaixonada. Você foi eternizado aos trinta e cinco anos. Você agora é para sempre o menino-homem por quem me apaixonei. Desde que você se foi, vinha me distanciando cada vez mais da menina frágil pela qual você se apaixonou.

E foi por isso, por isso e pela gargalhada do dia anterior, pela conversa com minha mãe, por ela me mandar deixar o barco navegar, pelo nosso bebê que já estava quase chegando, por tudo o que passei, suportei e atravessei sem você, que apaguei a mensagem. Assim, como se tivesse sido a coisa mais fácil da minha vida

Não queria tomar nota de como minhas lembranças estavam ficando cada vez mais silenciosas, descoloridas e sem cheiro toda vez que ligasse para casa e caísse na caixa postal. Não queria perceber que aos poucos estava me desintoxicando de sua presença, não queria me despedir aos pouquinhos, em pedaço, porque cada adeus era uma dor nova – uma dor insuportavelmente nova. Quando todo processo acabar, saberia. Talvez, assim, de uma vez, fosse mais fácil de aceitar – ao invés de apenas fingir suportar.

Dia 179

Nosso bebê era tão quieto que, quando se mexia, quase me assustava. Como nesse dia, em que ele não parava numa posição, me obrigando a mudar minha posição o tempo todo, também. Não conseguia avançar no seu último livro, por causa disso, porque era o último livro deixado para trás. Depois dele, não teria mais nada, nenhuma história. Era estranho saber que quando fechar a capa: acabou. Não só o romance de capa dura, como também os romances que você já quis ler. Eu sempre achei que sua pilha de livros nunca chegaria ao fim.

Eu também achei que nossa história nunca chegaria ao fim. E chegou.

Também não consegui assistir nenhuma série ou filme. Não consegui ficar parada por mais de cinco minutos, na verdade. Minha mãe me perguntou o que estava acontecendo. Uma festa no meu útero. Era para ser engraçado. Mas minha mãe não achou graça.

Fui para o quarto do nosso filho ou filha e tentei conversar, cantar, contar uma história sua, que amanhã é nosso aniversário de casamento. Ele ou ela vai se acalmando. Não sabia se tinha ligação, mas fiquei emocionada com esse momento e com essa conexão. Era o primeiro grande momento de conexão. Eu conversava desde que comecei a aceitar essa gravidez. Mas foi só na tarde insípida que me percebi ligada, conectada, como as mães de primeira viagem sempre faziam questão de dizer a todo canto. E pensar que eu cheguei a duvidar de que isso acontecia.

Dia 180

Era domingo. Nosso aniversário de casamento. Tomei café na sua caneca, tão minha caneca, enquanto perambulava pela casa. Então, cansada dos olhares que minha mãe me dava quando achava que não estava vendo, peguei minha chave, meu celular, minha bolsa, e disse que daria uma volta. *Volta aonde?* Minha barriga, segundo ela, estava grande demais, eu não devia andar sozinha por aí. Mas eu apenas fecho a porta atrás de mim.

Precisava ficar sozinha.

Era estranho precisar ficar sozinha, quando tudo o que mais queria era ficar com você. Mas, desde que eu não tinha mais você, ficar comigo mesma era a minha melhor decisão.

Caminhei até nosso parque. Algumas pessoas sorriam para minha barriga e para mim. Nosso banco estava vazio e me sentei nele. Fiquei ali, de olhos fechados, respirando calmamente, tentando entender o que eu estava sentindo ao passar mais uma data especial sem você. Se você estivesse aqui, a gente teria viajado para algum lugar, comemorado com outra lua de mel, das várias que a gente adorava dar desculpa para ter. Não sabia quando a ideia me assolou, mas ela me atravessou, e antes que eu conseguisse ser racional, já estava com o celular na mão digitando os números do seu telefone.

Chamou. Chamou. Chamou. Caiu, então, na caixa postal. Uma voz

feminina, de alguém que tinha uns vinte e poucos, soou antes que eu desistisse: *Oie, aqui é a Jé. Sinto muito não poder te atender agora, mas te ligo quando puder. Beijus!*

Desliguei ao final, sorrindo com os trejeitos claros de quem ainda não superou a adolescência. De alguém que era feliz. E devia ser por isso que, mesmo sendo loucura, liguei de novo. E deixei uma mensagem que ela provavelmente não estava pronta para receber.

Oi, Jé. Não, não se estranhe, você realmente não me conhece. A gente nunca se conheceu. Mas como a vida é irônica a gente já deve ter cruzado por aí, na fila do banco, do supermercado ou do congestionamento. Nós nunca saberemos. Eu nunca saberia que você existia, se nosso destino não tivesse se entrelaçado sem querer. Esse número que você tem hoje era do grande amor da minha vida. Hoje era nosso aniversário de casamento. Mais um aniversário de casamento que, apesar de não ter sido perfeito, era maravilhoso. Mas ele morreu. Ele morreu há exatos seis meses atrás, durante um assalto, tentando me salvar. E eu achei que fosse morrer com isso, por isso, por tudo isso, também. Mas eu não pude. É estranho não poder, sabe? É estranho continuar sem a razão dos seus dias serem felizes. Eu sei que você não tem nada a ver com isso. Só calhou que você herdou dele o número de telefone. Só calhou que eu, num ataque absurdo, precisei ligar pra esse número para me lembrar que tudo isso é real. Às vezes não parece ser real. Porque eu gasto muito tempo da minha vida pedindo para que não seja real.

Deixei as lágrimas caírem. Era a primeira vez que eu falava realmente de tudo isso. Até com minha amiga, falei pela metade. Era estranho que eu só conseguia falar com uma pessoa sem rosto, que eu não conhecia nada além de um apelido doce como Jé.

Você já conheceu o amor? Você acredita em amor? Você acha que todo mundo tem um sapato velho pro pé cansado ou você é da nova geração que diz aos quatro cantos que ninguém precisa do amor? Bom. Não importa. O amor existe. Talvez até já exista na sua vida. A gente nunca sabe que ele existe até ser agarrado por ele numa tarde despreocupada, enquanto estamos distraídos demais para nos preocupar com o nosso cabelo. Sabe, quando tudo aconteceu, quando ele morreu, quando ele me deixou, eu senti tanta

raiva. Dele, por ter me abandonado. Da vida, por ter me dado meu melhor presente. Do destino, por ter me arrancado meu melhor presente. De mim mesma, porque foi minha culpa. De tudo, sabe? Eu senti tanta raiva de ter amado. E isso é tão idiota, não é? Tenho certeza de que qualquer pessoa que esteja longe dessa dor sabe disso: é idiota a gente sentir raiva de ter amado. Não importa como terminou – com um tiro ou com uma porta batida – não há nada que torne nossa vida mais maravilhosa do que a experiência de amar e ser correspondido. Mesmo que acabe. Mesmo que nos machuque. Mesmo que. Você me entende? Não importa. Amar é o que faz nossa vida valer à pena. Amar é o que nos engrandece, nos transforma, nos faz o melhor que a gente pode ser para tentar fazer o outro ser feliz. Ninguém deveria ter medo desse sentimento só porque um dia ele vai acabar.

E vai acabar. É inevitável. Um dia, tudo chega ao fim. Mas não é o fim que importa. Não é nem mesmo o começo – quando você estava lá, distraída, descabelada, despreziosa – que importa. Nunca foi sobre o começo e o fim, sabe? Quando acaba, tudo o que fica é o meio, são as histórias, as coisas que você só aprendeu com a pessoa, as brigas, as risadas, os choros. O que fica é o que todo mundo não quer deixar. E é isso que faz toda a dor valer à pena.

E a gente nunca sabe quando vai acabar. A gente nunca pode saber. No próximo beijo, na próxima briga, no próximo eu te amo ou na próxima esquina. O meu acabou numa esquina. Podia ter acabado de outros jeitos, mas acabou numa esquina, enquanto comemorávamos nosso aniversário de namoro. Cruel. Doloroso. A gente custa a aceitar. Eu ainda não aceito. Mas passou a raiva, sabe? Eu tive mais do que as pessoas costumam ter. E eu me agarro a isso toda vez que o desespero me assola. A dor é equivalente ao amor que a gente sente. E eu amei muito. Eu amo muito. Eu ainda amo e vou amar para sempre, mesmo com esse fim.

E não quero te dar nenhuma lição de moral nem nada, eu só preciso dizer isso: a gente nunca sabe quando vai acabar. Então não regule os beijos, as brigas, as lágrimas, os sorrisos e risadas, o desejo, a transa, os gemidos, o amor. Não regule nada. Não engula nenhum eu te amo esperando uma oportunidade melhor pra dizer – você não sabe se essa oportunidade vai chegar. Não esqueça os elogios, as críticas, o abraço apertado quando tiver

vontade de dar um. Se eu pudesse dar um conselho a qualquer pessoa seria esse: não passe vontade. Porque é isso que fica quando acaba: tudo aquilo que você deveria ter dito, feito ou sentido e não disse, fez, sentiu.

Eu nunca mais vou te ligar, não se preocupe. A gente nunca vai se conhecer, não se preocupe. Eu nem mesmo sei se você vai ouvir até o fim, mas eu precisava falar. Eu precisava falar para alguém que não fosse condescendente comigo. Porque todos me mandam continuar. E, ao meu jeito, continuo. Continuo porque não tenho outra escolha – estou grávida. Mas não passa um só dia, um só minuto, que eu não pense nele, no pai do meu filho, dono do meu melhor sorriso. Não passa um dia que eu não me arrependa de não ter dito eu te amo, você é lindo, sou louca por você e não há nada no mundo que se compare com esse seu meio sorriso que você me dá. Não passa um só dia que não doa. Porque eu fui uma dessas pessoas que sempre esperei a próxima oportunidade para me declarar. E quem saiu perdendo fui eu, que perdi a oportunidade sem me dar conta de que a deixei passar.

Desculpa por isso. Desculpa por tudo. Mas se puder, ame. E ame muito. Ame até não ter medo do dia seguinte, do ponto seguinte, do próximo ato ou da próxima nota. Não importa como se acabará, o importante é que você se permite viver. E amar. É apenas isso que vai valer uma história ser contada – com todas as lágrimas que ela pode vir a te fazer derramar.

Beijos.

E foi aí que chorei. Copiosamente, num dos lugares que só me trouxe felicidade desde que te conheci. Porque finalmente percebi que o que doía não era a sua partida. O que doía era não ter te amado o tanto que eu queria, o tanto que você merecia, o tanto que eu deveria – porque eu achava que sempre haveria amanhã, você e seu meio sorriso para mim.

Dia 181

Não foi uma segunda-feira como outra qualquer. Não foi uma segunda-feira que eu já tivesse vivido de forma parecida, nem em outros dias. Foi uma segunda-feira diferente de qualquer outra que encararei pelo resto dos meus dias.

Nosso bebê resolveu nascer.

Eu não tinha conseguido dormir bem e tinha presumido que isso era culpa do dia agitado, da ligação feita para a menina que não conhecia, do nosso aniversário de casamento. Me perguntei pela noite inteira se eu tinha feito certo em ligar para dizer tudo o que disse a queima roupa, para uma completa estranha. Por isso, tive uma crise de insônia somada a uma inquietação de nosso bebê. Achei que era normal. Ele ou ela estava mesmo inquieto. Foi só pela manhãzinha que consegui fechar os olhos. Pareceu nem dois minutos e então o despertador verde-neon me acordou. Praguejei. Não havia outro dia que eu odiava mais do que as segundas-feiras.

Segundas de recomeços, como dizia você. Segundas-feiras que tinham esse nome para aludir a segundas chances. Quase pude ouvir você.

Lembrar de você ainda me doía e eu fiquei um tempo olhando pro teto. Foi só depois de dez minutos que juntei minhas forças e fui ao banheiro me arrumar para o trabalho. Estava me olhando no espelho, decidindo se ia ou não tomar banho, quando senti. Não a dor. Não houve dor. Mas como cena de filme ou de novela romântica, senti o líquido descer por minha perna. Me forcei a olhar, embora estivesse apavorada. O líquido era escuro. Não claro como imaginei que fosse. Então, chamei minha mãe.

A voz saiu baixa no primeiro momento. Falei mais alto. Na terceira vez, estava quase gritando. Ela apareceu correndo, mas a pergunta do que havia acontecido morreu assim que ela viu o líquido no chão. Ela olhou primeiro pra ele, depois pra mim, depois pra minha barriga e pro líquido. Então, com toda calma do mundo, disse: *precisamos ir pro hospital. Parece que alguém decidiu que quer nascer.*

Eu sabia que não levaria a gravidez até o final, por causa da queda. Mas ouvir aquelas palavras da minha mãe me fez entrar em pânico. Um estupor tomou conta de mim e eu simplesmente não consegui me mexer. *Está tudo bem. Venha comigo.* Ela disse, calma como eu raramente a via. Me abraçou pela cintura e me tirou do banheiro. *Você pode ligar para sua médica enquanto eu chamo um táxi? Ganharemos tempo assim.*

Respirei fundo algumas vezes e digo que consigo sim. Ela atende no primeiro toque. *Bolsa estourada. Líquido escuro. Não. Ainda não sinto dores.* Ela não parecia preocupada, mas disse para eu trocar de roupa e ir o mais rápido possível pro hospital.

Depois disso, lembrava das coisas como um borrão. Lembrava da minha mãe jogando algumas coisas na sua mala azul pequena – provavelmente a única que ela achou pela casa – e depois o interfone tocando. A gente descendo pelo elevador. O táxi indo o mais rápido possível para aquele horário infernal da manhã. Minha mãe tentando me acalmar. Eu tentando me acalmar. Nada me acalmando.

Então, estava no hospital e a médica me examinava. Ela parecia tranquila, mas eu nunca sabia quando médicos estavam tranquilos porque não era nada grave ou apenas não queriam nos assustar. Aos poucos, vou sentindo dores que deram o nome de contrações. E percebo que era isso que vinha sentindo há, pelo menos, dois dias. *Mães de primeira viagem*, a médica me sorri. Eu não consigo sorrir de volta.

As dores aumentaram e as horas passaram, assim, quase que juntas. Quando eu achei que não podia suportar mais e tive que morder um travesseiro para não gritar, tudo aconteceu. Eu não me lembrava dos detalhes. Só da força que tive de fazer. Da minha mãe segurando minha mão. Do meu cabelo caindo pela testa. Da luz do quarto do hospital bem acima de mim. Parecia que não ia acabar nunca. O suor escorria e eu estava à beira de desistir, já sem forças, quando tudo aconteceu.

O choro preencheu cada canto do quarto e da minha alma. Aquele choro de criança que vem ao mundo como quem presume que não era exatamente uma boa decisão. Todo o resto perdeu o sentido. Eu só conseguia escutar aquele choro. E depois só consegui ver a médica levantando o bebê, sorrindo. E então aquela criaturinha, tão pequena, tão indefesa, tão minha, tão parte de mim, ocupou tudo a minha volta, ocupou tudo aqui, em mim. O meu mundo, então, se resumiu a isso. O meu mundo *era* isso.

Minha mãe estava em lágrimas e então eu estava em lágrimas. E quase sem força perguntei se estava tudo bem. *É um menino*. Disse a médica e então eu comecei a rir, a chorar, a rir e chorar e todo meu corpo doeu, mas eu simplesmente não conseguia parar. A felicidade me invadiu de um jeito que só a dor havia feito nos últimos seis meses..

A médica colocou aquele menininho no meu colo, ainda ensanguentado, ainda chorando. E, eu, ainda sem força, tirei o cabelo da sua pequena testinha. Eu não conseguia imaginar como eu carreguei essa benção por tanto

tempo nem como essa benção saiu de mim. Eu cruzei meu olhar com o do nosso filho. E, então, tudo ficou em silêncio. Ele parou de chorar e, por um instante, eu não senti dor alguma.

Porque, assim, olhando pro fruto do nosso amor, enquanto ele segurava meu dedo com sua mãozinha tão pequena, ainda me olhando com o olhar mais curioso do mundo, finalmente compreendi.

Tudo o que eu vivi fazia sentido.

E eu, em toda minha vida, nunca fui tão grata por ter sobrevivido, por *estar* viva e por ter tido a oportunidade de uma segunda chance, um novo recomeço. Bem numa segunda-feira.

Dia 182

Eu odiava hospitais. Mas, quando me dei conta do por que estava aqui, sorri. *Bom-dia*, disse minha mãe ao meu lado. *Você está bem?*

Assenti, ainda zozna, tentando recapitular tudo o que aconteceu e tudo o que mudou em mim. Não era só a minha barriga flácida. Tudo mudou. Até o modo como eu via a vida parecia ter mudado.

Daqui a pouco você se acostuma, minha mãe falou, como se estivesse lendo meus pensamentos. *Já liguei pros seus sogros e pro seu trabalho. Também liguei para aquele amigo de vocês. Fiz o certo?* Assenti, novamente. Perguntei pelo meu filho.

Me dava um prazer surreal dizer isso: meu filho. Carne da minha carne. Sangue do meu sangue. Filho do nosso amor. Meu coração explodia de orgulho e nosso filho não precisou fazer nada. Nada além de chorar. Nada além de cruzar seu olhar comigo uma única vez. Antes que minha mãe me respondesse, a enfermeira entrou, trazendo um prato de sopa. Onde está meu filho? *Já vou buscar, mamãe ansiosa. Mas primeiro você precisa se alimentar. Foram longas dez horas de parto e você precisa se recuperar.*

Então, meia hora depois, a enfermeira apareceu com aquele pacotinho embrulhado numa manta escolhida por seus pais. Ele era tão pequeno que tudo em mim doía, a noção exata de que era responsabilidade minha agora. Eu, que nunca consegui cuidar de um pequeno peixe de estimação, tinha que

cuidar de um bebê que não pesava nem três quilos e cabia na palma de minha mão. A enfermeira o colocou no meu colo e eu olhei para aquele rostinho tão pequeno, com bochechas tão grandes, e mais uma vez fui invadida por um amor que nunca conheci antes. Um amor que nem mesmo consegui sentir por você.

Você vai dar o nome dele, não é? Presumiu minha mãe. Meus olhos se encheram de lágrima por um momento. De amor. De emoção. De tristeza porque queria muito que você compartilhasse esse momento comigo. Mas, principalmente, de felicidade. Era felicidade em cada pedaço de mim. Era ainda mais felicidade quando nosso filho procurou meu peito para se alimentar e segurou o meu dedo indicador com sua mão tão pequena – e mesmo tão pequena já tão decidida.

Eu achei que nunca amaria ninguém depois de ter amado você.

E eu estava errada. Não tinha nem vinte e quatro horas e eu já amava de um jeito que eu nem sabia que era possível. Daquele jeito único e incondicional que as mães sempre dizem quando questionadas, que só se descobre quando for mãe também, quase clichê.

E, agora, eu sabia.

E só consigo ser grata por saber.

Dia 183

Foi só no terceiro dia que seus pais aparecem, porque queriam me dar um tempo. *É muita mudança de uma vez só.* Conteí que era menino. E que teria seu nome.

Sua mãe chorou.

Seu pai me agradeceu.

Sua vida, de alguma forma, havia renascido. Eu havia renascido. Tudo havia renascido. Havia novos motivos, razões, objetivos e determinação para continuar.

E, apesar da dor, nós quatro percebemos que agora tudo ficaria bem.

Como a gente achou que nunca mais fosse ficar.

Dia 184

Apesar de nosso filho ter nascido com apenas trinta e duas semanas e poucos dias, ele pesava dois e setecentos e era grande pros oito meses de gestação. Por tudo isso, depois de todos os exames feitos, nós fomos liberados a voltar para casa. Era bom voltar para casa. Também era estranho.

Abrir a porta do apartamento me fez ter aquela sensação de pouco mais de seis meses atrás, quando voltei sozinha do hospital. Aquela sensação amarga de que tudo estava como deveria estar – tudo no lugar que havia sido deixado. Voltar sozinha foi um erro naquele dia.

Hoje não estava sozinha e constatar a quietude do apartamento já não me cortava inteira, como já cortou. Os últimos segundos de quietude. Agora, tudo seria preenchido pelos choros e pela alma de um recém-nascido. A casa voltaria a ter alma. Eu voltaria a ter vida. Tudo voltava ao normal.

Deixei nosso filho no berço com minha mãe, pois precisava de um banho de verdade em nosso banheiro. Precisava ficar um pouco sozinha. Um pouco com você também. Mas, pela primeira vez em todos esses dias, não me perguntava se estou pronta. Sei que *preciso* estar.

Pensei em você. Na falta que sentia, que parecia ainda mais assustadora agora que tinha que cuidar sozinha do fruto do nosso amor. Havia minha mãe e seus pais. Não estava realmente sozinha. Mas estava sem você. E era isso que mudava tudo. Era o que ainda me dava um peso no coração, mesmo com a felicidade de uma segunda chance.

Me doía que você não teve a oportunidade de viver uma segunda chance.

Queria falar com você, uma última vez. Não só tocar seu rosto, seu corpo ou te beijar. Não só ver seu sorriso torto e sacana. Mas queria te ouvir. Sei que você me daria bons conselhos nessa hora e acalmaria meu desespero por ter um bebê prematuro para cuidar. Eu sentia medo.

De não dar conta. De falhar. De você ser uma falta que nunca poderá ser preenchida. De que isso mude completamente tudo em relação a ele. De não conseguir. E tudo o que queria, hoje, era seu abraço e seu sorriso só para me dizer que vai ficar tudo bem, tudo vai dar certo, que eu não tinha que me preocupar.

Sentia medo por nosso filho. Porque viver doía. Viver doía desde o nosso nascimento. E não podíamos fugir, nos recusar ou impedir que essa dor nos

alcançasse. Ele não estava mais protegido pela minha barriga. Ele era um serzinho num mundo enorme, competitivo e cruel. Ele podia tudo e tudo, absolutamente tudo, podia acontecer com ele. Isso me apavorava. A existência de nosso filho, a prova do nosso amor, me provava também a noção de que não importasse quantas pessoas tinham ao nosso redor: estávamos sempre só no mundo.

Estaremos para sempre sem você.

Dia 185

Eu tomei coragem para ler seu último e-mail, ainda não lido por mim, durante a madrugada que não conseguia dormir. Aquele e-mail que ficou perdido na minha caixa de entrada. Não sabia se estava pronta. Mas sabia que precisava. Cada poro meu, apavorado por poder não conseguir cuidar como devo do meu filho, minha maior responsabilidade, precisava de qualquer coisa para se agarrar. Qualquer coisa sua que me dissesse que vai ficar tudo bem.

Vai ficar tudo bem, não é?

Seu nome apareceu em negrito logo na parte de cima, com a data do dia do nosso aniversário, o dia que você levou o tiro, a primeira segunda-feira que mudou toda a minha vida, embaixo de um monte de spam. Respirei fundo. Uma. Duas. Três vezes. Então, abri. Era bem pequeno, mas me deu aquele velho conhecido soco no estômago, antes mesmo de começar a ler.

Oi, Bruxinha

Feliz aniversário para nós. Espero que seja uma noite linda e que a gente consiga se apaixonar ainda mais um pelo outro (ainda é possível?). Só sei que te amo cada vez mais. Não se preocupe com as coisas do seu trabalho, ok? Tenho certeza de que no final tudo vai ficar bem.

Tudo fica sempre bem, não é?

Amo você.

E, nunca se esqueça, estaremos sempre juntos, por toda eternidade.

Sabia que você falava de algum problema que tive no trabalho, do qual não conseguia me lembrar. Mas me atentei ao tudo vai ficar bem. E li e reli mil vezes.

Tudo fica sempre bem.

Tudo tem que ficar.

Dia 186

Seu amigo ligou e perguntou se podia passar por aqui. Eu disse que sim, claro que sim, essa casa também era dele, podia vir sempre que quisesse. Então, fiquei o sábado vendo televisão, amamentando nosso filho e esperando. Porque eu não podia fazer muita coisa ainda mesmo, tão rápido depois de um parto.

Ele apareceu por volta das quatro, com o cabelo cortado e a barba por fazer. Ainda parecia carregar um mundo nas costas, mas, desde a última vez que o vi, estava muito melhor. Sorri para ele. Ele pareceu se assustar, mas, seja por reflexo ou não, me deu um pequeno sorriso de volta.

Ele me abraçou e me deu parabéns por ser mamãe. Foi a primeira pessoa que fala “parabéns, mamãe” e eu não consegui não sorrir. Depois, abraçou a minha mãe. E olhou pra sala como olhou daquela primeira vez que estive aqui; daquele jeito de quem procura uma coisa que estava diferente, quando a gente não sabe bem o que mudou.

Estava tudo diferente mesmo, queria dizer. Mas não disse. Ao invés disso, convidei para conhecer meu filho. E dizer *meu filho* me enchia de um orgulho que não dava para expor em palavras.

Tão pequeno, seu amigo disse e se aproxima do berço, com olhar de contemplação. *Sabe, nós dois havíamos prometido que, quando o primeiro filho nascesse, daríamos a bandeira do nosso time de presente.* E aí ele me passou um pacote que, até então, nem havia reparado. *Alguém precisa ensinar esse menino a ter bom gosto.*

Nossos olhos marejam quando a gente se encarou, porque isso ainda era duro para nós. Era duro ter que cobrir sua falta assim: aos pedaços. E, para disfarçar, peguei nosso filho no colo. Ele segura meu dedo com força, como sempre faz. Mas está olhando com curiosidade para o seu amigo. E, então, com a facilidade de um ser inocente que nunca sofreu perda ou dor nenhuma, abriu um sorriso.

Seu amigo pareceu desmoronar.

Eu estendi nosso filho a ele, para que ele segurasse, ajeitando os braços desajeitados que a maioria dos homens tinha nessa hora. Ele olhou pro nosso filho e nosso filho olhou para ele. Então, como não havia acontecido com mais ninguém, nosso pequeno pontinho de luz segurou o dedo indicador de seu amigo, como sempre segurava o meu.

Disse que parecia que nosso filho gostava dele – e como poderia não gostar? E o chamei para ser o padrinho. Era isso que você queria. Era isso que eu queria, também. Ele agradece. Nossos olhares se cruzaram. E percebi que ele não estava só me agradecendo por tê-lo chamado para padrinho. Ele estava me agradecendo pela segunda chance. Por tudo.

Só me restou sorrir, enquanto olhava para nosso bebê.

Dia 187

No domingo, eu amanheci com cólicas. A médica havia me alertado que eu teria dores por algum tempo, mas que era apenas o útero voltando ao seu tamanho, meu corpo se readaptando. Normal. Dolorido, mas normal. Então, preferi ficar mais quieta, sem andar tanto pela casa.

Minha amiga passou por aqui logo após o almoço com um ursinho de pelúcia na mão. Ela perguntou se estava tudo bem. Disse que sim, que ainda estava dolorida, mas que dava para suportar. Dava para suportar muitas coisas depois desses seis meses, na verdade. Eu a levei para conhecer nosso filho e ela se encantou na hora.

Não tinha como não se encantar com nosso bebê.

Ele era pequeno e tinha bochechas enormes. Os cabelos estavam sempre rebeldes e caindo pela testa. Uma ironia da vida, porque você odiava cabelos bagunçados. Seus olhos são mais ou menos da cor dos meus, embora eu soubesse que olhos de crianças costumavam mudar com o tempo. E ele tinha um sorriso lindo por entre duas covinhas tão suas. Ainda não dava para saber se era um sorriso torto, mas era aquele sorriso inocente de quem não sabia o quanto a vida podia ser ruim. E se a gente ficasse olhando por muito tempo *praquele* rostinho a gente até acreditava que a vida sempre era boa.

Tão pequeno, minha amiga disse, pegando no colo, tão indefeso. Deve ser assustador saber que é você quem tem que cuidar de um pacotinho assim, para que consiga sobreviver, não? Mas você vai dar conta. Não imagino

ninguém que possa ser mãe melhor do que você.

Provavelmente falharei incontáveis vezes. Chorarei de desespero, de medo e de fracasso na nossa cama que agora não tem seu cheiro. Rogarei ajuda para você que não poderá me ajudar. Mas eu também sabia que serei a melhor mãe que puder ser. Do mesmo jeito que você me ajudará do jeito que puder me ajudar.

Convidei para ser a madrinha. Minha amiga me olha, claramente confusa. *Eu achei que você não ligasse pra religião e todas essas coisas.* Não ligava, mas minha mãe, meus sogros, esperavam por isso. E você gostaria, mesmo não sendo tão religioso como seus pais.

Obrigada, ela disse, colocando nosso filho de volta ao berço, *só fico me perguntando quando você vai começar a fazer as coisas sem pensar no que ele gostaria que você fizesse.*

Eu também não tinha a resposta.

Dia 188

Nosso menino era um garotinho quieto, na maior parte do dia. Também não me incomodava a noite. Ele só acordava ao primeiro raio de sol para mamar. E, então, voltava a dormir. Minha mãe disse que ele devia ter te puxado, porque eu fui uma verdadeira pestezinha quando bebê. Chorava o tempo todo e acordava várias vezes. Você também foi bastante agitado. No fim das contas, era uma questão de sorte. Não tinha nada a ver com genética.

Com uma semana de vida, ele estava sempre curioso olhando para todo mundo que entra no seu quarto e querendo conhecer tudo ao redor. Era decidido. Dava para saber disso já agora, toda vez que ele segurava no dedo indicador com a força que um bebê de dois quilos e setecentos podia ter. Era decidido como você.

Passava a maior parte do dia contemplando-o em seu berço, enquanto ele dorme. Olhava para esse rostinho tão pequeno, esse embrulho tão delicado, e deixava que o amor me invadisse mil e uma vezes, me perguntando como a vida era cruel, irônica, linda. Como era estranho pensar nos primeiros dias da descoberta da gravidez com os olhos de agora. Como era esquisito saber que,

ao receber a notícia, eu pensei em acabar com tudo.

Nunca vou perdoar a vida pela ironia. Por ter tirado você de mim antes de você sequer saber que ia ser pai. Mas a vida não pedia perdão e passagem e não estava preocupada com nos jogar ao chão. Ela queria que a gente continuasse – independente dos atropelamentos provocados. Era estranho como em algum momento eu tivesse detestado carregar nosso filho – e era horrível colocar isso para fora. Mas era verdade.

Alheio a tudo, ele resistiu dentro de mim quando eu mesma não sabia se resistiria fora de mim. E me parecia tão mesquinhas todas as minhas tentativas de ignorar a gravidez. Toda a minha falta de vontade para arrumar meu mundo para a chegada de alguém que não tinha culpa de nada. E eu me sentia tão horrível por tudo isso, olhando para ele tão indefeso, precisando de mim.

Eu o amava com todas as minhas células. Pela sua inocência e por ser tão indefeso. Por ser seu filho. Mas, principalmente, porque ele é parte de mim. Ele é a melhor parte de mim. Foi para você que fui o melhor que podia ser e era desse melhor que nosso filho foi feito. Ele é feito de metade amor. E a outra metade, também.

E pedia, quase implorava, que um dia ele me perdoasse por ter resistido tanto a amá-lo e aceitá-lo. Porque, daqui pra frente, toda a minha vida se resumiria a esse pacotinho que precisava proteger.

Era para ele, por todos os dias da minha vida, que eu seria o melhor que pudesse ser.

Dia 189

Seus pais estiveram aqui hoje. Eu esperava que eles viessem com mais frequência, mas eles tentavam não me sufocar com tanto desespero de ter alguma razão para continuar. Se fosse naquela época que sua mãe e eu nos odiávamos eu até gostaria dessa atitude; hoje não fazia sentido.

Contei que convidei seu amigo e minha amiga para serem os padrinhos. Sua mãe deixou escapar um *graças a Deus, achei que você não fosse batizá-lo*, com nosso filho no colo. Seu pai perguntou se queria mesmo isso. *Está tudo bem, ele ficaria feliz com essa decisão.*

Sua mãe quer saber como estava me virando. Comparilhei as pequenas novidades, que não eram muitas, porque nosso bebê era novinho demais para fazer muitas coisas. Ainda assim, tudo o que ele fazia era uma enxurrada de amor que me invadia sem explicação.

Ser mãe é – disse sua mãe – uma benção inexplicável.

Seu pai deu uma desculpa e saiu do quarto, me deixando sozinha com ela. *Preciso te dizer – ela disse, depois de me olhar – que não te culpo mais. Já te culpei sim e a gente sabe. Mas não te culpo mais. Aconteceu o que tinha que acontecer. Se você tivesse ido no lugar dele, hoje não teríamos esse menino lindo. E sei que, onde quer que ele esteja, prefere que tenha sido assim.*

Eu esperava pelo dia que pararia de me culpar, também.

Seu pai voltou e perguntou se está tudo bem. Dissemos quase juntas que sim. E ele sorri. *Finalmente. Não acredito que meu filho não está aqui para ver que as duas mulheres da vida dele se acertaram e se aceitaram.*

Ainda doía. Sua mãe disse, firme, forte, como sempre foi: *ele está.*

E, merda – levo mais de seis meses pra conseguir fazer uma exclamação de verdade – como eu queria ter a certeza que ela tinha de dizer isso, sem titubear!

Dia 190

Sua irmã foi a última a vir. E quase te escutei ao fundo soltar uma daquelas suas risadas. Ela era sempre a última a chegar.

Assim que colocou os olhos nele, deitado no berço com os bracinhos para cima, ela se encantou, esticando os braços para pegá-lo antes que eu convidasse. *Meu Deus! E pensar que quando meu pai disse que eu precisava vir ver essa criaturinha linda eu brinquei que recém-nascido nenhum pode ser lindo.*

Ela ficou um tempo com nosso filho no colo, balançando para um lado e para o outro. Era estranho observá-la assim. Era estranho tê-la por perto. Mas bebês faziam isso com as pessoas: desmontavam as maiores barreiras. Só de pensar em tudo que nosso filho desmanchou em mim, só de ter nascido. Só de pensar que fui eu que renasci com o nascimento dele.

Ele dormiu nos braços dela, uns quinze minutos depois, o que a deixou em

pânico. *O que eu faço agora? Se eu colocar no berço, ele vai acordar? Neguei, e apesar dele se inquietar por um instante, não acorda quando o coloco na cama. Ah! Quase me esqueço. Achei que ele precisaria disso aqui e que, com essa mudança radical na sua vida, você ainda não tivesse tido tempo de ir comprar.*

Era uma bandeira do seu time. Eu encarei perplexa. Ela sorri. E eu pergunto como ela poderia saber.

Não sei, eu só soube. Tem coisas que a gente simplesmente sabe. Simplesmente sente. Dizem que mães têm uma intuição mais forte, então estou torcendo para que você melhore um pouco.

Sua irmã sempre foi meio maluca. E você estava certo. Ela era o tipo de pessoa que nunca vai mudar.

Dia 191

Sentada na poltrona confortável que seu pai havia me dado há tanto tempo atrás, nosso filho no meu peito enquanto segurava meu dedo indicador com sua mão esquerda, precisei respirar quinze vezes para não chorar. Ele era pequeno demais para entender, mas não queria chorar na frente dele. Então, prendi a respiração, enquanto as notas da nossa música, tão nossa, saía do rádio que minha mãe havia deixado ligado e ganha todo o espaço do quarto.

Desde que você morreu, nunca mais escutei música, em qualquer plataforma. Meu único contato com as canções foi naquele show da nossa banda preferida. E eu havia decidido que era contato o suficiente. Mesmo quando pegava táxi, eu pedia para desligar. Eu tinha medo. Eu tinha muito medo de que acontecesse isso. De que eu fosse atravessada pelos acordes da música que embalou nosso relacionamento, da música que dançamos no nosso casamento, da música que significava o nosso amor. Me achava ridícula porque nossa música não era nem de longe bem conhecida e, portanto, as chances de ser tocada numa estação eram bem pequenas. Mas havia chance. E eu não estava pronta para arriscar.

Foi a música que tocou enquanto conversávamos naquele dia no bar, tantos anos atrás, quando você era só mais um engravatado metido a importante numa praia que não pedia a importância de ninguém. Foi

exatamente no refrão que você me sorriu torto de um jeito que eu nunca mais conseguiria esquecer. Foi na melodia que me dei conta do quanto você era bonito – mesmo sendo o oposto de tudo aquilo que sempre sonhei como homem. Foi também com ela que você arrancou meu primeiro sorriso. E você tinha até decorado a frase da música em que isso aconteceu – porque você disse que foi nesse sorriso que percebeu que me queria para você.

Não dava para impedir que as lembranças me invadissem enquanto a melodia saía do rádio. Não dava para não fechar os olhos e voltar todos esses anos, em nossos melhores momentos. Você na praia entrando no mar de roupa. A gente jogado na areia olhando o céu estrelado. Você me dizendo que nunca havia feito nada daquilo, mesmo em seus anos mais rebeldes. Você dizendo que eu lhe fazia bem. E eu retrucando que não fazia nem duas horas que nos conhecíamos, então era melhor parar com a besteira. Você rindo. *Minha nossa, mais impactante que seu olhar só mesmo a sua personalidade.*

E seu amor me atravessou. E de repente toda a dor que achava que tinha superado me atravessou. Mas com uma dose surreal de saudade. Minha nossa. A saudade que eu sentia de você e da gente nunca teria fim.

Fecho o olho por um momento para impedir as lágrimas de descerem. Nosso filho segurou mais forte meu dedo indicador e eu abri o olho. Ele me olhava profundamente. Eu o encarei, também. Forcei um sorriso. Disse que estava tudo bem. Para mim mesma. A música acabou e aos poucos a turbulência de pensamentos e sentimentos em mim voltava ao normal.

Dei um beijo na testa de nosso filho.

Foi menos pior do que eu achei que seria.

Quem sabe um dia eu conseguiria reagir normalmente quando ouvir nossa música de novo. Quem sabe um dia as coisas não voltassem para seu antigo lugar.

Dia 192

Era sexta-feira, amor, e acabei de terminar seu último livro. Senti uma sensação estranha. Uma sensação de vazio. Uma sensação de que tudo, enfim, se acabou. Não há mais nada esquecido em suspenso. Finalmente sua pilha de livros chegou ao fim e não foi por você. Puxei sua cortina.

Ainda estava no palco.

Não havia palmas nem para mim que terminei sua peça. Não havia ninguém para me assistir. Ninguém que tivesse esperado até o fim. O que sobrou foi um gosto estranho na boca. A sensação amarga de que você ainda tinha muita história para conhecer, ouvir, contar, ler. Viver.

Não havia nada depois do ponto final.

Não havia ponto final.

Havia essa eterna reticência que acompanhará para sempre sua vida interrompida. Essa reticência que ainda me tirava o prumo, quando me dava conta de tudo o que você tinha pela frente e que foi arrancado de você.

Seus livros acabaram. Sua pilha foi zerada. Tudo o que ficou para trás, todas as suas coisinhas, liquidadas. Ainda assim, sobrou seu filho e eu para continuarmos sua história. Porque o seu romance chegou ao fim – assim, meio torto, meio amargo, sem sentido e coerência – mas sua história ainda precisava ser vivida, contada e passada pela frente. Você não morreu.

Você pode ter sido enterrado. Mas nunca morrerá dentro de mim.-

Dia 193

Fez um dia lindo lá fora. Desses dias que não dava para perder ficando presa em casa. Então, coloquei nosso filho no carrinho e resolvi dar uma volta com ele. Nosso vizinho nos encontrou no elevador. Sorri, mas apenas balanço a cabeça. Era incrível. Ele não fazia ideia do quão irritante é. Ele se abaixou para olhar nosso filho e, cuidadosamente, tirou o cabelo da sua testinha. Ele não gostaria tanto do nosso filho se ele não fosse tão quieto. Pela primeira vez, pensei que seria ótimo se ele chorasse muito.

Esse é um segredo só meu e seu.

Quando o elevador se abriu, decidi ir para o sentido oposto ao dele. O que me levou a caminhar pela calçada em direção ao nosso parque. Ali, onde nosso sonho de envelhecer juntos foi eternizado por entre as árvores e bancos charmosos.

As pessoas que passavam sorriam para mim e para nosso filho. Era engraçado ser notada numa cidade de pedra, na correria, quando todos diziam que ninguém mais ligava para o que está à volta. Talvez fossem os bebês.

Essa inocência deles. O jeito com que eles pediam para serem cuidados, para só assim conseguirem sobreviver. Eu me sentei no banco que tinha sombra, com nosso filho no colo. Conversava com ele sobre as histórias que as árvores, grama, flores, bancos, pássaros, cachorros, guardam sobre nós – você e eu. Todas as nossas risadas. Todo o nosso tempo jogado nessa grama durante domingos ensolarados, como se o tempo não existisse e não estivesse contra nós.

Nosso filho adormeceu segurando meu dedo indicador, depois de um sorriso lindo no rosto. Eu fiquei no parque mais algum tempo, olhando tudo ao redor, vendo você em todos os cantos sorrindo e sendo feliz. Eternizado nos seus trinta e cinco anos.

Esse era o lugar que sempre me recordará você. Que sempre me recordará meus melhores anos. Minha maior felicidade. Meu melhor amor. Não importa quanto tempo passasse. Aqui, nesse parque, o tempo nunca interrompeu nossa história. Aqui, nesse parque, ainda estamos juntos e felizes e apaixonados e vivos e.

Dia 194

Sua mãe me chamou para ir na igreja com ela. Não queria. Mas ela me convenceu de que preciso fazer isso, de que preciso marcar o batizado. Suspirei. Era difícil não ser alguém religiosa. Queria realmente acreditar em alguma coisa com A maiúsculo, que fizesse tudo fazer sentido. Mas nada fazia sentido. Nada nunca fez sentido para mim e sua morte prematura só comprovou isso. Não era por revolta que não tinha religião. Era simplesmente porque crença nenhuma poderia consolar minha saudade..

Não importava o que diziam, nada vai me explicar porque você teve de partir antes de saber que seria pai. Antes que eu lhe dissesse tudo o que queria ter dito. No dia do nosso aniversário de namoro. Numa segunda-feira, debaixo de um céu de estrelas. Nada podia tirar essa sensação de reticência, de suspenso, de interrupção do meu peito. Deus nenhum. Religião nenhuma. Fé alguma. O que aconteceu, para mim, não tinha consolação.

Mas já conseguia não sentir repulsa por ir a uma igreja. E, por isso, quando sua mãe passou aqui, meu filho e eu estamos prontos. E vamos à missa.

Era estranho ir à missa.

Me encolhi, lembrando da última vez que estive, agradecendo por ter meu filho nos braços para me proteger da dor que quase me atravessava. Quase. No último segundo, ela recuou e eu voltei a respirar. Ela vinha fazendo muito isso: recuando, me deixando apenas o medo de quando voltaria a ficar intensa, esperando por um ataque que nunca chegava.

Mesmo sem religião e quase sem fé, em algum momento da missa eu me peguei pedindo, rezando, para que você estivesse bem. Em paz. Sem se preocupar com a vida que estava levando. Que estivesse feliz. E isso quase soava engraçado, porque eu sempre disse que nunca desejaria sua felicidade se você não estivesse comigo. Mas eu estava errada. Queria você feliz.

E sabia que você me queria feliz também. Queria encontrar o mísero de felicidade que você me proporcionou. Queria ficar bem. Queria ser inteira, mesmo sem o meu melhor pedaço, mesmo sem você. Era isso que você gostaria de ver. E eu sabia. Era a única coisa que ainda poderia fazer por você, por nós, já que você não estava mais aqui para cuidar do nosso filho e de mim.

Dia 195

Quando acordei a noite para ir ao banheiro, me dei conta de que dormi com a luz apagada. Não foi minha mãe quem apagou. Fui eu mesma que não tive o trabalho de ligar, depois de um dia exaustivo com nosso filho. Ele estava choroso e com manha e eu demorei a perceber que tudo isso era dor – cólica, segundo minha mãe, mais experiente do que eu. Agradei por tê-la por perto – eu estaria muito mais desesperada sem ninguém. Então, quando ele finalmente parou de chorar e conseguiu dormir, eu estava exausta demais para fazer qualquer outra coisa que não fosse me jogar na cama.

Enquanto caía, eu ainda me lembrei como eu fazia isso com frequência quando você ainda estava aqui. Como eu adorava cair na cama, só para que você me abraçasse com carinho e me acolhesse em seu colo protetor. A cama agora já não era tão quente quanto era com você no lado direito. Eu abracei seu travesseiro que já não tinha mais nenhum cheiro seu.

E dormi.

Não foi o escuro que me apavorou. Foi o fato de que eu não tinha mais

medo dele. O fato de que agora eu conseguia encará-lo sem temer que algo de muito ruim me acontecesse.

Passei a minha vida toda congelada por esse medo. Com a certeza de que isso nunca me abandonaria. Mas havia coisas muito piores no mundo do que ficar sem luz, e em algum momento desses dias o pavor de algo tão bobo me deixou.

Era como se eu tivesse cruzado um longo caminho. Aquele caminho que eu não queria ter cruzado nos primeiros dias. O caminho que se abriu à minha frente quando perdi você. E que cruzei, ainda que resistente, empurrada pelo dever de que tinha que continuar. E ao atravessar, ao não ter escolha a não ser encarar a escuridão, eu perdi o medo.

Era absurdo.

Consegui sobreviver a sua perda, que era o que eu achava que nunca conseguiria superar. Portanto, medo bobo nenhum mais podia realmente me assustar.

Dia 196

Raramente confiro as mensagens postais, mas naquele dia resolvi ligar o celular para ver se havia perdido algo. Só tem uma mensagem. Era a Jé. A menina que eu não conhecia, mas que herdou seu número depois que sua conta foi cancelada.

Oi. Eu tive que ouvir sua mensagem diversa e diversas vezes para digerir. Eu sinto muito. Eu não te entendo totalmente, porque nunca amei como você amou. Mas sinto muito. Deve ser horrível ter passado por tudo sem poder desistir, querendo ter desistido. Pensei se te ligaria de volta mil vezes. Chorei duas mil vezes enquanto me decidia. Mas precisava ligar. Precisava ligar para te agradecer pelas palavras e pela coragem e por acreditar no amor. Cacete! É tão difícil achar pessoas que ainda acreditam no amor, não é? Obrigada. Espero que um dia eu ame como você amou. Toda sorte do mundo para você e esse bebê; toda a coragem do mundo para que você continue. Que você consiga se apaixonar outra vez ainda – se não por outra pessoa, pela vida que não espera por nós para nos mandar ir viver. Beijus.

Quero chora. Mas não chorei. Ao invés disso, acolhi nosso filho no colo, ele segurou meu dedo indicador como sempre, e nós ficamos nos olhando por

um tempo, até ele dormir. Quando o sol se punha, eu me dei conta. Eu me dei conta tão claramente que era como se rompesse algo dentro de mim. Não me culpava mais. Não pela sua morte, por você ter pulado na minha frente, por estar viva e estar vivendo. Não me culpava por ter que continuar. Não me culpava pelos sorrisos que eu dou. Pelas coisas novas que vou conhecer. Pelos planos que não planejamos que vou realizar. Não me culpava porque percebi: não tinha escolhas. A vida não me deu tempo para me fazer viver.

Então, vivia. Me absolvi. Não havia aqui mais culpas ou culpados. Como disse sua mãe, tudo aconteceu como deveria ter acontecido. Mais cedo do que deveria ter acontecido, talvez, mas não de um jeito errado. Não havia um jeito errado e não foi por culpa nossa esse fim. E era por isso que não fazia sentido algum te-me-nos culpar.

Dia 197

Você me apareceu no meio da noite, com o cabelo cortado como eu gostava e uma barba por fazer que sempre te deixara muito sexy. Era sonho. Todos os meus poros sabiam. Ainda assim, não consegui resistir e corri até você. Te abracei forte. Afundei minha cabeça em seu pescoço – o meu lar, o lugar mais confortável do mundo – e confessei que estava morrendo de medo.

E se eu não der conta? E se tudo isso, essa nova vida, essa nova chance, for demais para mim e eu fraquejar? E se eu não conseguir tomar conta sozinha do nosso filho? Eu estou desesperada. Droga. Eu estou sem você.

Você estava em paz. Com aquele sorriso torto que amo. E isso acalmou um pouco meu coração. Queria saber onde você estava, mas você não contou. Então, te levei até o quarto do nosso filho. Ele estava dormindo. Você sorriu. Seus olhos lacrimejaram e eu cheguei a pensar que você vai chorar. Mas quem chorou fui eu.

Ficamos em silêncio enquanto você observava o pacotinho, pontinho de luz, nas suas mãos grandes. *Você está pensando no que eu estou pensando?* Perguntei, num sussurro, logo atrás de você.

Estou pensando que você me fez o homem mais feliz do mundo. E que eu amo vocês.

E eu acordei.

Fiquei na cama, olhando pro teto, pensando em você e em nosso filho e em nosso amor e em tudo o que vivemos. Você também me fez a mulher mais feliz do mundo.

Então, quando o primeiro raio de sol cruzou as cortinas, e nosso bebê chorou pedindo leite, e meu olhar se cruzou com o olhar do nosso filho e ele me deu um sorriso, tudo dentro de mim se encheu de uma felicidade que nem você conseguiu me dar.

Dia 198

Lia para nosso filho, mesmo não sendo boa nisso. Lia porque sabia que era o que você gostaria que eu fizesse. E você não podia mais fazer. Você não podia fazer muitas coisas. Não vai poder vê-lo dar o primeiro passo, dizer sua primeira palavra, chutar sua primeira bola. Você não poderá vê-lo.

Não vai cantar para ele, contar histórias engraçadas sobre sua adolescência desajeitada e como superou isso ao entrar na faculdade. Não vai levá-lo para jogar futebol, para a natação, ou para qualquer esporte que ele pudesse se interessar. Você nunca vai levá-lo ao estádio para gritarem pelo time. Você não vai acompanhá-lo no seu primeiro dia de aula, tirar suas dúvidas em matemática – a matéria que sempre foi seu forte –, xingá-lo por uma média perdida. Você não vai dar broncas quando ele começar a sair e chegar tarde das baladas, não vai conhecer a primeira namorada, não vai se emocionar quando ele se formar na faculdade.

Ele não vai conhecer o homem maravilhoso que você foi. Não vai saber porque eu continuava louca nesse seu sorriso. Não vai ter sua mão para segurar quando for a escola e nem seu abraço acolhedor quando receber seu primeiro não. Ele não vai ouvir seus conselhos sobre adolescência, mulheres e futuro. Ele nunca vai ver o olhar orgulhoso seu na plateia, independente do caminho que ele seguisse.

Vocês dois não vão construir uma cumplicidade que só pai e filho pode ter – a cumplicidade que você e seu pai tinham. Não vão poder ser amigos, companheiros. Não vão ter histórias juntos. Não vão se abraçar, não vão conversar, não vão se conhecer. Todas as risadas que poderiam compartilhar, não serão compartilhadas. Todo esse futuro foi enterrado com você. Morreu com você.

Ele ainda vai te conhecer por histórias, lembranças e fotografias. Mas era só isso. Você será aquele fantasma que estará com a mão no ombro dele. Ele só vai poder imaginar o que você diria de acordo com as lembranças e opiniões que eu, seu amigo, seus pais e minha mãe teremos de você – opiniões bastante tendenciosas. Vocês sempre serão pais e filhos. Mas nunca conseguirão ser amigos.

Era triste. Doloroso. Cruel. De todas as coisas mais dolorosas que enfrentava desde sua perda, era a pior delas. Eu podia recorrer a sua lembrança quando precisar de um conselho, porque eu te conhecia bem. Seu filho só poderá recorrer a uma fantasia, quando precisar de você.

Não havia ninguém que poderá tampar essa falta. Nem seu pai, nem sua mãe, nem seu melhor amigo. Nem eu. Ninguém. Vai haver sempre esse vazio, esse buraco, que lhe pertencia e que você nunca preencherá. Daremos o nosso melhor, mas não somos o bastante para suprimir o que se foi com você.

Ele sempre será seu filho

E não importasse qual figura paterna ele adotaria para tentar te substituir: você sempre será o pai dele. Eu te prometia.

Dia 199

Peguei o colar, meu presente de aniversário de namoro, causa daquele assalto, pendurado no nosso porta-retrato de casamento, na mão. Eu me recusava a olhar para ele, todo esse tempo. Deixei-o na minha frente para que eu nunca esquecesse o quanto nossa vida valia tão pouco. Mas me recusava a me focar. Doía. Doía saber que toda nossa história foi pro lixo por causa de um pingente mais chique.

Era lindo. Você tinha um ótimo gosto para presentes, mas esse foi seu presente mais bonito. Nossas letras juntas em um coração delicado, traçado de diamantes finos. Suspirei. Coloquei no pescoço. Era estranho. Ela tinha o peso daquela noite que tinha tudo para ser perfeita – e foi interrompida. Tinha o peso de ser para sempre a causa do meu maior pesadelo. Mas eu gostava. Gostava principalmente porque você gostava, porque me lembrava dos seus olhos e do seu sorriso quando passou o embrulho para mim. Da sua cara de menino ansioso esperando eu abrir o papel e depois a caixinha. De como

ficou nervoso quando eu, como sempre, me embolei toda com o papel. E de como, assim que tirei, você tirou da minha mão e colocou no meu pescoço, sorrindo, feliz, inocente de tudo o que isso ia causar.

Efeito borboleta. Um bater de asas mudou todo nosso mundo. Virou de cabeça para baixo. E eu ainda estava tentando reorganizar a bagunça que fiquei depois que você se foi. Mas o presente não tinha culpa da nossa má sorte. Não tinha culpa que a gente entrou numa rua errada. Que não prestamos atenção para onde estávamos indo. Que a violência estava mesmo assustadora e sem sentido. Era só um colar. Que carregava minha pior história.

Decidi guardá-la dentro da caixa de joias. Não precisava mais olhar para me lembrar de crimes e perdas que aconteciam abaixo do céu estrelado, quando menos se esperava, pela menor besteira. Lá dentro também encontrei sua aliança de casamento, que havia pedido para minha mãe guardar, logo que os médicos anunciaram sua morte. Eu havia me esquecido.

Brinquei com ela na palma da minha mão. Depois, tirei a minha própria aliança que sempre estive no meu dedo. Na parte de dentro, nossos nomes e a frase simples que era sempre nossa despedida: *pela eternidade*. Não tivemos a eternidade. Ela nos foi roubada antes que pudéssemos nos preparar.

Ainda não estava pronta para tirar a minha aliançar. Para a sua, eu dou um jeito. Peguei uma corrente de ouro da minha caixinha, não o seu colar, mas, ainda assim, te pendurando em mim para carregar onde quer que fosse. A aliança ficou bem próxima do meu coração. Onde você sempre esteve. Onde você sempre estará.

Dia 200

No sábado, me senti pronta para me despedir de você. Para, finalmente, pisar onde você foi enterrado. Duzentos dias depois, mais leve, mais aliviada e mais corajosa. Eu, que sempre detestei cemitérios. Deixei nosso filho com minha mãe, chamei um táxi, respirei fundo pelo caminho. Comprei-lhe flores. Era estranho lhe comprar flores, quando era você quem sempre me dava. E caminhei até onde você estava.

Mas você não estava lá.

Estava em cada música, em cada sorriso e em cada passo que eu dava. Em

cada abraço que dividia com seus pais e em cada uma das lembranças que carregava de você e de nós dois. Estava no olhar, no sorriso e na determinação de nosso filho, tão pequeno. Em cada vitória minha e também em todas as derrotas, porque você sempre será o primeiro a quem eu vou recorrer – independente de não poder te ver. Não é relevante onde, porque o seu lar continuava sendo dentro de mim. E era por isso que eu sabia que você não estava enterrado nesse lugar. E era por isso que me recusei tanto a vir aqui.

Mas vir era uma prova simbólica a mim mesma. Era romper com muitas das minhas defesas. Era me render ao fato imutável de que perdi você.

Sua lápide estava limpa e com flores. Coisa da sua mãe. *“Filho e esposo amado”* era seu epitáfio, que me fez encolher, enquanto colocava minhas flores sobre seu túmulo, encarando sua foto. Pássaros cantavam sobre a árvore. Fechei os olhos para não chorar.

Parecia que tinha um século que estive aqui. Ao mesmo tempo, era como se fosse ontem. Não me doía como se tivesse sido ontem. A dor melhorou muito. Agora, quase sentia uma despedida. Estava naquele estágio que, após uma fratura exposta grave, medicamentos, operações e recuperação, ainda doía dependendo do movimento, do dia, da minha resistência. Mas não de modo latejante, como nas primeiras semanas.

Havia fraturas que a gente se recuperava totalmente, sem deixar cicatriz ou lembrança da queda. Havia outras que, independente do tempo, nunca ocorreria uma recuperação total porque sempre doeria, a qualquer movimento brusco.

Você sempre vai me doer.

Aceitava. Como resposta da pergunta que me fiz, ainda cega de dor, ainda encolhida de angústia, tanto tempo atrás. Você sempre vai me doer. Não importava quanto o tempo passe, o quanto eu supere, aceite ou perdoe. Não importava que eu tivesse conseguido cruzar todo esse caminho e encontrado a saída sozinha do labirinto que a sua falta me fez enfrentar. Você foi a melhor parte da minha história. Meu clímax. O capítulo que valeu a pena ter vivido. Você foi aquele que me fez perder o fôlego, o medo de amar, a compostura e a pose. Você era aquela personagem que fazia qualquer leitor comprar nossa

história. Você foi a minha melhor história.

Tive mais do que muita gente teve. E era grata a isso. Era grata a tudo. Principalmente, a você que nunca desistiu de mim. E não queria que você pensasse que estava desistindo de você. Ter te perdido prematuramente antes de realizarmos nossos sonhos e planos sempre vai me doer. Mas eu precisava viver. Se havia uma coisa que sua morte me ensinou era que a gente tinha que fazer nossa vida valer a pena todos os dias, porque a gente nunca saberia qual seria a nossa última apresentação.

Depois do clímax, ocorria um hiato de uma vida não vivida como se deve. Depois do capítulo, havia uma letargia para recomeçar uma nova história. Eu tinha uma nova história para começar. E disse sim a ela, e disse sim a vida, e disse sim a mim mesma, com a mesma resistência com que disse sim a você, da primeira vez, daquele mesmo jeito apavorado que te olhei nos olhos e falei que não estava pronta. Disse sim sabendo que, independente do meu medo, da minha insegurança e da minha resistência, essa era a decisão certa a ser tomada. Era a minha melhor decisão. E depois do primeiro sim todos os outros sins, como foi com você, serão mais fáceis para que eu mesma aceite. Eu queria ser feliz outra vez.

Eu precisava.

A dor diminuiu, enquanto a saudade ia, lentamente, ocupando todos os espaços. Sentia falta de você, dos seus conselhos, do seu abraço, do seu colo, da sua risada, do seu olhar e daquele seu sorriso lindo tão meu. Mas você estava comigo. Você não morreu. A morte era uma mentira. A morte era uma invenção. Enquanto houver lembranças suas, você estará vivo. E, então, sabia que você viverá para sempre.

Te levarei em todos os lugares que vou. Você estará nas fotos, nas lembranças, no que me ensinou por todo esse tempo. Estará em mim. Em nosso filho. No nosso amor. Nada no mundo poderia mudar isso. Nenhum final. Nenhum destino. Nenhum assalto com final infeliz. Nenhuma segunda-feira horrível debaixo de um céu estrelado.

Aceitava, sim, que não podia te ver. Que você se foi, porque teve de ir. Mas a vida só poderia destruir nossa história até esse ponto. Todo o resto ainda me pertencia. Eu ainda te pertencia. Você ainda me pertencia.

Nos pertencíamos.

Nem sempre o amor acabava no fim.

O seu, eu levava comigo a cada passo, como uma vitória particular sobre a vida, a morte e o destino. Como quem dizia que, no final, eu não perdi tanto assim. Eu não perdi você. E era por saber de tudo isso que viver não me assustava tanto quanto já me assustou.

Eu sempre sentirei sua falta. Nos dias mais felizes e nos piores dele. Vou olhar para o nosso filho e pensar instantaneamente em você e em tudo o que você perdeu ao me salvar. Mas enterra meu luto aqui, hoje, na sua lápide, porque a vida me chamava. A vida me empurrava e não me deixava escapatória. E eu não queria resistir a esse empurrão. O nascimento do nosso filho no mesmo dia da semana que o pesadelo começou, seis meses depois, me deu uma segunda chance. Uma irônica forma de me mostrar uma segunda chance. E eu não vou desperdiçar.

No fim das contas, não importava se havia vida depois. Se você estava ou não em algum lugar. Se vamos nos reencontrar daqui dez, vinte, trinta ou setenta anos. Eu nunca realmente te perdi. Porque você nunca realmente se foi. Porque, independente de qualquer coisa, eu te amava. E sabia que você me amava também.

Continuarei sua.

Você continuará meu.

Eu serei sua Bruxinha. E você será meu Sapinho. E continuaremos unidos. Para sempre.

Até que, quem sabe, por sorte, a eternidade que tanto sonhamos nos juntasse outra vez.

*“Metade de mim agora é assim
de um lado a poesia, o verbo, a saudades
do outro a luta, a força e a coragem para chegar no fim.
E o fim é belo, incerto, depende de como você vê
o novo, o credo, a fé que você deposita em você e só
Só enquanto eu respirar vou me lembrar de você
Só enquanto eu respirar.”*

O Anjo Mais Velho – O Teatro Mágico

NOTAS & AGRADECIMENTOS

Este livro, apesar de publicado de maneira independente, contou com a ajuda de muita gente, principalmente porque ele existe desde 2012. A história em si surgiu de um sonho um tanto louco, um tanto doído, que não me permitiu descansar até colocar a primeira letra maiúscula. E não me deixou desistir até o primeiro final, em 2014. De lá para cá, muita coisa em mim mudou – inclusive e principalmente meu estilo de narrativa e os temas pelos quais percorri.

Tentei reescrever muitas vezes. Voltar ao começo e pensar em novas formas. O livro não quis. E acho que foi ele quem me fez compreender uma das grandes frases de Clarice Lispector: uma história é aquilo que nos acontece. Ela me aconteceu assim – nessa pureza e dureza que só a dor é capaz de produzir em cada um de nós que passou por uma grande perda, num jeito bruto e de pouca poesia (ainda que vez ou outra poético) de um sofrimento que parece que nunca encontrará o ponto final. Ela veio marcada para ser inocente como só essa protagonista conseguiria ser.

Sim, talvez vocês se perguntem e já estou respondendo, existe uma razão para ninguém dessa história ter um nome. Eles eram desnecessários. E não porque os personagens não fossem importantes (eles são, sempre). Mas porque o grande foco, a única coisa na qual toda a trama perpassa, A Grande Protagonista, assim mesmo, com letras maiúscula, é a Dor. Essa coisa tão universalmente conhecida, da qual nenhum de nós pode se livrar, é dela que o romance fala, é ela quem tem destaque, é por isso que só ela tem nome.

Quando pensei no enredo, queria que fosse uma história que todos pudessem se identificar com os pensamentos, as desistências, as resistências. O luto é, talvez, uma das coisas mais devastadoras. E que não temos como evitar: vai acontecer, se já não aconteceu. Essa personagem não tem nome porque pode ser eu, pode ser você, pode ser sua vizinha e é todos nós. E, de verdade, desejo que todos nós tenhamos um amor pela metade do que essa protagonista viveu. Porque, assim como ela, acredito que, no final, o amor faz valer a pena. O amor é tudo o que nos sobra no final.

O amor foi o que me motivou a finalmente tirar essa história da gaveta, depois de tantas histórias escritas e até publicadas por aí. Foi graças a **Jesse** (Jéssica Zambello) e **Ni** (Karine Rosa), que não me deixaram esquecer esse

livro no fundo do meu armário, deletá-lo nas minhas crises mais intensas, desistir do que tanto me dediquei. O amor delas foi o amor que trouxe esse livro a luz. E é por isso que meu grande agradecimento sempre será a essas duas garotas que adoram histórias tristes e clichês para agarrarem. Obrigada por nunca desistirem de mim. Obrigada, principalmente, por sempre insistirem na minha escrita. Vocês sempre serão o melhor presente que a internet, o RBD (risos) e a vida me deram. E eu não tenho palavras além de um toco obrigada para dizer tudo que sinto por vocês.

Ao grupo “**O Teatro Mágico**”, que não sabe (e provavelmente nunca saberá), trilha sonora para quase todos os dias desse diário. Se vocês não conhecem a poesia circense da melhor banda deste país, recomendo procurar todas as músicas na internet. Foi “O Anjo Mais Velho” a primeira epígrafe dessa história – é essa música que sempre me lembrará o meu primeiro romance.

A **Douglas Albuquerque**, dono do melhor projeto de poesia de todas as redes sociais (Poesia de Segunda, no Instagram) que gentilmente me concedeu a honra de abrir essa história com um dos melhores trechos que meus olhos literários já leram: muito muito muito obrigada.

A **Grasiela Lima**, responsável por essa capa MARAVILHOSA que eu não tenho nem palavras para enaltecer. E por todas as outras capas que já fez para mim, também. Obrigada pelo trabalho e carinho de sempre. É muito bom conhecer pessoas talentosas, mas é melhor ainda quando são nossas leitoras. Sigam Capas da Lua no Instagram, também, e conheçam o trabalho perfeito desta menina.

A meu **namorado**, que apareceu na minha vida bem depois da formação do protagonista desse livro e que, por todo o processo de revisão, me dei conta que era tão parecido com ele. Talvez você já estivesse no meu imaginário muito antes de sermos apresentados. Obrigada por esses cinco anos da nossa pequena eternidade.

E, claro, a você, que topou essa história mesmo com as lágrimas derramadas pelo caminho. Que chegou até o fim, mesmo com a resistência que a protagonista também teve. Que cruzou o portal e enfrentou seus medos e suas dores. Espero que tenha encontrado a lição. Espero que, ainda que escuro, o caminho tenha lhe deixado coisas importantes. É sempre o caminho

que importa. É sempre o amor que faz tudo valer o final.

A AUTORA

Fernanda Campos nasceu num janeiro chuvoso, em 1992, e talvez por isso goste tanto do barulho de chuva para escrever. É psicóloga formada pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) e, atualmente, graduanda do curso de Letras-Português, também pela UFSJ. Enquanto tenta pagar os boletos, publica livros no Wattpad, onde já conseguiu mais de 500 mil visualizações com suas obras, e usa o twitter para fins totalmente reclamativos. É autora do livro de contos Uma Dose de Café (Editora Multifoco) e As Estrelas Sabem (Amazon). Sua ficção adolescente Relicário ganhou o prêmio Wattys2017, na categoria Originais, e também menção honrosa num concurso, na categoria LGBT. 200 Dias Sem Você foi seu primeiro romance (engavetado), embora outras coisas já foram publicadas antes. Escreve, geralmente, sobre feminismo, saúde mental, amizade e, talvez, no final, amor. Para facilitação de *stalkers*, utilize **nanzcampos** para qualquer rede social.